

"Os Filhos do Leão"
Livro 2

ERA VOCÊ

Eu tinha o mundo aos meus pés, mas ele me
ensinou a voar

Márcia Lima



PERIGOSAS NACIONAIS

ERA VOCÊ

Os filhos do Leão – livro 2

Márcia Lima

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2019 Márcia Lima

Capa: Márcia Lima

Diagramação: Deh A. Ratton

Revisão: Deh A. Ratton

Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Nenhuma parte desta obra pode ser utilizada ou
reproduzida, seja por qual meio for, mecânico,
eletrônico, fotográfico etc., sem autorização
expressa da autora.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer
semelhança com fatos, nomes e datas reais é mera
coincidência.

Índice

[Sinopse](#)

[Nota Sobre a História](#)

[Apresentação](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo Final](#)

[Epílogo](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

*Para minha Cecilia,
Que sua história seja escrita com milhares de
pequenas realizações, e que a vida sempre lhe
sorria como eu.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Agradecimentos

Sempre que termino uma obra, a sensação de realização invade toda a minha alma. Verdadeiramente como sonhos realizados.

De todos os livros que escrevi, a história da Hanna foi, sem sombra de dúvidas, o que exigiu mais perseverança.

Muitas coisas aconteceram, desde decidi passar um tempo dedicada completamente aos meus filhos. Foi um tempo bom e necessário, mas precisava chegar ao fim. Eu precisava voltar a resgatar um pouco da Márcia, soterrada em fraldas e mamadeiras.

Hanna é isso, o resgate de uma mulher. Dentro das páginas e fora delas.

Agora mesmo estou aqui, dividida entre terminar o arquivo e amamentar minha filha. Sim,

descobri que é possível ser mais. Desejar mais. Basta ter persistência.

Gostaria de agradecer todo o apoio que recebi das minhas amigas/leitoras, betas, revisora, e todas as mulheres que de alguma maneira, emprestaram um pouco da sua garra para nossa personagem.

Ela é a princesinha que descobriu a força na dificuldade, como a maioria de nós.

Um obrigada especial ao melhor time de amigas que alguém poderia querer. As betas mais maravilhosas da vida. Bel Góes, Kelly Oliveira, Andreza Santana, Camila Alkimim. Vocês se dispuseram a sonhar os meus sonhos e isso não tem preço.

Obrigada também à Débora, minha paciente revisora, por seu trabalho sempre primoroso.

Espero que vocês, caros leitores, sintam todo o amor que coloquei nas páginas desse livro.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele foi feito para vocês.

PERIGOSAS ACHERON

Sinopse

Quando os sonhos se vão, tudo que resta em um coração é o vazio... Nossa escolha fica entre aceitar ou lutar para que novos sonhos preencham as nossas vidas...

Hanna Van Galagher nasceu em berço de ouro e cresceu esperando seu conto de fadas, mas tudo que encontrou foi dor e solidão.

Apesar de tudo, ergueu a cabeça e arregaçou as mangas em nome daqueles que amava.

“Hoje a leoa sou eu. Sou eu quem se senta à cabeceira da mesa de reuniões, e é ao meu comando que as coisas funcionam.”

Não havia espaço para romance em sua nova vida de executiva, e era exatamente isso que a bela mulher esperava, até que o destino a

PERIGOSAS NACIONAIS

surpreendeu.

Pedro Santana aprendeu desde cedo a lutar para vencer. Filho de um pescador e de uma dona de casa, nunca mediu esforços para fazer felizes aqueles que amava.

“Eu sempre fui um bom filho. O orgulho da família. Sempre fiz mais pelos outros, mas nunca deixei de sonhar... Sempre pensei que minha hora chegaria, até que descobri o quanto estava errado.”

Depois de uma tragédia, deixou seu país para trás e, com ele, tudo que restava do filho exemplar. Seguiu sem rumo pelo mundo, até que a vida lhe deu uma oportunidade.

Uma mulher triste, aprisionada em um castelo de cristal...

Um homem intenso, disposto a viver o melhor da vida...

Uma paixão avassaladora...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

“Este não é um conto de fadas... Mas você vai se apaixonar no final.”

PERIGOSAS ACHERON

Nota Sobre a História

No mês de fevereiro, a história de Adrian Van Gallagher e sua Laura completa quatro anos de lançamento. Com ela, não apenas a vida dos personagens tomou novo rumo como a minha também.

Quando decidi escrever a história de Hanna, já tinha em mente que ela seria a sucessora do pai; que seria a nova Leoa de Roterdã, pois sempre a vi como a mais parecida com ele, dentre todos os cinco filhos.

Se você acompanhou comigo as reviravoltas dos primeiros livros e se encantou com o amor improvável dos personagens, vai perceber semelhanças e referências na história da filha também. Acredite, isso tudo foi intencional.

Meu maior desejo era homenagear aqueles

PERIGOSAS NACIONAIS

que, mesmo não sendo reais, me trouxeram tantas coisas boas e fazer com que vocês, meus amados leitores, revivessem um pouco da trama.

Deliciem-se comigo em mais este capítulo da segunda geração dos nossos homens preferidos e viaje comigo para a bela Roterdã.

PERIGOSAS ACHERON

Apresentação

Meu nome é Hanna Van Galagher.

Herdei os olhos da minha mãe e o gênio impetuoso do meu pai.

Não se deixe enganar pelas minhas curvas ou pelas cores vibrantes dos meus batons. Posso ser uma mulher bonita, mas sou muito mais que isso. Do alto dos meus 1,68 de altura comando um império invejado por muitos.

Tenho 28 anos e uma trajetória de sucesso. Sou uma das mulheres mais influentes da Holanda, mas, para que me conheça melhor, precisamos voltar um pouco na história, três anos para ser mais precisa, no tempo em que eu era apenas mais uma dentre inúmeras princesinhas apaixonadas que ilustram os livros de contos de fadas...

Sempre fui uma garota precoce. Desde

muito cedo, soube o que queria para o meu futuro. Eu desejava o amor. Desejava um casal de filhos e um cachorro peludo deitado à beira da lareira, enquanto eu e meu marido apreciássemos uma taça de vinho. Eu desejava almoços de domingo e jantares de gala.

Encontrei parte disso no último ano do colégio. Ele se chamava Robert Dresner. Pertencia a uma boa família holandesa e sonhava em ser médico cardiologista. Filho único de um juiz amigo do meu avô, tinha lindos olhos azuis e um sorriso que me fazia suspirar.

Robert demorou um tempo para ver além da garotinha mimada que eu era. Ele e eu namoramos por vários anos, até que o momento pelo qual esperei minha vida toda chegou. Ele me levou para velejar e, quando estávamos cercados de estrelas, me pediu que fosse sua esposa.

Papai enlouqueceu. Disse que eu era jovem

PERIGOSAS NACIONAIS

demaís, que deveria viajar mais, conhecer mais o mundo e me conhecer melhor, mas tudo que eu queria era viver todos os dias ao lado de Rob. No fim das contas, meus pais chegaram à conclusão de que não adiantaria mesmo lutar contra o inevitável.

Robert comprou uma casa para nós, no mesmo bairro em que os pais dele moraram a vida toda. Havia um canal nos fundos, poderíamos pescar nos fins de semana e ancorar um pequeno barco. Mamãe e eu cuidamos de decorar minha nova casa, e eu agradei todos os dias o fato de tê-la comigo, já que eu havia passado anos tristes, sem o amor de uma mãe.

Lilian, minha sogra, me presenteou com um belo vestido de noiva, feito sob medida por um famoso estilista francês.

A cada dia, meu conto de fadas se materializava mais um pouco. Era como um lindo sonho, daqueles de que não queremos acordar.

PERIGOSAS ACHERON

Houve um tempo em que eu realmente acreditei que tudo isso seria possível, mas o destino logo tratou de lembrar que contos de fadas não existem.

Era uma noite de inverno, a neve cobria de branco todo o nosso novo jardim. Faltavam dois dias para o meu casamento; Robert e eu já estávamos em nosso novo endereço. Ele estava atrasado, mas isso não era incomum. Seu trabalho no hospital quase sempre se estendia, mas eu esperava orgulhosa. Ele sempre voltava com histórias motivadoras de pacientes e familiares, mas naquela noite não foi o que aconteceu.

Quando a campainha tocou, desci as escadas saltitante, pronta para reclamar que ele havia esquecido a chave mais uma vez, mas o amor da minha vida não estava do outro lado da porta. Eu nunca mais pude ver um sorriso seu.

“O Dr. Dresner sofreu um acidente,
PERIGOSAS ACHERON

senhorita”, o policial disse. “Sinto muito.”

No dia em que eu deveria estar me casando, entrei na igreja vestida de preto. Minhas lágrimas nem de longe eram parecidas com as que eu tinha sonhado que rolariam dos meus olhos naquele dia.

O único homem que amei na vida estava esperando por mim no altar, dentro de um caixão lacrado. Não vi seu belo rosto pela última vez. Quando conseguiram resgatar o carro de dentro do canal, Robert não era mais o homem que eu conheci. Os pais dele decidiram, junto comigo, que a melhor alternativa era fechar o caixão, para que ele permanecesse em nossas memórias como o jovem alegre e afetuoso que conhecíamos.

Demorei dois meses para sair de dentro do quarto. Coloquei nossa casa à venda e comprei uma cobertura no centro de Roterdã. Eu odiava o modo como as pessoas me olhavam. Odiava ser a pobre noiva deixada no altar, o que me afastou de tudo e

PERIGOSAS ACHERON

de todos. Não havia mais lugar para mim na grande mansão dos meus pais.

Como desgraça pouca é bobagem, papai ficou doente pouco tempo depois que me mudei. Certamente tudo que havia acontecido contribuíra para que seu estresse aumentasse. Nenhum pai deseja ver o sofrimento nos olhos do filho, mas eu não achava justo fingir.

Adrian Van Gallagher estava triste, cansado. Seu coração já não aguentava a pressão de comandar o império a que tanto amava. Ele jamais aceitaria deixar os negócios nas mãos de outra pessoa que não fosse um “Van Gallagher”, mas Laura e as ordens médicas o fizeram mais maleável.

Não foi fácil provar ao Leão de Roterdã que eu era mais que uma gatinha de madame, mas, com um pouco de insistência, meu rugido se fez ouvir não somente por ele, mas por todos os redutos e

PERIGOSAS ACHERON

salões de Roterdã.

Hoje a leoa sou eu. Sou eu quem se senta à cabeceira da mesa de reuniões, e é ao meu comando que as coisas funcionam.

Três anos se passaram desde que minha vida mudou e nesse período não houve um único dia em que eu não sentisse falta do meu Rob comigo.

Não sou uma pessoa infeliz. Aprendi a tirar a felicidade de onde era possível. Não sinto pena de mim por tudo que vivi, eu superei a perda, mas não a saudade. Jurei nunca mais entregar meu coração a ninguém e estou muito bem assim.

Eu sou Hanna Van Gallagher e vou contar a você a história da minha vida. Este não é um conto de fadas, e eu não estou esperando por um príncipe encantado, mas você certamente vai se apaixonar no final.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Prólogo

Hanna

O vestido preto estava sobre a cama.

Ele não tinha véu. Não tinha cauda e nenhum arranjo adornaria minha cabeça. Meus sonhos tinham caído com ele, dentro daquele canal.

Respirei fundo. Os olhos doíam de tanto chorar. Inchados e vermelhos, precisavam de óculos escuros.

O coque não foi feito para realçar meu rosto ou a maquiagem, eu apenas não conseguia pensar em nada melhor. Queria estar bonita para ele, pela última vez.

O porta-retratos em minha penteadeira era como uma faca, pontiaguda, apontada para o meu coração. O sorriso havia morrido. Os olhos azuis que eu tanto amava estavam cerrados para sempre.

Era o dia do adeus.

Batidas à porta, que eu mal consegui responder, e então meu pai entrou no quarto.

Papai não era homem de chorar. Raras foram as vezes que o vi derramar uma lágrima sequer, mas seus olhos claros estavam vermelhos como os meus. A devastação que eu sentia em meu coração via-se refletida em seu olhar.

— Se eu pudesse tirar a dor do seu peito, querida... — Uma lágrima mais rolou.

Ele sabia bem o que eu estava sentindo. Tinha vivido a viuvez, assim como eu. Talvez fosse a saga. Primeiro vovô, depois papai e agora eu. Um em cada geração, vivendo a dor da perda de alguém a quem amava.

Eu não conseguia sorrir, mas tentei segurar as lágrimas o máximo que pude. Não aguentava vê-lo sofrer por mim daquele jeito.

Respirei fundo e segurei sua mão.

— Vamos? — perguntei o mais firme que pude.

Fizemos o caminho em silêncio. Apenas papai e eu dentro do carro. A família de Robert tinha decidido por uma cerimônia curta, já que o acidente pedia que o corpo fosse sepultado o mais breve possível.

Eu tinha ficado grata ao menos por isso.

A igreja que eu tinha escolhido para me casar, hoje abrigava o corpo frio e sem vida do homem que eu amava. Era o fim. De Robert... Dos meus sonhos... das minhas esperanças...

Caminhei sozinha pela nave, não havia enfeite algum. As únicas flores vinham das coroas póstumas que ele tinha recebido.

Papai ficou ao meu lado em todos os momentos. Segurou minha mão e me ofereceu seu peito como fazia em todas as minhas dificuldades.

São sei o que seria de mim sem ele.

— Ele se foi, Hanna! Ele se foi! — Lilian repetia enquanto me abraçava.

Eu mal conseguia sentir. Estava anestesiada. Apática. Tinha chorado um lago inteiro, mas ali, de frente para o caixão, eu mal conseguia me manter respirando.

Passei horas recebendo cumprimentos e ouvindo cochichos pelo grande salão.

A pobre coitada estava ali, sozinha no altar em que iria se casar. Abandonada pelo destino. Sem um pedaço da alma.

Eu queria me esconder em um buraco bem fundo e nunca mais voltar, mas então encontrei os olhos do meu pai no meio da multidão, e o amor dele me fez voltar para casa. Estava exausta demais. Triste e com a cabeça estourando de dor, de tanto chorar.

Robert queria ser cremado. Suas cinzas foram espalhadas no mar... Não gostava de se sentir

PERIGOSAS ACHERON

preso, pressionado. Não queria ficar assim para sempre.

Voltamos para nossa casa e eu me sentei no batente da janela, como gostava de fazer desde criança. Não conseguia dormir. Tudo que pensava era em como Robert estava. Será que ainda sentia alguma coisa? Será que se lembrava de mim? Ou tudo tinha morrido com ele?

Papai entrou em meu quarto mais uma vez. Carregava uma caneca de chá.

— Tome. Sua mãe preparou. Vai fazer bem, Hanna.

Assim que levantei a xícara, vi os dois comprimidos debaixo.

— Tome também. Você precisa descansar.

Engoli os comprimidos com o líquido quente. Eu precisava mesmo desligar.

Meu pai sentou-se ao meu lado.

— Sabe, querida... — começou —, quando

algo tão ruim e triste acontece, acreditamos que a dor será eterna. Em alguns casos, ela é, mas sei que não será assim com você. Os amores se renovam, Hanna. A vida se renova. Sei que pode demorar tempo demais. Talvez você encontre um rumo novo, novos sonhos. Ou talvez você fique tão perdida no passado que não consiga sair dele. Eu estou aqui para garantir que a primeira opção seja a escolhida.

Dei um sorriso fraco e o abracei.

Somente depois desse abraço, eu relaxei.

— Quero que tenha a certeza de que algo bom sempre está por vir. E de que, seja como for, eu estarei ao seu lado para sempre, meu raio de sol.



Pedro

Meu horário se encerrava às quatro da tarde.

Eu estava cansado. Aluado. Olhos ardendo de sono. Tinha ficado na faculdade até bem tarde para finalizar um trabalho, já que na vila em que eu morava o sinal de Internet era péssimo.

Naquela tarde, meu supervisor me pediu para ficar. Queria conversar comigo depois do expediente.

Era meu último semestre na faculdade e eu não podia deixar escapar qualquer oportunidade que fosse. Estava nervoso. Tinha medo de que ele tivesse me chamado para me dispensar, mas eu teria que ficar e ver.

— Venha! — chamou assim que a maioria do pessoal do setor já tinha ido. — Falta bem pouco para a formatura, não é, filho? — perguntou e eu assenti. — Preciso tratar então da sua contratação!

— Sorriu. — Seja bem-vindo, Pedro! Você é um excelente profissional, estamos orgulhosos de ter você em nosso quadro permanente.

Tentei me manter o mais profissional possível, mas tudo que eu queria era tascar um beijo no infeliz. Ele tinha realizado meu grande sonho. Trabalhar na indústria automobilística.

Saí da sala e descí até o vestiário para jogar uma água no corpo, mas todos os chuveiros estavam ocupados. Lavei o rosto e rezei para que fosse o suficiente para espantar o sono. Era um longo caminho de moto pela rodovia, até em casa.

— Mainha? — chamei assim que ela atendeu ao telefone. — Prepare moqueca para o jantar! Eu tenho uma boa notícia!

— Ô meu Senhor do Bonfim! Graças a Deus, Pedro! Vou preparar uma caprichada para você, mas me prometa uma coisa, filho. Tome cuidado, Pedro! Acordei com uma dor no peito.

Uma angústia. Coração apertado.

— Oxe, mainha! É uma notícia, lembra? Não se preocupe, não, minha mãe! Que esse seu filho é um ótimo piloto.

Subi na moto e dei a partida. Acelerei. A cabeça traçando o futuro mais rápido do que a moto viajava pela estrada. Eu queria conhecer o mundo. Estudar na Europa. Queria me especializar. Aprender mais uma língua. Escrever meu nome na história.

De repente, uma garoa fina começou a cair e logo toda a pista estava encharcada. Brilhando como um espelho.

Meus olhos estavam a cada minuto mais pesados. O vento no rosto, batendo suave.

“Amanhã mesmo eu vou até o pintor de barcos e vou pedir que dê um trato no barco do meu pai. Quero dar isso de presente a ele.”

“Amarelo? Vermelho como está? Azul-
PERIGOSAS ACHERON

petróleo...”

Eu me distraí com o pensamento e, quando dei por mim, já não tinha nada que eu pudesse fazer.

A última coisa de que me lembro é de pedir a Deus que ele não me deixasse vegetando em uma cama e, então, tudo ficou escuro. Eu praticamente não senti dor. Ao menos naquele momento.

Capítulo 1

Hanna

— É óbvio que não, Justine! Acho completamente despropositada essa festa, você sabe! — afirmei efusiva, enquanto me levantava da mesa e pegava meus óculos escuros. — Agora, se me der licença...

— Você está atrasada para uma reunião de negócios! — Minha amiga fez cara de deboche para mim.

Ajeitei a barra do vestido preto, coloquei os óculos no rosto e segurei minha *clutch*.

— Aprenda de uma vez, minha cara... Hanna Van Gallagher nunca se atrasa, os outros é que acabam se adiantando.

A francesa riu mais alto do que costumava, e eu segui meu caminho pelo restaurante do Euromast, até a rua.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu amava aquele lugar.

Amava a atmosfera do verão na Holanda e tudo que vinha com ela. O calor em minha pele, o colorido das flores e a alegria das pessoas. Era como se tudo ficasse mais simples naquela estação do ano.

Acionei o botão de destravar e entrei em meu novo conversível marrom. Depois de tanto tempo namorando aquele carro, finalmente tinha me dado o direito de comprá-lo. Liguei o som e segui direto para o edifício que levava o sobrenome da minha família.

— Você está atrasada! — Thomas disse ao meu ouvido, enquanto caminhávamos, pelo longo corredor, em direção à sala de reuniões. — E não me venha com esse papinho de que “Hanna Van Gallagher nunca se atrasa” — debochou, arrancando-me um sorriso. — Não funciona comigo.

PERIGOSAS ACHERON

Thomas era meu advogado. Ele havia assumido o cargo alguns meses depois que Joanne se desligara definitivamente da empresa.

Alto, pele clara e cabelos castanhos que contrastavam perfeitamente, ressaltando seus belos olhos azuis. Excelente caráter e exímia competência em me assessorar nos negócios eram só alguns dos predicados do meu grande amigo e fiel escudeiro.

— Fui almoçar com Justine — deixei escapar, atenta a sua reação, antes que ele abrisse a porta para mim.

Os sentimentos que minha amiga nutria por ele não eram segredo, mas, apesar das minhas tentativas em uni-los, esse não era um dos meus feitos.

— Justine é infantil e mimada.

— E você é exigente demais! — brinquei ajeitando a lapela do blazer, antes que entrássemos.

A mão do inglês permaneceu na maçaneta, seus olhos perdidos nos meus por alguns instantes.

— Talvez eu seja mesmo exigente demais — concordou mais sério do que eu gostaria.

A porta se abriu e eu fui salva, antes que estivesse metida em uma grande saia-justa.

Eu amava a companhia dele. Amava o modo como nossos gostos eram parecidos, além de seu humor inteligente e interessante, mas não estava pronta. Ainda não cabia um novo Robert em minha vida, e eu nem tinha certeza se algum dia caberia.

Thomas não era idiota. Ele sabia de tudo isso, pois me conhecia muito, muito bem. Estávamos lado a lado desde que consegui, finalmente, sair da minha concha.

Quando papai adoecera, Thomas e tio Alex cuidaram para que o grande império dos Van Galaghers não sucumbisse junto com ele.

Para nossa sorte, tanto a empresa quanto papai estavam indo de vento em popa.

Assumi meu lugar na cabeceira da mesa e Thomas sentou-se à minha direita, como de costume. Opostamente, tínhamos o tradutor, já que nenhum de nós falava mandarim.

Era a primeira reunião de um negócio importante. Alguns milhões de euros envolvidos na compra de uma grande indústria de tecidos. Era um rumo novo para os nossos negócios, mas, também, algo que eu realmente queria fazer. Já estava na hora de ingressarmos no ramo da moda.

A reunião terminou pouco antes do fim do expediente.

— Então... A inauguração de hoje... — Thomas começou e eu já sabia bem onde ia terminar.

— Eu não pretendo ir.

— Mas deveria — emendou —, você sabe

PERIGOSAS NACIONAIS

que temos negócios com o Van Dronners.

— Sei. E sei também que não é da conta dele o que faço nas horas vagas.

— Hanna...

— Tom...

— Pense melhor... Umas tequilas... Nada de mais. Vamos nos divertir um pouco, moça. Nós dois merecemos!

Seria uma boa festa.

Mas a alta roda de Roterdã estaria presente, o que já me desanimava de ir. Eu não estava muito disposta a sorrir e fingir. Gostava de restringir esse comportamento fictício ao meu horário de trabalho.

Era meio que o conto da Cinderela às avessas. Quando o relógio batia as cinco da tarde, eu voltava a ser a Hanna de verdade.

Passei pelas portas duplas da minha sala e encontrei a cadeira virada para o porto, cabelos claros brilhando com os raios de sol.

PERIGOSAS ACHERON

— Pai! — Sorri e caminhei até ele, apoiando-me contra a janela.

— Desculpe ir entrando em sua sala, mas sua secretária não estava no posto dela. Eu disse que você não deveria ter dispensado a Karol.

Beijei seu rosto e peguei o cigarro de sua mão, apagando-o no velho cinzeiro, que ainda ficava sobre a mesa.

— Em primeiro lugar, Sr. Gallagher, não é minha sala, é nossa sala! Você é sempre bem-vindo, papai! É uma honra ter você aqui. E, em segundo lugar, eu não dispensei a Karol. Concordei com a saída dela. A pobre mulher queria curtir a aposentadoria — dei de ombros —, eu apenas concordei e dei um belo bônus a ela. Afinal de contas, uma pessoa que atura o Sr. Gallagher por tanto tempo merece uma compensação! — brinquei.

Papai não sorriu, mas eu não esperava que o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fizesse. Levantou uma sobrancelha e me encarou com seus profundos olhos castanho-claros, suas íris atingindo tons de verde devido à luz do Sol.

— Não deixe de ir ao chá amanhã — continuou como se eu não tivesse dito uma só palavra. Levantou, beijou minha testa e caminhou até o bar. — Sua mãe está enchendo minha cabeça com esse bendito chá benéfico há uma semana.

— Eu não a deixaria esperando.

— Sei que não deixaria. — Passou um dos copos a mim.

Ainda era engraçado beber uma dose de uísque com meu pai, em nosso escritório. Nunca me havia visto nessa situação. Sempre achei que aquele seria o lugar de John, mas estava feliz por estar ali. Parecia certo, agora que era real.

A porta se abriu e Thomas entrou carregando dois copos de cappuccino da nossa cafeteria preferida.

PERIGOSAS ACHERON

— Precisamos discutir sobre a fusão do Hassan, e sei que você vai concordar comigo depois de uma belezinha dessas aqui!

Seu sorriso murchou até desaparecer, assim que ele encontrou meu pai. Seu respeito pelo Leão beirava o pânico.

— Sr. Gallagher — disse depois de limpar a garanta —, não imaginei que viria. Desculpe a intromissão, mas Linette não estava na mesa dela. Achei que Hanna estava sozinha.

Quanto mais ele falava, mais suas bochechas ficavam vermelhas.

Corri os olhos pelos dois, primeiro Thomas depois meu pai, e vislumbrei certo divertimento no rosto do Sr. Gallagher.

— Obrigada pelo café, Tom! — Peguei o copo da sua mão e o coloquei sobre a mesa. — Importa-se se discutirmos sobre a fusão amanhã? Vamos terminar o expediente mais cedo hoje.

PERIGOSAS NACIONAIS

Preciso da opinião do meu pai sobre alguns assuntos.

— Claro! Sem problemas. — Sorriu, um pouco mais recomposto. — Foi um prazer vê-lo, Sr. Gallagher.

— Vamos, de fato, conversar sobre negócios, ou você só queria dispensar seu cão de bolsa? — meu pai provocou assim que Thomas bateu a porta.

— Pai! Não seja maldoso com o Tom! — Ri da piada mais do que deveria. — Ele é muito bom no que faz! E você não chamava o tio Alex de “cão de bolsa” — debochei.

— Eu não tenho uma bolsa, e Alexander jamais ficou parado em minha frente, babando em meus sapatos de grife.

— O senhor não existe, Sr. Gallagher!

Terminei a bebida e deixei o copo sobre a bandeja.

PERIGOSAS ACHERON

— Você deveria tentar...

— Não, pai! Não! Não vamos começar com isso!

— Ele é um bom homem, Hanna. É competente e dedicado. Gosta de você e a admira como você merece — justificou.

Os homens da minha família sempre tiveram reservas quanto a Robert. Sempre o acharam perfeito demais.

“A perfeição é ilusória, Hanna”, era a frase preferida do meu pai, enquanto eu estava noiva.

— Achei que ele fosse um cão de bolsa! — devolvi a provocação no momento oportuno, exatamente como ele havia me ensinado.

— De fato! Mas isso não precisa ser algo negativo. Eu confio no garoto. Você poderia ao menos dar uma chance a ele.

— Pai... — Respirei fundo, soltando o ar dos pulmões devagar. Um suspiro profundo, com o PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

peso de tudo que eu nem sabia expressar.

Meu pai beijou minha testa e segurou meu rosto entre as mãos.

— Se ainda não está pronta, querida, é porque Thomas não é o homem certo. Acredite, quando o homem certo aparecer, você nem vai vacilar.

Sorri e papai caminhou até a saída.

— Não se esqueça do chá, não deixe de usar um casaco branco e não se sente perto demais da Sra. Van Beck. Acredite, esse é um excelente conselho.

Ri alto.

— O senhor está especialmente ácido hoje, Sr. Gallagher.

— Ah... É um belo carro aquele estacionado na sua vaga, Srta. Gallagher! Faz jus a sua beleza.

Sorri mais um pouco, enquanto ele se afastava.

PERIGOSAS ACHERON

Depois que meu pai se foi, fiquei sozinha no escritório, ainda que o expediente tivesse se encerrado. Queria um tempo ali, onde me sentia realmente no comando.

Papai estava coberto de razão. Eu não tinha encontrado a pessoa certa e nem sabia se estava procurando por ela ainda.

Nunca fui puritana, nem mesmo antes de Robert, e gostava de tudo exatamente assim. O problema de não me envolver era que a conversa perdia a graça rápido demais. Assim que as roupas eram postas, tudo acabava e eu só queria sumir o mais rápido que minhas pernas permitissem. Então, eu nunca tinha um segundo encontro. Esse era o meu lema desde minha pseudoviuvez.

Servi mais uma dose de uísque no copo e fiquei encarando o movimento no Porto de Roterdã, como tantas vezes vi meu pai fazer.

Eu não estava no clima para festa, mas

PERIGOSAS ACHERON

também não estava no clima para comida congelada e episódio de *Suits* na televisão.

Terminei a bebida com calma, aproveitando cada uma das notas do meu Bourbon. Deixei o copo sobre o aparador e passei a chave na porta.

Entrei no conversível e deixei que Norah Jones melhorasse meu humor para a noite.

Se eu iria me divertir, tinha que fazer isso do jeito certo.

Entrei em casa ainda cantarolando a última música.

Tirei a roupa e liguei o chuveiro. Tomei um banho demorado e ajeitei os cabelos em um coque bagunçado.

Escolhi um belo vestido de cetim, rosado; era de um estilista famoso. Eu o havia ganhado da minha sogra, de sua última viagem. Mesmo depois da morte de Robert, meu relacionamento com os pais dele permaneceu intacto. Eu os amava e os

PERIGOSAS ACHERON

considerava parte da minha família, ainda que o casamento não tivesse realmente acontecido.

Calcei minhas sandálias douradas Saint Laurent e peguei a bolsa. Coloquei nela o essencial. Um cartão de crédito, spray de pimenta, dois preservativos e um belo batom vermelho que eu amava.

Decidi ir com meu próprio carro, assim pelo menos eu teria autonomia para voltar a hora que quisesse. Nem podia demorar demais, já que tinha um compromisso com mamãe e Lilian na manhã seguinte.

Parei em frente à entrada e desci do carro deixando a chave no contato, assim que o manobrista abriu a porta.

Segui até a entrada e, antes que pudesse pegar meu convite na bolsa, a recepcionista sorriu indicando a entrada.

— Srta. Gallagher, é um prazer tê-la em

PERIGOSAS ACHERON

nossa inauguração. Esperamos que se divirta!

Agradei com um sorriso gentil e segui até o camarote, onde meus amigos me esperavam.

Eu imaginava que encontraria Thomas Edwards lá, mas não tinha ideia de que aquele era o maldito dia que ele havia escolhido para tentar, finalmente, ter algo comigo.

Pedro

Passei boa parte do dia deitado na varanda de trás da casa-barco, brôco, aproveitando o dia.

O céu era especialmente bonito nos Países Baixos. Principalmente no verão. “Céu de brigadeiro”, como meu avô costumava dizer.

Binho sacudiu as penas molhadas como um cachorro, ao terminar seu passeio pelo canal, e acomodou-se próximo a mim.

Eu às vezes me perguntava se ele sabia que não era um cão!

Anos atrás, se alguém me dissesse que eu passaria um dia de semana deitado em uma rede, na companhia de um marreco do mato, em vez de enfiado atrás do meu computador, eu o chamaria, no mínimo, de abestalhado.

“O melhor estagiário da empresa. Pedro tem
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

futuro aqui dentro!”, dizia meu chefe para quem quisesse ouvir.

Não havia descanso na antiga vida de Pedro Santana. Nem sequer um dia de folga, desde que havia chegado à capital. Eu trabalhava de sol a sol e estudava no pouco tempo que tinha para descansar. Último semestre da faculdade. Queria ser alguém. Queria que meu pai se orgulhasse de mim. Queria dar a ele muito mais do que ele sequer havia sonhado.

Fechei os olhos e repassei em minha mente, mais uma vez, aquele fatídico dia. O dia que mudaria tudo.

Eu estava saindo do trabalho. Cansado. Suado. Varado de fome, mas eu estava feliz. Tinha recebido a melhor notícia que poderia receber e iria dá-la ao meu pai.

Finalmente, nossos esforços seriam recompensados.

PERIGOSAS ACHERON

Finalmente ele poderia deixar as redes de lado e aproveitar um pouco da vida ao lado da minha mãe.

Subi na moto e dei partida. Selei meu destino naquela hora.

Não posso culpar o motorista do caminhão. Eu estava sonolento, cansado, fui imprudente. Era tão moleque. Aprendi cedo o quanto a vida é fugaz.

Acordei dias depois, sem nem saber o que havia acontecido. Uma ultrapassagem malsucedida e tudo se foi.

Meu pai estava ao meu lado, mãos calejadas segurando as minhas. Agoniado, ainda que o sorriso tentasse esconder.

— Graças a Deus, meu filho! Graças ao Nosso Senhor do Bonfim, você está de volta!

Tentei acalmá-lo. Não sentia dor alguma. Sonolento, tranquilo. Queria mostrar a ele que tudo ficaria bem, mas, antes que eu dissesse qualquer

PERIGOSAS ACHERON

coisa, a primeira lágrima rolou.

— Não se lastime, filho. Jamais maldiga Deus pelo que houve! Lembre-se, você está vivo, Pedro. Vivo! E a vida é uma dádiva.

Demorei a compreender o que ele queria dizer. Eu me sentia bem. Tinha certeza de que me recuperaria rápido e de que em breve estaria de volta. Faltava tão pouco! Apenas as provas finais.

Sempre pensei que era forte. Nunca tive medo da luta. Tudo que eu tinha havia conquistado na tora, mas não estava preparado para o que veria. Assim que meu pai levantou o lençol que me cobria, minha vida desmoronou.

Sofri minha desgraça sozinho. Nenhuma lágrima derramada perto dos meus pais. Eu não era homem de chorar. Havia aprendido assim.

“Homem não chora, Pedro!”, era assim que eu havia aprendido.

Eu podia não chorar por fora, mas por

PERIGOSAS ACHERON

dentro estava despedaçado.

Imprestável. Inválido. Defeituoso.

As palavras ecoavam em minha mente, por mais que eu não as dissesse.

De todas as dores que senti em minha recuperação, a pena estampada no rosto de pessoas que antes me admiravam era a pior. Meus pais, meus irmãos, meus amigos. Todos tentavam me dar forças, mas tudo que conseguiam era me empurrar mais para a beira do precipício que eu havia criado em minha mente.

Fui forte até onde deu, mas acabei descobrindo que precisava ir. O peso de ser perfeito já não cabia mais em meu colo.

Enfiei meus cacarecos em uma mochila, joguei-a nas costas e segui com minha passagem para a Europa. Viajei por mais de um ano e então parei. Estava em uma pindaíba completa, mas nunca tinha estado tão feliz. Se havia uma coisa

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu sabia naquela minha vida de meu Deus, era ser despachado.

Troquei um conserto no ar-condicionado de alguém por uma passagem de trem para Amsterdã e aqui fiquei.

Trabalhei em um pub em troca de comida por mais de um mês e descobri que podia viver assim, livre. Apenas eu e o vento, ele guiando-me como guiava o barco do meu pai de volta para casa.

Por falar em barco, a vida me preparou uma bela surpresa. Uma casa-barco caindo aos pedaços me foi dada como pagamento por um biscate. Levei três meses para conseguir deixá-la habitável. Foi mais ou menos nessa época que Binho entrou em minha vida.

— Esta noite você vai ter que se virar sozinho, companheiro — expliquei ao pato. — Vou deixar a portinhola destravada, pode entrar se sentir frio, mas duvido que esfrie.

PERIGOSAS ACHERON

O bicho sacudiu o rabo e grasnou em concordância.

Binho era um sobrevivente, como eu. Tinha sido deixado à beira do canal para morrer, depois que um ciclista cheio do pau o havia atropelado.

Eu ouvi seu lamento enquanto passava e não pude deixá-lo ali. Todos diziam que era bobagem, que o animal estava agonizando, e de fato estava, mas eu não podia deixá-lo para morrer naquele lugar.

Trouxe-o para casa e consegui que um veterinário o examinasse. Para nossa sorte, Binho caiu nas graças do doutor e foi levado para a clínica. Sofreu que nem um condenado, perdeu uma das patas, mas ganhou um amigo para a vida toda.

Levantei-me da rede e ajeitei a prótese na perna.

— Você anda muito abusado, Binho! — brinquei —, mas a culpa é minha, que lhe dou

PERIGOSAS ACHERON

ousadia! Hoje não tenho hora para voltar.

Eu havia ganhado um convite para uma festa chique no Centro. Não era o tipo de lugar que eu costumava frequentar, mas eu não tinha nada melhor mesmo e precisava sair um pouco.

David, um barman inglês que eu tinha conhecido em minha época no pub, iria cuidar do bar principal na festa. Isso me garantia pelo menos um amigo naquele lugar — um amigo com bebida à vontade, diga-se de passagem —, o que era suficiente para que eu decidisse sair da minha toca.

Tomei um bom banho. Vesti um jeans escuro e uma camisa branca, dobrada até os antebraços. Calcei meus sapatos recém-engraxados e peguei minha jaqueta de couro.

Eu podia ser um liso, mas não precisava me comportar como um andarilho sem teto por aí.

Subi na Harley e dei a partida.

A noite estava agradável, como costumava

PERIGOSAS NACIONAIS

ser aquela estação na Holanda. Céu limpo e estrelado, trânsito tranquilo.

Depois de tudo o que tinha acontecido, muitos me questionaram por continuar pilotando uma motocicleta, mas eu não me imaginava de outro jeito.

Livre. Era como eu me sentia sobre duas rodas. Livre como eu não era com o pé no chão.

Estacionei na entrada e descii da moto.

— Cuidado com a minha senhora! — brinquei jogando a chave para o manobrista.

Em meio a todos aqueles carros de luxo, minha velha Harley deu um susto no pobre homem.

Passei pelas portas duplas com um sorriso abusado no rosto. Era sempre a mesma coisa. Sempre as mesmas pessoas. Na Holanda, na Bahia ou em qualquer canto do mundo. Um monte de arengueiro boa bisca, procurando um tonto qualquer para subir em cima.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Peguei uma bebida na bandeja de um garçom. Parecia champanhe. Para ser sincero, nunca gostei daquele tipo de bebida. Era insossa, como a maioria das pessoas naquele lugar.

Dei mais um gole na bebida, agradecendo ser amigo do barman. Pelo menos eu poderia escolher algo menos enjoado para o resto da noite.

Sentei-me em uma das banquetas, em frente ao balcão, e deixei a taça pela metade sobre o mármore polido. Antes que eu pedisse, David empurrou um copo de uísque em minha direção.

— Aqui, companheiro. O melhor que conseguirá aqui pelos Países Baixos. Aproveite, porque não é sempre que temos uma beleza dessas para oferecer! — Sorriu debochado.

Ergui o copo em cumprimento e o levei à boca.

— Maker Mark's. O melhor para o meu companheiro! — Mostrou a garrafa.

PERIGOSAS ACHERON

— É como dizem, todo Bourbon é um uísque, mas nem todo uísque é um Bourbon! — brinquei fazendo o inglês soltar uma gargalhada.

— Eu diria que o senhor, com esse traje e seu copo de Bourbon, pode muito bem ser confundido com um desses filhos da puta de merda, Sr. Santana! — provocou.

Soltei uma gargalhada.

— Nem que eu quisesse, companheiro! O sangue aqui corre rápido demais.

Aproveitamos para colocar o papo em dia, já que não nos víamos fazia um bom tempo.

— Anote meu número novo — ele disse no meio da conversa. — Troquei por causa da Darla.

— A pobre ainda não desistiu? — brinquei.

— Nada! Não consigo ter paz com aquela garota na minha cola. O jeito foi mudar de país e de telefone. — Sorriu debochado.

Saquei o celular do bolso para anotar o

número e, não sei se por efeito da bebida ou se por puro acaso do destino, eu o deixei cair.

Desci do banco, abaixei-me para pegá-lo e, assim que tentei me levantar, alguém bateu em minhas costas, projetando meu corpo para a frente. Acabei prensando uma mulher que pedia uma bebida no bar.

— Pelo amor de Deus! É tão difícil conseguir uma bebida sem ser incomodada por aqui? — esbravejou, virando-se e me encarando com seus límpidos olhos verdes.

— Peço desculpas.

— Não seja bobo, eu não falava de você! — Revirou os olhos em direção ao ruivo alto ao seu lado, que conversava mexendo os braços e esbarrando nela sem parar.

Aproveitei a proximidade e a segurei pela cintura, girando seu corpo para que trocássemos de lado no balcão. Ela sorriu ajeitando uma mecha de

PERIGOSAS ACHERON

cabelo louro atrás da orelha.

— Olha... E não é que cavalheiros ainda existem! — provocou. — Achei que estivessem extintos!

Levei o copo de bebida à boca e sorri, observando sua figura por um instante.

Cabelos claros como um dia de sol, presos em um tipo de coque. Olhos de um tom de verde que me lembrava as águas calmas de Maracaípe. Boca perfeita, ressaltada pelo batom vermelho.

Havia algo diferente nela. Não era como uma das garotas bonitas no salão. Ela não se parecia com um manequim de loja, bem-vestido e arrumado, era vívida. Cheia de luz, como um sol.

Desci os olhos do rosto até o corpo dela. O tom rosado do vestido ressaltava a beleza da pele, e o corte ajustado abraçava suas curvas. Ela sustentou meu olhar, como se me provocasse a dizer o que achava do que via, dedos tamborilando

o mármore do balcão.

Eu não daria ousadia a ela. Mulheres como a “Srta. Sem Paciência” estavam acostumadas a uma fileira de brôcos babando nelas todo o tempo.

— Hanna! Até que enfim encontrei você!
— Um homem da minha estatura parou ao seu lado. — Venha! — ele a chamou com a mão em seu ombro. — Vamos voltar para lá. Eu poderia ter pegado uma bebida para você. Não precisava ter vindo até aqui. — Encarou minha proximidade com visível desconforto.

— Ah, não foi pela bebida — ela disse sorrindo, fingida. — Eu vim ver o... — Encarou-me, seus grandes olhos verdes gritando por socorro.

— Pedro. Pedro Santana. — Estendi a mão ao pobre que, por alguma razão, ela tentava enganar.

— Pois é! Vim ver o Pedro! — Enganchou-se em meu braço. — Já faz tanto tempo, não é? —

PERIGOSAS ACHERON

Sorriu como se realmente me conhecesse. Uma boa bisca, diga-se de passagem. — Collin certamente iria gostar de reencontrar você! Uma pena ele não estar na Holanda. Poderíamos marcar algo.

— Claro! — concordei fingindo que também a conhecia. — Uma pena mesmo, mas tenho certeza de que vamos nos ver em breve. Sabe como é o Collin, não é mesmo?

Ela alargou o sorriso e ajeitou mais uma mecha perdida dos cabelos.

— Imprevisível! — concordou.

A veia pulsante na têmpora do tal deixava claro o quanto ele desaprovava nossa conversa. E, fosse quem fosse o tal Collin, eu bateria uma aposta como ele não aprovaria também.

— Bem, Sr. Santana, foi um prazer conhecê-lo, mas estamos no camarote ali em cima. — O homem apontou para um espaço reservado no mezanino, como se aquilo me diminuísse ou me

importasse. — Eu o convidaria, mas...

Ele falava por si mesmo e pela loira como se fossem um casal. Nós para cá, nós para lá. E, quanto mais ele falava, mais ela apertava os dedos em volta do meu braço. Eu podia não a conhecer, mas podia jurar que o “nós” só existia na imaginação do homem.

— Ah, não se preocupe, eu já estava mesmo de saída. — Sorri de canto, preparando minha saída triunfal. Arengueiro como eu era, não estava disposto a deixar por menos. — Se quiser pegar aquele livro comigo, eu estou indo para casa — menti.

— Claro! Vamos, sim! Aproveito e descubro onde você anda se escondendo. — Bateu o ombro no meu, como se fôssemos íntimos. — E conto ao Collin quando ele vier para o feriado. E quanto a nós, Tom... Nos vemos na segunda.

Um soco bem-dado na boca do estômago do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pobre, que nada pôde fazer, além de concordar. Eu queria rir, mas achei que era muita ousadia.

A menina bonita enlaçou os dedos nos meus e quase me arrastou para fora do lugar.

PERIGOSAS ACHERON

Hanna

Pedro Santana...

Jeans escuros e um sorriso provocador a la James Dean, eram uma descrição leviana demais do meu comparsa.

Alto, moreno, corpo bem-proporcionado. Cabelos castanhos curtos e uma sombra de barba começando a nascer. Olhos amendoados e uma boca carnuda impossível de não ser notada.

Queria dizer que não fazia diferença alguma, já que eu nunca mais o veria, mas ele era muito, muito atraente, e eu não era cega.

Hanna, Hanna... Você realmente não aprende! — pensei enquanto seguia de mãos dadas com ele para fora do salão.

Assim que atingimos as escadas, Pedro

PERIGOSAS NACIONAIS

soltou minha mão. Rápido. Muito mais do que eu gostaria, embora não pretendesse admitir em voz alta, nem sob ameaça de morte.

— Então, moça, precisa de uma carona? — meu parceiro de fuga perguntou.

Sorri usando o sorriso mais “Galagher” que tinha.

— Eu não, você precisa? — provoquei.

Talvez o moreno bonitão não tivesse percebido ainda com quem estava falando, mas eu iria resolver isso rapidinho. Eu era Hanna Van Gallagher, a leoa mais feroz que cruzaria o caminho dele e certamente não precisava da carona de um desconhecido. Ainda que fosse um belo desconhecido.

Enquanto esperava meu carro chegar, um dos manobristas apareceu com uma Harley preta e parou bem perto de nós. Entregou a chave a Pedro e ele tomou seu lugar no banco.

PERIGOSAS ACHERON

— A gente se vê, moça! — Levou a mão a testa fingindo prestar continência.

— É Hanna! — respondi irritada.

De todas as coisas que me tiravam do sério, ser chamada de moça, mocinha, garota, benzinho, docinho, ou qualquer coisa que não fosse o meu nome, estava bem no topo. Ele não era idiota, Thomas havia dito meu nome mais de uma vez, e eu sabia que Pedro tinha escutado. Estava querendo me irritar, fingindo que não se importava.

— Isso! — Sorriu de canto, antes de baixar a viseira do capacete.

Funguei em desaprovação, enquanto ele seguia seu caminho.

A boate ficava um pouco afastada do centro da cidade. Era uma área em ascensão. Uma tentativa de expandir a parte nobre da noite de Roterdã um pouco mais ao sul, melhorando o preço de venda de uma série de empreendimentos de

PERIGOSAS ACHERON

porte menor.

Era uma coisa boa para uma investidora como eu, e era exatamente por isso que um dos meus maiores clientes havia decidido levar a boate até lá, mas, devido ao congestionamento da inauguração, acabei sendo obrigada a pegar um caminho alternativo.

Como desgraça pouca é bobagem, um pedaço de madeira cheio de pregos, no meio do caminho, furou um dos meus pneus.

Tentei continuar mesmo com o pneu furado, fiquei com medo de estar sendo vítima de algum tipo de emboscada. Rezei para chegar a qualquer lugar minimamente civilizado, mas não tive muita sorte. Poucos metros antes de uma pequena luz que brilhava solitária, precisei realmente parar, ou acabaria com um dano bem mais sério no carro.

Peguei o celular em minha bolsa de mão e tentei acionar o seguro para me socorrer, mas

PERIGOSAS ACHERON

estava sem sinal.

Nem o seguro, nem meu pai e nem ninguém que pudesse me ajudar sem colocar minha segurança em risco.

Vesti o casaco branco, que estava no banco de trás, e desci do carro.

— Merda! — xinguei alto enquanto erguia em vão o braço, à procura do sinal de celular. Não havia nada além de mim e da luz fraca, que eu podia jurar pertencer a um bar; pelas risadas e falatórios, não era o tipo de lugar que eu gostaria de frequentar, principalmente sozinha. — Merda! Merda! Merda! — O sinal era tão fraco que não completava a ligação e ainda consumiu o pouco que eu tinha de bateria. Na terceira tentativa, meu pobre aparelho morreu de vez.

Encarei o horário no relógio pensando em quanto tempo demoraria até que alguém finalmente passasse por aquele caminho, e se isso seria algo

PERIGOSAS ACHERON

bom.

Uma garota sozinha, no meio do nada e sem condição alguma de pedir socorro. Fiz a única coisa que eu poderia, enfiei meu orgulho no bolso e caminhei, firme em meus saltos, até o bar, a bolsa com o spray de pimenta junto de mim.

Antes que eu chegasse ao meu destino, o barulho baixo de uma motocicleta se aproximando acelerou meu coração. Segui firme, até que o motorista me alcançou, pilotando devagar ao meu lado.

— Parece que você precisa de uma carona agora — constatou com um ar debochado escondido nas palavras.

— Ora, ora se não é o Sr. Carona! — Ergui uma sobrancelha para ele. — Impressão minha, ou está me perseguindo? — provoquei.

— Impressão sua. Na verdade, segui por aqui porque achei estranho um carro novo assim,

PERIGOSAS ACHERON

parado no meio da estrada. Pensei que fosse fruto de algum assalto ou coisa assim, aí vi você caminhando sozinha e resolvi oferecer ajuda.

Meus olhos correram dele para o bar, sem que eu pudesse disfarçar.

— Olhe, moça, sei que não me conhece, mas acredite; eu ofereço menos perigo do que aquele lugar ali. Aquele é o Fat Johnny. O lugar é conhecido por distribuir drogas ilegais. A polícia tenta fechar o estabelecimento há quase cinco anos e nunca consegue. Ao que me consta, um figurão conhecido no submundo mantém tudo funcionando para lavagem de dinheiro.

Eu não disse nada, mas imagino que minha expressão me condenou. Às vezes, eu era mais parecida com o Sr. Gallagher do que gostaria.

Pedro riu.

— Calma aí, moça, eu sei disso pelo lado dos mocinhos! — explicou. — Um amigo é

PERIGOSAS ACHERON

investigador. Tomamos umas cervejas semana passada, e ele me deixou a par das novidades. — Piscou para mim de um jeito incrivelmente sexy, que me fez sentir como uma colegial boba.

— Tudo bem, Sr. Santana, vou ignorar meu instinto e dar uma chance a você! — Estendi uma mão para ele. Me empreste seu celular, e vou acreditar que você não é só um maluco tentando ganhar minha confiança.

— Aí temos um problema!

— Qual?

— Não sei se percebeu, mas não há sinal de telefone aqui, moça. Por isso o Fat Johnny faz tanto sucesso!

Eu sabia, mas tinha esperança de que ele me dissesse o contrário.

— Quer ajuda com o pneu? — ofereceu.

— E o que o faz pensar que eu não sei trocar um pneu? — rebati.

— Nada! Tenho certeza de que é capaz de se virar sozinha, mas, se precisar de ajuda, estou aqui, posso ajudar. Nossa, moça, você é muito desconfiada!

Eu era mesmo! Estava acostumada a me impor e a provar o tempo todo que era capaz. Às vezes acabava exagerando e sabia disso também.

Respirei fundo... o orgulho me impedindo de dizer qualquer coisa.

— Ande, suba aí na garupa, eu ajudo você!

— Sorriu e eu acabei sorrindo junto.

Havia algo nos olhos castanhos dele. Uma inocência quase infantil. Uma leveza que eu não tinha mais. Pedro não era um menino, mas seu sorriso me fazia pensar em um. Ele me fazia lembrar de quando meus irmãos e eu éramos pequenos e corríamos, pelo gramado da mansão, soltando pipas pelo céu.

Eu podia estar errada em confiar. Podia ser

burrice da minha parte, mas, quando me sentei na garupa daquela moto, foi como se a Hanna de anos atrás encontrasse um espaço em minha superfície. Eu não estava mais sufocada pelo peso de ser a Srta. Gallagher.

Pedro cobriu minhas mãos com a sua. Ondas elétricas tomando conta do meu corpo com um toque tão bobo e sutil. Torci como uma boba para que demorássemos um pouco mais a chegar ao nosso destino.

Descemos da moto e eu entreguei a chave do carro a ele. Enquanto pegava o macaco e tentava encaixá-lo junto à lataria, uma chuva torrencial desabou.

Era tanta, mas tanta água, que Pedro foi obrigado a desistir de trocar o pneu.

— Pelo amor do Senhor do Bonfim, moça! Você é pior que um gato preto na sexta-feira treze! — brincou e cruzou os braços sobre o peito,

encharcado como eu também estava.

Controlei o riso o máximo que pude.

— Venha, vamos entrar no carro e esperar esta tempestade horrível passar.

— De jeito nenhum! Você vai molhar todo o estofamento! Depois vou ficar semanas tentando tirar o cheiro de cachorro molhado do meu carro novo! — reclamei. — Eu até gosto de chuva! — Dei de ombros.

— Por mim tudo bem! Não é a primeira, nem será a última chuva que tomo! — Imitou meu gesto.

— Ande, dê aqui essa chave, que eu mesma troco o pneu!

Ele me deu.

Para o meu desespero, eu não tinha ideia do que fazer. Lógico que entendia da teoria de como trocar um maldito pneu, mas nunca tinha nem reparado em alguém trocando.

Pedro ficou ali, tranquilo, esperando meu fracasso iminente e a possibilidade de me dizer o tão irritante “Eu avisei!”.

Consegui encaixar o macaco e subi o carro, mas, quando fui soltar o primeiro parafuso, eu me desequilibrei com a força que fiz e só percebi que meu espectador tinha abaixado para me ajudar quando caí em cima dele.

Clichê?

Quase nada, vindo da mulher cujos pais se conheceram em um esbarrão.

Talvez seja uma marca registrada da família Van Gallagher ou coisa assim, mas o fato é que eu estava em cima do pobre homem, lama cobrindo boa parte de nós. Despenteada, cansada e, ainda assim, eu não tinha pressa para sair dali.

Pedro também não parecia desesperado para se desvencilhar de mim; o riso tomava conta do seu rosto, suas mãos segurando-me pela cintura. Olhos

fixos nos meus por um segundo, até que ele se recompôs.

— Se queria um abraço, moça, era só pedir!
— gracejou.

— Não seja ridículo! — defendi-me tentando me levantar, mas suas mãos firmes contiveram minha raiva.

Correu os dedos pelo meu rosto sujo com a suavidade de quem toca a imagem de uma santa no altar. O riso morreu em sua boca e, de repente, não tinha nada mais que eu quisesse dizer.

Não pediu permissão, mas, quando sua boca tocou a minha, não encontrou resistência alguma. Eu queria beijá-lo. Queria desde o momento em que tínhamos nos esbarrado naquela boate. Queria desde que sentira seu toque e seu perfume. Nunca tinha me sentido atraída assim, gratuitamente, por alguém.

Sua boca era quente e macia, mas o beijo

PERIGOSAS ACHERON

era forte e cheio de paixão. Sua língua dançava com a minha em perfeita sincronia. Seu corpo abraçava o meu com o encaixe mais perfeito que eu tinha conhecido na vida.

Suas mãos desceram pelas minhas costas, até a parte baixa da minha coluna, e seguiram pela curvatura da minha bunda, apertando-me a ele e me deixando sentir o quanto estava excitado.

— Hum... — deixei escapar com a boca colada a sua.

Ele aprofundou ainda mais o beijo, mantendo-me ali, colada ao seu corpo, e eu senti o tamanho do seu desejo pulsar entre minhas pernas.

— Me leva daqui? — pedi.

Eu queria viver a aventura. Queria o pacote completo de Pedro Santana. Queria tudo que ele tinha para me oferecer, ainda que todo o encanto acabasse ao amanhecer.

Ele sorriu encarando meus olhos e então se

levantou, levando-me junto dele.

Subiu na moto e estendeu uma mão.

— Venha, princesa! — chamou. — Esta noite seu cavalo branco será de metal reluzente.



Pedro

Aquela menina era barril.

Era linda e quente, mas potencialmente perigosa, e eu sabia bem disso quando a coloquei na garupa da minha moto.

Deveria ter pensado melhor?

Obviamente, mas naquele momento eu não estava pensando só com a cabeça. Eu sei! É péssimo de se admitir, mas ninguém pode me acusar de não ser sincero. Nem mesmo a loira bonita que agora tinha os braços em volta da minha cintura.

Peguei o caminho mais curto para Amsterdã. A cada toque dela sob o tecido fino da minha camisa, o fogo em mim aumentava de intensidade.

Podia tê-la levado a um motel qualquer, mas ela não era o tipo de garota que passa a noite num quarto de quinta. Eu não sabia onde ela morava, e ela também não tinha me convidado para ir à casa dela, então o jeito era encarar a viagem até minha casa.

Eu podia apostar que não era, nem de longe, parecida com os lugares que ela costumava frequentar, mas era o mais gentil que eu podia oferecer. Não queria levá-la a um motel qualquer, porque ela não era uma mulher qualquer, e eu queria que ela entendesse isso, mesmo que ao amanhecer nossa história chegasse ao fim.

Parei a moto e a ajudei a descer. Hanna... Era um lindo nome e combinava perfeitamente com PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a delicadeza dela. Eu nunca mais o esqueceria, mas ela não iria saber disso tão fácil assim.

— Bem, princesa... Esse é o meu castelo!
— Indiquei a casa-barco, que balançava suave com o movimento do canal.

Nunca tive problema em ser pobre. Eu até enxergava a liberdade que a pobreza me dava com bons olhos. Não era nenhum morto de fome também. Estava satisfeito com o que a vida tinha me dado e era feliz. Tanto quanto alguém pode ser depois de reformular a ideia de felicidade mais de uma vez. Eu era grato.

Nunca fui de me envergonhar ou de me preocupar com o que os outros pudessem pensar de mim, mas, por alguma razão, a garota rica à minha frente despertava alguns sentimentos confusos dentro de mim.

Talvez eu precisasse de mais do que uma dose de Bourbon para compreender.

PERIGOSAS ACHERON

Respirei fundo e estendi uma mão para ela. Um sorriso lindo iluminou seu rosto.

— É um belo castelo, Sr. Santana. Acredita que eu nunca estive em uma dessas antes?

Sorri de canto tentando não parecer um brôco, os olhos correndo por ela por um segundo. Mordi a boca segurando o desejo que sentia naquele momento.

— Então essa será uma das muitas coisas que você irá fazer pela primeira vez comigo, moça.

Entrei com ela, passando pela varanda.

Tiramos os casacos molhados e só então percebi que ela estava sem as sandálias. Provavelmente haviam ficado perdidas no meio da lama, perto do carro.

Acendi a lareira ao lado da cama. Precisávamos de um pouco de calor, depois de toda a chuva. A luz crepitante, somada ao luar, refletia na água e ajudava a iluminar um pouco mais. A

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cidade havia ficado lá em cima, fora das nossas vistas, tudo parecia tranquilo.

Entreguei uma toalha para que ela pudesse se limpar um pouco e fiz o mesmo.

— É lindo, Pedro. Tudo lindo.

Aproximei-me dela passo por passo, aproveitando o momento, e vi a ansiedade crescer em seus belos olhos verdes.

Parei à sua frente. Soltei o coque devagar, vendo as ondas douradas, molhadas, caírem por seus ombros, emoldurarem seu rosto e a deixarem ainda mais perfeita, mesmo depois daquela tempestade. Hanna Van Alguma Coisa era o tipo de menina que acordava bonita todas as manhãs, não importava o que acontecesse.

Acariciei seu rosto e a puxei para um beijo suave. Uma mão em sua nuca e a outra na parte baixa das costas, ensaiando com ela os passos de uma música que só podíamos sentir.

PERIGOSAS ACHERON

Baixei as alças do vestido ajudando o tecido molhado a escorregar por sua pele clara, a cair aos seus pés e a deixá-la quase nua para mim.

Hanna abriu os botões da minha camisa um a um, seus dedos finos acariciando minha pele quente de desejo, até que ela alcançou a cintura da calça. Quando tentou abrir, eu detive sua mão sem entender bem a razão.

Eu a queria. Queria muito. Não tinha nenhum problema com o meu corpo, ao contrário. Até me achava bastante atraente, mas, quando a possibilidade de que ela me visse sem roupa se tornou real, fiquei agoniado.

Eu a peguei nos braços e a coloquei sentada sobre a mesa. Não queria que ela percebesse minha insegurança.

Mulheres não sentem tesão por caras inseguros. A insegurança fede. Elas querem o macho *alpha*. O cara que estará sempre pronto a

PERIGOSAS ACHERON

protegê-las quando for necessário. Que dê no couro. Despachado. Dono de si. Não uma porra de um besta qualquer, que não tem coragem nem de ficar pelado perto delas.

Puxei-a para mim com uma mão enfiada em seus cabelos, segurando forte. Trouxe sua boca para a minha, deixando o fogo que me consumia encontrar o corpo dela.

Tirei sua calcinha e afastei um pouco suas pernas, para que pudessem me acomodar melhor. Baixei minha calça e segurei firme seu quadril contra o meu, roçando meu pau sob o algodão macio da cueca. Ela gemeu e arqueou o corpo para trás.

Tomei um dos seios em minhas mãos e o abocanhei com cuidado, mordiscando e passando a língua suavemente no bico rígido, até que não aguentei mais.

Sempre tive controle das minhas transas.

Não costumava me deixar levar pelo momento, mas com ela eu simplesmente desliguei. Não havia nada mais no mundo além de nós dois ali, saciando nossos desejos. Cada movimento sincronizado perfeitamente com ela, como se tivéssemos ensaiado isso a vida toda.

Quando terminamos, apoiei as mãos na madeira maciça da mesa, pendendo o corpo sobre o dela. Sôfrego. Cansado. O coração batendo tão rápido que pensei que ia sair boca afora.

Ela estava com as costas apoiadas à mesa. Olhos fechados. Sorrindo de boba. Braços atrás da cabeça.

Eu não sabia o que dizer. Fiquei em silêncio admirando a beleza da menina, que, diferentemente de mim, parecia segura o suficiente para não ter pressa em se vestir.

Fechei a calça e estendi a mão para que ela pudesse se levantar. Ela ajeitou os cabelos

PERIGOSAS ACHERON

molhados com os dedos e depois sorriu sem jeito.

— Acho que preciso de um banho. —
Sorriu delicada.

— Claro! — Mostrei o banheiro e entreguei uma toalha a ela. — Fique à vontade.

Caminhei até a varanda e acendi um cigarro. Fiquei olhando o canal e aproveitei para conferir se Binho já estava em sua casinha.

Hanna saiu do banheiro enrolada na toalha. Ficou uns bons segundos encarando a roupa molhada e suja de lama, que estava no chão, provavelmente pensando no que fazer.

— Quer uma camiseta emprestada? — ofereci.

— Seria muito gentil, Sr. Santana! — Encarou-me com aqueles olhos da cor do mar.

— Ah, então você está no seu dia de sorte mais uma vez, moça... Porque eu sou um cara muito gentil. — Sorri de volta e caminhei até o
PERIGOSAS ACHERON

armário. Peguei a camiseta e entreguei a ela.

Hanna ficou nas pontas dos pés e tentou me beijar na bochecha, mas eu me virei e a beijei novamente. Mais calmo, agora que o desejo tinha sido aplacado.

— Vou tomar um banho, moça bonita. Fique à vontade.

Corri os dedos por seu rosto, não sabia o que dizer. Não queria que ela fosse embora, mas não iria dizer isso em voz alta nem na tora.

Assim que abri o chuveiro, escutei a porta se abrir e tive a certeza de que era só aquilo mesmo. Uma noite de tesão regada a chuva. Não seria mesmo diferente. Não com uma menina como ela.

Saí do chuveiro, vesti uma calça de elástico e uma camiseta branca. Caminhei até o armário, servi uma dose de uísque em um copo e foi então que a vi. Sentada na beirada do deque, molhando os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pés no canal.

Servi mais um copo e o deixei na mesinha ao lado da cama.

— Vai pegar um resfriado assim — adverti ao me aproximar.

Ela se levantou e me abraçou. Em silêncio também. Talvez eu estivesse errado sobre ela... Sobre nós... Mas aquele não era o momento de descobrir.

Se há uma coisa que aprendi, é que verdades não ficam escondidas para sempre. Elas sempre encontram um jeito de aparecer.

Levei-a para dentro e nos sentamos na cama, enquanto tomávamos a bebida e deixávamos o fogo da lareira nos aquecer.

Não demorou muito para que ela pegasse no sono. E, depois que isso aconteceu, acabei dormindo também.

O que restava da noite passou em um estalo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Acordei com ela levantando-se assustada.

— Meu Deus do Céu, eu dormi demais!

Vestiu o casaco depressa e ajeitou os cabelos com os dedos.

— Se me der um minuto, posso lhe dar uma carona — ofereci tentando me levantar.

— Não se preocupe, Pedro. Eu chamo um táxi. Já abusei demais da sua hospitalidade!

Beijou minha boca de leve e saiu pela porta. Descalça, como a Cinderela no fim do baile.

Eu fiquei lá, deitado como um bobo, vendo-a ir embora. Não era o fim que eu esperava para uma noite como a nossa, mas em uma coisa eu tinha razão... Aquela menina acordava bonita como o inferno!

PERIGOSAS ACHERON

Hanna

Saí sem olhar para trás.

De uma vez, rápido, sem dizer muita coisa. Se tivesse permitido uma despedida mais longa, correria o risco de querer ficar, e eu não podia. Pedro Santana não fazia parte do meu mundo, e eu não me referia a dinheiro, embora gostasse muito do que ele me proporcionava.

Pedro não fazia o tipo que veste um terno e enche a cara de sorrisos falsos para agradar um bando de idiotas qualquer. Ele nem fazia o tipo que vestia um terno, fosse para o que fosse.

De mais a mais, eu não estava mesmo procurando um namorado.

— Nada de segundos encontros! — repeti em voz alta, precisava ouvir. Era isso! Hora de

repetir o mantra.

Obviamente não liguei para um táxi qualquer. Afinal, a filha de Adrian Van Galagher não podia ser vista, descalça e suja de lama, por aí. Minha reputação, e com ela a reputação das nossas empresas, dependia disso.

Liguei para o seguro, solicitei a troca do pneu e um serviço de transporte para mim, até o local em que o carro estava estacionado. Quando cheguei lá, o mecânico já estava à minha espera.

Procurei em vão a sandália novinha que eu havia perdido no meio do lamaçal. Provavelmente, alguém que havia passado por lá antes de mim a tinha encontrado.

Pouco depois de uma hora, entrei pela garagem do meu apartamento e subi pelo elevador privativo da cobertura. Com sorte, eu chegaria quase sem atraso e mamãe não me faria perguntas.

Ledo engano.

Assim que abri a porta do apartamento, dei de cara com minha mãe e Lilian, sentadas em meu sofá, conversando calmamente.

Maldita a hora em que decidi dar uma chave de casa a minha mãe!

Parei junto à entrada, sem saber bem o que dizer ou fazer, já que tudo em mim denunciava que a noite não tinha sido nada trivial.

Mamãe deixou a revista que folheava sobre a mesinha e correu os olhos por mim, sem dizer nada. Eu podia não ser mais uma menina, mas odiava ser pega de calças-curtas. Sentia-me como uma adolescente pulando a janela de casa para namorar. E, para completar minha desgraça, Lilian fez o mesmo.

— Mamãe! — Sorri amarelo. — Que surpresa!

Minha mãe sorriu de volta, olhos astutos presos nos meus.

— Finalmente você teve uma bela noite de sexo, Hanna! Já estava ficando preocupada.

Lilian riu abafando a risada com a mão.

— Mamãe! — adverti envergonhada.

— O que foi? O que mais a faria voltar descabelada, suja e atrasada para casa?

— Eu poderia ter sido assaltada, sei lá! — entrei no jogo dela. — Poderia ter furado um pneu do carro ou ter ficado sem gasolina, tantas coisas, mamãe!

— Não com esse sorriso no rosto — disse sustentando meu olhar, e então acabamos caindo na gargalhada, as três.

— Não sei quem é o felizardo, mas ele está de parabéns! — Lilian emendou, fazendo-me corar.

Minha sogra era dez anos mais velha que mamãe, mas, apesar da idade e da doença, não se deixava abater. Era uma mulher ativa e tentava sempre se reerguer, mesmo depois da morte do

filho.

— Vamos, Hanna! Tome um banho e se arrume, que esperamos por você.

Como era de se esperar, fiquei sentada à mesa, perdida em pensamentos durante todo o chá. Primeiro porque eu odiava esse tipo de evento; segundo porque eu estava cansada e tinha dormido bem pouco e, terceiro, mas não menos importante, porque Pedro Santana insistia em não sair da minha cabeça.

Tinha sido uma transa excelente. daquelas de deixar o corpo mole e a respiração ofegante, mas não era isso que me fazia pensar nele.

Enquanto estava sentada na varanda, vendo o movimento das águas do canal, pensei em como ele era diferente de mim. Em como a vida dele era livre; balançando segundo sua vontade, como aquela casa-barco ancorada no canal.

Pensei em como ele era diferente de Robert.

Robert Dresner sempre fora o filho ideal. O namorado ideal. O estudante ideal. O médico ideal. Todos queriam ficar perto dele. Tinha as melhores amizades e frequentava os melhores lugares. Ia à igreja aos domingos e fazia caridade regularmente.

Era o homem perfeito. O príncipe que eu havia encontrado e escolhido para viver o conto de fadas com o qual tanto sonhara.

Eu nunca tinha sido livre como Pedro Santana era. Pelo menos, não depois de começar a namorar o futuro Dr. Dresner.

Eu tinha uma reputação a zelar. Tinha que ser a esposa perfeita para o homem perfeito. Apreendi a cozinhar, a cuidar da casa e a comandar os empregados. Fiz aula de pintura e me aperfeiçoei em montaria, que era o esporte preferido do meu noivo.

Fui acusada, mais de uma vez, por meus irmãos de ter deixado minha essência morrer. John

PERIGOSAS ACHERON

e Collin não gostavam de Robert. Nunca foram amigos, e isso era uma das minhas maiores frustrações antes do casamento.

Eu sabia bem pouco de Pedro Santana, mas podia apostar que ele e meus irmãos seriam amigos logo de cara! — Sorri diante do pensamento.

Ele não era para mim, e isso era fato. Uma transa legal, bom papo. Carinhoso e cavalheiro, mas era só isso. Tinha que ser.

Então por que diabos eu não conseguia parar de pensar nele?

— Eu não daria nem uma moeda por seus pensamentos, sei exatamente onde eles estão!

Assustei-me com a voz da minha mãe, que se sentou ao meu lado.

— Você não tem jeito, mãe!

— Vai me contar quem é?

Respirei fundo.

— Quer que eu seja sincera?

— Sempre, querida! — Cobriu minha mão com a sua.

Laura podia não ser minha mãe biológica, mas, desde o momento em que me aceitara como filha, desempenhava o papel com maestria. Conhecia mais de mim do que eu mesma, às vezes.

— Não sei quem ele é, mãe! — Sorri sem jeito. — Eu o conheci em uma festa, ontem à noite. Ele me ajudou a me livrar do Thomas. — Mamãe me ouvia atentamente. — Depois meu pneu furou e... Ah, é uma longa história. Terminamos na cama e fim.

— E fim? Só isso?

— Digamos que nós dois não temos muitas coisas em comum fora da cama.

Ela riu alto. A risada gostosa que não era muito ouvida nas rodas de conversa pela Europa e que eu amava tanto.

— E você acha mesmo que eu e o seu pai

temos algo em comum?

— É diferente, mãe! — respondi também rindo.

— Dê uma chance à vida, Hanna. Já faz muito tempo. Robert gostaria disso.

Acariciou meu rosto e beijou minha testa. Enquanto nos abraçávamos, Lilian voltou para a mesa; olhos assustados, contendo o choro que insistia em ganhar força.

— Aconteceu algo? — perguntei preocupada.

— Philip — respondeu enquanto as lágrimas desciam mais e mais rápido. — O carro derrapou em uma curva. Oh, meu Deus, Hanna! — Lançou-se em meus braços chorando feito criança, e eu não sabia o que dizer. Eu me lembrava muito bem desse desespero. Era o mesmo que eu havia sentido anos atrás.

Harold nos levou para a casa dos Dresners e

papai nos encontrou lá, depois de resolver os primeiros trâmites.

Meu sogro perdera o controle da direção, batendo de frente com outro veículo. Chegara sem vida ao hospital, ainda que tenha sido atendido rapidamente.

Os policiais que o atenderam suspeitavam de falha mecânica.

Ajudei papai a cuidar de tudo para a cerimônia e o enterro. Lilian não tinha outros filhos e quase ninguém da família com quem pudesse contar, mas ela tinha a mim. Eu jamais a deixaria sozinha.

Liguei para Thomas e avisei sobre o que tinha acontecido. Pedi a ele que cuidasse de tudo na empresa por mim e expliquei que só voltaria a trabalhar na quarta-feira. Por mais que a última noite não tivesse saído como ele tinha planejado, eu sabia que poderia contar com meu amigo, e estava

certa.

Passei a noite com Lilian. Não queria deixá-la sozinha. Sabia bem como era difícil perder a pessoa amada, ainda mais depois de uma vida toda juntos.

Quando a noite caiu, comemos um pouco de sopa e ela foi descansar no quarto. Peguei um copo de uísque e me sentei perto da janela. Era uma noite fria, diferente do que se via no verão holandês. Uma garoa fina caía pelo jardim florido da mansão dos Dresners.

Depois de um tempo, ela veio sentar-se junto a mim.

— Este era o lugar preferido de Robert. — Correu a mão pelo couro gasto da poltrona. — Philip me disse muitas vezes que eu deveria me desfazer desta poltrona, mas como posso fazer isso, Hanna? Já sobrou tão pouco do meu filho. — Olhos perdidos na escuridão além das luzes do jardim. —

PERIGOSAS ACHERON

Sobrou tão pouco de todos que amei. Tudo que tenho são minhas lembranças e a esperança de que essa doença, enfim, me leve para junto deles.

Lilian lutava contra um câncer no intestino já havia algum tempo.

— Não diga isso! Você é uma mulher tão cheia de vida. Tem lutado contra essa maldita doença há tanto tempo, Lilian. Sei que tudo parece ter desmoronado, mas vamos nos reerguer mais uma vez.

Ela me abraçou.

— Sinto tanto que você e Robert não tenham tido tempo de ter um bebê. Seria tão bom ter a alegria de uma criança aqui pela casa — confessou com o rosto enterrado em meus cabelos.

Respirei fundo, concordando com a cabeça. Lágrimas deixavam meus olhos sem que eu as pudesse controlar.

Eu sempre quis ter filhos, mas Robert dizia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que era cedo demais. Pouco antes do acidente, tivemos uma briga exatamente por isso. Eu queria deixar de me prevenir para engravidar logo. Não me importava de casar barriguda. Estava ao lado do homem a que amava, eu o havia escolhido para pai dos meus filhos, nenhuma censura diminuiria minha felicidade, mas ele não quis.

Dizia que era cedo demais para ser pai. Que queria se especializar mais, que eu ainda era jovem e imatura. Preocupava-se com o que os outros pensariam. Como poderíamos cometer tal gafe estando na posição em que estávamos? Como ele iria chefiar o Saint Peter se tivesse qualquer pequena mácula em sua trajetória dourada?

Talvez ele tivesse razão. Talvez tenha sido melhor assim. Eu já não pensava mais em ser mãe. Não pensava nem mesmo em me casar. Todos esses sonhos haviam caído no canal naquela noite, junto de Robert.

PERIGOSAS ACHERON

— Sinto tanto a falta dele, Hanna! — a voz abafada em choro de Lilian me trouxe de volta à realidade.

— Também sinto. — Suspirei.

Fazia tanto tempo.

Tanta coisa havia acontecido. Tanta vida eu vira depois disso. Tantas decisões, erros e acertos.

Eu já tinha aprendido a viver sem Robert. Havia me tornado uma mulher muito diferente da menina que ele havia deixado no altar, mas ainda sentia falta dele. Da segurança que ele me proporcionava. Da solidez do nosso relacionamento. De não ter que pensar em tudo.

Demorei tanto a dormir que mal havia fechado os olhos e o despertador me fez abri-los novamente.

Tomei um banho e vesti o mesmo vestido preto que havia usado no enterro de Robert. Desejava nunca mais o usar, mas não fui capaz de

PERIGOSAS ACHERON

me desfazer dele. Era uma lembrança dolorosa, mas ainda não era uma página virada em minha história.

Desci as escadas segurando meus óculos de sol. Foi impossível esconder os círculos escuros debaixo dos olhos. Eu estava triste e cansada. Não tinha por que fingir que não.

O motorista de Lilian nos levou até a igreja. A mesma em que havíamos nos despedido de Robert.

Entrei mais uma vez pelas portas duplas, pensando em como tudo em minha vida tinha sido diferente do que eu planejava.

Por mais bobo que fosse, enquanto eu caminhava de braços dados com Lilian até o caixão, desejei ser amparada por alguém. Queria um abraço apertado e votos de que tudo ficaria bem. Queria ser cuidada.

Respirei fundo e pensei na noite anterior.

PERIGOSAS NACIONAIS

Em como Pedro tinha compreendido rápido que eu precisava dele na festa e em como tinha sido o príncipe encantado mais perfeito e improvável que eu poderia querer.

PERIGOSAS ACHERON

Pedro

Sentei no chão do deque e tirei a prótese por um tempo.

Tinha dormido com ela por medo de deixar que Hanna visse minha deficiência. Era idiota, e eu sabia bem, mas provavelmente nem a veria de novo, então não me importei.

Não queria estragar nossa noite perfeita contando que era aleijado.

Fiquei sentado lá, aluado, pensando nela, com Binho ao meu lado... o café esfriando na caneca sobre o deque. O perfume dela ainda estava em mim, em minha cama, por toda parte.

— Hora de voltar à vida real, companheiro!
— Cocei as penas do marreco, que não parecia preocupado com nada além de sua limpeza diária.

Bebi o café em uma golada só e calcei a
PERIGOSAS ACHERON

prótese de volta.

Eu já estava habituado a usá-la. Era uma bela prótese. Última geração. Tinha sido presente dos colegas de empresa. Uma transtibial de aço carbono, que me permitia fazer praticamente tudo que eu fazia com a minha antiga perna.

Não posso reclamar de como as coisas foram feitas após o meu acidente. Todos os cuidados necessários foram tomados para que eu pudesse ter uma vida o mais próxima do normal possível, mas nada disso tinha sido suficiente para que eu seguisse com os planos antigos. Eu não era mais o mesmo. O gosto amargo da morte ainda estava em minha boca.

Eu não queria mais as mesmas coisas de antes. Não queria mais viver de aparências. Não me satisfazia em ser apenas mais um boi no rebanho.

Vesti um jeans e uma camiseta preta. Calcei as botas de couro, uma jaqueta jeans e saí pela

PERIGOSAS ACHERON

porta, com a mochila nas costas.

A oficina era simples.

Ficava em um bairro de trabalhadores, atrás da Estação Central. Uma garagem alugada, que, devagar, foi transformando meu grande sonho em realidade. O engenheiro mecânico promissor agora consertava e reformava velhas motocicletas na capital mais liberal da Europa.

Parei a moto e abri a porta de metal. Uma Ducati branca, que graças a mim não era mais um monte de cacarecos enferrujados, me esperava lá dentro.

Passei o dia todo com a mão na graxa, trabalhando sem parar. Precisava ocupar a cabeça. Estava agoniado, estranho, não sabia bem definir. Pensei na menina de ontem muito mais do que costumava pensar em qualquer mulher que fosse.

— Nada de se envolver com as estrangeiras, Pedro! Não seja brôco! Deu para ser arengueiro

PERIGOSAS ACHERON

depois de velho? — reclamei comigo mesmo.

Não tinha por que perder tempo me lembrando de algo que não era meu. Era burrice, mas, mesmo assim, eu não conseguia controlar.

Quando a tarde caiu, a ideia era voltar diretamente para casa e tomar algumas cervejas com o dono do bar que ficava em frente ao canal em que eu morava, mas, como homem é bicho besta por causa de rabo de saia, acabei em Roterdã.

Eu não ia muito para lá, mas encontrei facinho o caminho que queria seguir.

Passei devagar pela rua. Sabia que não a encontraria, mas a desgraça do coração arrastou o resto do corpo para lá.

O lamaceiro onde o carro tinha ficado ainda estava lá. A garoa fina, que caía e parava durante todo o dia, tinha contribuído para que o barro não secasse.

Passei devagar com a moto, flashes da noite

anterior passando como filme na minha cabeça, até eu virar a esquina.

Tinha começado a acelerar, quando vi algo brilhante refletir-se no meu espelho retrovisor. Parei e desci para ver melhor o que era.

Um par de sandálias de grife. Deixados para trás pela minha Cinderela, no calor do desejo.

Coloquei dentro da mochila e segui de volta para casa.

Tomei um banho, deitei na rede e comecei a pesquisar no celular o nome dela.

Hanna... Hanna Van Qualquer Coisa que eu não conseguia lembrar. Não tinha o costume de me apegar a sobrenomes. A maioria deles eu nem conseguia pronunciar direito mesmo, nunca fazia diferença.

Ah, peste! — xinguei.

Digitei “Hanna Van” no mecanismo de busca, esperançoso de que não fosse uma ideia

PERIGOSAS ACHERON

besta demais. E foi então que ela apareceu, linda, na tela do meu celular.

Hanna Van Gallagher, diretora de uma das maiores companhias da Holanda, que levava seu sobrenome.

As fotos mostravam a mesma garota impetuosa e cheia de marra que eu tinha encontrado na boate. Sempre bem-vestida. Cabelos bem-penteados e a mesma boca gostosa e perfeita que eu havia provado e que queria novamente.

O riquinho da boate, aquele de quem ela tinha fugido, aparecia com ela na maioria das fotos diurnas. Talvez fosse colega de trabalho ou algo assim, mas não me importava muito. Eu já sabia o suficiente sobre ele.

Uma foto recente de um site de fofocas tinha uma foto dela, vestida de preto, saindo de um funeral, e a legenda dizia “Mais uma Tragédia para a Conta da Viúva Negra”. Senti os pelos dos braços

arrepiarem. Ela parecia tão doce. Tão cheia de vida. Que desgraça seria essa?

Digitei “tragédia” e o nome dela.

Várias e várias notícias da morte accidental de um jovem médico. Robert Dresner, então noivo de Hanna.

Tragédias não me espantavam mais. Eu era a prova viva de que elas acontecem com qualquer um, em qualquer momento, mas o rosto dela, na única foto sem óculos escuros que encontrei, agonizou demais meu coração.

“Sonhos Desfeitos no Reino da Holanda”, um jornal belga noticiava.

Uma montagem, ela ao lado do noivo, sorrindo; e depois ela debruçada sobre um caixão fechado, amparada pelo pai.

Todos lamentavam a morte do jovem médico, mas eu só conseguia pensar em como aquela garota pequena e delicada era forte. Muito

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mais forte do que eu. Ela tinha enfrentado tudo, na tora. O luto, os jornalistas, os mexeriqueiros... Tinha ficado ali, na mesma cidade, encontrando as mesmas pessoas e lidando com a pena estampada nos olhos dela, e isso era só a parte boa. Ainda havia a desgraça dos dichotes. Viúva Negra para mim era o pior deles. Não era justo com ela e tudo o que ela havia enfrentado.

A tragédia atual era a morte do sogro. Pelo que entendi, ele tinha sofrido um acidente de carro fatal, assim como o filho, por isso a piada com ela.

Queria ter sido menos orgulhoso e ter pedido o telefone dela. Queria poder mandar, ao menos, uma mensagem. Dizer que eu me importava, que estaria ali caso ela precisasse.

Queria mesmo era abraçá-la. Apertar aquela menina contra meu corpo. Mostrar que, se ela precisasse de colo, teria o meu o tempo que quisesse.

PERIGOSAS ACHERON

“Largue de besteira, Pedro, claro que ela tem a quem pedir colo!”, pensei. “O tal Collin, provavelmente.”

Levantei da rede e entrei. A chuva havia apertado e o frio tinha vindo com tudo. Nada típico do verão, aliás.

Preparei um sanduíche, uma caneca de café quente e me sentei na cama para assistir a um pouco de televisão. O jornal local tinha feito uma matéria sobre o tal morto do acidente. Era um juiz conhecido. Eu me lembrei do nome dele, de uma conversa com meu amigo investigador. Segundo ele, o tal Juiz favorecia quem tinha mais dinheiro para ajudar as “causas” dele.

Não posso dizer que ele teve o que mereceu, nunca fui o tipo de pessoa que comemora a morte de alguém, mas também não podia dizer que lamentava por ele. Se há uma coisa que aprendi, é que a gente colhe aquilo que planta. Eu sentia pena

da esposa do morto e sentia pena de Hanna. Aquele que morre não sofre mais. Quem sofre é quem fica. Quem tem que lidar com a merda toda que ficou espalhada por aqui, depois do enterro.

A cerimônia fúnebre seria na catedral, na manhã seguinte.

“Não seja besta de ir até lá, Pedro!”, pensei, mas já sabia a resposta.

Consegui dormir quando já passava da meia-noite. Hanna ainda estava na minha cabeça quando acordei.

Decidi parar de pensar com a razão no momento em que saí do banho. Vesti uma calça escura e uma camisa preta. Coloquei uma jaqueta de couro por cima. Fechei as botas e guardei as sandálias, agora limpas, dentro da mochila. Subi na moto e desci a viseira do capacete.

A garoa fina ainda caía quando segui em direção ao Centro, o coração acelerado, eu parecia

PERIGOSAS ACHERON

menino de novo.

A igreja estava cheia, parecia dia de missa, a rua lotada de carros de luxo. Nenhum rosto conhecido pelo gramado.

O sino tocou anunciando o fim da celebração e fiquei parado ali na frente. Em cima da moto, esperava uma oportunidade, por mais boba que fosse, para falar com ela. Talvez nem conseguisse, ou talvez ela nem ligasse para mim, mas eu queria que soubesse que eu estava lá.

E foi então que a vi. Linda, embora a tristeza fosse visível, mesmo com os olhos escondidos detrás dos óculos escuros. Vinha caminhando sozinha, descendo os degraus da igreja, sem se dar conta de que eu estava tão perto.

Desliguei a moto e ia descer, quando um homem se aproximou. Ergueu o braço e a colocou debaixo dele, aconchegada a seu peito. Ela o abraçou com tanto chamego que eu travei no chão,

PERIGOSAS NACIONAIS

como se meus pés fossem de concreto.

Beijou a testa da minha menina e seguiu com ela até um dos carros de luxo estacionados junto ao meio-fio. A menina não era minha, enfim.

Ninguém me notou, e essa foi a melhor coisa que aconteceu para nós dois. Subi na moto e segui na direção contrária o mais rápido que pude.

Naquele conto de fadas, a Cinderela não pegaria o sapatinho de volta.



PERIGOSAS ACHERON

Hanna

Fiquei parada ali, na frente do caixão de Philip, remoendo todas as lembranças adormecidas em minha alma.

Lilian chorava em silêncio, conversando com o marido como se ele ainda estivesse ali, as mãos acariciando a pele fria dele.

Sem que eu percebesse, braços fortes me ampararam. Um perfume conhecido espalhando-se no ar.

Ele não disse nada, beijou meu rosto e ficou ali comigo, acariciando meu cabelo com o carinho que sempre teve guardado para mim.

Collin não era mais um menino. Apesar dos poucos anos de diferença que tínhamos um do outro, ele era muito mais alto que eu. Tinha puxado o pai nesse quesito.

Cabelos compridos na altura do queixo,

barba igualmente comprida. Óculos escuros que o deixavam ainda mais sisudo do que ele tentava parecer para os outros, somente para os outros; para mim ainda era o mesmo irmão caçula medroso, que pedia para dormir no meu quarto durante as noites de tempestade.

A surdez o havia endurecido bastante. Não era um homem de muitas palavras, mas a gentileza e o carinho que tinha comigo e com a nossa família sempre existiriam.

Era bom tê-lo comigo. Collin sempre foi meu melhor amigo. Sempre ao meu lado em todos os momentos, bons e ruins, que vivi até hoje.

Quando papai adoeceu, foi nos braços dele que chorei escondida, mostrando à mamãe que eu era forte. Se contasse todas as voltas que demos de um lado a outro daquele corredor de hospital, teríamos dado a volta ao mundo facilmente.

Eu queria que ele tivesse assumido os

PERIGOSAS ACHERON

negócios no meu lugar. Conversamos diversas vezes sobre isso, mas meu irmão não era um homem de negócios. Sua sensibilidade e sentidos aguçados precisavam de mais do que uma mesa de escritório e uma sala de reuniões.

— É bom ver você por aqui! — eu disse aconchegando meu rosto em seu terno escuro, bem-cortado.

— É bom estar de volta! — confessou com um sorriso de lado que também havia herdado do pai.

— Como assim “de volta”? — questionei alargando seu sorriso.

— É uma longa história, irmãzinha... Uma longa história, que terei prazer em dividir com você mais tarde.

Sorri de volta. Fosse o que fosse, se o tinha trazido de volta, eu iria gostar.

Papai havia organizado uma bela
PERIGOSAS ACHERON

homenagem a Philip. Digna do homem que ele era. Mamãe chegou um pouco depois de Collin, acompanhada de Aurora e Lucian.

Eu me sentei entre Lilian e Collin, para ouvir o celebrante. Não conseguia ficar forte. As lágrimas eram mais rápidas que minha capacidade de as conter.

Eu odiava funerais.

Claro que ninguém, em sã consciência, gostava deles, mas para mim era muito pior. Funerais me faziam reviver tudo de que eu sentia saudade, o que lamentava não ter vivido. Todos os sonhos roubados.

Lilian não conseguia falar. Pediu ao meu pai que agradecesse a presença de todos em nome dela. Papai também não gostava de funerais. Assim como eu, tinha sua cota de sonhos desfeitos por eles. A gente segue em frente, cria uma nova história, mas as marcas estão sempre ali,

PERIGOSAS ACHERON

lembrando-nos a todo momento do quanto a vida é frágil.

O sino tocou e eu desci os degraus, pensamento longe, alheia ao que acontecia. Estava em “piloto automático”, até que Collin me amparou mais uma vez.

Era quase hora do almoço quando deixamos o cemitério. Mamãe havia preparado um almoço na mansão para as pessoas mais próximas, e seguimos diretamente para lá.

Tirei os sapatos e me sentei no deque, molhando os pés na água fria do canal que cortava nossa propriedade. A garoa fina da manhã havia dado lugar a um sol tímido e confortável.

Fechei os olhos e deixei o pensamento ir. Por mais que tentasse manter o foco, o sorriso convencido de Pedro Santana tomava conta de tudo e me fazia sorrir.

Queria vê-lo novamente. Queria a leveza e a

PERIGOSAS ACHERON

simplicidade que habitavam os olhos dele. Queria o calor daqueles braços fortes. O toque gentil das mãos ásperas.

Onde será que ele está? Fazendo o quê? Respirei fundo.

— Sabe de uma coisa, meu amor... — mamãe disse calma, sentando-se ao meu lado —, eu acabei de ver um suspiro parecido, na saída da igreja.

Virei-me para encará-la.

— Um jovem na casa dos trinta. Moreno, alto, bonito, cara de *bad boy*... Jaqueta de couro, jeans desgastados, uma bela boca carnuda e uma Harley parecida com aquela que John tinha.

Meu coração acelerou.

— Por acaso você não sabe de quem se trata, não é? Quer dizer, ele estava lá na frente da igreja, mas não parecia o tipo de amigo que Phil mantinha. — Sorriu sarcástica. — Estranho, não é?

Fiquei encarando mamãe por alguns segundos; era a pessoa mais observadora que eu conhecia. Dizia que eram dotes maternos. Estreitei os olhos confusa.

Será? Será que era mesmo ele?

Eu não conhecia mais ninguém que tivesse uma velha Harley como aquela.

— Achei que ele iria falar com você. Estava encarando você fixamente, mas seu irmão apareceu, e o rapaz soltou um suspiro igual a esse seu aí. — Deu de ombros como se não fosse nada de mais. — Acho que ele não entendeu que Collin era seu irmão. Vocês não são muito parecidos.

Continuei em silêncio, sem saber o que pensar nem o que dizer. Um milhão de pensamentos passando em minha cabeça.

— Caso exista possibilidade de o motoqueiro bonitão ser o mesmo sortudo do seu encontro secreto, sugiro que o procure, Hanna, só

PERIGOSAS ACHERON

para esclarecer, sabe? O pobre coitado pareceu bem decepcionado ao ver os braços de Collin em volta de você!

Levantou-se e seguiu para dentro de casa calmamente. Essa era a minha mãe! Sutil e certa, sempre.

Eu não tinha prestado atenção a nada; tão mergulhada no passado que não tinha sido capaz de perceber o que acontecia a minha volta.

Mesmo que seja ele, pensei, o que isso muda? Eu ainda não quero um novo encontro. Não estou disponível para um relacionamento, certo? Certo!

Voltei para dentro da casa, seria mais difícil pensar em bobagens com tanta gente a minha volta.

Lilian tinha pedido ao motorista que a levasse embora. Queria ter um momento sozinha. Eu iria ficar com ela pelos próximos dias. Ajudá-la a reorganizar as coisas, já que tudo tinha sido tão

repentino, mas, por ora, um pouco de solidão e sossego era tudo de que ela precisava e o que não teria na mansão dos Galaghers.

— O que acha de se trocar e darmos uma volta? — Collin perguntou. — Quero que você veja um lugar comigo.

Concordei com a cabeça e segui para o meu antigo quarto. Mesmo que eu já estivesse fora de casa havia alguns anos, meu espaço lá continuava intacto. Mamãe dizia que era para eu não esquecer que ali também era minha casa.

Vesti um jeans velho e desbotado, uma blusinha de seda, de alças finas, azul-marinho, que fazia meus olhos parecerem mais claros do que eram. Prendi o cabelo em um rabo de cavalo alto e calcei um par de sapatilhas para combinar.

Collin já tinha tirado o terno também. Camiseta branca e jeans escuros. Cabelos presos em um coque desarrumado, escondendo o aparelho

de surdez. Pegou os óculos escuros e a chave do Volvo preto, que usava quando vinha nos visitar na Europa.

— Você está bonito, irmãozinho! Seu belo sotaque europeu deve fazer muito sucesso com as americanas — brinquei.

Collin sorriu e ajustou os óculos no rosto. Ele era como eu. Nada de segundos encontros para os filhos do Leão. Nós já tínhamos emoções demais para querermos um pouco mais.

Dirigimos até Amsterdã, flashes da noite anterior passando em minha mente como um filme. Eu não podia negar que amava a Velha Senhora, mas precisava me manter fora dela, pelo menos até que a lembrança de Pedro Santana não fosse mais tão viva em minha memória.

Seguimos até Oud Zuid e meu irmão estacionou na Hoofstraat.

Era um dos bairros mais caros da cidade. Os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

antigos casarões estavam dando lugar a bares e restaurantes da moda. Um endereço de fazer inveja a qualquer um.

Descemos do carro, em frente a um velho casarão tradicional, em estilo holandês. Era imponente e elegante, com seus tijolinhos vermelhos e suas muitas janelas envidraçadas. Pedia uma bela reforma, mas pedia cheio de classe.

— O que acha? — meu irmão perguntou.

— O que acho do quê? — perguntei sem entender muito o que ele queria.

— Do meu novo endereço! — Sorriu de canto, baixando um pouco os óculos para me encarar com seus olhos verdes profundos e expressivos.

— Jura?! — Arregalei os olhos sorrindo sem parar.

— Estava com saudades de casa, Hanna. Chegou a hora de voltar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Collin estava fora da Holanda desde a faculdade de gastronomia. Tinha rodado boa parte do mundo estudando e deixara os pais desesperados por suas escolhas. Finalmente havia fixado residência em Miami e estava colecionando fã's, além de estrelas Michelin; não fazia muito sentido que estivesse de volta logo agora.

— Collin... — comecei sem saber se queria continuar, e nem precisei.

— Eu estou bem, Hanna. — Segurou minhas mãos junto às suas.

— Tem certeza? Não minta para mim!

— Eu não mentiria. Juro. Só quero passar um tempo com a minha família. Estou cansado de andar por aí sem rumo.

— Mamãe deve estar radiante! Ela já sabe da novidade?

— Ninguém lá em casa sabe ainda. Só contei a você e ao Trevor. Quer entrar?

PERIGOSAS ACHERON

Assenti com a cabeça, sorrindo para ele. Era a melhor notícia que eu poderia ter recebido depois de um dia como o que tive.

Capítulo 6

Hanna

Voltei para a casa dos Dresners pouco depois das oito da noite.

Tinha levado algumas roupas e itens de higiene pessoal, além do meu notebook e de documentos que eu precisava revisar. Mesmo longe da empresa, eu não podia me dar ao luxo de não trabalhar.

— Lilian? — chamei assim que entrei na sala.

— Estou no escritório, querida. Venha até aqui.

A mesa de Philip estava repleta de papéis. Minha sogra, sentada na poltrona de couro, olhar cansado sobre a montanha de folhas brancas em cima da madeira escura.

— Eu não levo jeito para essas coisas! — confessou. — Tento entender, mas não consigo. Não sei o que será de mim agora, sem o Phil. Não sei nem quanto gasto de energia elétrica! Não faço a menor ideia de nada aqui.

— E é exatamente por isso que eu estou aqui! — Sorri. — Vou ajudá-la com tudo isso e, acredite, é mais fácil do que parece! — encorajei. — Mas, se achar que não é uma boa ideia, podemos contratar um administrador para você. Não se preocupe com nada, Lilian. Você nem deveria estar preocupada com isso tudo agora.

Pedi comida chinesa e consegui que ela, antes de tomar o comprimido que o médico havia prescrito e adormecer, comesse um pouco.

Depois que fiquei sozinha, tomei um banho e vesti meu pijama de flanela confortável. Desci as escadas e entrei no escritório. Eu estava sem sono e queria evitar que minha mente acabasse parando

PERIGOSAS ACHERON

em certo lugar de Amsterdã, que eu pretendia esquecer.

Philip era um homem organizado. Apesar do desespero de Lilian, não seria difícil assumir o comando da casa e dos negócios dele. Sua maior fonte de renda era a aposentadoria de juiz e algumas propriedades, que rendiam uma bela fortuna em aluguéis, nada mais.

Abri o notebook e entrei com a senha que ele mesmo havia me passado para uma eventualidade. No meio dos documentos, um título me chamou a atenção. Ele dizia: Para Hanna.

Querida Hanna,

Se você está lendo este documento, é porque eu finalmente pude me encontrar com nosso amado Rob.

Cuide de Lilian por mim e saiba que sinto muito por deixar mais essa responsabilidade em suas costas, mas você sabe que eu não confiaria o

grande amor da minha vida a mais ninguém.

Se precisar de ajuda com a papelada, embora eu saiba que você é uma exímia administradora, chame o Carl. Ele sempre cuidou de toda a parte chata para mim, pode continuar cuidando de tudo por você.

Hanna, eu sempre fui um homem correto e é por isso que peço que confie em mim agora. Sei que irão surgir muitos questionamentos, mas eu conto com sua compreensão e com o seu amor.

Existe uma conta, em nome de Isabella Dornel. Você irá perceber que tenho depositado para ela uma soma em dinheiro nos últimos meses, e preciso que isso continue acontecendo. Talvez você não compreenda agora, mas um dia sei que compreenderá.

Não conte nada a Lilian. Ao menos não antes que os exames comprovem tudo.

Com todo o carinho e admiração que
PERIGOSAS ACHERON

sempre tive por você.

Philip August Dresner

Tirei os óculos e esfreguei os olhos. Nada fazia sentido.

Exames? Que tipo de exames? Paternidade? Será que Philip tinha tido um caso?

Eu não conseguia responder nenhuma das minhas perguntas, mas não conseguia acreditar que o homem que eu julgava conhecer tão bem tivesse um caso bem debaixo do nariz de toda a Holanda!

Pensei... Pensei... E pensei... Fritei na cama como um filé na manteiga, sem conseguir dormir. Eu precisava saber quem era Isabella Dornel!

Peguei o telefone no bolso e mandei uma mensagem para Babeth, detetive particular que sempre descobria para mim tudo que eu precisava saber. Se havia alguém que poderia descobrir quem era a tal Isabella, era ela.

Tudo que eu tinha era uma história sem pé

nem cabeça e um nome, nada mais, porém eu confiava que minha melhor informante saberia como descobrir mais.

Acabei apagando de cansaço.

Acordei na manhã seguinte, com o telefone tocando. Atendi no susto, sem nem prestar atenção em quem estava do outro lado da linha.

— Hanna! Você está me ouvindo? — o sotaque francês da detetive me fez despertar completamente.

— Estou! Estou, sim! Tem algo para mim?

— Morena, pele clara... Parece bem bonita a nossa jovem... Estou olhando para uma foto dela agora. Vou enviar para você.

Coloquei no viva-voz e abri a mensagem para encarar a fotografia da tal Isabella.

Era jovem demais para Philip. Um pouco mais velha do que eu, talvez, mas, ainda assim, tinha idade para ser filha dele. Cabelos compridos,

PERIGOSAS ACHERON

na altura dos ombros, levemente ondulados. Olhos amendoados e pele clara, cheia de sardas. Era uma mulher bonita.

— E o que mais você descobriu?

— Digamos que seu sogro tem bom gosto, mas um péssimo julgamento para um juiz! — brincou. — A moça era enfermeira no Saint Peter, mas parece que trocou alguns exames e acabou sendo demitida sem nenhum direito. O último registro de emprego que teve foi como garçoneiro. Trabalhava em uma lanchonete em Zandvoort. Ao que parece, ultimamente tem vivido do dinheiro do seu sogro. Ela tem um filho pequeno. Talvez seja esse o motivo. Extorsão, minha cara, extorsão! Por isso seu sogro pediu que você esperasse o resultado do exame.

Desliguei o telefone, estupefata. Não sabia o que pensar, nem como agir.

Philip tinha um caso! Um caso! Meu Deus,
PERIGOSAS ACHERON

Lilian iria morrer quando soubesse!

Pisquei algumas vezes, encarando meu reflexo no espelho do banheiro, enquanto escovava os cabelos. Eu mal podia crer. Philip tinha um caso! Não era possível! Ele não era o tipo de homem que se envolve com uma garçonete! Sequer era o tipo de homem que olha acima do crachá de qualquer funcionário ou prestador de serviço! Ele nem sabia o nome dos empregados da própria casa.

A tal Isabella devia ser mesmo uma caçadotes. Só podia ser isso! Uma dessas oportunistas prontas a dar o bote em ricos velhos e entediados! Ah, mas ela não iria se dar bem à custa de Lilian, não! Isso eu iria garantir!

Meu Deus do Céu, papai não vai acreditar quando eu contar!

Antes de qualquer coisa, eu precisava ver a tal vagabunda com meus próprios olhos! Precisava olhar bem no fundo dos olhos dela e deixar claro

que, se ela achava que iria se dar bem em cima da fortuna do meu sogro, estava enganada.

Vesti uma saia preta, justa, na altura dos joelhos, e uma blusa de seda rosa-clara. Calcei meus Manolos Blahnik pretos e escovei os cabelos, deixando-os soltos. Peguei a bolsa e os óculos escuros, então disse a Lilian que precisava tratar de negócios.

Segui diretamente para um subúrbio de Haia, último endereço que Babeth tinha conseguido da talzinha.

Estacionei meu conversível junto ao meio-fio de uma velha mansão que havia sido transformada e agora comportava pequenos apartamentos populares.

O sobrenome da mulher estava na placa do interfone, ao lado do número trinta e três.

Chamou, chamou, sem sucesso algum. A destruidora de lares devia ter saído para dar um

PERIGOSAS ACHERON

passeio.

Esperiei por uns dez minutos, até que alguém saiu do prédio.

— Com licença, bom dia! — Sorri. — Eu vim visitar uma amiga, Isabella, mas acho que ela não está em casa. Você poderia me dizer se ela está no trabalho ou algo assim? Faz tempo que não nos encontramos... — menti. — Vim de surpresa... Queria muito vê-la.

— Isabella está fora há um tempo. Se quiser, posso lhe dar o endereço. Não sei se você conseguiria visitá-la, mas pode tentar — a velha senhora me disse.

— Claro! Por favor!

Anotei o endereço e agradei.

Dirigi diretamente para o local, mas não era o tipo de lugar que eu esperava encontrar.

Era uma casa de saúde anexa a um convento beneditino. A placa dizia que eram especialistas em PERIGOSAS ACHERON

doenças pulmonares.

Encontrei uma freira na recepção.

— Eu gostaria de ver Isabella Dornel. Soube que ela está internada neste lugar.

A religiosa sorriu discretamente.

— Claro! Ela ficará feliz em receber uma visita. Está sozinha há tanto tempo. Não quer nem ver o menino mais... Quem sabe você a anime.

Acompanhei a mulher pelo corredor, até o penúltimo quarto. Deitada na cama, usando um vestido largo e claro como uma camisola, de mangas compridas, a moça nem de longe se parecia com a mulher da fotografia que Babeth havia me mandado.

Isabella parecia uns dez quilos mais magra e uns dez anos mais velha que na fotografia, círculos escuros debaixo dos belos olhos azuis. Cabelos curtos e despenteados; ela os arrumou com os dedos, sem jeito.

— Você tem visita hoje, Bella! — a freira tentou animá-la.

A mulher me encarava como se não acreditasse que eu estava ali.

— Ela anda confusa — explicou a religiosa —, talvez não se lembre de você. Está muito fraca. O tratamento não tem surtido efeito. Vou deixá-las à vontade.

Assim que ficamos sozinhas, eu caminhei até ela. De repente, toda a vontade que eu tinha sentido de confrontá-la havia passado. Eu não queria mais enfiar o dedo na cara dela e dizer que ela iria se ver comigo, pois, ao que parecia, a vida já a estava castigando demais.

— Olá! Eu sou...

— Hanna... — Isabella me interrompeu —, sei quem você é, só não esperava vê-la por aqui.

— Você não soube? — perguntei aproximando-me mais.

— Não! — estranhou. — Não me diga que... Oh, Deus! Não diga que aconteceu algo com o Sr. Dresner!

Respirei fundo, diante do desespero da moça. Ela não tinha nada do perfil de vagabunda oportunista que eu esperava.

— Philip faleceu anteontem. Um acidente de carro.

— Oh, Senhor! — Tapou a boca com as mãos, lágrimas descendo dos olhos dela sem parar. — Sinto muito!

Eu não sabia o que pensar. Estava ali, parada na frente da mulher que havia dado um belo golpe no velho babão do meu sogro, e não conseguia ser a Leoa de Roterdã que eu costumava ser em situações difíceis como aquela. Isabella Dornel não era o tipo de presa que eu costumava gostar de torturar.

Estava pálida, magra, presa a uma cama,
PERIGOSAS ACHERON

arrasada pela doença. Como eu poderia não sentir pena daquela pobre mulher?

— Isabella, quero que você saiba que Philip já me deixou a par de tudo — menti. — Vamos esperar os resultados e, se realmente ficar constatada a paternidade, seu filho poderá contar com tudo que lhe é de direito. Eu não tenho intenção alguma de ser injusta.

— Agradeço muito. — Baixou os olhos para o piso gasto. — Sinto muito, Hanna, por tudo que você passou. Você não merecia ter mais essa decepção. Se eu não estivesse morrendo — limpou as lágrimas com as costas das mãos —, jamais teria procurado Philip. Eu seguiria meu caminho, criando meu filho como sempre fiz, mas não posso deixá-lo sozinho. Quer dizer, não é justo com ele. Eu não tenho família, mas ele tem.

— Você não precisa se desculpar comigo, Isabella. Eu posso não compreender seus motivos,
PERIGOSAS ACHERON

mas Philip era um homem bom. Bem-apessoado, quer dizer... Eu não vou dizer que entendo, mas o coração tem suas próprias razões, não é?

Eu queria ser legal. Queria ser o policial bonzinho, não queria mais ser má. Não tinha ideia do que tinha levado uma moça jovem e bonita a se envolver com um velho como Philip, mas não era da minha conta.

— Eu só peço que você respeite Lilian. Que me deixe resolver as coisas.

— Philip? — assustou-se. — Lilian? Não! O menino não é filho de Philip! Ele é filho de Robert!

E foi assim que meu mundo perfeito ruiu aos meus pés mais uma vez.

Não era Philip o traidor infiel. Não era ele, era o filho! Robert, o homem que eu amava. Ele, o homem perfeito, o príncipe encantado com o qual toda garota sonha. O homem com quem eu sonhava

em ter filhos.

O mesmo que pedira que eu esperasse. O mesmo que havia podado meus sonhos e que impedira meus rompantes de felicidade. O homem a quem eu tinha entregado meu futuro havia me traído.

Toda a minha vida, baseada em um conto de fadas que só existia na minha cabeça.

Não sei como saí do hospital, nem sei como dirigi pela rodovia que ligava Haia a Roterdã. Lágrimas nublavam minha visão e, por mais que eu tentasse me controlar, meu corpo todo tremia.

Em um ponto da estrada, errei o desvio e acabei perdida. O GPS do carro recalculando a rota e eu tentando recalculer minha vida.

Um cachorro atravessou na frente do carro e, para me desviar dele, saí da estrada; por pouco não acabo dentro de um canal.

Fiquei ali, pé enfiado no freio, abraçando o
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

volante como se ele fosse minha tábua de salvação.
Não conseguia me mexer, só chorar.

PERIGOSAS ACHERON

Pedro

Pouco depois do almoço, ligaram e avisaram que eu poderia pegar uma peça de que precisava, em um desmanche.

Fechei a mecânica, limpei as mãos em um pano velho e joguei uma água no rosto. Juntei meus cacarecos na mochila e segui meu caminho. Estava morto de cansado, precisava desanuviar a mente. Talvez aproveitar a praia em Zandvoort. Um tempo longe de toda a agitação da capital me ajudaria a esquecer a menina.

Eu tinha uma muda de roupa na mochila e um belo céu azul em cima da cabeça. Não havia ninguém me esperando mesmo, podia perder um tempo aproveitando a brisa do mar.

Não era feriado, nem temporada de surf,

provavelmente estaria vazio, e isso era tudo de que eu precisava para relaxar um pouco. Sol, água salgada e um pouco de areia. O necessário para lembrar quem era Pedro Santana e para esquecer as bobagens que andavam rondando minha cabeça.

Estava passando pelo subúrbio da cidade quando avistei, ao longe, o conversível marrom. Senti um solavanco no coração.

Não era o tipo de carro que se via aos montes pelas ruas de um buraco como aquele e, dado o lugar em que estava, não tinha chegado lá propositalmente.

Menina azarada aquela!

Corri o olho pela lataria intacta, conferindo se não tinha sido uma batida. Não havia fumaça também, então não devia ser problema de aquecimento ou coisa assim.

— Olha, moça, eu não sei qual é a sua crença, mas eu, no seu lugar, me benzeria! —

PERIGOSAS NACIONAIS

brinquei assim que vi a cabeleira loira dela espalhada pelo volante.

Hanna não se levantou. Não me mandou à merda, nem sequer me olhou. Comecei a me preocupar.

— Hanna? — chamei, sem resposta. — Hanna? — Bati no vidro com um pouco mais de força, pronto para quebrá-lo caso fosse necessário.

Ela destravou a porta e eu a abri apressado. Abaixei-me na altura dela e então ela levantou o rosto para mim. Olhos vermelhos de tanto chorar. Cabelo despenteado. Rosto molhado. Maquiagem borrada, mas, ainda assim, continuava linda como eu me lembrava dela.

— Está machucada? Aconteceu algo? Quer que eu chame alguém? Seu namorado?

Ela negou com a cabeça e se atirou sobre mim, encaixando o rosto em meu peito e desabando em choro mais uma vez.

PERIGOSAS ACHERON

Eu estava suado, sujo de graxa, mas ela não parecia se importar. Precisava se sentir segura e eu queria, mais que tudo, dar segurança a ela.

— Hey, moça, se acalme! Não sei o que houve, mas tudo vai se ajeitar, você vai ver.

Ela ficou me abraçando pelo tempo que quis. Chorou tanto que comecei a sentir a camiseta grudada na pele, onde a cabeça dela estava. Quando se afastou para me olhar, limpou os olhos com as costas das mãos e depois sorriu. Um riso fraco e sem muito humor.

— Você é algum tipo de anjo?

Ajeitei seu cabelo atrás de uma orelha.

— Olha, moça, já me chamaram de muita coisa nessa vida, mas anjo é a primeira vez! — Retribuí o sorriso. — Quer dar uma volta?

Ela assentiu com a cabeça, e eu estendi a mão para ajudá-la a se levantar.

— Venha, conheço um lugar aqui perto em

PERIGOSAS ACHERON

que gosto muito de ir.

Ela subiu em minha garupa e se agarrou forte em minha cintura. Cobri sua mão com a minha. Era como se tudo estivesse completo, com ela ali, agarrada a mim.

Era uma viagem curta até Zandvoort, principalmente àquela hora do dia. O tempo estava bom, a brisa era suave e morna.

Parei no calçadão e a ajudei a descer.

Hanna tirou os sapatos e caminhou em direção ao mar, pela faixa de areia, até as ondas começarem a molhar levemente seus pés. Fechou os olhos e abriu os braços, o vento fraco ondulando seus cabelos ao redor do rosto e do pescoço.

Fiquei ao lado dela, apreciando sua beleza delicada, pensando no que poderia ter acontecido com aquela menina bonita para que tivesse um semblante tão infeliz.

Queria abraçá-la. Pensei em fazê-lo mais de

PERIGOSAS NACIONAIS

uma vez, mas, no fim das contas, a menina não era para mim. Eu não podia me iludir. Ela tinha razão. Eu era apenas um “salvador da pátria”, nada mais. Não seria comigo que ela iria embora do baile, pelo menos não de verdade.

Depois de um tempo, ela abriu os olhos, ajeitou os cabelos bagunçados e sorriu para mim.

— Incrível como você tem o dom de me fazer sentir melhor, Sr. Pedro Santana!

— Ah, é um dom natural, moça! — debochei sorrindo de lado.

Caminhamos até uma grande pedra na areia. Sentamos lado a lado e ficamos ali, aproveitando o sol em nossa pele, em silêncio por um tempo, até que ela começou:

— Ele é meu irmão... — disse sorrindo de leve.

— Como? — Franzi o cenho para ela, sem entender.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O homem que você viu comigo na saída da igreja! — Alargou o sorriso de canto. — É meu irmão. Collin.

De moreno fiquei vermelho igual a um camarão tostado no azeite de dendê. Eu tinha ido atrás dela na igreja, mas não esperava que ela me tivesse visto. Na verdade, eu tinha certeza de que ela não tinha visto.

— Como sabe que estive lá?

— Eu não sabia, até minha mãe me contar.

— E como sua mãe soube?

— É uma longa história! — Ajeitou os cabelos atrás da orelha, sem jeito. — Minha mãe é muito... Digamos... perspicaz.

Acabei rindo. Primeiro porque gostava de vê-la feliz, ainda que sem jeito. E segundo porque, se a mãe dela tinha ligado os fatos, então ela sabia algo a meu respeito e, ainda que fosse bobo, isso parecia importante para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vai me contar por que estava fora da estrada? — perguntei depois de mais um tempo de silêncio.

Ela respirou fundo, soltando o ar bem devagar, olhos mirando o mar.

— Meu pai sempre me disse que procurar a perfeição nas pessoas é burrice...

— Seu pai está coberto de razão — concordei.

— Digamos que eu descobri isso hoje. Da pior maneira possível.

Parou de falar e eu também não queria mais saber. O importante era que ela estava ali, ao alcance das minhas mãos mais uma vez.

— Quer dar uma volta? — ofereci estendendo a mão.

Foi ela que entrelaçou os dedos nos meus, para minha surpresa, e caminhamos de mãos dadas pelo calçadão vazio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A praia estava quase deserta, poucas pessoas caminhavam pelas areias claras, com seus cães peludos. Uma garotinha empinando uma pipa. Um surfista carregando sua prancha para a água, e era isso. Nada além de um jovem casal curtindo um dia na praia.

Pelo menos naquele momento, era isso.

— Engraçado como eu não sei nada de você e você parece saber tanto de mim — ela disse de repente, aquelas duas porções de céu azul mirando meus olhos tão intensamente que eu mal podia respirar.

— Não há muito para saber. — Dei de ombros tentando não parecer afetado. — Eu me chamo Pedro Santana, nasci no Brasil, moro aqui há alguns anos. Conserto motos, entre outras coisas não muito limpas, como você pode ver. — Baixei os olhos para minha roupa suja de graxa e sorri meio sem jeito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu Deus do céu, como o destino é engraçado!

— Engraçado porque eu estou sujo? — brinquei.

— Não, seu bobo! Engraçado porque minhas duas mães são brasileiras! — Sorriu daquele jeito doce que ela tinha.

— Duas mães?

— Longa história. — Deu de ombros e continuou caminhando devagar.

Eu tinha minha parcela de longas histórias também.

Queria contar a ela sobre o acidente. Queria contar sobre a prótese e todo o resto, mas eu travava.

Todas as vezes que ela chegava perto de mim, eu travava. Não queria ver nos olhos dela aquele ar de pena que todo mundo tinha — respirei tão fundo quanto podia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela me via como um salvador. Um anjo. Alguém com quem contar. Era assim que eu queria que seguisse me vendo.

Outra longa respiração, ainda sem conseguir contar o que eu pretendia.

— Sabe o que eu acho, Pedro? — ela perguntou de repente, como se pudesse perceber minha falta de jeito. — Que teremos tempo para todas essas longas histórias que geram tantos suspiros em nós dois.

Concordei com a cabeça, puxando-a para mais perto de mim, apertando o corpo dela contra o meu.

Ela podia me ver como um salvador, mas era ela quem estava me resgatando da escuridão. Eu nem me lembrava da última vez que havia sentido o peito aquecido como naquele momento, naquela praia no meio da Europa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Hanna

Ele não tinha ideia do quanto me fazia bem. Ainda que fôssemos como água e azeite, estar perto lembrava a menina de tranças loiras que esperava o príncipe encantado dos livros de contos de fadas.

Pedro era isso. Ou pelo menos tinha um pouco disso. Engraçado como ele era tão diferente do príncipe que eu havia idealizado e, ainda assim, parecia tão certo.

Aproximei-me um pouco mais, ficando nas pontas dos pés, chegando minha boca até a dele. Queria beijá-lo. Queria que ele me beijasse de volta, mas era covarde demais para roubar um beijo. Naquele momento, as garras da leoa estavam guardadas. Eu estava ferida demais para arriscar o que quer que fosse.

Sorri meio sem querer e então acariciei sua nuca, escondendo o rosto na curva de seu pescoço.

Pedro não disse nada, apenas retribuiu o abraço.

Depois de um tempo, afastei-me um pouco para encará-lo. Os olhos castanhos permaneceram encarando os meus. Os longos e curvados cílios, escuros, que tornavam seu olhar difícil de superar, subiam e desciam devagar.

Ele traçou o contorno do meu maxilar com a ponta dos dedos e aconchegou meu rosto em seu peito. Beijou o topo da minha cabeça. Tão protetor e delicado. Tão homem e tão menino.

Respirei fundo, apertando os braços em torno dele.

— Quer que eu a leve para casa? — perguntou como se tudo que eu tinha visto em seu olhar não fosse mais do que fruto da minha imaginação.

Respirei fundo e concordei.

Era o certo a fazer, e eu não queria cometer

mais nenhum erro. Pedro Santana era bom demais para ser arrastado para dentro do meu mundo frio e cheio de traumas. Ele era doce e divertido. Tão leve.

Subi em sua garupa, sentindo a brisa balançar meus cabelos claros. Braços em torno da cintura dele, sentindo a rigidez do seu abdômen.

Seguimos direto até onde meu carro havia ficado. Pedro parou a moto ao lado do meio-fio e descemos.

— Obrigada por tudo! — Ajeitei uma mecha solta de cabelo atrás da orelha. — Prometo que vou tentar não me meter em enrascadas nos próximos dias, pelo menos.

— Cuidado com promessas vazias, moça! — provocou. — Eu, se fosse você, não prometeria algo tão sério.

Acabei rindo.

— Caso precise... — Pegou uma caneta e

um pedaço de papel na mochila, escrevendo um número de telefone. — É mais seguro me ligar, ok? Não precisa ficar enfiando seu conversível caro nas valetas por aí!

— Prometo que vou pensar nisso! —
Dobrei e guardei o papel no bolso.

Ele não me deu um beijo de adeus e eu também não o fiz.

Uma parte de mim queria beijá-lo desesperadamente, mas outra, a mais sensata, sabia que não era o melhor caminho.

Se fechasse os olhos, ainda sentia a sensação da boca dele na minha, em meu corpo. A sensação de seu corpo invadindo o meu. O gemido sôfrego em sua garganta, na minha. Era intenso demais para ser só uma transa sem consequências, e eu não queria consequências.

A uma hora daquelas, ele já sabia quem eu era e tudo que vinha junto comigo; se tinha

PERIGOSAS ACHERON

decidido não me beijar, era sinal de que sua sensatez era maior que a minha.

Entrei no carro e virei a chave. Ele ficou lá, ao lado da moto, olhando enquanto eu me afastava. E eu fui acompanhando-o, vendo-o sumir através do espelho retrovisor, uma sensação estranha dentro de mim.

Assim que segui pela autoestrada, rumo a Roterdã, a dor da traição voltou como um punhal cravado em meu peito.

Robert tinha me traído. Ele tinha me traído.

Não era só o fato de ter dormido com outra mulher, isso eu até podia pensar em esquecer. Eu não era idiota, sabia que traição acontecia até nas melhores famílias, afinal de contas acontecera na minha.

Eu tinha deixado de ser crédula e romântica havia muito tempo. Tinha conhecido o preço do sucesso e a podridão da sociedade bem cedo. Tudo

que eu pedia era respeito por mim e bom senso.

O que eu não podia perdoar era exatamente isso. Robert tinha traído meus sonhos. Ele tinha sido desleal. Tinha arrastado meu nome na lama ao fazer o que fizera. Tinha traído tudo que eu havia pedido para construir com ele. Ele tinha tido um filho. Tinha tido um filho sem mim.

Como seria quando as pessoas soubessem?

A viuvinha eterna tinha sido trocada. Rechaçada pelo próprio noivo. Eu queria gritar e queria chorar, mas não caía uma única lágrima de meus olhos. Quanto mais o tempo passava, mais a dor ia se transformando em ódio. A cada vez que eu pensava nisso, meu peito doía. Tão forte, que parecia querer explodir.

Decidi que não queria mais ficar na mansão dos Dresners. Eu não queria nada que me lembrasse Robert. Não tinha mais obrigação nenhuma ali. Eu precisava seguir em frente e faria isso, ou acabaria

PERIGOSAS ACHERON

louca e rancorosa.

Entrei com o controle que eu tinha do portão. Os Dresners não tinham empregados fixos. Preferiam assim. Algo a ver com a profissão de Philip, eu não entendia bem.

As luzes estavam todas apagadas.

Estranhei, mas pensei que Lilian tivesse, finalmente, conseguido dormir. Estacionei o carro e entrei.

Assim que meus dedos apertaram o interruptor de luz, levei um susto tão grande que deixei a bolsa cair. Ela estava lá, caída no chão. Não emitia som algum, nem se movia.

Corri até ela sentindo meu corpo esfriar, um arrepio medroso percorrendo minha espinha.

— Lilian! — chamei, sem resposta. — Lilian! Lilian! Lilian!

Não estava morta, mas a respiração era fraca e entrecortada. Peguei o celular e chamei a
PERIGOSAS ACHERON

emergência.

Corri até o escritório e peguei o telefone do cardiologista. Avisei que estávamos indo para a emergência.

Fui com ela na ambulância. Não queria deixá-la só.

Os enfermeiros a levaram diretamente para dentro, empurrando a maca, enquanto bombeavam uma máscara sobre seu rosto. Eu a vi sumir pela porta e fiquei ali, parada no corredor frio da emergência, sozinha.

Meus pais não estavam na cidade. Papai tinha um compromisso em Berlin e mamãe, como sempre, estava ao seu lado. Abri a bolsa e peguei o celular para ligar para Collin, quando um pequeno pedaço de papel caiu no chão.

Pedro Santana — estava escrito nele.

Peguei o papel em minha mão e encarei os números escritos ali.

“Caso precise”, ele havia dito, e eu precisava.

Fiquei com o papel na mão por um longo tempo, sentindo-me idiota por precisar de ajuda tão rápido.

Ele vai acabar achando que você é algum tipo de garota mimada que mal consegue limpar a própria bunda sem ajuda!, pensei.

— A senhorita está acompanhando a Sra. Dresner? — um homem jovem e alto, de jaleco branco, perguntou, fazendo-me dar um pulo de susto.

— Sim, eu mesma! — Guardei o papel dentro da bolsa novamente.

— Eu sou o Dr. Garbh. — Estendeu a mão. — Venha comigo. Vou explicar a você o que está acontecendo.

Passei pelo médico e segui ao lado dele pelo corredor. Caminhamos até a porta da Unidade de PERIGOSAS ACHERON

Tratamento Intensivo.

— A Sra. Dresner sofreu um infarto, o que acaba sendo bastante grave, dados os problemas anteriores dela — ele disse. — Estamos tentando estabilizá-la, por enquanto não temos certeza de nada. Os próximos dias serão decisivos. Voltamos a conversar amanhã às dez horas. É quando liberamos o boletim médico dos pacientes do intensivo.

Concordei com a cabeça.

— Posso vê-la? — pedi.

— Pela janela. Hoje prefiro que ela não sofra nenhum tipo de emoção. Amanhã, quando estiver estabilizada, você poderá entrar no quarto.

Lilian estava em um dos quartos de tratamento intensivo da ala de cardíacos do hospital. Eram quartos pequenos, com uma janela fixa, de vidro, ao lado da porta. Meu pai tinha ficado em um quarto parecido quando estivera PERIGOSAS ACHERON

doente. Eu me lembrava bem daquele lugar.

O Dr. Garbh me deixou ali e se foi pelo corredor. Eu fiquei por mais um tempo, encarando a mulher deitada na maca. Fios ligavam seu corpo aos aparelhos. Usava um apoio ventilatório. Os cabelos pareciam mais grisalhos com a luz branca do quarto. O rosto mais enrugado.

Será que ela sabe da traição?

Eu tinha visto muitas vezes as pessoas encobrirem os erros dos filhos por causa do sobrenome. Tinha acontecido com muitos amigos de papai. Philip era o tipo de homem que teria feito isso por Robert. Estava fazendo, na verdade.

Será que eu tinha sido a única idiota a não perceber?

Papai tinha me alertado muitas vezes sobre minha cegueira amorosa por Robert. Eu nunca o ouvi. Achava que era coisa de pai. Preocupação boba. No fim das contas, a boba era eu.

Deixei Lilian e segui pelos corredores até a recepção. Como tinha vindo de ambulância, estava sem carro. Peguei o celular e disquei o número do meu irmão. A secretária eletrônica atendeu ao segundo toque.

Respirei fundo.

— Merda! — praguejei baixinho.

Pedi um táxi e fui direto para casa.

Eu não era o tipo de mulher que precisa ter um homem a tiracolo para se sentir segura ou protegida. Eu estava acostumada a decidir as coisas e a resolver meus problemas sozinha. Era eu quem sentava na cabeceira da mesa. Eu quem assinava o cheque.

— Deixe de ser idiota, garota! — falei com minha imagem refletida no espelho do elevador.

Abri a porta do apartamento e tirei os sapatos. Peguei o celular e deixei a bolsa sobre a mesa. Caminhei até o meu quarto, tirei a roupa,

enchi a banheira e entrei nela. O celular tocava John Legend.

Fechei os olhos e deixei o som me levar para longe, para a casa-barco no canal de Amsterdã. O cheiro de Pedro Santana invadiu minhas narinas. O calor da sua pele. O toque firme das suas mãos. Eu nunca havia sido tocada daquele jeito. As mãos fortes e a pele áspera provenientes do trabalho braçal. A barba por fazer arranhando minha pele macia. A boca carnuda beijando meu pescoço.

Pedro não era como os homens com quem eu costumava sair.

Eu quase podia senti-lo, comigo, na água morna da banheira. Quase podia tocá-lo. Quase... Até que o celular tocou, silenciando a voz suave do cantor e trazendo-me de volta à realidade.

— Hey, você me ligou? — a voz rouca do meu irmão caçula ecoou no viva-voz do celular.

Esfreguei o rosto antes de responder.

— Sim. Liguei, sim. Lilian passou mal. Está no Saint Peter. Eu ia pedir uma carona.

— Puxa! Que coisa horrível! Eu estava perto do porto, negociando com alguns fornecedores. Não tinha área. Está tudo bem? Precisa de mim? Quer tomar um vinho?

— Está tudo bem, sim! Apesar da preocupação, ela está medicada e sendo bem cuidada. Não há nada a fazer além de esperar. Agora, o vinho eu aceito, sim. Estou mesmo precisando de uma bela dose de álcool para relaxar.

— Então arrume seu sofá para mim! Vou preparar o jantar e depois passar a noite com você. Estou mesmo precisando da minha irmãzinha — disse antes de encerrar.

Desliguei o telefone e vesti um pijama confortável. Eu podia estar acostumada a ser sozinha, mas era bom demais ter um ombro amigo

PERIGOSAS NACIONAIS

para ajudar a carregar os fardos que a vida insistia em colocar nas minhas costas.

PERIGOSAS ACHERON

Pedro

Cheguei a minha casa pouco depois das sete da noite. O dia começava a escurecer; a brisa suave e morna movia as águas do canal devagar.

Binho não estava em sua casinha, nem em lugar algum. Talvez tivesse arrumado companhia melhor. Eu queria mesmo que ele seguisse em frente. Que fizesse o que eu não tinha coragem de fazer. Que arranjasse uma companheira e fosse viver a vida de marreco dele em paz.

Com sorte o bicho se daria melhor que eu!

Tirei a roupa e tomei um banho rápido. Tirei a prótese e me deitei na cama, meus olhos encarando a parte que faltava em mim. A cicatriz rugosa ali, mostrando que eu nunca mais seria perfeito.

PERIGOSAS NACIONAIS

“Meu pai diz que procurar a perfeição nas pessoas é burrice!”, ela dissera.

Queria saber o que o tal “Leão de Roterdã” diria de um aleijado, morto de fome, dando ousadia para princesinha dele.

Respirei fundo.

— Mas nem nos seus sonhos, Pedro! Nem que você fizesse promessa para o Senhor do Bonfim. Nem que subisse a escadaria da igreja de joelhos!

Acabei rindo de mim mesmo.

Peguei o celular e fiquei encarando a tela apagada por mais tempo do que deveria.

Ela não vai ligar, seu besta!

Decidi então que era hora de buscar um pouquinho de realidade. Teclei o número e esperei.

— Alô? — a voz do outro lado atendeu e fez meu coração bater forte no peito.

— Mainha...

PERIGOSAS ACHERON

Silêncio do outro lado.

— Pedro! Ah, meu Deus, não acredito!
Pedro! Pelo amor de Deus, menino, por que me
deixa nessa aflição, sem notícias! Sem saber se está
morto ou vivo! Quer matar sua mãe do coração, é?

Sorri — era bom sentir um pouco de
carinho, ainda que fosse a distância. Nada cura
melhor as feridas da gente que colo de mãe.

— Oxe! Mas é muito dramática essa minha
mainha! — brinquei. — Também estou com
saudades da senhora.

— Então venha para casa, menino! Tome
vergonha nessa cara e pare de fugir de quem ama
você!

— Não é bem assim, mãe. Não estou
fugindo de ninguém, não. Eu gosto daqui.

— E ligou assim, amuado, só para me dizer
que gosta daí, é?

Se a mãe da menina era perspicaz, a minha
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

era duas vezes mais! Mesmo a distância, só de ouvir minha voz pelo telefone, dona Tiana sabia que eu não estava bem.

— Quando você volta, Pedro?

— Não sei, mãe. Preciso juntar um dinheiro. Não é tão simples.

— E de quanto você precisa? Diga, que eu deposito! A gente é pobre, meu filho, mas não é morto de fome, não! Todo mundo aqui pode ajudar com um pouco. Você compra essa bendita passagem e vem pelo menos visitar a gente! A Rita vai casar, sabia? Mês que vem! Com um moço lá de Aracaju. Rapaz bem-apessoado. Rico. Ela pode até fingir que gosta dele, mas eu bato uma aposta como não esqueceu você.

Rita era uma antiga namorada. Sempre teve mania de grandeza. Podia até ser que não tivesse me esquecido, mas jamais iria trocar o bom partido de Aracaju pelo mecânico aleijado aqui.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu conheci uma menina, mãe... —
confessei sem nem entender por quê.

Eu podia sentir o sorriso dela, mesmo que
ela não dissesse nada.

— Pois olhe, Pedro, ela é uma menina de
sorte! — minha mãe disse com seu jeito simples.
— Porque eu não conheço homem melhor, nesta
minha vida, que você! E, se ela ainda não sabe
disso, é porque é uma boba!

Foi minha vez de sorrir. Se havia alguém
que conseguia me fazer sentir melhor comigo
mesmo, esse alguém era minha mãe.

Depois de conversarmos um pouco,
desliguei. Meu pai já estava dormindo. Deitava-se
cedo, mesmo agora que já não trabalhava mais.
Uma vida toda acordando com o sol não podia ser
esquecida. Hábitos que nunca mudam.

Desliguei o telefone me sentindo feliz,
coração transbordando de saudades. Eu queria
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

visitá-los, queria voltar ao Brasil, mas quando voltasse tinha que ser como vitorioso. Quando entrei naquele avião, foi com a promessa de que nunca mais veria a pena nos olhos das pessoas que eu amava, e essa era uma promessa que eu pretendia cumprir.

Tinha pegado em um cochilo, quando uma batida à porta de casa me deu um susto tão grande que quase caí do sofá.



PERIGOSAS ACHERON

Hanna

Collin chegou pouco tempo depois, o cabelo comprido preso em um coque desarrumado. Uma calça jeans desgastada e uma camiseta cinza desbotada, com o mesmo olhar de menino perdido que ele sempre teve.

— Hey, você está parecendo um daqueles modelos *hipster* que estampam capas de revista! — brinquei.

Collin sorriu de canto e colocou a garrafa de vinho sobre a bancada.

— Estou tentando parecer um pouco menos assustador, já que vou abrir um restaurante.

Parei ao lado dele, meu nariz na altura do seu peito.

— Ainda parece bem assustador para mim.

Ele me abraçou apertado, beijou o topo da minha cabeça.

— Isso é porque você foi a única de nós que se esqueceu de crescer! Até Aurora já está mais alta que você!

— Bobo! — Bati em seu peito de leve, antes de me afastar e pegar duas taças de cristal.

Meu irmão tomou conta da cozinha e eu me sentei na bancada, enquanto o ouvia contar sobre as novidades do restaurante. Era bom ver a empolgação estampada em seu rosto. Desde o diagnóstico definitivo de surdez, Collin não era o cara feliz que eu gostaria que ele fosse, mas, por mais que eu estivesse feliz por ele, a sombra da traição de Robert escurecia nossa noite. Nublava meus pensamentos.

Levei a taça de vinho à boca, encarando as luzes de Roterdã pela vidraça.

— Vai me contar o que realmente está causando essa ruga imensa em seu rosto bonito, ou vai continuar fingindo que está tudo sob controle?

— Collin perguntou de repente.

Fui pega tão de surpresa que acabei engasgando com o conteúdo da taça e precisei tossir.

— Tem a ver com o tal motoqueiro de que mamãe me contou? — perguntou com ar zombeteiro. — Confesso que fiquei surpreso.

— Mamãe tem me saído uma bela mexeriqueira! — brinquei evitando que o assunto continuasse.

— Você conhece a Sra. Gallagher... Tem dois radares no lugar dos olhos.

Caí na risada.

— Conheço bem. Lembra aquela vez que ela descobriu que tínhamos fugido da escola e tentado entrar em um *Coffee shop*?

Collin caiu na risada também.

— Teria dado supercerto, não fosse essa sua eterna cara de treze anos! — reclamou.

— Nós éramos terríveis! — constatei.

— Éramos! Até você começar a namorar o Dr. Perfeito.

O riso morreu em mim.

— Robert me traiu — eu disse sem conseguir encará-lo.

Collin não disse nada por um tempo, mexia a panela com o molho sem parar. Provou. Acertou o sal, mexeu novamente e então despejou por cima dos dois pratos com massa, que haviam sido colocados sobre a bancada.

Foi então que resolvi tomar a frente.

— Não vai dizer nada? — provoquei. — Acha normal ouvir que meu noivo me traiu?

— Não acho nada normal, maninha, mas não me admira nem um pouco — respondeu calmamente, enquanto enchia nossas taças pela terceira vez.

— Como assim? Você sabia de algo? Por

que nunca me contou? Por que me deixou bancar a idiota por tanto tempo? — perguntei na defensiva.

— A mesma apressada e impaciente de sempre! — Ergueu uma sobrancelha para mim e por um momento lembrou papai. Era engraçado como Collin se parecia com ele, apesar de não terem laços sanguíneos.

— Está falando como papai! — praguejei.

Acabei sorrindo mais uma vez, e Collin me acompanhou. Não era a primeira vez que eu lhe dizia o quanto ele lembrava o Sr. Gallagher. Laços de amor, papai dizia e eu acreditava, porque era mesmo verdade. O que eles tinham um pelo outro, o convívio, era muito maior que qualquer material genético.

— Respondendo a sua pergunta... — continuou —, de concreto não, não sei, mas você sabe o que dizem dos holandeses, não sabe?

— Que gostam de janelas grandes para

poderem tomar conta da vida dos outros. — Dei um gole no vinho tentando não parecer tão quebrada como estava, mas ele me conhecia bem demais. — Ele tem um filho, Collin. Um filho. — As lágrimas desciam uma atrás da outra.

Ele deu a volta no balcão e estendeu os braços para mim. Aconcheguei-me em seu peito mais uma vez.

— Hey, docinho, não fique assim! Não chore mais por causa daquele babaca metido.

Afundi meu rosto e senti seu coração bater.

— Sei que está sofrendo, Hanna, mas, sinceramente, eu acho excelente! — Ajeitou meu cabelo atrás de uma orelha. — Quem sabe, agora, você pare de idolatrar o Dr. Certinho e consiga finalmente dar uma chance aos homens que ainda estão aqui na Terra. Acredite, maninha, Robert Dresner não era nem de longe um bom partido para você.

A imagem de Pedro Santana se formou em minha mente, tão perfeita que parecia real.

Respirei fundo, notando que minhas lágrimas molhavam a camiseta do meu irmão. Talvez ele tivesse mesmo razão.

Eu estava presa em minha concha desde que havia visto meus sonhos se perderem no vento. Muitos homens bons haviam passado pela minha vida, alguns até pela minha cama, mas nenhum deles havia passado pelo meu coração.

Pedro tinha sido o único a chegar tão longe. O mais improvável. O mais difícil de esquecer.

— Você deveria procurar o motoqueiro — sugeriu em tom de piada.

— Não diga bobagens!

— É sério, Hanna. Eu a conheço o suficiente para saber que, se o pobre coitado foi atrás de você no velório, é porque não o intimidou com suas garras afiadas!

— Collin!

— General de saia!

— Hey!

— Não sou eu que digo, é a Holanda toda!

— Deu de ombros fazendo-me rir mais.

Acabamos com mais uma garrafa de vinho. Conversamos, rimos, assistimos a um programa de calouros na televisão e acabamos dormindo no sofá, embolados no cobertor, como quando éramos crianças.

Se havia uma coisa da qual eu me orgulhava era da família que tinha. Apesar de tudo que havíamos vivido e de todas as improbabilidades imagináveis, éramos unidos. John, Collin, Aurora, Lucian e eu.

Acordei no meio da noite. Caminhei até o quarto e abri a porta de correr. Acendi o cigarro que tinha roubado da carteira de Collin e acendi. Fiquei tomando a brisa fria da madrugada e dando

PERIGOSAS NACIONAIS

pequenos tragos.

Eu não fumava. Não era um vício para mim, mas gostava de um trago de vez em quando. Principalmente se algo me tirava o sono.

Soltei a fumaça bem devagar, curtindo a sensação leve de torpor que o cigarro e a bebida causavam em mim.

— Só vou dizer mais uma vez... — a voz rouca se aproximou —, você está perdendo tempo. Poderia estar transando, que é bem melhor que fumar.

— Collin! — repreendi rindo.

— Já passamos da fase em que eu protejo sua honra, maninha. — Estreitou os olhos para mim. — Você não tem mais quinze anos.

Em um rompante de coragem, vesti um jeans e uma blusa de moletom cor-de-rosa. Calcei meus tênis brancos e preendi os cabelos em um rabo de cavalo alto.

PERIGOSAS ACHERON

Dez minutos depois, estava pegando a saída para Amsterdã.

Podia ser a maior burrice da minha vida, mas eu só saberia se tentasse. Decidi correr o risco. Eu queria Pedro e sabia que ele me queria também. Não era idiota.

Talvez ele só precisasse de um pequeno empurrão para ter coragem de assumir. Talvez fosse a coisa mais esperta a fazer. Eu não tinha nenhum problema em tomar a frente, em decidir.

Estacionei o carro perto de onde a casa-barco dele ficava ancorada. Desci as escadas até o deque e segui até a porta da sala.

A luz estava acesa. Talvez ele estivesse pensando em mim.

Meu coração batia tão forte no peito que eu nem me lembrava mais quem tinha sido Robert Dresner.

Parei em frente à porta. Mão a postos para

PERIGOSAS ACHERON

bater, quando alguém se mexeu no sofá. Longos fios de cabelos escuros espalharam-se para fora do cobertor azul. Era uma mulher, uma mulher deitada no sofá dele, com ele.

Fiquei paralisada no chão pelo que pareceu uma eternidade. O gosto amargo da traição se espalhando em minha boca mais uma vez, até que finalmente consegui dar um passo para trás.

Pisei em uma tigela cheia de algum tipo de ração e o barulho fez com que Pedro levantasse os olhos e me visse.

Não esperei um minuto sequer. Corri de lá o mais rápido que minhas pernas permitiram. Lágrimas salgadas e doloridas descendo tão rápido que eu quase não conseguia enxergar a saída daquele maldito canal.

Sentei atrás do volante e virei a chave. Acelerei o mais rápido que pude para longe daquele maldito lugar. Meu rosto queimava de vergonha e

PERIGOSAS ACHERON

raiva.

O que há de errado comigo? Que merda de coisa errada há comigo? Eu não sou feia! Não sou superficial e besta como as garotas que vejo por aí! Por quê? Por que eu nunca sou a escolhida?

Eu queria morrer. Queria fechar os olhos e desaparecer. Queria me sentir amada. Especial. Importante. Eu precisava disso. Precisava de alguém que me olhasse com adoração.

Thomas — o nome tomando forma em minha mente, junto com a imagem dele.

Não era justo e eu sabia disso, Thomas era meu amigo. Um grande amigo e fiel escudeiro. Ele não merecia isso, nem de longe, mas, quando dei por mim, já estava em frente ao prédio dele.

Fiquei parada junto ao meio-fio, mãos no volante, tentando assimilar tudo que estava acontecendo. Peguei o celular na bolsa e digitei uma mensagem de texto.

“Estava passando aqui em frente. Se estiver em casa e quiser conversar um pouco...”

Não tive coragem de enviar. Dedo parado sobre a tela, sem concretizar e sem desistir. Um milhão de pensamentos em minha cabeça.

De repente, batidas no vidro me arrancaram do torpor. Por um segundo, quis crer que fosse Pedro, mas, no fim das contas, eu sabia que não.

— Você está um pouco longe de casa, não está? — o sotaque britânico do meu amigo ecoou no silêncio do carro assim que baixe o vidro.

Eu não sabia o que dizer.

— Hum... — enrolei —, pensei que talvez você pudesse estar com tempo livre para discutir aquela fusão com a Charter Swiss — menti.

Thomas me conhecia bem demais. Sorriu de canto, antes de abrir minha porta e estender uma mão.

— Venha, vamos tomar um drinque.

Aceitei o convite e a mão que ele me oferecia. Pelo menos era um fim digno para toda a baboseira que eu tinha feito. Não queria voltar para casa e encontrar Collin lá. Não estava pronta para admitir mais uma traição.

Corri os olhos pelo homem à minha frente. Alto e atlético. Tínhamos a mesma idade.

Ele estava com uma calça de elástico cinza e uma camiseta branca. Parecia mais jovem sem o terno. Fazia muito tempo que eu não o via assim. Desde que percebi seu interesse em mim, simplesmente o bloqueei como homem. A pobre viúva deixada no altar que morava dentro de mim não podia se deixar apaixonar novamente.

Alisou os cabelos ondulados com as mãos e sorriu.

Talvez agora eu o veja com outros olhos. Talvez...

— Eu realmente não sei a que devo a visita

— Thomas me trouxe de volta à Terra —, mas fico agradecido, seja como for!

— Estava passando por aqui — menti —, pensei que talvez pudéssemos adiantar algumas coisas do trabalho, já que passei a semana fora.

— E por que não me ligou? — apertou.

— Estava enviando um e-mail. Uma coisa para o meu pai.

Thomas não estava convencido, mas, cavalheiro que era, não insistiu. Sorriu, fez sinal para que eu passasse por ele para entrar e então fechou o portão.

— Nem lembro quando foi a última vez que você esteve aqui, Hanna.

— Acho que foi na sua primeira semana de trabalho. Eu quis conferir se você realmente estava trabalhando dia e noite — brinquei.

Assim que entramos no elevador, uma sensação estranha me invadiu. Eu estava no lugar

errado. Estava com a pessoa errada e ia meter os pés pelas mãos. Deveria ter seguido meus instintos de autopreservação e fugido dali, mas obviamente não o fiz, ou não seria filha de Adrian Van Gallagher.

Pedro

Eu queria ter corrido atrás dela. Queria ter explicado que tudo não tinha passado de um mal-entendido, mas aquela maldita prótese não encaixava.

— Porra de aleijado de merda que eu sou!
— praguejei enquanto tentava, em vão, prender a prótese à minha perna.

Lisa não tinha entendido nada. Continuava me encarando com os olhos borrados de tanto chorar.

— Pedro, eu posso ir falar com ela, se você quiser. Eu vou! Sem problema algum — tentava se desculpar pelo erro que nem tinha cometido.

Lisa era minha amiga, filha do dono de um bar em que eu tinha trabalhado logo que havia

PERIGOSAS NACIONAIS

chegado a Amsterdã. Ela tinha um relacionamento de merda com um playboyzinho da cidade. Uma desgraça de um arengueiro boa bisca que, volta e meia, enchia a mão no rosto dela; mas daquela vez ele tinha passado dos limites.

Minha amiga estava machucada, com as costas roxas e o coração dilacerado. Estava grávida do maldito e ele a estava forçando a interromper a gravidez. Tinha uma namorada na realeza, não queria estragar o futuro casamento com um filho bastardo por aí.

A grama podia ser mais verde, mas a sociedade continuava podre na Holanda, como era no Brasil.

Eu odiava esse tipo de gente. Não tinha nada mais feio em um homem do que falta de caráter. Até podia entender a traição, embora eu mesmo nunca tivesse traído ninguém, mas não podia perdoar a falta de caráter.

PERIGOSAS ACHERON

— Não é sua culpa, Lisa. — Abracei-a e ela deitou a cabeça em meu ombro. — Não tem que se desculpar por nada. Vai ver foi até melhor assim.

Lisa me encarou por um tempo, os olhos verdes fitando os meus.

— Você gosta dela — constatou.

Pensei em dizer um dichote, mas minha amiga tinha razão. Eu gostava daquela menina muito mais do que queria.

— Então você deveria ajeitar essa perna aí no lugar e ir atrás dela! — Sorriu.

— Eu nem sei onde ela mora.

— Pois deveria pesquisar. — Ergueu uma sobrancelha para mim.

— Vou preparar um chá para você — desconversei. — Eu ofereceria uma cerveja, mas...

Lisa alargou o sorriso, uma mão pousou na barriga meio sem querer. Devia ser difícil para ela

levar a gravidez sozinha, não tinha muito com quem contar. O pai não apoiava a relação, e ela não queria contar sobre a gravidez para ele. Não tinha mãe, nem irmãos. E o babaca que a tinha embuchado estava mais preocupado com o cofre que poderia herdar do que com o herdeiro.

— Sabe que pode ficar aqui pelo tempo que precisar, não sabe?

Ela assentiu.

Mexeu a xícara com a colher, retirando o saquinho encharcado.

— O orgulho é um péssimo conselheiro, Pedro. Você deveria ir atrás da sua garota.

Sorri de canto, mas não levei o assunto adiante. No fim das contas, ela sabia, melhor que qualquer um, que esse tipo de romance é fadado ao fracasso.

Lisa se deitou no sofá e puxou a manta sobre as pernas. Ligou a televisão e ficou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aproveitando o chá.

Eu estava inquieto demais. Agoniado. Coração apertado. Sentei-me no deque e esperei meu fiel companheiro.

Não demorou muito e avistei Binho, que nadava tranquilo pelo canal. Não estava sozinho.

— Até você, seu safado! — xinguei enquanto o marreco passava por mim com sua nova companhia.

Eu me deitei na rede e fiquei ali, mãos cruzadas atrás da cabeça, mirando o céu estrelado.

Adorava dormir olhando as estrelas. Era como se estivesse perto de casa novamente; meu avô dizia isso.

“Sempre que você olhar lá para cima, Pedro, não importa onde esteja, qualquer parte desse mundão de Deus, você estará vendo o mesmo céu que eu. Que nós. E então será como se estivesse aqui.”

PERIGOSAS ACHERON

Eu andava me sentindo meio perdido. Desconectado de tudo, com saudades do passado.

Quanto mais aquela menina aparecia na minha vida, mais eu queria resgatar um pouco do Pedro confiante e cheio de sonhos de antes. Ela merecia aquele Pedro. O abismo que existia entre ela e ele era menor. Talvez eu até conseguisse cruzá-lo algum dia.

Ri sem muito humor.

“Deixe de ser aluado, Pedro!”

Fechei os olhos e tentei dormir, mas o sono não vinha. Em vez dele, um milhão de pensamentos. Estava zozzo já, quando decidi me levantar.

Peguei o celular e digitei o nome dela, o pé brincando nas águas frias do canal.

Hanna Van Galagher.

Um monte de páginas de fofoca falando todo tipo de besteiras sobre ela. “A leoazinha de PERIGOSAS ACHERON

Roterdã.” Ela era mesmo tinhosa como um leão. Danada de brava para uma menina tão pequena!

Acabei rindo sozinho, mas o riso morreu logo.

O que eu esperava encontrar? O endereço dela? O telefone? É claro que nenhuma dessas informações estava disponível na rede. Gente rica não deixa o telefone dando sopa por aí.

Encontrei o endereço da empresa da família Gallagher. Salvei a página, embora ainda não tivesse certeza de que seria uma boa coisa aparecer no trabalho dela. Nós não tínhamos nada. Uma noite de sexo e nada mais. Isso não era nada de mais. Ela certamente tinha seus casos furtivos por aí.

Em uma coisa, Lisa tinha razão: o orgulho é um péssimo conselheiro. Eu tinha medo de parecer fraco. Aluado. Apaixonado.

Mas, e se eu realmente estivesse sendo? E

PERIGOSAS NACIONAIS

se aquela fosse mesmo a menina certa? E se fosse ela?

Eu iria botar tudo a perder apenas por medo de parecer fraco? O que tinha de errado em ser fraco?

Deitei de costas na madeira fria do deque, mãos cruzadas atrás da cabeça. Encarei o céu por mais um longo tempo, até que o sono, enfim, chegou.

Quando acordei, pela manhã, ainda não tinha certeza do que queria fazer.

Entrei em casa e deixei a cafeteira preparando o café. Tirei a roupa, liguei o chuveiro e tirei a prótese. Sentei na banheira e deixei a água morna cair em cima de mim.

Eu deveria ao menos passar por lá. Se ela me desse uma chance de explicar, talvez tudo se encaixasse. Lisa tinha razão. Eu não podia deixar meu orgulho atrapalhar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Vesti um jeans claro e uma camiseta branca.

— Hum... Você está bonito! Gosto assim! Seguro o suficiente para dar um passo além! — Lisa beijou meu rosto, enquanto terminava de servir o café recém-coado em duas canecas.

— Deseje-me sorte, moça! E fique o tempo que quiser! — respondi, deixando a caneca vazia sobre a bancada e beijando sua testa.

Subi na moto e respirei fundo. Agora era com o destino.

A Gallagher Corporation ficava em um prédio chique no Katendrecht. Era um lugar legal, bem perto do porto. Era moderno e cheio de estilo, como Hanna.

Parei em uma pequena floricultura e comprei uma rosa vermelha para ela. Era simbólico. Meu jeito de dizer que eu sentia muito. Não queria impressioná-la, ela não era esse tipo de garota.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Devia ter passado boa parte da vida cheia de marmanjos babando nos sapatos caros dela, eu não queria ser mais um. Queria que ela entendesse o quanto ela significava para mim.

Desci e me encostei na moto.

Era bem cedo e o prédio ainda estava fechado. Demorou quase meia hora para que pessoas comesçassem a entrar no lugar, com seus ternos bem-cortados e seus saltos altos.

Lembrei-me de quando eu trabalhava em uma grande empresa, parecida com aquela. De quando gastava boa parte do meu salário de estagiário em camisas sob medida.

Eu fui um daqueles engravatados um dia. Talvez meu destino tivesse cruzado com o dela de um outro jeito. Em uma reunião de trabalho.

O que ela diria se visse o velho Pedro na frente dela? O menino prodígio para quem o céu era o limite.

PERIGOSAS ACHERON

Será que ela teria gostado mais dele do que de mim?

Fiquei parado ali, coração batendo forte no peito, esperando por ela. Essa era uma pergunta para a qual eu nunca teria resposta. Aquele Pedro não existia mais.

Demorou um bom tempo até que eu visse um sedã executivo estacionar. O motorista desceu e abriu a porta para ela. Já era quase dez da manhã.

Respirei fundo assim que a vi descer, mas, quando dei o primeiro passo, um homem também saiu do carro.

Demorei a perceber que era o tal riquinho da festa. Não conseguia lembrar o nome dele.

Ela sorria, linda como a princesa que era, e ele ria como uma hiena atrás da carcaça. Eu queria correr até lá e enfiar um soco bem-dado no meio daquela boca cheia de dentes, mas ela estava lá porque queria. Não parecia nem de longe

incomodada.

Fiquei parado ali, sem conseguir ir para a frente e sem conseguir voltar ao lugar. Ela me viu, mas fingiu que não. Apertei a rosa entre os dedos, enquanto Hanna seguia para dentro do prédio com seu acompanhante, a mão dele repousando na cintura dela.

O intruso era eu.

Demorei uns minutos até conseguir subir na moto novamente. Uma sensação horrível de impotência tomava espaço dentro de mim. Era como se me tivessem cortado a outra perna. Mais uma vez, meus sonhos tinham morrido na praia, por mais descabidos e idiotas que fossem.



Hanna

— Quer mesmo falar sobre a fusão? —
Thomas questionou, assim que as portas do elevador se abriram.

Eu não queria.

Segui em silêncio até que ele se aproximou. Meu coração batia tão forte no peito que pensei que teria um enfarto fulminante.

E se ele tentasse me beijar? Eu queria beijá-lo?

Todo mundo sempre me disse que eu tinha puxado os olhos da minha mãe, o que era um tipo de maldição estranha; ela era conhecida por nunca conseguir mentir com o olhar.

Eu estava em uma ridícula saia-justa, em que eu mesma havia me colocado por ser idiota. Tinha ido de bom grado até a casa de um homem que, eu sabia, nutria sentimentos por mim, mas que

eu não sabia se queria ou não.

Burra! Burra! Burra!

Certo estava o Sr. Gallagher, que tinha encontrado um braço-direito do mesmo sexo! Eu não podia ter feito o mesmo? Não! Tinha que me deixar levar pelo belo sorriso de covinhas daquele maldito inglês!

Thomas passou por mim e abriu a porta. Indicou o caminho para que eu entrasse. Estávamos colados um no outro, mas ele não tentou absolutamente nada. Cordial e cavalheiro.

Sentei-me no sofá de couro, pernas cruzadas de um jeito estranho. Estava desconfortável demais.

Ele não se sentou comigo. Caminhou até o bar e preparou duas bebidas, sem me perguntar o que eu queria.

Entregou-me um Dry Martini e ficou com outro para si.

— Você nem faz ideia do quanto esperei

que algum dia você aparecesse na minha porta assim, sem razão, Hanna — começou. — Você não é idiota e nem eu sou, então vamos pular a parte em que você finge não saber dos meus sentimentos por você e sejamos francos, você sempre deixou bem claro que não sentia o mesmo.

— Thomas... — tentei interromper o assunto desconfortável. Estava absolutamente arrependida de ter ido atrás dele.

— Não. Não me diga que não é bem assim. Nós somos amigos, não somos?

— Sim. Somos, sim.

— Aquela noite na boate. Aquele tipo estranho com quem você saiu da festa. — Correu a mão pela testa, como se limpasse um suor imaginário. — Eu acabei bebendo demais. Quero que me perdoe pelo que fiz. Quer dizer, eu não tenho direito algum sobre você...

Meus olhos se fixaram no homem a minha

frente.

Por que eu não me apaixono por ele? O que há de errado comigo?

Thomas era inteligente. Era correto e tinha um caráter irrepreensível. Era bonito e desenvolto. Tinha um belo corpo. Uma boca linda e um sotaque que deixava as mulheres malucas. Eu sentia atração por ele. Era impossível não sentir. Não podia negar que já tinha fantasiado uma ou outra coisa. Por que simplesmente não me deixava levar?

Tomei um gole da bebida, o coração batendo forte. A cena da casa-barco, fresca em minha memória.

Deixei o copo na mesa de centro e me aproximei um pouco mais. Thomas estava sentado no braço da poltrona. Coloquei a mão em seu joelho e ele abriu um pouco as pernas para que eu pudesse me aproximar mais.

Ele acariciou meu rosto com cuidado.

Devagar, com a ponta dos dedos. Olhos claros fixos nos meus.

Fechei os olhos e esperei que ele me beijasse, mas não aconteceu, então eu me aproximei um pouco mais e encostei minha boca na dele.

Thomas demorou uns poucos segundos até tomar posse do beijo, puxando-me para ele. Nós nos beijamos por um longo tempo, e eu realmente não poderia dizer que não foi bom.

Talvez meu erro fosse buscar por uma paixão avassaladora. Talvez, se eu construísse um amor a partir da amizade, as coisas fossem mais duráveis. O fogo alto se extingue rápido, já a brasa...

Quando nosso beijo terminou, Tom beijou minha testa e depois sorriu.

— Acho que agora podemos finalmente virar esta página e seguir em frente, não acha?

PERIGOSAS NACIONAIS

Não entendi muito o que ele queria dizer.

— Como assim? — questionei. — Você não gostou de me beijar?

Lá estava eu, deixada de lado mais uma vez. A pobre coitada, sempre deixada no maldito altar.

Senti a respiração aumentar de intensidade. As lágrimas seriam, sem sombra de dúvidas, o próximo passo, mas eu não daria esse gostinho a ele.

Tentei dar meia-volta, mas Thomas me conteve.

— Hey! Não seja boba. — Correu os dedos pela minha face mais uma vez. — Você é a garota mais perfeita que já conheci. É linda, inteligente e tem essa sagacidade nata dos Galaghers, que tanto encanta.

Sorri meio sem jeito.

— Você é maravilhosa, Hanna, mas não me quer como eu mereço que alguém me queira.

PERIGOSAS ACHERON

Baixei os olhos para o chão de madeira encerada por um segundo.

— Tom... Você é um cara incrível. Quer dizer, eu posso não estar apaixonada por você ainda... Ainda... — enfatizei —, mas tenho certeza de que isso é uma questão de tempo.

Ele me encarou por um tempo.

— Tenho certeza de que eu poderia fazê-la gostar de mim, Hanna. Tenho certeza também de que eu seria o companheiro ideal para a bela e impetuosa Srta. Gallagher, mas desejo mais do que isso para mim e para você também.

Levantou-se e preparou mais duas bebidas.

— Naquela noite, na inauguração, eu tinha dito a mim mesmo que seria a última vez que tentaria qualquer aproximação amorosa com você. Bebi além da conta porque estava intimidado. Tinha medo de que um passo em falso acabasse me custando sua amizade e meu emprego. Entende? —

Assenti. — Eu amo meu trabalho, Hanna, e sou bom nele.

— Eu jamais o demitiria, Tom. Não por isso.

— Bem, eu bebi demais e resolvi jogar minhas últimas cartas, então aquele homem apareceu. É claro que ele não conhecia o Collin, ou você, ou qualquer pessoa da sua família. Eu tive certeza na hora, mas não a impedi; no fundo, não era da minha conta. Você fez a sua escolha e não fui eu o escolhido.

— Tom... — tentei mais uma vez.

— O quê? Vai me dizer que estou errado? Que seus olhos não faiscaram pelo desconhecido? Pela aventura?

— Não é bem assim...

— Vocês não ficaram juntos naquela noite?

— Ficamos, mas não é bem assim... Quer dizer... Tanta coisa aconteceu naquela noite. É

difícil explicar...

— O que você sentiu quando me beijou, Hanna?

— Tom... você é um homem atraente... É claro que eu gostei de beijar você.

— O que sentiu? — insistiu.

Como eu iria explicar isso a ele?

— Entende? Você merece mais que isso e eu também. — Ficamos em silêncio, um de frente para o outro. — Mas, agora que já passamos pela parte difícil, talvez possamos voltar a ser os bons amigos que éramos no início. Porque eu sinto falta disso! — Sorriu.

Dei-lhe um abraço apertado, aconchegando o rosto a seu peito, e senti seu coração bater forte.

— Você é incrível, Sr. Edwards!

— Eu sou, sim. Sou o melhor! — Beijou o topo da minha cabeça.

Passamos boa parte da noite conversando

sobre a nova temporada de *Game of Thrones*. Eu não queria entrar em mais nenhum assunto difícil com ele. Estava feliz com o rumo que tudo havia tomado.

Quando cheguei a minha casa, Collin já estava dormindo. Aproveitei para seguir direto para o meu quarto e evitar qualquer conversinha que fosse. Eu estava fechada para balanço. Precisava de um tempo para colocar as coisas em ordem.

Na manhã seguinte, Thomas me acompanhou até o hospital. Eu queria ver Lilian antes do trabalho. Teria uma viagem rápida até Zurique e provavelmente não conseguiria voltar ao Saint Peter no dia seguinte.

Pedi a Harold que nos levasse, assim ficaria livre para ir ao aeroporto, sem ter que deixar o carro na empresa.

As notícias eram boas, mas não ótimas. O ataque havia deixado sequelas motoras bastante

PERIGOSAS ACHERON

sérias em minha ex-sogra, mas ao menos ela estava fora de risco de morte e recém-desperta do coma.

Eu estava animada para a viagem à Suíça. Gostava de estar de volta ao jogo. Precisava de um pouco de adrenalina corporativa para esquecer de vez as bobagens que andaram rondando minha vida nos últimos tempos.

Cheguei a crer que as coisas começariam a melhorar, mas, quando desci do carro, eu o vi.

Pedro estava lá, segurando uma rosa vermelha, em uma atitude patética de se desculpar. Provavelmente achava que eu iria correr e me jogar nos braços dele como tinha feito em Zandvoort.

Se achava que poderia se comportar como idiota e depois simplesmente se desculpar, ele não conhecia Hanna Van Galagher como eu pensava que conhecia, mas eu daria a ele um pequeno curso intensivo de como lidar com isso.

Você não pode se deitar com uma leoa e

PERIGOSAS NACIONAIS

achar que vai se levantar sem nenhum arranhão.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10

Hanna

Enfiei minha cabeça no trabalho, como um avestruz, escondendo-me mais uma vez daquilo que me fazia sofrer. Era quase um dom. Outra coisinha que eu tinha herdado do Sr. Galagher.

Na sexta-feira, saí mais cedo do escritório. Tinha combinado que, em vez de sair para jantar com papai, iria até a mansão, e Collin cozinharía para todos nós. Ele estava a todo vapor com o cardápio do restaurante novo, e eu estava pelo menos um quilo mais gorda com toda a comilança.

Tomei um banho e coloquei um vestido florido, de alças finas. Penteei o cabelo e o deixei solto, seguindo de carro até a mansão.

Eu gostava de como nossa casa era movimentada e feliz. Tia Liz estava sentada em

uma das banquetas da cozinha, conversando animada com mamãe, enquanto tomavam vinho. Supus que tio Alex estava com papai no gazebo. Eles sempre iam para lá quando queriam conversar sozinhos.

Cumprimentei todos e servi um pouco de bebida em uma taça. Atravessei o jardim e me sentei no braço da poltrona de papai. Ele beijou minha testa e acariciou minha mão.

— Veja se não é a garota mais bonita e mais poderosa de Roterdã! — tio Alex brincou, abrindo os braços para mim.

— Espero que você ainda pense assim depois que eu lhe disser que acabei com aquela aquisição da mineradora em Joanesburgo — confessei abraçando-o apertado.

— Você não seria minha Hanna se não tivesse feito isso, querida! Aqueles safados estão atolados até o pescoço com as merdas ilegais que

PERIGOSAS ACHERON

andam fazendo bem debaixo do nariz da ONU.

— Jura? Eu sabia! Tinha algo de muito podre naqueles números tão perfeitos! Bem que Thomas me alertou!

— Ele também não seria meu sucessor se pensasse diferente! — Riu de canto, daquele jeito doce e sacana que só ele conseguia ter.

— Os anos passam e Persen continua presunçoso como sempre... — papai alfinetou antes de levar o cigarro à boca, dando uma tragada longa.

— Presunçoso? Nem tanto! Eu diria que tenho confiança nos meus talentos, ou não estaria aqui, dando conselhos ao grande Leão de Roterdã!

Caí na risada.

— Vocês dois não têm mesmo jeito! Vão estar empurrando andadores por aí e se provocando como dois meninos arteiros! E, por falar em artes... o senhor não deveria mais usar essa porcaria, Sr. Gallagher! — Apontei para o cigarro que queimava

no cinzeiro. Deixe só que a Sra. Gallagher descubra! — ameacei.

— Veja só, meu caro cunhado, passamos a vida zelando por eles. Nós os mimamos, protegemos e, quando crescem, ao primeiro sinal de rebeldia de nossa parte, apelam para a “suprema corte”!

— Desrespeito absoluto, Gallagher.

— Vocês dois são os melhores! — eu disse rindo, enquanto beijava cada um deles e seguia de volta para a cozinha.

Comemos um belo jantar e uma deliciosa sobremesa, aproveitando para colocar todo o papo em dia. Depois de adultos, dificilmente conseguíamos nos encontrar em dias normais. Cada um com sua rotina, acabávamos nos vendo bem menos do que gostaríamos.

Bebi tanto vinho que decidi dormir por lá mesmo. Não queria pegar a estrada sozinha e ébria.

Vesti um pijama velho e me deitei em minha antiga cama. Estava folheando um livro quando bateram à porta do quarto.

— Hanna? — a voz da minha mamãe chamou. — Posso entrar?

Assenti e dei um espaço para que ela se sentasse na beirada da cama.

— Sinto falta de quando vocês todos moravam aqui — confessou saudosa. — Esta casa anda vazia demais.

— Ah, mamãe, mas nós estamos tão perto!

— Sim, sei disso e sou muito grata, querida, mas, acredite, o coração de uma mãe só fica realmente tranquilo quando tem todos os seus filhos debaixo das asas. Eu só fico em paz quando encontro pequenas luzes acesas em todos os quartos desta mansão, como hoje.

Ela beijou minha testa e puxou as cobertas até debaixo dos meus braços, como fazia quando eu

PERIGOSAS ACHERON

era criança. Todos os dias, sem nunca nos deixar dormir sem um beijo de boa-noite.

Laura havia nascido para a maternidade. Seus olhos brilhavam quando olhavam para os filhos. Todos nós, sem acepção dos que tinham realmente nascido do seu útero.

Eu nunca entendi como ela conseguia ter tanto amor dentro dela. Como podia se dedicar tanto a alguém como fazia conosco, mas era muito agradecida por tudo isso.

Se ela era capaz de nos amar como se fôssemos realmente dela, eu também era capaz de amá-la como se fosse realmente minha.

— Mamãe? — chamei antes que ela saísse do quarto. — Eu amo você! Não sei se tenho vocação para a maternidade, mas, se algum dia eu tiver filhos, quero ser perfeita como você é!

Ela sorriu.

— Vou contar um segredo, querida... Deus

não escolhe os capacitados... Ele capacita os escolhidos!

Fechei os olhos com o coração em paz. Fosse o que fosse que Ele tivesse escolhido para mim, eu tinha sorte de ter pessoas tão maravilhosas ao meu lado.

Passei boa parte do sábado na casa dos meus pais. Não tinha muito o que fazer naquele apartamento solitário.

Depois da morte de Philip e de tudo que eu tinha descoberto, além do acidente de Lilian, eu andava cogitando a possibilidade de voltar a morar com meus pais.

Queria me sentir protegida.

Visitei Lilian pouco depois do almoço e soube que ela receberia alta em três dias. Os médicos estavam esperando os últimos resultados dos exames para mandá-la para casa.

Ela ainda se recuperava. Depois de algumas

PERIGOSAS ACHERON

pioras e melhoras, enfim estava estabilizada. Precisaria de uma enfermeira vinte e quatro horas por dia, já que tinha perdido a maioria dos movimentos do lado direito.

Falava com dificuldade e não conseguia andar, mas eu estava feliz em saber que era uma questão de tempo e dedicação até que estivesse boa novamente.

Quando a tarde caiu, sentei-me no deque perto do lago. Eu gostava de lá. Tirei as sapatilhas e deixei que os pés tocassem a água fria. Como em um passe de mágica, fui transportada para a casa-barco. Para Pedro. Eu queria dizer que não tinha pensado nele nem uma única vez em todos os dias que se passaram, mas não conseguia mentir nem para mim mesma.

Pedro Santana era uma lembrança boa demais para ser esquecida, mas, embora eu quisesse me lembrar, a cena da traição se fazia mais forte do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que as lembranças boas. Eu não queria senti-la nunca mais.

— Você é jovem demais para ficar cultivando essas rugas de preocupação nesse rostinho bonito! — Mamãe se aproximou. — No que está pensando?

— Nada de mais — desconversei.

— E esse “nada de mais” é alto e moreno, além de bonitão e perigoso?

— Mãe! — Acabei sorrindo.

— Collin me contou que você foi atrás dele.

— Não quero falar sobre isso, mãe. Estou tentando me ocupar de pessoas que valem a pena!

— Sabe, querida... Houve um tempo em que eu pensei exatamente como você... — Sentou-se ao meu lado. — E, sabe o que aconteceu? — Neguei com a cabeça. — A vida quase me tirou a única chance que realmente tive de ser feliz. Como você bem sabe, o Leão de Roterdã não é a pessoa mais PERIGOSAS ACHERON

fácil do mundo! — brincou. — Mas veja só como estamos.

— É tudo muito diferente, mãe! Você e papai... Vocês têm essa conexão toda aí... Eu mal o conheço...

— Ah, minha filha..., mas ninguém conhece ninguém até dar uma chance de verdade. Todos nós temos nossos esqueletos no armário e, além disso, qualquer pessoa que a deixe assim, pensativa por tanto tempo, merece um voto de confiança. — Levantou-se. — Tenho certeza de que vai tomar a decisão correta, querida! Você é minha pequena notável! Vai saber que caminho tomar, desde que escute seu coraçãozinho! — Beijou minha testa. — Ele é seu melhor farol.

Sorri para ela e beijei sua mão.

— Prometa que ao menos irá pensar no assunto... — pediu.

Eu não respondi. Não tinha contado a

PERIGOSAS ACHERON

ninguém sobre a traição e também não tinha contado aos meus pais sobre o filho de Robert. Ainda estava processando tudo em minha mente, nem tinha tido coragem de abrir o exame de DNA ainda. Tinha-o deixado sobre a mesa da minha cozinha e saído de lá tão rápido como se fugisse de um incêndio.

Estava no banho quando escutei o celular tocando. Corri para atender, mas, quando peguei o telefone, a ligação já tinha finalizado.

Normalmente eu não retornaria, mas cinco ligações perdidas do mesmo número fizeram com que a curiosidade falasse mais alto.

— Casa de apoio do Sagrado Coração — a voz feminina disse do outro lado.

Não entendi muito bem a ligação, mas, como estávamos procurando por uma instituição de caridade para um projeto de apadrinhamento, pensei que fosse isso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi! Eu sou a Srta. Gallagher, da Gallagher Corporation, acredito que alguém ligou enganado para este número. É o meu celular pessoal. Eu gostaria de deixar o número e o ramal do setor responsável pelos agendamentos — disse, cortês. Não queria que o lugar perdesse a oportunidade de ser solicitado apenas por um erro banal.

— Srta. Gallagher? Ah, não! Não estamos enganadas, não! Seu número foi deixado como contato de um interno nosso. Esperamos pelo contato de alguém depois da morte da mãe, mas, como ninguém procurou por ele, decidimos contatá-la. Precisamos conversar sobre o destino do menino. Como a senhorita deve saber, somos uma casa de apoio. Cuidamos dos filhos dos nossos internos, mas não somos um orfanato. O menino precisa ser entregue a algum responsável legal, ou mandado para adoção. Precisamos conversar com a senhorita.

PERIGOSAS ACHERON

Engoli em seco sem conseguir responder.
Um gosto amargo na boca.

— Senhorita? Podemos conversar hoje? Sei que é uma mulher ocupada. Se não se importar de vir até nós, domingo é dia de visitas. O menino está bastante tristonho desde que ficou órfão. Talvez a senhorita possa alegrá-lo um pouco.

Só percebi o quanto estava abalada quando o telefone caiu da minha mão.

Eu? Visitar o filho de Robert? O filho da traição?

Por melhor pessoa que eu tentasse ser, era demais até para mim!



Pedro

Subi na moto e saí feito um foguete, o vento batendo forte contra o rosto. A viseira aberta.

Eu precisava daquilo, na verdade, precisava de um tapa na cara bem-dado, mas, já que isso eu não teria, servia o vento frio mesmo.

Deveria ter ido para a oficina. Tinha muito trabalho lá, e enfiar a mão na graxa me ajudaria a lembrar bem o lugar ao qual eu pertencia, deixar de bestagens, mas, quando dei por mim, tinha pegado outro caminho. Oosterdok.

Estacionei a moto e desci. Caminhei pela passarela e subi a escadaria o mais rápido que meus três quartos de perna permitiam.

Quando cheguei ao topo, sentei. Estava ofegante. Cansado. Fechei os olhos por um instante, respirei fundo e depois os abri. Aquele era o lugar que me dava a melhor visão da cidade que

eu tinha escolhido para chamar de minha.

Eu amava a velha cidade como se tivesse vivido ali por toda a minha vida. Gostava de ver o movimento nas águas, o vai e vem de barcos pelos canais.

Aquele pedaço da Holanda, em especial, se parecia demais comigo. Nós dois tínhamos nos reerguido nos escombros do passado. Éramos o melhor que podíamos, depois de tudo.

O grande Nemo, construído sobre as antigas fundações do túnel, e eu, o novo Pedro, construído sobre o que sobrou do antigo. Vez ou outra, a maré baixava e deixava um pequeno vislumbre do passado aparente em um de nós, mas logo acabávamos submersos novamente.

Fiquei ali, sentindo o vento holandês na pele, tentando não pensar no papel de trouxa que tinha feito, até que a fome finalmente bateu. Era pouco mais de três da tarde. Desci até o calçadão e

PERIGOSAS ACHERON

caminhei de volta até a moto.

Tirei o dia para fazer nada. O trabalho podia esperar. Tudo podia esperar. Eu precisava de um tempo comigo mesmo.

A noite caiu fria para a primavera, mas eu agradeci. Fechei bem a casa e liguei a televisão. Queria assistir a um filme novo de serial killer que eu tinha esperado muito para ver, mas acabei dormindo antes da metade.

Sonhei com a minha formatura. Aquela que eu não tive.

Tudo foi tão real que acordei com a pior sensação de vazio que podia ter. Eu estava me sentindo fracassado. De repente, toda aquela coisa de vida livre no país mais liberal da Europa já não soava como um sonho, e sim como uma fuga. Covarde, por sinal.

Ela, provavelmente, não teria tratado daquela maneira o velho Pedro. O executivo

PERIGOSAS ACHERON

despachado e bom da boca.

Merda! Tudo que consigo pensar é na porra da dor de corno que eu sinto.

— Você precisa de um rumo, homem! Pare de lamentar e levante desse sofá! Você nunca foi um frouxo, não vai começar agora, com quase trinta anos nas costas!

Fiz a barba. Tomei um bom banho. Ajeitei a prótese e me vesti. Um jeans escuro e uma camisa de botão azul-clara. Eu queria parecer um cara de respeito. Queria um pouco mais de crédito do que o mecânico do subúrbio merecia.

O dia bonito me acompanhou por todo o caminho até Roterdã.

Queria não ter pensado naquela menina enquanto seguia pela pista quase vazia, mas estaria mentindo se dissesse que consegui.

Parei junto ao meio-fio e desci. Minha perna boa parecia pior que a ruim, de tanto que

PERIGOSAS ACHERON

tremia. Era um impulso. Um desejo momentâneo a que eu decidira dar ouvidos de última hora; se pensasse só um minuto a mais, eu jamais estaria naquele lugar.

O prédio antigo de tijolinhos vermelhos erguia-se imponente depois da praça vazia. O letreiro estava lá, enchendo meu peito com tantos sentimentos, que eu mal conseguia respirar.

— Rotterdam University of Applied Sciences — li em voz alta. Precisava ouvir ou não acreditaria que estava mesmo ali.

Caminhei até a administração do curso de engenharia mecânica.

Nunca tinha pensado em voltar a estudar, até aquela manhã, mas de repente eu me sentia como se pertencesse àquele lugar. Como se estivesse me reconectando a algo de que eu estava fugindo por muito tempo.

Dentro do peito, aquele medo abusado de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que no final algo desse errado. Porque era sempre assim. Eu nadava, nadava e morria na praia, mas não daquela vez.

Estufei o peito e segui até o guichê de atendimento.

Expliquei o melhor que pude a situação toda e perguntei se existia alguma maneira de conseguir cursar ali as matérias que me faltavam. Era um tiro no escuro, de espingarda de chumbinho, em um rinoceronte grande e veloz, mas, se eu não fizesse isso, não iria ter sossego nunca mais naquele maldito coração agoniado.

Para minha surpresa, a senhora simpática com quem falei marcou um horário para mim com o coordenador do curso. Ela me entregou uma lista de documentos que eu deveria levar para que ele verificasse as informações junto a minha antiga universidade, além de alguns folhetos sobre cursos livres.

PERIGOSAS ACHERON

“Pelo menos esses você pode fazer, com certeza!”, encorajou-me.

Demorei mais tempo do que precisava, andando pelos corredores largos e claros daquele lugar. Não queria ir embora.

Parei na lanchonete e pedi um café.

Enquanto esperava, o alarme soou e as mesas começaram a ficar cheias de estudantes. Pastas e tubos cheios de projetos. Notebooks e cadernos. Eu nem me lembrava mais de como era animado o clima dentro de uma escola.

Tomei o café sentindo o gosto amargo do medo ali, presente ainda, apesar da minha decisão de que dessa vez, de um jeito ou de outro, iria em frente. Nem que para isso eu tivesse que fazer todas as matérias livres que existissem no curso.

Voltei direto para a oficina, eu precisava de dinheiro. Se queria mesmo voltar a estudar, ia ter que botar a cabeça no lugar e deixar de ser tão PERIGOSAS ACHERON

brôco.

No que restou da semana, trabalhei igual a um condenado. Sol a sol, sem parar para mais nada além de comer e dormir. Peguei um trabalho extra de pintura em uma mansão, em um bairro chique de Roterdã, para o fim de semana.

Eu não tinha mesmo nada para fazer e não queria ficar com a cabeça livre. Pouco a pouco, dia após dia, pensava menos naquela menina. Tinha finalmente entendido que ela não era mesmo para mim. Logo ela não seria mais que uma lembrança boa.

Trabalhei o sábado todo e voltei até o lugar, no domingo pela manhã, para garantir que tudo estaria em ordem, quando encontrasse com o proprietário na segunda-feira, para receber meu dinheiro.

Estava tão cansado que nem sequer tinha trocado de roupa para voltar para casa. Lavei as

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mãos e o rosto, vestindo o capacete.

Eu estava cansado, mas sabia muito bem o que estava fazendo. Desde o acidente que me levara a perna, eu jamais pilotei sem ter certeza de que podia. Nunca mais tinha colocado minha vida em risco, não era nenhum idiota suicida. Sabia bem o quanto ficamos desprotegidos em cima de uma motocicleta.

Naquela curva não tinha sido diferente. Ultrapassei a caminhonete com cautela e fiz a curva. Troquei de faixa e acelerei. Não sei de onde o carro preto surgiu, por pouco consegui me desviar, mas, quando dei por mim já tinha derrapado e sabia que ia cair.

Não fechei os olhos. Se eu ia morrer, então aproveitaria até o último segundo de vida que tivesse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Hanna

O domingo amanheceu cinzento demais.

Não sei se tinha sido assim para todo mundo, mas para mim parecia pesado, sufocante. Não tinha nada de verão.

A cada passo que eu dava, sentia um aperto no peito, tão grande que mal podia respirar.

Cobri as olheiras com um corretivo o melhor que pude. Tinha passado a noite em claro, sentada na poltrona perto da lareira. Era onde eu costumava ficar desde que Robert se fora.

Fechei o zíper do vestido azul-marinho e calcei as sandálias Gucci de couro caramelo. Não era um encontro informal. Nem uma visita rotineira. Eu nem sabia por que estava indo novamente àquele lugar.

Boa parte da noite, que havia passado em claro, tentei convencer a mim mesma de que eu não tinha nada a ver com o tal garoto. Quem quer que tenha tido a ideia idiota de deixar meu telefone naquele lugar, certamente não sabia nada a meu respeito. Eu não me comoveria com nenhuma carinha fofa desprovida de dentes.

— Vamos lá, garota, você vai até lá em consideração à Lilian, uma única vez, e nunca mais. Vai explicar que não tem relação alguma com a criança e vai deixar o cartão do advogado da família Dresner. Eles que se virem e encontrem um destino para o pobre órfão.

Penteei os cabelos, peguei meus óculos escuros e as chaves do carro. Guardei-o na bolsa e descí as escadas. Para minha sorte, não tinha ninguém acordado ainda e eu pude sair sorrateiramente, como esperava.

Sentei-me atrás do volante e deixei a bolsa

PERIGOSAS NACIONAIS

no banco do passageiro. Demorei intermináveis segundos para girar a chave e dar a partida. Obviamente não era fácil para mim.

Eu sabia que a criança não tinha culpa de nada, mas isso não aliviava a dor da traição.

Isabella Dornel estava morta. Philip estava morto, Robert estava morto, e eu, bem, eu estava ali, segurando as merdas de todo mundo, sem ter feito coisa alguma para merecer.

Definitivamente, alguém lá em cima tinha muita raiva de mim.

Quando o celular tocou no console do carro, levei um susto enorme e só então percebi que estava em “piloto automático”.

Atendi no sistema de emparelhamento do carro.

— Oi, Justine! Como foi a viagem? — perguntei, cortês. Ninguém tinha culpa das minhas tragédias.

PERIGOSAS ACHERON

— Muito bem! Conheci um parisiense que a deixaria sem fôlego! — contou empolgada. — Inclusive falei de você com ele. Acredite, você vai me agradecer!

Acabei rindo. A última coisa em que eu andava pensando nos últimos dias era um encontro.

— Em outro momento, talvez — desconversei. — Eu ando atolada no trabalho, você sabe.

— Eu também me atolaria, se tivesse o aspirante a James Bond ao meu lado no escritório!

— Justine, Justine, você precisa de uma boa noite de sexo! — brinquei. Ao menos falar com ela estava me deixando menos tensa. E, se ela precisava de uma bela noite de sexo, tudo de que eu precisava era de uma boa conversa trivial.

— Tenho certeza de que preciso, Hanna, mas os bons homens estão em escassez completa e eu não estou disposta a baixar meu nível! Ando

PERIGOSAS ACHERON

completamente sem companhia — reclamou. — Inclusive acho que deveríamos nos ver hoje e colocar o papo em dia! O que me diz? Hum? Você sabe que está em falta comigo!

Era verdade.

— Ok, Justine, você tem razão. Estou mesmo precisando de algumas horas de conversa fiada — confessei. — Preciso resolver algumas coisas em Haia e, se não voltar muito tarde, aviso e podemos nos encontrar no Euromast. Para almoçar. O que acha?

— Acho perfeito!

Despedimo-nos assim que cheguei ao endereço da tal casa de apoio.

O lugar era parco. Tão discreto como uma escola católica, ou algo do tipo, deveria ser. Uma imagem grande do Sagrado Coração de Jesus, em mármore branco, destacava-se no centro do jardim. Pessoas em trajes modestos enchiam os bancos na

PERIGOSAS ACHERON

entrada.

De repente, eu não me sentia mais tão bem com meus sapatos de três dígitos.

Os internos usavam uniforme. Camisas brancas e calças, ou saias azuis. Cabelos bem-penteados e presos em rabos de cavalo. Bracinhos para trás, enquanto caminhavam. Cabeças baixas, olhares afoitos, procurando por rostos conhecidos.

Enquanto ia caminhando, um milhão de coisas iam passando em minha cabeça.

Eu tinha sido criada sem minha mãe. Nem sequer me lembrava dela como gostaria. Eu a via como nas fotografias. As lembranças que eu tinha dela se misturavam ao que as imagens retratavam. Uma garota jovem e sorridente, cheia de vida. Não me recordava muito da doença. Talvez ela tenha se esforçado para escondê-la de mim, ou talvez eu tenha guardado apenas o que meu coração via.

Lembro de me sentar na beirada do tapete,

ao lado da cama dela. Eu gostava de folhear livros de histórias, enquanto ela acariciava meus cabelos e fingia que lia os livros para mim.

Não me lembro das palavras, mas o som daquela voz era o mais bonito de tudo. Era como se o mundo parasse quando ela sussurrava para mim.

Às vezes eu ainda ouvia a voz dela nos meus sonhos e parecia tão real. Um som que eu reconheceria em qualquer lugar.

Eu não era uma pessoa insensível. Por mais que estivesse machucada, a imagem daquela pobre mulher na cama do hospital não saía da minha cabeça. Isabella Dornel também tinha deixado um filho pequeno.

Será que ele entendia o que estava acontecendo? Será que sabia tudo que o aguardava dali para a frente? Será que tinha noção de como o abraço dela lhe faria falta? De quantas vezes desejaria aquele colo, ainda que sem jeito, na cama

do hospital?

Pensei em correr daquele lugar o mais rápido que minhas pernas aguentassem, por mais de uma vez. Programei em minha mente que entraria lá com os óculos escuros e que largaria o telefone sobre a mesa da administradora, deixando bem claro que não tinha nada mais a fazer por ali, mas uma parte pequena e quase sufocada dentro de mim desejava conhecer o menino.

Robert Dornel.

Será que ele se parecia com o pai? Será que tinha os olhos dele? Como seria encontrar uma criança que poderia ter sido minha?

— Você deve ser a Srta. Gallagher — uma senhora de bastante idade e vestimenta de freira disse assim que me viu. — Eu estava esperando por você.

— Como sabe que sou eu? — questionei.

— Não temos muitas crianças por aqui e

você é a única pessoa que parece perdida! — Sorriu de um jeito doce e fraterno. — Venha... — Estendeu a mão para mim.

— Na verdade eu queria apenas deixar o cartão... — Desviei os olhos dos dela. Não queria fraquejar. — O advogado responsável... pela herança... — Revirava minha bolsa atrás do maldito pedaço de papel, que parecia ter se desmaterializado. — A Sra. Dresner... Eu já recebi o exame. Vou encaminhar ao advogado, a senhora não precisa se preocupar. A herança do menino cobrirá qualquer custo...

A freira deteve minha mão inquieta.

Segurou-a entre as mãos dela. Acabei por encará-la, ainda que a contragosto.

— Sabe, senhorita, Deus tem uma maneira estranha de colocar as coisas de que precisamos em nossas vidas. Por vezes, chegamos a pensar que são as coisas erradas. Nem sempre as coisas Dele são

PERIGOSAS ACHERON

as que desejamos, mas certamente são aquelas de que mais precisamos.

Ela não me conhecia, mas eu sentia como se enxergasse minha alma. Respirei mais fundo do que gostaria.

— Venha... Você pode vê-lo de longe, se preferir. Talvez faça bem a você.

Não discordei, embora não conseguisse concordar.

A freira segurou minha mão e me levou até um pequeno jardim, nos fundos do lugar.

Havia uma capela diminuta, sem portas, e, dentro dela, uma imagem da Virgem Maria. Aos pés da santa, um menino pequeno estava sentado de costas; as mãozinhas mexiam em algo que eu não conseguia ver. O cabelo era loiro e ondulado, como o de Robert também era.

Fiquei parada ali, observando a criança. Meu coração dando um nó tão grande que só me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dei conta de que chorava quando algumas lágrimas pingaram em minha mão.

— Quer ir até lá? — a senhora me perguntou e eu assenti.

Dei um passo, e outro, e então parei. Levei um segundo para me virar de costas e fugir dali tão rápido que nem sei como consegui entrar em meu carro.

Eu não estava preparada para nada daquilo. Queria ser mais altruísta. Realmente sentia muito pelo menino, mas não o queria na minha vida. A última coisa de que eu precisava era um fantasma de Robert e toda a sujeira dele espreitando por aí com olhinhos fofos de criança. Era muito para mim.

Na volta para Roterdã, uma garoa fina começou a cair na pista. O dia, que tinha começado cinzento, de repente tinha se tornado frio e escuro como eu me sentia.

PERIGOSAS ACHERON

Já na rodovia, depois de pegar a saída para a parte velha da cidade, um caminhão ziguezagueou na pista e quase bateu em cheio em um carro preto que vinha na faixa contrária. Eu vi o acidente acontecer em câmera lenta. O motoqueiro não teve a mesma chance que o motorista do carro e, tentando não bater, acabou perdendo o controle da motocicleta, caindo na pista. Rolou algumas vezes e bateu contra a grade de proteção do canteiro.

Ele estava de capacete, mas não usava a roupa adequada de proteção e, certamente, tinha se machucado bastante. Nenhum dos carros envolvidos parou para prestar socorro.

Tudo que eu conseguia pensar era no meu pai. Ele quase tinha sido arrancado de nós em um acidente parecido com aquele. Estacionei no acostamento e liguei o pisca-alerta. Eu não poderia deixá-lo ali. Ele provavelmente tinha alguém o esperando em casa. Filhos, uma esposa. Eu tinha

PERIGOSAS ACHERON

sido covarde ante a possibilidade de conhecer o filho de Robert, não seria covarde ali.

Corri o mais rápido que pude. Abaixei na altura do homem caído no chão. Ao menos tentava se mover.

— Calma! Não tente se mover. Eu vou chamar a emergência, fique tranquilo.

Ele parecia um pouco desnortado. Tentava erguer a viseira do capacete, mas a dor o limitava.

Aproximei-me mais um pouco e ele segurou minha mão. Ergui a viseira.

— Pedro! — gritei incrédula. — Oh, meu Deus, Pedro! Não!



Pedro

Eu provavelmente tinha morrido.

Nada mais justificaria ver um anjo em minha frente. Ainda mais um anjo como aquele.

— Pedro! — ela gritava, mas parecia música. — Pedro! Fica acordado! Fica comigo!

Eu queria ficar. Queria muito ficar, mas o sono era tão bom. Tão confortável, que não pude deixar de dormir.

Não sei quanto tempo passou até que acordei.

Abri os olhos devagar. Meu corpo doía inteiro. Até a perna que eu não tinha mais parecia doer.

Um acesso tinha sido colocado na minha mão direita, mas, se era analgésico, não estava funcionando muito bem.

Tentei verificar a gravidade dos ferimentos

antes de qualquer coisa.

Meu braço esquerdo estava imobilizado junto ao corpo. Minha prótese não estava no quarto. Talvez tivesse sido danificada com a queda e, se isso tivesse mesmo acontecido, eu estaria fodido.

— Desgraça da porra! — praguejei em português.

Eu não tinha como sair da cama e, embora não estivesse tão ferido, certamente me estabacaria como uma jaca madura no chão.

Forcei meu corpo para a frente até conseguir me sentar. Minhas costas doíam um pouco; tateei alguns cortes e arranhões num braço e no peito. Não conseguia respirar fundo e não sabia se era por causa das costelas ou da coluna, mas, graças ao meu Senhor do Bonfim, ainda tinha uma perna e dois braços.

Eu me deitei novamente e esperei até que alguém aparecesse. Depois do que pareceu uma

PERIGOSAS ACHERON

eternidade, uma enfermeira disse:

— Oh, que coisa boa, o senhor acordou!
Seja bem-vindo de volta, Sr. Santana!

— Ah, acredite, é um prazer estar de volta!

— Eu trouxe seus remédios. — Ofereceu-me um copinho pequeno com três pílulas coloridas.
— Um para dor, um antibiótico e um relaxante. O senhor precisa descansar.

Engoli as pílulas com a água e agradei.

— Onde está minha prótese? Eu cheguei com ela aqui?

— Sim, chegou. Sua namorada levou para o setor de traumatologia, para confirmar que está funcionando bem.

— Minha namorada?

— Se não é, deveria ser! — Piscou para mim. — Fariam um belo casal!

Não tive muito tempo para responder. Antes que eu dissesse qualquer coisa, Hanna entrou no
PERIGOSAS ACHERON

quarto.

Usava um vestido azul, elegante, e carregava minha prótese nos braços. Gelei da cabeça aos pés. Não sabia o que dizer.

Ela colocou o objeto em uma das poltronas e virou-se para mim.

— Então o Belo Adormecido resolveu acordar! — debochou. — Pelo menos estamos em 2x1.

— Como? — perguntei sem entender.

— Você me salvou duas vezes, eu o salvei uma! — Deu de ombros.

Eu não conseguia responder, meus olhos oscilando entre ela e a prótese.

— O que foi? Seu segredinho? — Apontou para a poltrona. — Não seja bobo, homem! Eu acho até bem sexy. — Deu um sorrisinho de canto, cheio de ousadia. — Lembra o Tony Stark.

— 3x1 — eu a corriji.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como assim, 3x1?

— Salvei você do riquinho na boate, depois troquei o seu pneu e ainda a levei para passear em Zandvoort — eu me gabei.

— Você é muito convencido! Se for assim, estamos em 3x2 porque eu acabei de consertar essa belezinha aqui! — Apontou para a prótese. — Ou você teria que sair daqui usando muletas. E com o ombro deslocado seria bem difícil.

Ela sorriu e eu sorri também. Nenhum de nós tinha se dado conta de que a enfermeira ainda estava no quarto.

— Como eu disse, se ainda não são, estão perdendo tempo! — cochichou perto de mim. — O senhor fica conosco esta noite, Sr. Santana. Amanhã à tarde, o médico virá vê-lo e, se tudo correr bem, você poderá ir para casa. O senhor tem um bom anjo da guarda! Teve muita sorte com o acidente.

PERIGOSAS ACHERON

Concordei com a cabeça, era mesmo verdade. Apesar de tudo, eu não podia reclamar da sorte que tinha.

A enfermeira saiu, Hanna e eu ficamos sozinhos no pequeno quarto. Ela se encostou na cama vazia ao lado da minha. Estava sem jeito como eu.

— Bem, agora que você acordou e está tudo bem, vou deixá-lo descansar — disse sem me encarar. — Posso ligar para alguém se quiser. Ou emprestar o celular. O seu não teve muita sorte com o acidente.

Meu coração estava acelerado. Eu não queria que ela fosse embora, mas também não queria pedir que ficasse.

— Tudo bem. Não tenho ninguém a quem avisar mesmo! — Dei de ombros tentando parecer menos brôco do me sentia.

— Quer ligar para sua namorada? —

insistiu. — Ela deve estar preocupada.

— Hanna... Aquela mulher... Lisa...

— Você não me deve nenhuma explicação, Pedro. Fique sossegado. Eu só quis mesmo ajudar alguém que precisava. Está tudo bem. Você não me deve nada.

— Oxe, que menina mais arretada! Atropela todo mundo! — acabei soltando em português. Pensei que Hanna não compreenderia, mas ela começou a rir e então eu me lembrei que ela tinha dito que a mãe era brasileira.

— Você falou igualzinho a minha mãe agora! Ela sempre diz que eu saio atropelando todo mundo! — respondeu em um português quase sem sotaque.

— Ô delícia da porra! Nem sei quanto tempo faz que eu não converso com alguém em português! Por que não me disse que fala minha língua?

— Porque é divertido ver você se enrolando todo para falar a minha! — debochou.

— Hanna, aquela mulher não é minha namorada. Não podia estar mais longe disso... — insisti. — Não sei o que houve na sua vida antes de me conhecer. Não sei o que a levou a pensar que eu teria deixado acontecer o que aconteceu entre nós se tivesse alguém, mas eu lhe asseguro que jamais faria isso.

Ela respirou fundo, acho que queria parecer forte.

— Lisa é uma amiga de longa data. O pai dela me ajudou muito quando cheguei aqui nesta terra. Eu não tenho, nem nunca tive nada além de amizade com ela. É fraternal. Só isso. Ela está passando por problemas em um relacionamento abusivo. Foi me pedir ajuda. Você pode não querer ficar comigo por uma dúzia de motivos... Eu até posso ajudar a formular essa lista, acredite, mas

PERIGOSAS ACHERON

traição não é e nunca será um deles.

— Naquela noite, quando saí da sua casa...
— ela começou a falar, ainda sem se aproximar. Guarda levantada. — Fui direto para o apartamento do Thomas. Não vou mentir para você, eu fui tentar me acertar com ele. Thomas é meu braço-direito na empresa. Eu confio nele integralmente. É um bom homem. Justo, honesto, competente. Qualquer mulher ficaria lisonjeada em ter o amor dele...

— E então vocês se acertaram... — interrompi. — Eu vi, pelo jeito que ele a tratou quando saíram do carro. Tudo bem, Hanna. Como eu disse, você tem uma dúzia de motivos para não querer se envolver com um cara como eu, e eu...

— Mas que merda, Pedro! Parece que não sou só eu que atropela as coisas! — reclamou me calando. — Eu não acertei porcaria nenhuma com o Thomas porque ele não é idiota e percebeu rapidinho que não era com ele que eu queria estar

PERIGOSAS NACIONAIS

— confessou. Seus olhos encontraram os meus pela primeira vez desde que começamos a conversa.

— Não? — perguntei com a voz mansa.

— Não!

— E com quem você queria estar? — de mansa, minha voz estava começando a ficar melosa.

— Eu esbarrei em um brasileiro outro dia desses. Uma daquelas situações que, apesar de improváveis, são superclichês, sabe?

— Sei, sim.

— Pois bem, acabei tendo cinco minutos de insanidade e terminei na cama com ele...

— Muito inconsequente da sua parte... — brinquei.

— Também acho! Mas o fato é que, daquele dia em diante, eu tenho tentado tirá-lo da cabeça, mas anda bem difícil.

— Eu acho que você deveria parar de

PERIGOSAS ACHERON

tentar...

— É mesmo? E o que mais?

Estendi a mão com o soro em direção a ela.

Usei o meu melhor sorriso.

— Ô menina, venha até aqui, venha? —
chamei. — Se soubesse como eu quero beijar essa
sua boca!

Ela sorriu, mas demorou alguns segundos
antes de colocar a mão na minha e me permitir
trazê-la para perto.

Puxei-a para mim. Não podia abraçá-la, mas
tentei me aproximar o máximo que pude. O toque
dela em meu peito nu enviava ondas elétricas,
como se minhas veias fossem fios desencapados.
Ela mexia comigo demais.

Minha boca tomou posse do beijo dela.
Minha língua invadiu sua boca, com todo o desejo
que eu sentia. Ela respondia na mesma intensidade,
os dedos escorregando pela minha pele até a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cintura. Minha mão apoiada em seu quadril.

— Isso nem deve ser permitido! — ela balbuciou, mas não parou de me beijar.

— Nunca disseram a você que tudo que é proibido é mais gostoso?

— Pedro!

— É sério!

Fiquei olhando para ela por mais um segundo depois de separar nossas bocas e, então, beijei de leve seus lábios.

— Olha, Pedro... — ela disse afastando-se um pouco mais. — Isso vai ser bem difícil!

Sorri com um canto da boca.

— Até agora nada que realmente valesse a pena foi fácil na minha vida, moça!

PERIGOSAS ACHERON

Hanna

Deixei Pedro no hospital e fui para casa.

Precisava de um bom banho e roupas limpas. Estava ainda suja da estrada chuvosa. Abri a porta do apartamento e tirei as sandálias. Desci o zíper do vestido e o levei direto para o cesto de roupas sujas.

Liguei a água da banheira e deixei que ela enchesse por completo. Coloquei um pouco da minha espuma de banho preferida e entrei.

Fechei os olhos sentindo a água morna em minha pele. Depois de muitos dias, finalmente podia sentir menos peso sobre os ombros.

Saber que as coisas entre mim e Pedro tinham possibilidade de se acertarem me trazia uma paz diferente. Uma que eu não costumava sentir.

Ainda não sabia bem o que queria e acredito que nem ele sabia também, mas estávamos dispostos a deixar a coisa rolar. Era bom assim, dava menos medo.

Por mais que eu quisesse fingir que não me afetava, vez ou outra a imagem do menino na capela ainda invadia meus pensamentos.

Vesti uma camisola e me sentei no sofá, com uma dose de Bourbon. Não demorou muito para que eu adormecesse.

Na manhã seguinte, decidi fazer uma parada antes de ir ao escritório.

Eu não ia muito ao cemitério. Nunca entendi por que as pessoas visitavam aquele lugar, já que não havia nada lá além de ossos e lembranças tristes, mas naquela manhã eu sentia que realmente queria ir até lá.

Passei pelos portões, decidida a visitar o túmulo de Robert, mas acabei parando na grande

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cruz, na entrada do lugar. Peguei uma vela e acendi. Ofereci a Isabella Dornel. Era ridículo e totalmente despropositado, mas eu me sentia em falta com ela.

Eu podia pensar em perdoar Isabella. Ela não tinha me traído. Talvez nem soubesse da minha existência quando tudo começou, mas eu não podia perdoar Robert. Ele tinha sido desleal. Tinha me feito sufocar um sonho por ele e não me tinha dado nada em troca.

Sentada naquele banco de jardim, vendo as velas queimarem, pensei em meu pai. Eu sempre o admirei, mas nunca compreendi como ele tinha sido capaz de perdoar mamãe. Como tinha cuidado dela com tanto respeito e carinho. Como zelava pela memória dela, mesmo depois de saber toda a verdade sobre Collin e da traição.

Desejei ter herdado esse desprendimento também, mas eu não era tão forte como ele.

PERIGOSAS ACHERON

Fiz minha prece silenciosa, levantei-me e voltei para o carro. Quando fechei a porta, uma vontade imensa de chorar me invadiu.

Fiquei pensando em meu irmão e no que teria sido dele se papai tivesse sido fraco como eu. Collin era como o garoto da capela, e eu era covarde demais para ser como meu pai. A história se repetia, só que de um jeito mais triste.

Entrei no prédio pelo elevador privativo. Não queria que ninguém visse que eu tinha chorado. Thomas estava na Inglaterra. Tinha assuntos de família para resolver e, além dele, eu não confiava em mais ninguém.

Não tirei os óculos escuros quando passei pela secretária.

— Bom dia, Vivian, desmarque todos os meus compromissos da manhã.

Não esperei que ela dissesse nada. Fechei a porta dupla o mais rápido que pude, precisava do

PERIGOSAS ACHERON

meu refúgio, mas, quando me virei, fui pega de surpresa.

— Papai!

— Você me disse que eu poderia entrar quando quisesse... — ele se justificou.

— É claro, pai! — Sorri amarelo. — Se me der só um minutinho. Eu acho que devo estar com algum tipo de alergia nos olhos ou coisa assim... — desconversei.

— Coisa assim, provavelmente — palavras calmas deixando sua boca, enquanto caminhava até mim. — Eu só estou tentando entender se essa “coisa” tem mais a ver com o mecânico acidentado ou com o filho bastardo de Robert Dresner.

Travei no chão na mesma hora.

— O filho, pelo visto.

— Você sabia? Como assim, pai?

— Não sabia, minha querida. Pelo menos, não até ontem. — Beijou minha testa e tirou meus

óculos escuros. Estendeu a mão e me conduziu até a poltrona de couro.

— Mas como você soube? Eu não contei a ninguém!

— Quando você saiu sem avisar, ontem pela manhã, eu fiquei apreensivo. Esperei que você explicasse, mas, como não aconteceu, resolvi investigar e acabei descobrindo esses dois fatos. Primeiro você foi até um orfanato em Haia. E depois socorreu um homem acidentado. Homem este que, descobri agora há pouco, trata-se de um jovem mecânico com o qual a senhorita já foi vista mais de uma vez. Eu só não consegui descobrir qual dos dois havia arrancado essas lágrimas. Agora sei.

— Você mandou alguém me seguir?

— Usei o rastreamento remoto e um pouco de influência nos lugares certos.

— Não acredito que fez isso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desde o sequestro da sua mãe, intensifiquei nossos dispositivos de segurança, querida; o mundo é um lugar podre. Eu faria qualquer coisa para proteger meus filhos, Hanna, você sabe. E é por isso que estou aqui.

Coloquei minha mão sobre a dele.

— Estou feliz que esteja aqui, papai, precisava mesmo conversar com você.

— Quando você nasceu e eu a peguei em meus braços, entendi que jamais poderia sorrir de novo se você não estivesse sorrindo. — Beijou minha mão. — Você sempre foi o meu raio de sol, Hanna. E então você cresceu. E eu descobri que não poderia mais protegê-la de qualquer coisa. Que você tomaria suas próprias decisões. Que sofreria suas próprias dores. Se acha que as noites em claro embalando um bebê são as piores na vida de um pai, espere até as noites em que não temos como embalar um filho que chora.

PERIGOSAS ACHERON

Deitei a cabeça em seu colo. Papai estava apoiado no braço da poltrona, afagando meus cabelos como fazia todas as noites em que eu tinha pesadelos. Ele nunca me deixou sozinha. Nunca tive que chorar até dormir. Sequer precisei pedir qualquer tipo de cuidado. Ele sempre esteve a postos para todos nós.

— Em que eu posso ajudá-la, meu raio de sol?

Respirei fundo.

— Como você conseguiu? Como foi capaz de aceitar Collin depois de tudo? Como, pai? Porque eu mal consegui olhar para o garoto! — confessei, as primeiras lágrimas deixando meus olhos devagar.

— Venha... — Levantou-se e estendeu a mão para mim. — Vamos dar uma volta por aí e conversar.

Aceitei. Não tinha mesmo muito clima para

trabalhar; minha cabeça estava confusa e cheia de nós. Não estava rendendo como eu costumava render.

Entrei no esportivo prateado do meu pai. Ele ainda mantinha o mesmo gosto rebuscado por carros de luxo. Colocou os óculos escuros e deu a partida. Pouco a pouco, o Leão de Roterdã recuperava sua postura ativa de sempre. Era assim que eu gostava de vê-lo.

Papai dirigiu até Amsterdã. Estacionou perto da praça dos museus e descemos do carro.

— Faz tempo que não venho aqui — confessou.

— Faz tempo que não venho também.

O lugar estava cheio de turistas. Mal era possível ler a frase “I Amsterdam” em frente ao Rijksmuseum.

Era engraçado como todo turista sempre queria ir até lá. Era um dos cartões postais mais

PERIGOSAS ACHERON

importantes do nosso país, e eu mesma nunca tinha tirado foto alguma ali. Era como se importasse menos para mim que realmente “era Amsterdã”.

Caminhamos até mais perto do conjunto de letras.

— Muito tempo atrás, eu conheci uma garota aqui, neste lugar — ele começou. — Ela sorria tão empolgada, tentando tirar uma fotografia boa com a própria máquina. Fiquei observando-a por um longo tempo. Tinha belos olhos, verdes como safiras. Uma alegria que emanava dela e contagiava todos a sua volta.

— Mamãe.

— Sim. Sua mãe... — Fez uma pausa, olhos fixos nos jovens turistas que tiravam suas fotografias. — Naquele dia, eu não falei com a garota. Apenas a observei de longe. Dias depois eu a vi na faculdade, tomei coragem e me apresentei. Você me perguntou como consegui aceitar seu

irmão, e a resposta está aqui.

— Não entendo.

— Todas as vezes que tive dúvidas sobre o quanto seria capaz de deixar a traição dela de lado, eu vinha até aqui e me lembrava daquela garota bonita e tão sorridente. Se fechar os olhos, ainda hoje consigo me lembrar dela e de tudo de bom que Patrícia Tavares trouxe para mim. Eu amei seu irmão porque via nele tudo de bom que sua mãe era. Eu tive uma escolha, Hanna. Podia sofrer e maldizer tudo de errado que ela tinha feito, ou podia seguir em frente e deixar os erros somente para ela. Decidi que não queria carregar nenhum sofrimento pelo erro de outra pessoa. A vingança e a falta de perdão são como um veneno que preparamos para o outro e acabamos bebendo nós mesmos. Eu decidi não beber.

Enchi os pulmões com o ar frio da manhã. Soltei o ar bem devagar, deixando um pouco da

PERIGOSAS ACHERON

tristeza sair junto.

— Não sei se consigo, pai. Tenho a sensação de que não sobrou nada de bom de tudo que vivi com Robert. Eu me sinto tão idiota. Não sei se consigo olhar para aquele menino sem enxergar o grande filho da puta que o pai dele era — confessei.

— Então deixe que o advogado dos Dresners cuide de tudo. Afaste-se da criança, Hanna. Você não tem obrigação alguma com o menino, mas ele não é um experimento, que você pode testar, ver como fica e então descartar como um protótipo que não deu certo. Eu posso falar com o advogado. Posso cuidar de tudo para você, já que Lilian não está em condições. Asseguro que o garoto terá tudo a que tem direito. Você não precisa vê-lo nunca mais.

Não respondi. Não tinha certeza de que não queria vê-lo nunca mais, mas papai estava coberto

PERIGOSAS ACHERON

de razão. Meu silêncio deve ter me denunciado.

— Se quer um conselho valioso de um cara que já errou e acertou bastante nessa vida, tire um tempo de folga. Você precisa pensar na Hanna e no que ela deseja para o futuro. Eu a vejo trilhar caminhos que não são seus desde tão cedo, querida. Primeiro com Robert, depois com a minha doença.

— Não diga isso, papai! Não é justo! Eu amo meu trabalho. Não estou fazendo um favor a você. Eu sinto orgulho do que faço, de como faço.

— E é muito boa nisso, minha filha. Você me deixa muito orgulhoso também. E, se tirar um tempo parar cuidar de si mesma, voltará ainda mais preparada para estar à frente dos nossos negócios. Quero um pouco da minha garotinha sorridente de volta.

— Eu cresci, pai. Não sou mais aquela menina que acreditava em contos de fadas.

— Talvez esse seja seu maior problema.

Você precisa voltar a acreditar em finais felizes. Você está cercada deles, Hanna. Eu sou um exemplo disso. Olhe para a minha vida. Não foi nada do que eu planejei e, ainda assim, é perfeita.

— Você e mamãe têm aquela coisa de alma, pai. É diferente.

— Talvez você também tenha uma alma gêmea perdida por aí e esteja deixando passar. Olhe com mais atenção; permita-se amar novamente, Hanna.

— E, com toda esta conversa, você está me dizendo que está de volta ao jogo. — Sorri.

Ele ajustou os óculos escuros no rosto e curvou os lábios em um leve sorriso de canto.

— Você sabe o que dizem sobre o cheiro do sucesso...

— Que ele vicia!

— Tire uns dias para você, filha... Descanse a cabeça... As melhores decisões serão tomadas,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tenho certeza. E lembre-se... muitas coisas não ousamos empreender por parecerem difíceis; entretanto, são difíceis porque não ousamos empreendê-las.

— Volto tão logo as coisas fiquem mais claras para mim.

— Sua mesa estará ao lado da minha. Sempre.



PERIGOSAS ACHERON

Pedro

Pouco depois do almoço, Hanna entrou em meu quarto mais uma vez.

— Trouxe boas novas... — Sentou-se na beirada da cama e ajeitou os cabelos com as mãos. — Você está de alta. Encontrei com o plantonista no corredor.

— Ótimo! Não aguento mais esse vento gelado na bunda! — confessei e ela riu alto.

— Só você, Pedro! Olha... — entregou-me uma sacola —, acho que acertei no tamanho.

Enfiei a mão na sacola e tirei uma camiseta preta, uma cueca e um agasalho cinza-escuro. Eram do meu tamanho. Havia uns tênis também. Um número maior que o meu, mas dava para me ajeitar.

— Alguém já disse que você deveria ser vendedora de roupas? — debochei.

— Uma ou duas vezes... Mas eu prefiro o

mundo corporativo. Vai entender, não é? Agora anda, vá lá e se troque. Vou dar uma carona para você também.

— Puxa! E olha que hoje nem é Natal!

Vesti a prótese, descii da cama e caminhei até o banheiro. Quando olhei no espelho, pude ver realmente a extensão dos ferimentos. Tinha muitos hematomas e arranhões espalhados por todo o meu peito e pelos braços.

Vesti a calça, já que a cueca não consegui. Meu ombro estava pior do que eu imaginava.

Saí com a camiseta na mão.

— Seria muito abuso se eu pedisse uma ajuda? — perguntei a ela.

— Seria, mas hoje é o seu dia de sorte. Estou fazendo vista grossa para os abusados de plantão. Vem cá.

Ela ficou bem perto, para me ajudar a vestir a peça, a mão tocando minha barriga e meu peito.

PERIGOSAS NACIONAIS

Usei todo o meu poder de concentração para não acabar fazendo uma besteira.

— Vamos para casa? — perguntou, e eu concordei.

Binho estava deitado na casinha. Assim que me viu, saiu andando e grasnando, fazendo festa.

— Ah, garoto, também senti sua falta. Eu me abaixei um pouco para acariciar a cabeça do marreco.

Hanna entrou comigo em casa.

— Quer um chá? Um pouco de água? O controle da TV? — ofereceu assim que eu me sentei na cama.

— Venha cá! — chamei estendendo a mão, e ela se aproximou.

Sentou-se ao meu lado, de frente para mim. Acaricieei seu rosto e encarei seus olhos até que ela sorriu.

— O que foi? — perguntou sem jeito.

PERIGOSAS ACHERON

— Você parece um anjo, moça.

— Se me conhecesse melhor, não diria isso!

Puxei-a para mim, enfiando a mão em seu cabelo, trazendo seu rosto para mais perto. Dessa vez, o beijo não foi contido. Ao contrário. Eu queria aquela menina com tanta vontade que não conseguia me segurar.

— Pedro, você ainda está se recuperando. Sabe disso, não sabe?

Não respondi. Puxei o vestido florido para fora do corpo dela o mais rápido que consegui, com uma mão só.

Segurei firme em seu quadril e a trouxe para o meu colo. Ajeitei nossos corpos para que ela pudesse sentir o quanto eu estava excitado, desejando-a mais uma vez.

— Tire a calcinha — pedi.

Ela me encarou com seus grandes e claros olhos verdes como o mar. Aquele sorrisinho

danado brilhando no canto da boca.

Levantou e tirou a pequena peça de renda. Estava nua para mim. A pele clara, rosada de desejo. A respiração mais forte.

Segurei sua mão e a trouxe até perto do meu rosto. Ela em pé, em frente à cama, e eu sentado. Pernas esticadas no colchão. Queria que ela tivesse a melhor transa da vida dela. Queria que ela nunca mais conseguisse ficar com alguém sem se lembrar de mim.

Beijei sua barriga bem devagar. Minha língua traçou o contorno do umbigo, enquanto meus dedos desciam pelo púbis, até encontrar a carne macia e quente. Eu podia sentir a excitação dela antes mesmo de tocá-la, mas, quando toquei, a umidade melou meus dedos e eu perdi o pouco de cautela que ainda tinha.

Penetrei-a com um dedo, abrindo espaço devagar, e então fui descendo o rosto com beijos

suaves até lambar o clitóris bem fundo, sugando de leve em minha boca e sentindo-a arfar.

Ergui uma de suas pernas e a apoiei no colchão, deixando mais espaço para que eu pudesse beijá-la com vontade.

— Pedro... — o sussurro morreu em sua boca, dando lugar a um gemido baixo.

— Sim. Sou eu. Pedro. É o meu nome que você vai chamar quando estiver sozinha e a lembrança do que vamos viver a deixar louca de desejo. É o meu nome que vai chamar quando outro homem tentar tocá-la e você perceber que nunca será a mesma coisa.

Enfiei dois dedos movendo de modo ritmado, enquanto a explorava toda com a língua e sentia seu corpo se apertar mais e mais.

Quando ela gozou nos meus dedos, eu não resisti. Puxei-a para o colo, abaixando um pouco a calça. Abri a gaveta do criado e peguei um

PERIGOSAS ACHERON

preservativo. Estava tão desesperado de tesão que, com uma mão só, quase não consegui vestir. Ela pegou e encaixou o preservativo na cabeça do meu pau, deslizando os dedos pelo comprimento devagar, torturando-me ainda mais.

— Hum... — gemi jogando a cabeça para trás.

Ela se ajeitou e me guiou até que eu pudesse penetrá-la o mais fundo que podia. Seu cabelo enrolado em minha mão, mantendo sua boca na minha, enquanto ela cavalgava no meu colo.

Hanna gemia mais alto a cada movimento do meu corpo de encontro ao dela e eu acabei me deixando levar, gemendo junto; dois animais no cio. Mais e mais até que ela suspirou e gemeu contra minha boca, num último beijo, e deixou o rosto pender contra meu ombro. Igualmente saciados.

Acordei com a noite alta. Não era muito

PERIGOSAS NACIONAIS

fácil me mover com um braço e uma perna, mas eu precisava de um pouco de ar fresco. Hanna dormia profundamente em minha cama, ainda nua, debaixo dos meus lençóis.

Abri a porta da varanda e me sentei no deque. Binho parou do meu lado.

Respirei fundo, aquele ar gelado da Holanda mantendo-me acordado. Eu estava feliz. Estava tranquilo e estava em paz. Talvez finalmente estivesse na hora de colher os tais frutos que todo mundo dizia que um dia eu iria colher.

Lembrei-me de como as coisas costumavam ser. De matar as duas últimas aulas de sexta-feira e sair para beber cerveja no boteco atrás da faculdade. Eu me sentia o dono do mundo.

Hanna me fazia sentir assim. Como alguém que ganha o primeiro prêmio da loteria. Ela era o meu bilhete premiado, e eu precisava fazer por onde merecer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu gostava da vida que eu tinha, mas não queria mais fingir que era suficiente. Eu podia mais que isso. Merecia mais. E, para ter ao meu lado uma mulher como aquela que estava na minha cama, eu certamente teria que me esforçar mais.

Queria que ela tivesse orgulho de mim. Que quisesse me apresentar aos amigos. Que andasse de mãos dadas comigo por aí.

— Você sempre foge das pessoas no meio da noite? — a voz dela me fez sorrir.

— Só quando elas roncam e não me deixam dormir!

— Pedro! Seu mentiroso! Eu não ronco! — defendeu-se rindo.

— É claro que você não ronca, moça... — Ajeitei seu cabelo detrás da orelha. — Para ser sincero, até dormindo você parece um anjo, mas não quero que fique convencida.

Ela riu mais e eu acabei rindo também.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É Hanna, sabia? — brincou como quando nos conhecemos.

— Eu sei disso. Gravei seu nome desde a primeira vez que você me disse. Se existe uma coisa de que não posso me queixar, é da minha memória, mas gosto de ver você assim, toda avexada — confessei.

— Vamos para dentro, senhor provocador! Está frio aqui fora, e você pode acabar pegando um resfriado!

— Não sou eu que estou pelado e enrolado num lençol!

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 13

Hanna

Quando acordei, Pedro já estava na cozinha, um cheiro incrível de café invadindo todo o cômodo.

Alisei os cabelos com os dedos e vesti a camiseta dele.

— Hum... Adoro cheiro de café, sabia? Lembra minha casa.

Sentei-me na banquetta e fiquei olhando o moreno bonito do outro lado da bancada. Mamãe tinha razão. Pedro era o tipo que leva qualquer mulher a perder a cabeça, mas talvez eu precisasse mesmo de um pouco de insanidade.

Aproximou-se um pouco e beijou minha boca suavemente. Depois entregou uma caneca fumegante em minhas mãos. Virou-se para o fogão

mais uma vez e continuou cozinhando. Eu ainda não sabia o quê.

Sem camisa, usava a calça de agasalho que eu tinha comprado para ele. Descalço. Mesmo com uma mão só, ele cozinhava como um autêntico chef de cozinha.

Fritou duas fatias grandes de pão até que estivessem douradas. Passou mostarda Dijon. Cobriu com três fatias de presunto e despejou um pouco do molho que estava ao lado. Três fatias de queijo, mais uma fatia de pão com mostarda e, por último, uma quantidade generosa de molho. Colocou no forno e preparou a bancada com uma toalha xadrez em branco e azul e com dois pratos de sobremesa. Dividiu o sanduíche gratinado e reabasteceu nossas canecas.

— Croque Monsieur, para a madame! —
Fez uma pequena reverência. — Minha especialidade.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Puxa! Isso, sim, é que é um dote inesperado! — brinquei.

— Ah, você ainda não viu nada, moça... Eu tenho muitos talentos! — gabou-se cortando um pedaço do sanduíche com o garfo e levando à boca.

Eu queria ver. Queria que ele me ajudasse a virar as páginas rabiscadas da minha vida, mas não diria isso a ele de jeito nenhum. Eu não era muito boa em me envolver. Tinha feito isso uma única vez e não tinha me saído muito bem.

Sorri sem dizer nada.

— Está uma delícia — confessei depois de comer alguns pedaços.

Um riso tímido brilhou no fundo dos seus olhos. Um tantinho de orgulho também.

— Tudo bem se você tiver que trabalhar, Hanna — disfarçou. — Eu vou ficar bem. Estou acostumado a me virar com membros a menos já faz um tempo.

PERIGOSAS ACHERON

Eu tinha pensado pouco sobre a amputação dele. Não era algo que me incomodava, não fazia diferença alguma, mas de repente pensei em como ele era forte. Morava sozinho em um país que não era o dele, sem família. Trabalhava pesado. Pilotava uma motocicleta e ainda atacava de chef de cozinha. Era mesmo um tipo de super-herói.

Pedro lembrava Collin. Ambos superavam a deficiência sem reclamações e autopiedade. Eu gostava disso.

— Ser seu próprio chefe tem lá suas vantagens. — Dei de ombros, e o sorriso dele se alargou.

— Isso é ótimo!

— Pensei em darmos um pulo na praia. Já que estamos os dois ociosos mesmo — propus.

— Hoje não posso, moça. Tenho umas coisas aí para resolver.

Eu gostava de ouvi-lo falar em português,
PERIGOSAS ACHERON

combinava tanto com ele. O sotaque dele era tão musical e cheio de sensualidade. Ele poderia declamar o juramento à bandeira que eu acharia sexy.

— Impressão minha ou estou sendo dispensada na maior cara de pau? — perguntei em português, fazendo graça com ele.

— Muito pelo contrário. Estou procurando companhia para resolver umas coisas no centro. Não posso oferecer minha garupa a você, por razões óbvias, é claro — indicou a tipoia no braço —, mas pago o táxi! — Piscou enquanto secava as mãos em um guardanapo de pano.

— Eu topo!

Tiramos o dia todo para andar pelas ruas da Velha Senhora. Eu gostava de lá. Gostava do clima leve que Amsterdã tinha.

Pedro não me contou o que faria com todos aqueles documentos que tinha juntado, e eu achei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por bem não perguntar. Dei a ele o tempo de que precisava porque eu também tinha meus segredos.

— Preciso ir para casa, Pedro — confessei enquanto tomávamos um café com torta na Rembrandtplein.

— Olha só quem está dispensando quem.

— Não é isso, seu bobo! Eu preciso de um banho e roupas limpas. Preciso carregar meu celular também!

— Sei!

— Vem comigo! — convidei sentindo o coração acelerar.

Eu nunca tinha levado nenhum dos meus casos furtivos para lá. Era o meu refúgio. Um canto sagrado no mundo, onde eu podia andar sem roupas e despenteada. Onde nada precisava combinar ou ficar elegante, e isso não condizia com encontros ao acaso.

E por que eu tinha convidado Pedro para ir?

PERIGOSAS ACHERON

Provavelmente porque, ainda que eu não admitisse, ele não era mais um encontro ao acaso.

Ele pensou um pouco, olhar fugindo do meu. Talvez também não estivesse preparado para admitir.

— Eu moro sozinha, tá? Não faça essa cara de quem não está preparado para conhecer o pai da namorada! — brinquei e, quando me dei conta, as palavras já tinham deixado minha boca.

— Namorada?

— Modo de falar, Pedro. Não é uma sentença! — tentei consertar.

— Pois eu acharia muito bom se fosse, moça.

Dessa vez, quem desviou os olhos fui eu. Não sabia o que dizer. Eu sentia muitas coisas novas por ele, mas não sabia por onde começar.

Pedro pagou a conta e entramos no carro. Para a minha sorte, ele não parecia se importar com

PERIGOSAS ACHERON

minhas confusões. Simplesmente deixava para lá. Não era do tipo que ficava remoendo coisas, e isso era o que eu mais admirava nele.

Entrei no estacionamento e subimos pelo elevador privativo da minha cobertura.

— É uma casa muito bonita — disse assim que entrou pela porta. — Parece mesmo com você. Elegante. Iluminada. Você tem muito bom gosto.

— Obrigada.

Em cima do aparador, havia alguns retratos. Pedro pegou um em que estávamos papai e eu.

— Você se parece com seu pai. Menos os olhos — constatou.

— Dizem que eu tenho os olhos da minha mãe.

— Não tem fotos dela?

— Não muitas. Mamãe morreu quando eu era bem pequena. É uma longa história — encurtei.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sinto muito. Mesmo.

— Tudo bem. Já faz muito tempo.

Continuou correndo os olhos pelas fotografias e, só quando pegou o porta-retratos dourado, eu me dei conta de que a fotografia ainda estava ali. Éramos Robert e eu, em nosso noivado. Eu usava um vestido rosa-claro, de renda. Tinha os cabelos mais compridos e naturalmente ondulados, um olhar de menina que, agora, já não fazia parte de mim.

Robert estava de camisa branca e calça social azul-marinho. Estávamos em frente ao jardim da mansão dos meus pais.

— Esse é a boa bisca que traiu você? — perguntou sem rodeios. Sem meias-palavras. Acabei rindo da sinceridade dele.

— Sim. É ele.

— Você me desculpe, mas ele tem cara de filho da puta mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pelo que tenho notado, a única a não perceber isso fui eu! — Dei de ombros.

— É o que acontece quando a gente fica besta de paixão.

Ri mais alto.

— Pedro!

— Olhe, moça, se existe uma coisa da qual eu me orgulho, é de ser sincero.

— Que bom.

— Agora vem cá, vem? Me deixe dar um cheiro em você.

Deitou o porta-retratos com a foto para baixo e estendeu a mão para mim.

Eu fui. Era engraçado, mas eu tinha gostado de ver o porta-retratos de costas, como se um pequeno passo tivesse sido dado em uma nova direção.

Pedro me segurou forte pela cintura e me beijou. A mão prendendo meu quadril junto ao

PERIGOSAS ACHERON

dele, enquanto eu sentia sua excitação crescer. Enfiei a mão por baixo da camiseta, tateando os músculos da barriga dele, até soltar o botão do jeans.

Baixei sua calça o suficiente para que pudesse tocá-lo, até que estivesse completamente pronto.

Agora é a sua vez de aproveitar, moço.

Empurrei-o até a poltrona, calças arriadas até abaixo da virilha. Abri suas pernas e me posicionei entre elas. Ele ficou me encarando com um misto de excitação e surpresa.

Eu não era nenhuma puritana. Tinha deixado de ser a noivinha virgem muito tempo atrás. Queria que ele me desejasse. Que ficasse enlouquecido, alucinado comigo na cama, como eu ficava com ele.

Puxei a cueca um pouco e segurei seu membro em minhas mãos. Lambi desde a base até a

PERIGOSAS ACHERON

ponta, meus olhos encarando os dele. Um sorrisinho safado brilhava em sua boca grossa, bem-desenhada.

Escorreguei a mão para baixo, expondo a glândula. A respiração dele ficando mais intensa. Encarei-o um pouco mais, antes de cobrir a pele sensível com a minha boca, sugando devagar e enfiando-o mais fundo em minha boca. Pedro arfou um pouco e depois enredou as mãos em meus cabelos. Mantive minha boca ali, guiando um pouco meus movimentos, e mostrou como gostava.

— Que porra de boca gostosa, menina! Você vai acabar comigo desse jeito!

Continuei mais e mais, até que o senti estremecer, e em seguida o líquido agridoce invadiu minha boca. Eu engoli, passando a língua por toda a extensão, sorvendo tudo o que podia dele.

Antes que eu pudesse me levantar, Pedro

me puxou para cima com força. Beijou minha boca tão intensamente que foi quase doloroso. A respiração entrecortada.

— Meu Deus, menina, como você é gostosa!

— Toma um banho de banheira comigo? — chamei descendo do seu colo e estendendo a mão.

Enchi a banheira e esperei que ele tirasse a prótese e entrasse na água morna. Tirei a roupa. Liguei o som e me sentei entre suas pernas.

— O que você gosta de ouvir? — perguntei enquanto ele beijava meu pescoço.

— Você gemendo para mim.

— Pedro! — repreendi e ele riu, arrepiando minha pele.

— Tá bom! Eu gosto de rock clássico, moça. A velha escola.

Sorri e peguei o celular. Para minha sorte, eu tinha salvado uma pasta de músicas do meu pai

que estava no computador da empresa. Eu gostava de ouvir enquanto dirigia.

Coloquei para tocar Pink Floyd. *Wish You Were Here*.

— Velho o suficiente para você?

— O suficiente.

Ficamos nos beijando e ouvindo a música, sem pressa. Até que o desejo voltou. Eu estava louca de vontade de senti-lo dentro de mim de novo. Meu corpo pedia pelo dele, desesperadamente.

Sentei em seu colo, de frente, guiando-o para onde eu queria. A água morna ampliando as sensações.

— Quer pegar um preservativo? — perguntou. — Eu não sou muito bom em me segurar, não.

— Só se você quiser. Eu me previno de qualquer maneira, então...

Pedro não esperou que eu terminasse a frase. Puxou meu corpo para baixo, indo fundo dentro de mim. Pele com pele e nada mais. Soltei um gemido alto deixando-me levar pelo toque dele. A melhor sensação do mundo.

Eu não tinha feito amor sem preservativo desde Robert e, certamente, com Pedro era muito melhor. Eu nunca tinha sentido tanta conexão com alguém como sentia com ele.

Quando nos deitamos para dormir, fiquei um tempo encarando o céu estrelado. As luzes da cidade lá embaixo. Aconchegada ao peito nu de Pedro, pensava em como a vida era cheia de surpresas.

Lembrei-me de uma música que minha mãe costumava cantar para mim. A estrofe que eu mais gostava fazia todo o sentido do mundo, naquela noite estrelada de verão.

“[...] Agora era fatal/ Que o faz-de-conta

PERIGOSAS NACIONAIS

terminasse assim/

Pra lá deste quintal/ Era uma noite que não tem
mais fim [...]”



PERIGOSAS ACHERON

Pedro

Acordei tarde no outro dia, mas, ao que parecia, não tarde o suficiente. A menina ainda dormia e eu aproveitei para tomar um banho e me vestir.

— Pelo amor de Deus, Pedro! Você nunca dorme? — ela perguntou sentando-se em uma banquetta, de frente para o balcão da cozinha.

— Omelete e torradas! — Coloquei o prato na frente dela. — E eu que pensava que gente rica comia bem! — disse um dichote.

— Bobo! — Jogou o guardanapo em mim. — Eu não tive tempo de ir ao mercado e, além disso, como você bem sabe, andei meio sem tempo para fazer compras nos últimos dias!

Eu sabia e não me importava. Já tinha comido bem menos que ovo e pão na minha vida.

— Então... O que você vai fazer de bom

hoje? — ela perguntou depois de engolir uma mordida de torrada.

— Preciso ir à oficina. Tenho que organizar as coisas por lá e entregar alguns serviços que já estão praticamente prontos. Não posso deixar meus clientes na mão. Eu gosto muito do que faço, Hanna. Trabalhar com motos é minha paixão.

Ela sorriu.

— Sei bem como é isso! Meu pai também é um entusiasta de duas rodas!

— Acho que vou me dar bem com esse sogro! — Pisquei, deixando a menina sem graça.

Encarei seu rosto bonito por alguns segundos. Queria que aquela alegria de quando ela sorria durasse mais tempo.

— Vai me dizer por que está com essa nuvenzinha escura pairando aí na sua cabeça?

Hanna respirou fundo.

— Se quiser, é claro. Às vezes ajuda, sabe?

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu queria saber o que afligia a moça bonita dos olhos de mar, mas ficava sem jeito de perguntar. Não gostava de invadir o espaço das pessoas, pois odiava que invadissem o meu.

— Não quero encher você com meus problemas, Pedro. Sério! Juro que não sou uma *reclamona* de carteirinha.

Segurei o rosto dela entre as mãos.

— Sei que não é, moça. E, se houver algo em que eu possa ser útil, nem que seja para ouvir você, estou aqui.

Não queria brincar. Não naquela hora. Queria que ela soubesse que eu estava realmente lá, e não apenas para uma foda qualquer.

Eu gostava daquela menina muito mais do que deveria gostar.

— Conheci o filho do meu ex — ela contou sem me encarar. — Na verdade, não conheci. Para ser mais exata.

PERIGOSAS ACHERON

— Não entendi.

— Longa história...

Servi mais café em nossas xícaras.

— Ainda bem que fiz bastante café.

Os olhos dela encontraram os meus e nenhum de nós desviou.

— Fui chamada na casa de apoio em que o menino mora. Pensei que conseguiria vê-lo. Estava curiosa, mas, no fim das contas, arreguei! Como diz você. — Sorriu.

— Acontece nas melhores famílias.

Tentei brincar. Queria que ela sentisse menos peso pelo que não tinha sido capaz de viver, mas tudo que consegui foram lágrimas e mais lágrimas descendo sem parar.

— Eu queria, Pedro. Queria ser como meu pai. Queria conseguir enxergar tudo de bom que Robert tinha, mas no fundo o garoto só me lembra do quanto fui idiota. Eu não sou nem um pouco

altruísta. Sou uma garota mimada e ciumenta, é isso!

Escondeu o rosto com as mãos.

Eu não concordava com ela, nem de longe. Podia não a conhecer tão bem. Certamente Hanna tinha defeitos com que eu iria odiar conviver, mas idiota e mimada jamais. Ciumenta, talvez, mas não de um jeito ruim.

Hanna era visceral. Sorria com intensidade. Chorava com intensidade. Era como um raio de sol batendo na cara da gente no meio do dia. Às vezes feria e incomodava, mas ninguém podia viver sem.

— Hanna... — chamei pelo nome, não era hora de gracinhas. — Não precisa ser tão dura com você mesma. Olha, eu não conheço ninguém que simplesmente consiga botar uma pedra sobre um passado como esse.

— Meu pai.

— Como?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu pai colocou uma pedra. Ele criou meu meio-irmão como se fosse filho dele. — Respirou fundo. — Minha mãe, Pedro... É uma história ainda mais longa.

— Olha, moça, eu não costumo julgar as pessoas, não. Cada um sabe o tamanho da sua própria sandália. E o caminho que pretende percorrer com ela.

— Eu já culpei minha mãe, sim, Pedro. Estaria mentindo se dissesse que nunca tive mágoa por tudo que ela fez. De tudo que fez meu pai sofrer. De todas as vidas que ela estragou, mas eu já a perdoei há muito tempo — confessou. — Ela tinha pouco mais do que minha idade quando morreu. Quase uma menina, Pedro. As pessoas erram.

— As pessoas erram, mas seu ex não podia errar — constatei, e ela respirou fundo mais uma vez, mas não respondeu.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu acho que você tem todo o direito de não perdoar, Hanna, mas, se não puder perdoar, então precisa esquecer. O ex. O menino. Os sonhos. Enquanto você não conseguir, esse peso vai continuar nas suas costas.

— Você esqueceu? Os sonhos antigos? Os que ficaram para trás quando deixou sua casa?

Foi minha vez de respirar fundo.

— Perdoei alguns. Esqueci outros, mas não posso dizer que fiz as pazes com o passado. Ainda não.

Queria ser sincero com ela. Não tinha por que fingir que tudo era calma no oceano da minha alma.

— Vou contar um pouquinho da minha história, Hanna, mas não quero que pense que é porque eu quero convencer você do que quer que seja. Eu aprendi, a duras penas, que algumas decisões são só de quem vive a história. Eu fui

PERIGOSAS ACHERON

abandonado na porta da casa dos meus pais. Era um bebê de poucos dias.

Ela arregalou um pouco os olhos, mas não me interrompeu.

— Meus pais já tinham outros três filhos. Uma vida difícil. Meu pai é pescador até hoje. Minha mãe sabe pouco mais do que assinar o próprio nome. A casa era pequena, mas o coração sempre foi grande, Hanna. Eles me receberam de portas e braços abertos. Meu sonho era poder retribuir. — Respirei fundo sentindo o peso das minhas próprias palavras.

— Você ainda pode, Pedro — ela disse segurando minha mão.

Talvez eu pudesse. Eu não estava morto e, enquanto há vida, há esperança, não é? Mas na vida real não é bem assim que as coisas acontecem.

A gente faz merda. Fica com vergonha, cheio do pau, a porra toda vai indo de mal a pior e

PERIGOSAS ACHERON

então a gente junta os cacarecos e foge. E aí o orgulho não permite voltar. A gente não consegue voltar atrás, porque parece que foi derrotado. E homem nenhum gosta de se sentir derrotado.

A menina não disse nada. Ficou me encarando, sondando, como se quisesse ler meus pensamentos. Como eu não disse nada, ela continuou.

— Por que você veio para a Holanda, Pedro? O que o trouxe até aqui?

— Eu fugi — confessei, era a verdade, e eu não queria que ela errasse como eu tinha errado. — Na verdade estou fugindo ainda, mas estou a cada dia mais devagar. Logo vou conseguir parar. — Sorri. — Você deveria fazer o mesmo.

Hanna

Eu sentia como se alguém tivesse colocado meu coração dentro de uma caixa, fechado e chacoalhado até que todos os sentimentos se misturassem e viessem à tona.

Foi assim desde o momento em que deixei Pedro Santana em frente à sua casa-barco. Eu não sabia para onde ir. Não sabia com quem falar ou o que pensar. Nem no trabalho eu podia mais me refugiar, porque daria de cara com meu pai.

— Justine? — perguntei assim que ela atendeu ao telefone. — O que acha de um dia de garotas? Como nos velhos tempos — ofereci esperando, ansiosamente, que ela aceitasse.

— Oi, Hanna! Eu acho ótimo! Faz mesmo muito tempo que não fazemos isso. O que acha de

irmos ao Constance? Preciso pegar minha encomenda para o baile de verão. Aliás, você vai, não é mesmo?

Eu nunca tinha perdido um baile de verão. Desde meus dezesseis anos. Foi no baile que Robert e eu dançamos pela primeira vez. A primeira vez que ele me olhou como a uma mulher.

Foi também naquele baile que Robert me pediu em namoro. Era meu dia de me sentir a Cinderela, mas, depois dos últimos acontecimentos, eu nem me lembrava mais do evento.

— Não estou muito no clima este ano, Justine — confessei.

— Ah, não me venha com desculpas esfarrapadas! O baile jamais seria o mesmo sem você! Já é uma tradição, Hanna! Não ouse quebrá-la!

Acabei rindo — ao menos para isso Justine era a melhor. Seu jeito leve tornava tudo mais

PERIGOSAS ACHERON

colorido.

— Mas... quem sabe, depois de uma visita ao Constance, eu não me anime! — brinquei.

A francesa deu um gritinho, e eu quase pude vê-la dar pulinhos de animação.

Encontrei-a no ateliê do nosso amigo, Constance, pouco mais de uma hora depois.

— Como eu disse, *chérie*, costurado especialmente para você! — ele disse enquanto eu caminhava com o longo vermelho cheio de bordados e transparências.

— É mesmo maravilhoso, Constance! — Girei em frente ao grande espelho.

— Não ouse não levar esse vestido! — Justine advertiu dentro do seu longo azul de decote profundo.

Sáímos de lá com as mãos cheias de sacolas e rindo como duas colegiais.

— O que acha de almoçarmos no
PERIGOSAS ACHERON

Euromast? Você sabe que está me devendo isso! — reclamou.

— Claro! Eles voltaram a servir aquele risoto de trufas negras que eu tanto amo!

Seguimos lado a lado até o estacionamento, mas, antes que eu entrasse no carro, meu telefone tocou. Era do hospital em que Lilian estava internada.

— Oh, meu Deus! — foi tudo que consegui dizer.

Assim que cheguei à recepção, fui informada de que ela havia voltado para a UTI e de que não poderia receber visitas, mas o médico responsável por ela iria conversar comigo.

Sentei-me no banco de metal e esperei. Esperei e esperei. Até que a porta se abriu e um homem de meia-idade, barba e cabelos grisalhos veio até mim.

— Srta. Gallagher? — perguntou.

— Sim. Sou Hanna Van Galagher.

— Sinto muito por ser o portador de notícias não tão boas como gostaríamos — ele começou. — A Sra. Dresner teve três episódios de crise convulsiva desde as duas horas da manhã. Ainda estamos investigando a causa. Acreditamos que seja reação aos medicamentos cardíacos de que ela vem fazendo uso contínuo há muito tempo. Infelizmente é uma reação possível, ainda que não seja comum.

— Oh, meu Deus! Pobre Lilian.

— Ela foi induzida ao coma para que possamos controlar melhor a atividade cerebral. Esperaremos que estabilize para a trazermos de volta. Sei que você esperava levá-la para casa, mas infelizmente não temos mais previsão de alta. Na verdade, não há nem mesmo previsão de saída dos cuidados intensivos.

Sentei-me no banco de metal mais uma vez,

sem saber o que fazer.

Eu sentia como se toda a minha vida estivesse desmoronando debaixo dos meus pés.

Enquanto caminhava para a saída, passei em frente à capela, que, organizada em um jardim de inverno, ficava em um dos corredores do hospital. Não resisti. Abri a porta e me sentei em um dos bancos. Não sabia nem por onde começar, mas me lembrei de vó Margarida, com seu terço na mão, dizendo que, quando estamos mais aflitos e menos preparados para a oração, é quando Deus se senta ao nosso lado e ouve nosso coração.

Fiquei em silêncio vendo, uma a uma, as lágrimas caírem no piso claro de mármore.

Não pedi a Ele nada. Apenas abri meu coração e, depois de um tempo, a oração foi saindo sozinha, como se eu conversasse com mamãe no deque do lago.

Levantei-me com uma vontade imensa de

PERIGOSAS ACHERON

voltar para casa.

Dirigi até a mansão. Estacionei o carro na garagem e caminhei até a piscina. Tantas vezes eu e meus irmãos nos divertimos ali. Tantas tardes de gritaria e felicidade.

Minha mãe nunca precisara de ajuda para entender o que se passava em minha alma. Ela dizia que um anjo sempre sussurrava, nos ouvidos das mães, aquilo de que os filhos precisavam. Talvez fosse verdade.

Passei pela porta dupla da cozinha e encontrei mamãe sentada em uma das espreguiçadeiras do jardim dos fundos, lendo um livro.

Sentei-me ao lado dela e a abracei.

— Aconteceu algo, querida? — perguntou, tirando os óculos de leitura e abrindo espaço para que eu a abraçasse.

— Lilian não está bem, mamãe. Não sei,

não. Tenho medo do que vai acontecer. Ela está de volta à UTI.

Mamãe me abraçou.

— Oh, querida, sinto tanto! Por minha amiga e por você. Sei o quanto gosta dela.

Enterrei o rosto na blusa macia da minha mãe. Sentindo seu perfume. Seu coração bater. Eu podia não ter nascido dela, mas o aconchego que eu sentia fazia parecer como se tivesse.

— Sabe, Hanna... Às vezes não entendemos os planos que foram traçados para nós porque não conseguimos vê-los em sua totalidade. Lilian tem lutado há muito tempo. Todos precisamos descansar, querida. Todos nós.

Talvez fosse por Lilian, talvez fosse por mim mesma, mas o fato é que chorei. Debulhei-me em lágrimas no colo de mamãe, como quando era uma menina e ralava os joelhos nos tijolos do jardim.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ah, se eu soubesse naquele tempo o quanto um coração partido pode doer. Certamente teria poupado mamãe dos meus dramas.

Ela esperou pacientemente, acariciando minhas costas, alisando meus cabelos. Apenas me acolheu, até que eu estivesse pronta para respirar fundo e erguer a cabeça mais uma vez.

— Papai contou a você? — perguntei enquanto ela secava minhas lágrimas em sua echarpe.

— Sobre o filho de Robert?

Assenti.

— Sinto muito, querida. Imagino o quanto está doendo. E, sabendo o coração enorme que você tem, imagino também que esse rancor todo não está fazendo bem à minha menina. — Sorriu como só ela sabia. — Vou dizer uma coisa que minha avó sempre me dizia. Às vezes, é melhor ser feliz do que ter razão. Pense nisso.

PERIGOSAS ACHERON

Sorri também, parecia um bom conselho.

— Venha. Vamos tomar um chá e comer aquela torta de maçã com caramelo de que você tanto gosta. Pedi à Martina que preparasse especialmente para você.

— Andou ouvindo sussurros de anjos? — brinquei.

— Duas décadas, querida. Depois de todo esse tempo sendo sua mãe, eu nem preciso mais de sussurros de anjos! — Piscou para mim e passou o braço pelos meus ombros, enquanto seguíamos até a cozinha.

— Como você consegue, mamãe? — perguntei depois de algumas garfadas na torta. — Como consegue nos amar exatamente como ama Aurora e Lucian?

Era uma pergunta complicada e eu sabia bem disso. Mamãe não gostava que sugeríssemos qualquer diferença entre os irmãos, mas eu

PERIGOSAS ACHERON

precisava saber. Queria ouvir algo dela.

Encarei a jovem senhora a minha frente. Ela ainda era tão bonita como quando a conheci. Ousaria dizer que tinha ficado ainda mais bonita, mais iluminada. Ficou em silêncio por alguns segundos e então sorriu. Um riso leve de quem não precisa pensar para responder.

— Sabe, querida... A primeira vez que você me chamou de mamãe fez meu corpo todo se arrepiar. Eu senti como se flutuasse nas nuvens. O primeiro abraço apertado. A primeira vez que você correu para o meu colo, em uma dificuldade... Eu diria que foi ainda mais especial do que com meus filhos biológicos, porque você me escolheu. Você poderia ter escolhido qualquer mulher no mundo inteiro e escolheu a mim.

Colocou a mão sobre a minha, acariciando minha pele.

— Quando fecho os olhos, ainda posso ver

aquela garota de longas tranças, douradas como o Sol, correndo para mim de braços e sorriso abertos. O amor que sentimos por um filho, querida, ele não nasce no momento do parto. Ele é construído. Como todo tipo de amor. E onde há amor não existe espaço para ódio, mágoa, rancor... Pense bem com que tipo de sentimento você deseja encher seu coração. Somos o reflexo do que existe dentro de nós.

Ela tinha razão.

Sempre tinha. Razão e uma sensibilidade imensa, capaz de fazer questionar até o mais duro dos corações. Não era à toa que tinha dobrado o grande e poderoso Leão de Roterdã.

Depois do café, subi para o meu quarto. Tirei os sapatos, a roupa apertada e tomei uma ducha quente. A tarde tinha esfriado um pouco e o vento holandês castigava lá fora, apesar do verão.

Vesti um conjunto rosa de moletom, deitei-

me na cama e fechei os olhos. Acabei cochilando. Quando acordei, a noite já estava alta e desisti de voltar para casa.

Acordei com o celular tocando. Era Andreij, advogado de Philip e Lilian.

— Bom dia, Hanna, como está? — perguntou educado. — Eu soube da Sra. Dresner, uma pena.

— Bom dia! Estou bem, obrigada. Tanto quanto é possível, depois de todos os acontecimentos — limitei-me, já que ele sabia sobre a existência do menino.

— Imagino a pressão sobre você e sinto muito por isso também. O Sr. Dresner tentou resolver tudo sem que você precisasse sofrer, mas infelizmente não foi possível.

Eu não acreditava muito nesse papo de me proteger; para mim, ele queria mesmo era proteger a imagem do filho, mas essa era uma certeza que eu

não teria, então fiquei em silêncio.

— Preciso marcar uma reunião com você. Precisamos discutir alguns assuntos. Você estaria livre para almoçar?

— Sim. Estou livre, sim. Podemos nos encontrar no Margot, ao meio-dia.

Robert tinha um herdeiro, então eu não precisava mais me preocupar com o dinheiro dele. Para ser sincera, mais dinheiro significava mais problemas, e eu já estava feliz com o que tinha.

Tirando Lilian, nada mais que viesse daquela família me interessava.

Desci as escadas e encontrei a mesa cheia na sala de jantar. Toda a família estava tomando café da manhã.

— Bom dia! — cumprimentei-os.

Beijei papai e mamãe, sentando-me ao lado de Aurora.

— Você deveria voltar a morar aqui! —

minha irmã reclamou. — De que adianta ter uma irmã mais velha se eu mal a vejo! Não é justo, sabia? Você teve o John! E o Collin teve você! E eu não tenho ninguém!

— Dramática como a mãe! — papai resmungou.

— Não sou dramática! Estou apenas expondo minha opinião, oras! Não sabia que era proibido!

— E *reclama* como o pai! — mamãe retrucou, e eu acabei rindo.

— Você tem razão. — Beije seu rosto. — Prometo me redimir.

— Acho que você deveria ir comigo ao *ballet*. Eu quero ver *O Quebra Nozes*!

— Combinado! Depois vamos sair para jantar e tomar um bom vinho! Agora que você completou vinte e um.

Aurora me abraçou apertado e retribuiu o

beijo.

Ela tinha razão, eu andava mesmo ausente. Não queria mais que fosse assim, precisava passar mais tempo com as pessoas que amava.

Passei em meu apartamento e troquei de roupa. Peguei alguns documentos e segui para o restaurante.

O advogado já estava à minha espera.

— É sempre um prazer revê-la, Hanna!

— Obrigada! — Sorri cordialmente.

Andreij e Robert eram amigos de escola. Fizeram o colegial juntos e, depois disso, cada um seguiu seu rumo. Assim que se formou, Robert o levou para trabalhar nos negócios da família e ele foi ficando.

Era competente, sem sombra de dúvidas, mas só pensar que ele sabia esse tempo todo da traição do amigo fazia meu estômago revirar.

Eu me sentei e fizemos nossos pedidos.

Queria acabar com tudo aquilo o mais rápido possível. Andreij também parecia mais tenso do que costumava ser. Certamente não estava confortável em seu papel.

O garçom encheu nossas taças e se foi. Levei o líquido à boca.

— Em primeiro lugar, Hanna... — começou —, gostaria de dizer que eu não sabia. Talvez você não acredite, mas eu realmente não sabia. Robert nunca pensou em deixá-la para ficar com Isabella.

— Não faz diferença, Andreij — disse firme, levando a taça à boca.

— Talvez você tenha razão, nada mais importa, mas achei que você deveria saber.

— Minha avó costumava dizer que de boas intenções o Inferno está cheio — provoquei e o advogado riu.

— Sua personalidade é sempre encantadora.

Estreitei os olhos para ele, mas mantive a

boca fechada. Eu não estava para piadinhas e menos ainda para qualquer tipo de cantada despropositada que pudesse acontecer.

— Bem, agora que temos um herdeiro, acredito que eu não tenha mais nada a ver com a fortuna dos Dresners, uma vez que não houve casamento — encurtei o assunto. — Basta me passar o documento e eu assino.

— Não seja tão objetiva, Srta. Gallagher! — brincou. — Ainda não expliquei a parte mais importante a você.

— Então vamos lá! Estou esperando. — Cruzei os braços sobre o peito, em uma típica atitude de autopreservação.

— Philip Dresner a colocou no testamento. Você fica com o controle total dos bens, em caso de impossibilidade da Sra. Dresner. E é esse o caso, como você bem sabe.

— Eu? Por que não o garoto? Você pode ser

PERIGOSAS ACHERON

o tutor dele ou algo do tipo. Eu, definitivamente, não sou a pessoa correta para isso, Andreij!

— Eu entendo, Hanna, mas era a vontade de Philip e eu precisava colocá-la a par de tudo.

Respirei fundo, sentindo a única garfada de comida que tinha levado à boca revirar em meu estômago. Cabeça zozna. Pesada e dolorida. Um nó na garganta.

Eu só precisava recusar. Era só dizer que não, e estaria acabado.

Eu podia, mas era idiota demais para seguir minha intuição.

— E o menino? — perguntei no susto e depois me arrependi.

— Você decide.

Merda!

— Caso você recuse o controle, o estado nomeará um tutor para os bens do menor.

— Não pode ser você?

— Infelizmente, não. Eu estaria advogando em causa própria, e isso não seria aceito.

Respirei fundo novamente.

— Andreij... — comecei, mas ele me interrompeu.

— Se quer um conselho profissional, pense um pouco. Nós temos algum tempo até que tudo precise ser resolvido definitivamente. A madre concordou em abrigar o menino por mais algumas semanas. Mas isso não é tudo, Hanna... — Abriu a pasta de couro e me entregou um envelope. O lacre estava rompido, mas meu nome estava escrito, com a letra de Robert, do lado de fora. — Algumas semanas antes do acidente, Robert me procurou para tirar algumas dúvidas jurídicas. Eu não entendi o que ele pretendia. Sempre foi tão seguro e dono de si. Eu não esperava... Ele não estava bem, mas eu não podia imaginar. — Respirou fundo e soltou o ar de uma vez.— Nunca pensei... Tudo que

PERIGOSAS ACHERON

estava acontecendo em segredo o estava perturbando demais. Eu vi que ele não estava bem, mas nunca imaginei que fosse tão sério. Você deve ter notado também! Você sempre foi tão atenta, não percebeu nada? — Cobriu o rosto com as mãos. Alisou os cabelos para trás. — Eu devia ter percebido.

É claro que eu tinha percebido que ele não estava bem. Eu dormia com ele! Mas era uma garota boba e deslumbrada com a vida. Era mais fácil não ver. Robert Dresner foi o dono da minha vida por muito tempo. Meu primeiro beijo. Meu primeiro homem. Eu não sabia como continuar sem ele.

— Hanna? — a voz de Andreij me trouxe de volta ao presente. — Você me ouviu?

— Desculpe — confessei.

— Tudo bem! — Sorriu. — Muita coisa para digerir. Eu estava dizendo que sinto muito por

PERIGOSAS NACIONAIS

ser o portador dessa carta, mas não poderia escondê-la de você.

— Onde você conseguiu isso? Por que não foi entregue a mim antes de ter sido violada? Creio que seja importante, não? — questionei irritada.

Andreij respirou fundo.

— A carta foi encontrada no meio das coisas de Philip, pela perícia. Por sorte, a polícia entregou a mim, e não à Lilian. Sinto muito, Hanna, mas você tinha o direito de ler.

Senti um arrepio frio percorrer minha coluna. Eu não queria ler uma linha sequer da maldita carta. No fundo do meu coração, eu sabia exatamente o que estava escrito ali.

Entrei no carro e deixei o envelope no banco do passageiro ao meu lado. Eu não queria ler, mas precisava.

Era hora de deixar aquela parte da minha vida descansar em paz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Hanna

Devia ter voltado direto para casa, mas não consegui.

Parei o carro perto do Arboretum. Queria caminhar um pouco. Pensar. Colocar as ideias em dia. Levei o envelope comigo.

Caminhei... Caminhei e caminhei, e, quando meus pés não aguentavam mais, eu parei, sentando-me na grama. Não sabia mais como fugir.

Abri o envelope devagar, era como se eu arrancasse um curativo daqueles que grudam na pele e sempre arrancam alguns pelos consigo.

Dentro do envelope havia um monte de papéis. O primeiro era uma carta, escrita à mão, por Robert.

Querida Hanna,

Sinto muito que as coisas tenham sido assim, mas isso parece tão leviano escrito dessa maneira.

Sinto como se estivesse copiando uma carta qualquer da Internet e odeio isso.

Eu queria ser objetivo como sempre fui. Enumerar uma lista de razões pelas quais você deve concordar com o que vou pedir no fim desta carta, mas não consigo. Não hoje, sabendo que escrevo para uma Hanna que não é mais minha.

Lembro como se fosse hoje do primeiro dia em que a vi. De como sua luz me aqueceu e de como eu tive certeza de que você era a garota certa. Eu jamais me arrependi de tudo que planejei para nós e do quanto sonhei em viver uma vida longa e cheia de amor ao seu lado, mas os sonhos às vezes se esvaem por entre nossos dedos sem que consigamos segurá-los.

Sempre fui fraco, Hanna. Escondido

debaixo do estigma de filho perfeito. Eu fui preparado para isso. Cresci ouvindo que era o filho ideal. O sonho que tinha se tornado real.

Estudei nos melhores colégios, conquistei a garota mais bonita do baile. Tinha dinheiro, poder, fama. Eu tinha tudo que queria, Hanna. Tudo sempre veio aos meus pés, sem grandes esforços da minha parte. E sabe o que acontece quando se é o cara perfeito? Nada parece bom o suficiente.

Eu tive tudo para ser feliz e de fato fui por algum tempo, mas então comecei a achar que era pouco. Fui um canalha, Hanna. Um desgraçado de um filho da puta, como você diria. Não me contentei com o que possuía e esse foi o meu precipício.

Eu conheci Isabella Dornel no hospital, durante um atendimento. Nossos plantões coincidiram cada vez mais, até que comecei a passar mais tempo com ela do que com minha

própria família. Isabella nunca quis se envolver comigo, sabia que eu estava prestes a me casar. Ela me rechaçou mais de uma vez e, a cada vez que ela se negava, mais eu a desejava. Até que um dia, no final de um plantão terrível, ela cedeu e eu a beijei.

Uma coisa foi levando a outra e, quando me dei conta, ela estava completamente envolvida. Apaixonada, talvez, mas não era recíproco. Eu nunca pretendi romper com você para ficar com ela. Nunca desejei terminar nosso noivado, e Isabella entendeu isso da pior maneira possível, quando contaram a ela que eu e você tínhamos finalmente marcado a data do casamento.

Eu nunca conversei com ela. Nunca rompemos. Ela nunca me pediu explicação alguma. Quando voltamos daquela viagem à Toscana, Isabella não trabalhava mais no hospital.

Por algum tempo, eu voltei a me sentir leve.

Achei que tudo estivesse resolvido. Senti por ela, sim. Estaria mentindo se dissesse que não, mas ela tinha me poupado um grande problema e, no fim das contas, era só um caso.

Passei a vida vendo meu pai trair minha mãe. Tantas amantes quantas garrafas de vodca em seu gabinete. Mamãe nunca procurou saber. Se soube, fingiu muito bem.

Alguns meses depois, recebi uma visita inesperada em meu consultório. Era ela, Isabella Dornel, mas nada se parecia com a garota que eu conheci. Estava abatida. Pálida, quase careca. A barriga de gestação avançada quase me fez cair da cadeira.

Ela se sentou e me entregou uma pasta com todos os exames que tinha feito. A doença a tinha condenado.

Disse que o filho que carregava no ventre era meu e que queria que eu ficasse com ele,
PERIGOSAS ACHERON

porque ela provavelmente não sobreviveria para criá-lo.

O mundo se abriu debaixo dos meus pés. Tudo que eu conseguia pensar era em como eu iria explicar tudo aquilo a você.

Eu me sentia tão egoísta e canalha que mal conseguia encarar a mulher a minha frente. Quis gritar e chorar, mas não podia. Era o Dr. Robert Dresner. O herdeiro do grande juiz Dresner. O filho perfeito. O noivo perfeito. Eu não podia chorar. Precisava resolver tudo.

Respirei fundo. Organizei as ideias e fiz um cheque. Se ela aceitasse, resolveria minha vida e a dela. Ela só precisava tirar a criança. Uma clínica segura poderia cuidar de tudo. Ela pouparia a própria vida e eu nunca mais teria que encarar meu erro de frente.

Expliquei tudo a ela. Que estávamos sob o mesmo teto. Que eu amava você. Que era com você

que eu queria ter filhos.

Ela pegou o cheque, enfiou na bolsa e saiu do meu consultório. Mais uma vez, eu tinha resolvido tudo. Meu erro tinha sido tapado com uma folha de cheque.

Duas semanas depois, recebi uma ligação de um hospital na Antuérpia. Isabella tinha dado à luz um menino. Ele estava na UTI neonatal e tinha poucas chances de vida. Como não tinha família alguma, ela tinha deixado meu nome como responsável, caso algo acontecesse com ela.

Pensei em dizer que a informação estava equivocada. Que eu não tinha nada a ver com aquela criança, mas eu nunca fui um monstro, Hanna. Não tive coragem.

Peguei o carro e dirigi até lá. Não sei explicar o que sentia. Um turbilhão de emoções. Medos. Frustrações. Minhas mãos tremendo no volante. O menino tinha nascido de vinte e nove

semanas. Isabella não conseguiu levar a gestação por mais tempo. Estava fraca demais.

Andei pelo corredor do hospital, de um lado para o outro. A sensação que tinha era de que estava vivendo um pesadelo. Não consegui sequer entrar para vê-lo. Novecentos e oitenta gramas. Menos de um quilo, era o peso que ele tinha.

A mãe estava em coma, em um leito de UTI. Provavelmente, nenhum dos dois sairia com vida.

Eu tinha destruído a vida dos dois. Tinha destruído a sua vida e os sonhos do meu pai. Estava soterrado em toda a merda que eu mesmo tinha criado.

O que o meu pai ia dizer quando soubesse? E o primeiro-ministro? E o príncipe? Como eu iria explicar que tinha abandonado uma mulher doente e grávida de mim?!

Uma enfermeira passou por mim e perguntou se eu era o pai. Neguei. Não podia dizer

que era. Não podia assumir a responsabilidade.

Disse que pagaria por toda a despesa dos dois, mas que não queria meu nome vinculado a nada.

Ela me convidou a entrar na UTI neonatal mesmo assim. Sabia da verdade. Provavelmente tinha visto a cena se repetir mais de uma vez. Achou que me comoveria com o bebê.

Eu me sentei ao lado do bercinho de vidro e vi aquele pequeno ser humano lá dentro. Conectado a um monte de fios e eletrodos. Lutando pela vida. Ele mal tinha carne sobre os ossos frágeis. Magro. Pequeno. Tão vulnerável.

Fiquei olhando para ele e pensando no que faria da minha vida dali em diante. Foi então que tudo começou a apitar, e eu soube que ele estava deixando este mundo.

Não pude lidar com isso, Hanna. Não consegui digerir. Eu me despedacei em tantos
PERIGOSAS ACHERON

fragmentos que mal consegui dirigir de volta para casa.

Algumas horas depois, o hospital me ligou, mas eu não atendi. Não consegui lidar com a morte do meu filho. Eu nem mesmo fui ao funeral. Não consegui.

Sim, eu fui um covarde. Fui um desgraçado de um covarde de merda, e você tem sorte por não ter se casado comigo.

Eu não merecia viver, Hanna, não depois de tudo que causei. Eu merecia morrer junto deles. Era a única maneira de reparar, ao menos um pouco, os meus erros. Eu precisava me redimir.

Era a única maneira...

Quero que me prometa que irá seguir em frente. Não feche os olhos para o futuro. Não desista de ser feliz. Só estou contando tudo isso a você porque, assim, você não se sentirá culpada em recomeçar. Eu não a merecia. Não merecia

nenhum de vocês.

Hoje faz cinco dias que conheci meu filho e faz cinco dias que ele se foi. Hoje é o dia que escolhi para me juntar a ele.

Não se preocupe comigo, não vai doer. Eu já preparei tudo. Estarei dormindo profundamente quando o acidente acontecer. Estarei sonhando com a vida que poderíamos ter vivido se eu não fosse tão idiota.

Se não for pedir muito, será que você poderia visitar o túmulo do meu filho por mim? Você sempre foi mais corajosa do que eu. Leve flores até lá e diga que eu sinto muito.

Sempre vou amar você,

R.D.

Minhas mãos trêmulas mal conseguiam segurar a carta. Eu a tinha borrado com minhas lágrimas. Ele tinha se matado! Tinha se matado! Não fora um acidente.

Morreu pensando que o filho tinha morrido também.

Morreu porque não foi capaz de admitir que tinha errado. Não foi capaz de pedir perdão.

A carta havia acendido uma pequena luz dentro do quarto escuro em que eu escondia alguns sentimentos por Robert.

Passei anos demais me culpando por ter ficado viva. Por ter sido a escolhida do destino para seguir vivendo. Por ter tido minha chance de recomeçar.

No fim das contas, não tinha razão para que eu me culpasse. A vida dele não tinha sido ceifada por uma tragédia maldosa do destino. Não tinha sido uma fatalidade.

Robert tinha escolhido morrer.

Talvez eu finalmente conseguisse voltar a viver.

Eu não sabia se teria sido capaz de perdoá-

lo, caso ele tivesse me pedido. Não sabia se seríamos capazes de seguir com o casamento ou qualquer coisa do tipo, mas talvez ele tivesse encontrado a felicidade ao lado do filho. Talvez tivesse conseguido recomeçar.

A cena do menino na capela foi se tornando palpável em minha mente. Ele não tinha morrido. Estava lá, sozinho. Como quando Robert o deixara. Lutando mais uma vez pela vida.

Eu nunca pensei que seria capaz. Sempre achei meu pai forte demais por ter conseguido amar o fruto de uma traição, por ter sido capaz de recomeçar, mas ali estava eu, sentindo uma vontade absurda de puxar aquele menino para os meus braços e dizer que tudo ficaria bem.



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Pedro

Tinha acabado de sair do banho quando ouvi um barulho na porta da frente. Ajustei a prótese e me levantei. Ela veio de encontro a mim, meio ofegante, nervosa. Tinha chorado.

— Vai parecer muito estranho se eu disser que quero que você vá comigo visitar o filho do meu ex? É que eu ainda não sei se vou conseguir, Pedro, e, caso não consiga, quero simplesmente esquecer que tentei — disse afobada, mexendo os braços mais do que era comum.

Abri os braços e a puxei para mim. A menina aninhou o rosto em meu peito.

— Na verdade, parece bem sensato para mim.

Ela respirou fundo e soltou um sorriso fraco.

— Vou calçar os sapatos.

Chegamos ao tal orfanato pouco tempo depois. Era uma viagem curta, até um dos subúrbios de Haia.

Entramos lado a lado e ela conversou com uma das freiras. Não era dia de visita, mas, ao que pareceu, as irmãs estavam dispostas a ajudar.

Seguimos acompanhando uma senhora até um pátio, e Hanna entrelaçou os dedos nos meus, como se buscasse o meu apoio.

Várias crianças brincavam no chão de cimento. Algumas ainda almoçavam, outras escovavam os dentes, mas o menino que ela procurava estava sozinho. Sentado aos pés de uma amoreira, de costas para nós.

A freira nos deixou e minha menina apertou um pouco mais os dedos nos meus.

— Robert? — ela chamou. — Robert? — um pouco mais alto, mas ainda sem sucesso.

Eu podia sentir a tensão em sua voz. O suor

PERIGOSAS ACHERON

em sua mão. Podia imaginar o tamanho do esforço que ela estava fazendo por aquele menino.

Lembrei-me do dia em que entendi realmente o que era ser adotado.

“Eu estava voltando da escola quando um garoto passou correndo por mim e deu um tapa de estralar na minha nuca. Comecei a chorar, e ele disse que era por isso que minha mãe de verdade tinha me enjeitado.

Mãe de verdade... a frase fez eco em minha cabeça por tanto tempo.

Quem era minha mãe de verdade? Se a dona Jussara tinha passado tantas noites ao lado da minha cama, cuidando de uma febre. De uma tosse. Tudo que eu tinha por mãe era ela. Nunca tinha visto as coisas de jeito diferente. Nunca me tinha visto diferente dos outros, até aquele dia.

Mainha então teve comigo a conversa mais importante de todas. Ela me chamou até os fundos

PERIGOSAS NACIONAIS

da casa, onde tínhamos algumas galinhas.

‘Você conhece a Mocinha, não conhece, Pedro?’

Assenti.

Mocinha era uma galinha carijó das perninhas curtas de que minha mãe cuidava como se fosse um de nós.

‘Dê uma olhada na ninhada dela. O que você percebe?’

Encarei os pintinhos todos. Uns brancos, outros vermelhos. Tinha um pinto de galo índio no meio e só um deles era carijó como ela. Minha mãe sorriu.

‘Você sabe por que ela é uma galinha tão boa?’

Neguei

‘Já viu a Mocinha rejeitar um ovo?’

Neguei novamente.

‘Para essa galinha, a partir do momento que

PERIGOSAS ACHERON

o ovo é colocado debaixo dela, ele se torna dela. Não faz diferença como ele chegou até ali.’ Acariciou meu cabelo cacheado. ‘Eu sou como ela, Pedrinho, não faz diferença como você chegou até aqui. Agora você é meu.’

E depois disso eu nunca mais questioneei nada. Tinha sido suficiente, para mim, saber que eu era dela. Nem que fosse somente no coração.”

— Robert? — Hanna chamou mais uma vez, um pouco mais alto, ainda sem sucesso.

Hanna

Precisei chegar mais perto.

Cada passo que eu dava, sentia como se meus pés pesassem toneladas.

— Robert? — tentei pela última vez.

Tantos sentimentos borbulhavam dentro de mim. Tantas coisas vindo à tona.

Pedro estava lá, parado ao meu lado. Um apoio silencioso.

— Anne! — alguém gritou e uma menininha passou ao nosso lado, correndo alegre pelo gramado, até o pátio.

Foi então que o menino se virou para mim.

Quando encarei seu rosto, quase caí para trás. Ele era uma cópia, pequena e infantil, de Robert. Os mesmos olhos, o mesmo formato de

sobrancelha. A mesma boca rosada e bem-desenhada, as mesmas covinhas nas bochechas. Mas havia nele um olhar triste, meio perdido e desamparado, que eu não via no pai dele.

Acenei de leve e sorri. Ele ficou me olhando, mas não sorriu de volta.

— Olá! — tentei mais uma vez, mas ele ainda não respondeu. Os grandes olhos azuis estavam distantes. Perdidos no tempo.

Por um momento, eu me vi em outro tempo.

Lembrei-me de quando mamãe morreu. Passei semanas em silêncio. Não sentia vontade de falar. Nada parecia bom o suficiente para que eu quisesse responder.

Papai se sentava comigo no chão gramado e ficávamos longas horas ali, calados, observando o movimento das nuvens no céu. Era bom.

Eu me abaixei na altura do menino e sorri de leve, esperando que ele aceitasse a aproximação.

Não sabia bem como agir. Não falava com uma criança havia tanto tempo.

— Oi! — cumprimentei acenando discretamente para ele. —, meu nome é Hanna. Posso me sentar aqui com você?

A cabecinha loira se moveu de leve. Uma discreta aceitação. Depois de um tempo, levou a mãozinha até meus cabelos e os tocou timidamente. Depois desviou os olhos mais uma vez.

Era tudo novo para mim. E era para ele também. Eu não sabia bem o que pensar. Mal conseguia entender o que estava sentindo.

Ainda havia uma parte em mim que queria correr. Fugir. Ficar longe do menino. Esquecer, mas essa parte estava perdendo a batalha.

Não houve um só momento em que eu tenha pensado em traição ou em tudo de ruim que tinha acontecido entre Robert e eu.

Levei uma mão até o cabelinho dele bem

PERIGOSAS ACHERON

devagar. Não queria que ele se assustasse.

— Seu cabelo é muito bonito. Parece com o cabelo do seu pai.

Os olhinhos curiosos se acenderam para mim.

— Eu conheci o seu pai... — expliquei. Uma lágrima insistente tentando fugir dos meus olhos. — Ele tinha os olhos azuis também, como os seus. Você se parece muito com ele.

O menino continuava a me estudar. A mãozinha apoiada no tronco da árvore, como se não quisesse soltar.

Eu o entendia. Não é fácil aceitar uma pessoa nova em nossas vidas quando perdemos alguém que amamos. Eu ainda estava aprendendo a lidar com isso. Tinha passado muito tempo calada como ele.

— Vejo que você fez progressos com o nosso pequeno passarinho. — A mesma freira que

PERIGOSAS ACHERON

tinha me acompanhado no primeiro dia de visita sorriu. Estava próxima à nós. — Desde que a mãe adoeceu, ele mal se comunica com quem quer que seja. Vive aí, debaixo dessa árvore, ou na capela. É um momento complicado. Ficar sozinho assim, tão jovem... Ele mal completou três anos.

O menino baixou os olhos para o chão e eu senti meu coração tão pequeno que mal podia respirar. Ele era quase um bebê. Tão pequeno e indefeso, sozinho no mundo, sem ninguém que o abraçasse e dissesse que tudo ficaria bem.

Eu havia perdido minha mãe quando era bem pequena também, mas tinha meu pai. Nunca me faltou amor e, ainda assim, eu sentia falta de uma mãe, até que Laura chegou em nossas vidas.

Ele merecia encontrar uma Laura também.

— É que mãe é uma pessoa impossível de substituir — falei com a freira, mas meus olhos estavam em Robert, e sua atenção estava em mim.

— Eu também perdi minha mãe, sabia? —
Aproveitei os olhinhos curiosos em mim. — Eu sei
como é difícil. Dói muito aqui dentro, não é? —
Apontei o peitinho dele e ele assentiu, o olhar
mirando o chão.

— Tudo melhora com o tempo, Robert. Eu
disse a você! — A freira acariciou suas costas.

Ela tinha razão. O tempo era um excelente
remédio, mas isso não é fácil de se compreender
quando mal se saiu das fraldas.

Os olhos do menino pararam em Pedro, ali
ao meu lado.

Ele estendeu a mão para o menino, fazendo
um daqueles cumprimentos de garotos. Foi a
primeira vez que o vi sorrir, ainda que rapidamente.
Pedro não conseguia se abaixar por causa da
prótese, mas se apoiou na beirada da mureta, ao
lado do menino.

— Você sabia que eu sou meio robô? —

brincou, subindo um pouco o jeans e deixando a prótese à mostra.

Robert ficou encantado com o que via.

— Pode bater se quiser! — Pedro disse batendo a mão no metal. — É uma perna bem forte!

Ele não bateu, mas tocou a prótese um pouco mais.

O sinal do intervalo soou e o corre-corre de crianças deu lugar a uma grande fila.

— Agora você precisa se despedir, querido. É hora de voltar para a aula, e a Srta. Nancy não gosta de atrasos, você sabe.

Ele se levantou e limpou as mãozinhas na roupa.

— Foi um prazer conhecê-lo, amiguinho!
— Pedro estendeu a mão e repetiu o cumprimento.
— Espero ver você mais vezes!

Eu não consegui dizer nada, e o menino também não. Não era fácil falar. Havia um peso

PERIGOSAS ACHERON

estranho entre nós dois. Sentimentos demais.

Ele virou-se de costas e ocupou seu lugar na fila. Caminharam de volta para o corredor das salas de aula e eu não o vi mais.

Quando entrei de volta no carro e dei a partida, sentia como se não fosse eu vivendo tudo aquilo. Era tanta coisa para organizar, e minha cabeça estava em uma desordem completa.

Pedro colocou a mão sobre a minha e a deixou ali, enquanto voltávamos para Amsterdã.

Respirei fundo, sentindo o coração tranquilo e em paz. Eu estava acostumada a resolver as coisas sozinha. Dava conta do recado havia muito tempo, mas era bom ter companhia, só para variar.



Pedro

Paramos em frente à casa-barco.

Uma sensação engraçada dentro do peito, não sabia bem como reagir.

Fiquei ali parado, meio brôco, sem conseguir abrir a porta e descer. Ela não estava diferente de mim. A cada dia que passava, a gente ia ficando mais grudado.

Era difícil aceitar que estava mesmo gostando dela. Que a queria para mim. Para ela era ainda mais difícil. Eu tinha perdido uma perna, mas meu coração ainda estava inteiro. Nunca tinha me apaixonado de verdade.

Curar um coração deve doer mais que perder uma perna.

— Se precisar de mim, sabe onde me encontrar! — Aproximei-me para beijar a bochecha dela, mas Hanna me abraçou.

— Obrigada por isso! — Sorriu e beijou minha boca suavemente.

Não resisti e a puxei para mais perto. Eu queria mais. Queria sentir que aquela menina era mesmo minha. Queria que ela sentisse que eu também era dela. Que tudo aquilo não era apenas um sonho bom. Não sabia explicar em palavras, então eu queria mostrar.

— Pedro... — sussurrou meu nome e eu senti tudo dentro do peito um pouco mais quente. Ela sorriu. A mão deslizando pelo meu rosto, tocando a barba por fazer. Não disse nada, mas os olhos dela diziam tudo que eu queria ouvir.

— A gente se vê mais tarde? — perguntou.

— Sempre que você quiser. — sorri de volta, tentando soar mais debochado que apaixonado, mas provavelmente falhei.

— Às oito, então?

— Parece bom para mim.

PERIGOSAS NACIONAIS

Beijei sua testa e desci. Fiquei olhando o carro sumir na esquina, antes de descer até minha casa.

Fiz um lanche e peguei os papéis de que precisava para ir ao hospital. Eu não via a hora de finalmente tirar aquela tipoia e poder me mexer em paz.

Queria fazer uma surpresa a ela. Mostrar que eu já estava bem, que tinha me recuperado. Com todos os últimos acontecimentos, ela não tinha lembrado que aquele era o dia do meu retorno ao médico, mas não tinha problema. Eu queria mesmo era aparecer na frente dela bem e poder abraçá-la direito.

— Sr. Santana? — a enfermeira chamou, e eu me levantei. — O senhor pode me acompanhar.

Entrei em uma sala toda cheia de azulejos brancos. Sentei-me em uma maca e esperei que o médico viesse me ver.

PERIGOSAS ACHERON

Depois do que pareceu uma eternidade, um careca baixinho, na casa dos cinquenta anos, entrou.

— Então... vamos ver como está o seu ombro. — Encarou-me por cima dos óculos de armação de tartaruga. — Como se sente, Sr. Santana? Alguma queixa? — ia perguntando enquanto mexia no meu braço, agora sem a imobilização.

— Estou ótimo, doutor. Estava bem dois dias depois do acidente, mas, depois dessa belezinha aqui — bati na prótese —, aprendi a esperar a hora certa das coisas.

— É um grande aprendizado, meu jovem! E, pelo que vejo, você teve muita sorte com o acidente. De novo! — reforçou encarando minha prótese.

Sorri de canto, mas não disse nada. Ultimamente, a sorte tinha sido mesmo minha

PERIGOSAS ACHERON

companheira.

— O senhor está liberado, Sr. Santana! Vida normal daqui por diante.

Agradei e saí da sala igual a um pinto no lixo. Feliz da vida, direto para o próximo compromisso.

Sigfried era um bom amigo, embora a gente não se esbarrasse muito pelas ruas de Amsterdã. Ele tinha sua própria turma de motoqueiros, e eu não era muito ligado a clubes. Gostava de ser um motoqueiro solitário. Esse negócio de jaqueta de couro com caveira nas costas nunca foi para mim.

Desci do táxi bem em frente à oficina dele.

— Ora, ora se não é o magrelo metido que nunca precisa de ninguém! — brincou assim que entrei no lugar.

— Não tenho culpa se não tenho o metabolismo de uma morsa — devolvi.

Sigfried riu alto e eu acabei rindo também.

— É bom vê-lo assim, bem, Santana.

— É bom estar bem, amigo. Estou ficando meio velho para esse negócio de beijar asfalto.

O holandês bateu nas minhas costas, tão amistoso quanto sabia ser.

— Nunca se está velho demais para o asfalto. Nunca!

— E a minha garota, como está? — perguntei ansioso.

— Sua garota sofreu bastante, mas está pronta para outra. — Caminhamos até os fundos da oficina. — Aqui está ela. Acabei de ajustar o ronco.

Corri os olhos pelo tanque renovado. Sigfried tinha pintado algumas labaredas azuis nas laterais. Tinha trocado os pneus e colocado um farol novinho em folha. Ela estava absolutamente linda. Nem parecia a mesma moto que eu tinha deixado com ele.

— Ficou bonita, não ficou? Eu sempre

PERIGOSAS NACIONAIS

acrescento algum detalhe depois que uma moto sofre um acidente. É como uma cicatriz. Algo que lembre a história dela. A sua ganhou essas labaredas. Você derrapou na chuva, então achei que azul era a cor certa.

— Está perfeita, companheiro! Eu sabia que você era bom, mas não tinha ideia de que fosse tão bom!

— Eu sou o melhor!

— Depois disso nem posso discordar.

— E o braço, como está? — perguntou abrindo duas garrafas de cerveja e entregando uma a mim.

— Muito bem. Amanhã volto ao trabalho. Não aguento mais ficar à toa.

Sigfried tinha idade para ser meu pai e experiência também. Tinha vivido boa parte da vida de canto em canto, como dava. Aproveitando a estrada, sem pouso certo. Conhecia bastante da vida

PERIGOSAS ACHERON

e eu sabia que gostava de mim.

Ele se sentou em uma das cadeiras velhas que havia na oficina e coçou a careca.

— Você precisa de um rumo na sua vida, garoto! Isso aqui não é para você.

— Eu gosto muito do que eu faço, amigo.

— Eu sei disso. Você é muito bom também. Bom demais para essa vida. É jovem e tem uma garota bonita querendo você. Uma boa garota. Você deveria procurar rumo melhor para sua vida. Não se contente com pouco, não, Pedro. A vida cobra muito de quem faz isso.

Foi minha vez de respirar fundo.

— Quanto lhe devo? — perguntei já em cima da moto.

— Um dia eu cobro. Por enquanto, serve sua amizade.

— Obrigado!

Assim que saí de lá, acelerei com vontade,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sentindo o vento no rosto mais uma vez. A sensação de voltar a ter controle da minha vida era incrível.

Voltei para casa, tomei um banho e me vesti. Era pouco mais de seis da tarde, quando peguei a estrada para Roterdã.

Parei em uma floricultura e comprei uma rosa para ela. Coloquei dentro da jaqueta de couro. Às oito e dois, parei em frente ao prédio dela.

Sigfried tinha razão. Eu tinha uma garota incrível, que queria estar ao meu lado. Não podia perder isso.

— Vista uma roupa bem bonita e desça aqui; estou esperando você, moça! — eu disse assim que ela atendeu ao celular. — Quero dar um passeio com a minha menina.

PERIGOSAS ACHERON

Hanna

Assim que passei pelo portão e o vi, senti meu coração acelerar. Era aquela sensação boba de quando somos adolescentes e esperamos o primeiro namorado no portão de casa. Podia até ser bobo e infantil, mas era tão bom. Bom como eu nunca pensei que sentiria novamente.

Quando Robert morreu, achei que minha capacidade de amar tinha morrido com ele. Com exceção da minha família, nunca mais fui capaz de me envolver e me entregar. Nem mesmo com meus amigos. Eu os ouvia, mas raramente falava de mim. Estava fechada, enclausurada em minha própria dor. Em minhas culpas.

Por mais triste e magoada que eu tenha ficado com toda a verdade a respeito da morte de

PERIGOSAS NACIONAIS

Robert e do fim do meu noivado, ao menos tudo tinha servido para me fazer ver que a culpa não era minha.

Robert tinha sido honrado no final. Tinha se preocupado em deixar a verdade escrita para mim. Tinha me eximido do fracasso. Ele tinha me dado uma nova chance. Tinha me mostrado que a perfeição que eu buscava não existia, mas que eu podia ser feliz ao lado de alguém mesmo assim.

Encarei Pedro parado lá, encostado na moto preta. Ele podia não ser perfeito, mas estava muito, muito perto disso e queria me fazer feliz. Era tudo de que eu precisava.

— Hey, bonito... O que acha de eu subir aí na garupa e você me levar para voar? — Sorri.

Ele abriu a jaqueta e tirou uma rosa vermelha de dentro dela. Entregou a mim e eu não resisti. Pendurei em seu pescoço, aproveitando que ele não estava mais com a tipoia no braço.

PERIGOSAS ACHERON

— Desculpe por esquecer que era hoje! —
pedi envergonhada.

— Não se preocupe, moça, sei que as coisas andam um pouco agitadas para você.

— Prometo que vou me redimir.

— Ah, mas eu não tenho dúvidas disso! —
respondeu com aquele sorriso safado que só ele sabia dar. — Vou levar você para minha casa e vou garantir que isso aconteça. Pode esperar.

Guardei a flor e subi na garupa da moto, meus braços em volta da cintura dele, aproximando meu corpo e o seu. Enfiei o rosto em suas costas, sentindo seu perfume no couro da jaqueta.

Eu estava me envolvendo rápido demais. Pedro tinha um jeito só dele de entrar no coração das pessoas. Era despretensioso e meio bobo, mas marcava o espaço como sendo dele.

Se eu tinha medo?

Estava apavorada. Completamente. Às

vezes queria puxar o freio, ainda que deixasse esse trem desgovernado, mas não conseguia. Ele trazia de volta uma Hanna sonhadora que me fazia falta. Conseguia me fazer acreditar novamente em finais felizes.

Pedro nos levou até o Grachtengordel, um bairro na Zona Central, famoso pela atividade noturna. Eu não ia muito à Velha Senhora. Frequentava mais os barzinhos e boates da moda em Roterdã. Era mais fácil voltar para casa depois e era onde meus amigos estavam. Talvez por isso eu tenha gostado tanto da escolha.

Descemos da moto em frente a um lugar chamado Bourbon Street. Sugestivo, já que o Bourbon tinha nos aproximado desde o início.

— Eu gosto muito daqui, moça. Foi onde trabalhei logo que cheguei à Holanda — explicou. — Lembra da Lisa? — Assenti. — O pai dela é o dono daqui. Quero que conheça um pouco sobre PERIGOSAS ACHERON

mim, Hanna. E isso aqui está bem próximo do que eu sou. Quando não estou tentando irritar você... — brincou e eu acabei rindo.

Estendeu a mão e eu entrelacei meus dedos nos dele.

O lugar era bonito, bem-frequentedo. Nada simplório. As pessoas lá dentro faziam o estilo *cult*. A música era boa e a meia-luz deixava tudo mais interessante e sensual. Eu estava encantada.

Ocupamos uma das mesas e Pedro pediu duas Irish Cream Ale.

— Adorei o lugar! — falei ao pé do ouvido dele, chegando mais perto, já que o banco arredondado fazia o contorno da mesa.

— Isso é muito bom, porque, como eu disse, este lugar tem muito a ver comigo, moça. Eu ajudei a deixá-lo como está.

Nossas bebidas chegaram, acompanhadas de minissanduíches de lagosta. Brindamos e eu

PERIGOSAS ACHERON

levei o copo à boca. A espuma cremosa era um convite a um pouco mais.

— Vou acabar bêbada! — Deixei o copo vazio sobre a mesa. — E antes da meia-noite.

— Não precisa se preocupar, Cinderela, sua carruagem não vai virar abóbora. Prometo.

— E o príncipe? Vai me deixar ir embora do baile sozinha? — provoquei. Minha mão perto da sua coxa.

Pedro colocou a mão sobre a minha e a subiu um pouco, até onde eu podia sentir sua ereção. Pronta, só esperando a oportunidade.

— De príncipe eu não entendo muito, mas se servir o lobo mau...

Soltei uma gargalhada e tapei a boca com a mão.

— Você não vale nada, moço!

— Nadinha!

Puxou-me para perto e enfiou a língua na

PERIGOSAS NACIONAIS

minha boca em um beijo lascivo. Duro. Do jeito que eu sabia que ele gostava.

Eu tinha certeza de que, se tivéssemos mais luz, o caminho avermelhado que sua boca e barba por fazer deixavam em minha pele clara seria evidente.

Duas cervejas depois, os beijos já não eram suficientes.

Mordi o lábio para segurar um gemido, enquanto seus dedos acariciavam o interior das minhas coxas, por baixo da mesa, tirando o pouco de sanidade que ainda restava em mim.

— Veja se não é o baiano! — Um homem grande e forte deu um tapa nas costas de Pedro, fazendo com que nós dois recobrássemos a compostura.

— Peter! — Pedro se levantou para cumprimentá-lo. — Não sabia que você ainda estava por aqui.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu estou por aqui, cara, sempre! Estou morando ali perto do Red Light. — Voltou os olhos para mim. — Mas veja só quem tirou a sorte grande! — ele disse me encarando. Senti meu coração acelerar. Eu não gostava de ser reconhecida quando estava me divertindo. Era como se metade da diversão caísse por terra assim que meu sobrenome era dito em voz alta.

— Essa é a Hanna! — Pedro disse com a mão em meu ombro. — E é claro que ela tirou a sorte grande! Não é sempre que uma garota tem o prazer de se sentar ao lado de Pedro Santana em um bar! — brincou e o homem riu com ele.

Depois de mais algumas palavras, Peter se foi. Não sei se me reconheceu, mas sumiu na multidão e eu fiquei mais tranquila novamente.

— Obrigada por me proteger! — eu disse em seu ouvido mais uma vez.

— Ah, moça... Eu exijo exclusividade no

PERIGOSAS ACHERON

quesito “encher o seu saco” — desconversou, mas ganhou mais um pouquinho da minha admiração.

— O que acha de irmos embora daqui? — sugeri. — Ainda não é meia-noite, mas a Cinderela aqui adoraria trocar o príncipe pelo lobo mau!

Pedro pagou a conta e subimos na moto novamente. Dez minutos depois, estávamos na casa-barco.

Janelas abertas, recebendo um pouco da brisa fresca do canal. Uma garrafa de vinho aberta e meu brasileiro deitado na cama, de cueca branca, esperando por mim. Era uma excelente maneira de fechar a noite.

Tirei a roupa encarando os olhos dele. Bem devagar. Fazendo com que ele esperasse. Pedro não disse nada. Paciente. Olhos escuros perdidos nos meus. Um blues suave tocando baixinho. As luzes do canal deixando a claridade necessária.

Nunca pensei que meu lugar preferido para

PERIGOSAS ACHERON

fazer amor acabaria sendo uma cama de paletes em uma casa-barco, no meio de um canal, mas eu não trocaria aquele lugar nem pelo melhor quarto de hotel do mundo todo.

Ajoelhei na cama só de calcinha. Ele se aproximou e me puxou para mais perto, beijando minha barriga, subindo até meus seios. Mordiscando devagar e acariciando meu corpo. Deitei sobre ele e beijei sua boca, enquanto ele se livrava das últimas peças que nos impediam de nos entregarmos completamente um ao outro.

— Pedro... — sussurrei contra sua boca. — Você é incrível.

— Não, moça, não sou, não... Mas faço questão de ser o melhor que puder para você.

O dia amanheceu quente em Amsterdã. As cortinas finas impediam que o movimento do canal nos visse dentro do nosso pequeno refúgio.

— Bom dia! — eu disse me espreguiçando,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

enquanto ele preparava o café.

— Bom dia, minha linda! — retribuiu entregando a xícara em minhas mãos.

— Hum... ser chamada de linda assim, logo pela manhã, é novidade! — Sorri, levando o líquido quente à boca.

— Cansei de chamar você só de moça.

— Você podia tentar me chamar de Hanna, só pra variar! — provoquei.

— Mas aí eu seria como todo mundo...

Balancei a cabeça fingindo não compreender.

— Além do mais, você é mesmo linda... — Acariciou meu rosto com as pontas dos dedos. — A menina mais linda que conheci na vida. Um bilhete premiado de loteria... E espero que seja minha! — Sorriu meio sem jeito. — Então, na verdade, só estou nomeando as coisas! — Deu de ombros e eu acabei rindo.

PERIGOSAS ACHERON

— Só você para acabar com um elogio! —
reclamei.

Ele me pegou nos braços e eu enrosquei as pernas em sua cintura. Beijou minha boca repetidas vezes.

— Linda! Linda! Linda! E minha... Só minha... — repetiu com aquele sorriso que era só dele, derretendo meu coração.

Segurei sua boca na minha. Beijando devagar. Sentindo o gosto de café e o toque firme das suas mãos.

Quando o beijo terminou, ele me colocou no chão novamente.

— Mas não vá se acostumando demais, hein, moça! Eu não sou muito dado a essas frescuras, não!

Atirei um travesseiro em suas costas.

Eu gostava assim. Na medida certa, sem melodramas desnecessários. Sem cobranças

demais. Devagar e sempre, um passo a cada dia, como eu precisava que fosse.

Se algum dia eu tinha duvidado, agora não mais — Pedro era o homem certo para mim.

Hanna

Duas noites depois, sonhei com Robert.

Não foi como os outros sonhos que eu tinha tido com ele desde sua morte. Foi mais real. Forte.

Ele batia à porta da nossa casa, em Roterdã, durante um temporal, e pedia que eu o ajudasse. Quando eu tentava abrir, a porta estava trancada. Ele pedia socorro, pedia ajuda, e eu não conseguia abrir.

A tempestade ia ficando mais e mais forte e eu sentia que não podia mais respirar. Tentava girar a maçaneta, mas parecia emperrada. Até que o menino segurava minha mão. Sua mãozinha pequena parecia acalmar o vento lá fora.

Quando a porta finalmente se abria, Robert estava sorrindo para nós. De longe. O menino acenava para ele, que retribuía, o rosto tranquilo.

Então Robert se virou de costas e foi andando devagar, até desaparecer por completo.

Acordei sentindo a mão pequena do menino sobre a minha. O coração batendo rápido.

Não sabia o que sentir, nem o que pensar. Não queria chatear Pedro com um sonho bobo, mas precisava conversar com alguém.

— Mamãe? — perguntei assim que ela atendeu ao telefone. — O que acha de tomarmos um café juntas?

— Acho ótimo! Estou mesmo abandonada nesta casa! — reclamou. — Devo estar ficando velha, querida, porque estou começando a conversar com as plantas! Veja se tem cabimento!

— Mamãe você precisa de outra gata! — brinquei.

— Não preciso, não! Mia é insubstituível! Além disso, eu não tenho mais paciência! Se arrumar um gato, seu pai é capaz de se ver no PERIGOSAS ACHERON

direito de querer outro filho! — reclamou e eu acabei rindo.

— Vocês dois não têm jeito! — continuei rindo. — Pego você daqui a vinte minutos.

Nós nos sentamos em nosso café preferido, bem em frente ao Markthal. Eu pedi um irlandês, e mamãe, um cappuccino.

— Quer me contar o que houve de uma vez? Ou vamos continuar fingindo que você só queria minha companhia para tomar café?

— Que horror, mãe! Até parece que eu não gosto da sua companhia!

— Em uma manhã de segunda-feira? Acho difícil! Geralmente você dorme até mais tarde nas segundas para poder se recuperar dos finais de semana — concluiu. — Essa mudança repentina de hábitos tem a ver com a volta do seu pai ao trabalho? Ou com o seu James Dean? — Ergueu uma sobrancelha para mim.

Respirei fundo. Não sabia nem por onde começar.

— Sonhei com Robert hoje.

— Wow! É pior ainda do que eu imaginava!

— Foi um daqueles sonhos ridículos em que as pessoas ficam buscando significado, sabe? Eu nem acredito nessas coisas! — reclamei.

— E o que o sonho bobo significou para você, querida? Pense com calma. Não existe nada de errado em mudar de opinião, Hanna! Tudo bem ficar mais sensível. Acontece com todo mundo.

— Sei lá, pode parecer idiota, mas acho que ele quer que eu cuide do menino — quando eu dizia em voz alta parecia ainda mais bobo.

— E você quer cuidar do menino? — perguntou. — Aqui dentro... — Indicou meu coração. — Sem se preocupar com o julgamento das pessoas. Sem pensar muito racionalmente, só sentir... O que você sente, filha?

Baixei os olhos para o chão. Não conseguia admitir.

— Eu acho que você deveria terminar esse café e depois deveria pegar o seu conversível reluzente, dirigir até aquele orfanato. — Ajeitou os óculos escuros. — Às vezes só precisamos ouvir o coração, querida. Só isso.

— Você não se cansa de ter sempre razão não? — brinquei beijando a bochecha dela.

— Ah querida, você sabe, é um dom natural! — sorriu.

— Tudo bem se eu te deixar aqui sozinha?

— Laura Van Galagher nunca está sozinha, querida, eu amo minha própria companhia! — deu de ombros — Além do mais, Lis e eu vamos ao mercado de flores.

Peguei minha bolsa e beijei o topo da sua cabeça. Antes que me afastasse, mamãe segurou minha mão.

— Nunca se envergonhe de fazer a coisa certa, filha. Não importa o que pareça aos outros, o que realmente importa é como você se sente quando as luzes se apagam.

Estacionei em frente à casa de apoio.

Não era dia de visita e eu não sabia se conseguiria ver o menino, mas decidi tentar. Toquei a campainha e uma senhora ruiva, vestida de freira, veio me atender.

— Bom dia! — cumprimentei. — Eu sei que não é dia de visita... — a mulher torceu o nariz para mim —, mas eu queria muito ver Robert Dornel. Prometo que não vou atrapalhar.

Ela abriu a porta para mim, mas não disse nada. Eu fui entrando atrás dela.

— Esse é o problema de acolher crianças que têm família — reclamou. — Ninguém respeita nada. Acham que isso aqui é algum tipo de curso de verão. Nós temos regras! Regras! Não estamos aqui

para satisfazer as vontades das pessoas! — Ia andando e praguejando, e eu me segurando para não rir. Era muito irritante, mas era ainda mais engraçado.

De repente parou, do nada, e eu quase enfio meu nariz no chapéu da mulher.

— O menino está estudando! Não posso simplesmente interromper a aula. Você deveria saber como é importante, para um pobre coitado como ele, ter o mínimo de instrução, ao menos.

Engoli em seco mais uma vez. Robert não era nenhum pobre coitado. Estava bem longe de ser pobre e, se dependesse de mim, não seria coitado também.

— Tudo bem, eu posso esperar pelo intervalo. Não quero atrapalhar.

A mulher revirou os olhos.

— Eu vou permitir dez minutos. Apenas dez minutos, ou tudo aqui cairá como um castelo de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cartas! — reclamou com a voz esganiçada que tinha.

Eu quase podia ver a Rainha de Copas gritando: “Cortem a cabeça dela! Cortem a cabeça dela!”

Esperei sentada em um dos bancos do jardim. Ansiosa como se esperasse pelo meu namorado. O coração acelerou quando o vi sair da sala de aula.

Robert era pequenino. Corpo magro e cabelos levemente compridos, mostrando seus cachinhos dourados. Usava o uniforme da instituição. Mãozinhas atrás das costas. Nervosas como as minhas.

Ele se aproximou e ficou em pé, parado ao meu lado.

— Dez minutos! — a bruxa vestida de freira gritou. — Dez minutos!

O menino respirou fundo.

PERIGOSAS ACHERON

— Bruxa! — deixei sair sem querer, e o menino riu. — Desculpe! — Tapei a boca com a mão. — Você está bem? Pensei em passar por aqui só para dar um oi. — justifiquei.

O menino assentiu.

— Eu achei que seria legal a gente se ver mais uma vez — expliquei. — O que acha disso? Tudo bem se eu quiser ser sua amiga? — O menino assentiu mais uma vez. — Quer que eu traga alguma coisa para você na próxima vez que eu vier? Um doce? Um carrinho? Uma bola? — Negou com a cabecinha sem tirar os olhos de mim.

Ele era um bom ouvinte, mas eu era uma péssima interpretadora de crianças. Não sabia o que ele queria me dizer com os gestos que fazia, já que ele não falava muito. Foi então que ele puxou minha echarpe e amarrou no pescoço.

— Ele quer uma capa. — A freira boazinha se aproximou. — Para ser um super-herói. Porque

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

super-heróis não tem medo do escuro — explicou e eu senti meu coração se apertar.

Eu sabia bem como era ter medo do escuro.

— Ele não conversa com ninguém, Srta. Gallagher. Temo que acabe se esquecendo de falar. Uma criança tão pequena... Temo que acabe mudo. Já tentamos de tudo, inclusive uma psicóloga que nos ajuda com as crianças, mas o menino se recusa a falar.

— Eu acho que ele só precisa de tempo! — sorri encarando os olhinhos azuis — Não é amiguinho?

O menino assentiu.

— Volte no domingo! — encorajou-me. — Você tem sido a única a conseguir qualquer tipo de comunicação com ele.

— Pode deixar, irmã! Eu volto com toda certeza!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Pedro

Dormir juntos estava se tornando a cada dia mais comum para nós.

Logo eu, que vivia me gabando por aí de não dividir a cama com quem quer que fosse.

“Mulher não deita na minha cama para dormir!”, eu dizia sempre que me perguntavam.

Paguei com a língua, com juro e correção monetária. Lá estava eu, baiano arretado de natureza, abraçado à menina a noite toda.

Naquela manhã, acordei mais tarde do que costumava normalmente.

Era véspera de feriado e ficar com ela me relaxava. Ela me dava paz. Uma paz que eu não sentia havia muito tempo.

— Bom dia, dorminhoco! — Beijou minhas costas, as mãos em minha barriga. — Finalmente

PERIGOSAS NACIONAIS

acordei com você ainda na cama! Eu estava começando a achar que havia algo de errado comigo.

Virei de frente para ela. Beijeí sua boca de leve e ajeitei seu cabelo despenteado atrás da orelha.

— Eu disse que você ronca! — brinquei tentando parecer sério —, mas estou começando a me acostumar com isso.

Não era verdade e ela sabia disso. Eu só não ia perder a piada.

— Então, Sr. Santana... Qual é a boa de hoje? — perguntou deitando-se sobre mim. Aqueles olhos verdes como o mar encarando os meus.

— Vou ajeitar uma coisa ou outra que deixei perdida no passado — confessei meio sem confessar. — A gente não caminha para a frente enquanto não resolve as coisas lá atrás.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Interessante você dizer isso. — Levantou uma sobrancelha para mim. — Se eu não conhecesse você e meu pai, diria que estão bem afinados!

Beijou minha boca rapidamente e tentou se levantar, mas eu a segurei pela cintura, trazendo-a para mim novamente. Lento e profundo dessa vez.

— Pedro... Pedro... Onde você estava até agora? — Riu alto, com aquela alegria que parecia iluminar tudo à sua volta.

— Eu estava por aí, moça! Precisava de um tempo e meia perna a menos para aprender a valorizar o que realmente importa.

— Que bom que conheci você agora, então! Eu odiaria ter trombado em mais um idiota convencido!

Foi minha vez de rir.

— Eu digo que tudo tem o seu tempo, não é?

PERIGOSAS ACHERON

Subi na moto pouco depois que terminamos o café da manhã, em uma cafeteria na avenida do prédio dela. Hanna não era muito boa em manter a geladeira abastecida.

Cheguei ao prédio da faculdade de engenharia cerca de meia hora mais tarde. Queria ir pessoalmente entregar o atestado médico que tinha feito com que eu reagendasse minha entrevista por duas vezes. Não queria que parecesse falta de interesse.

Estacionei, segui com a minha pasta de documentos e toda a minha fé até a administração. Eu não tinha um horário marcado, mas a funcionária tinha dito que terça de manhã o coordenador costumava atender alguns alunos. Eu não sabia se ele iria querer me atender. Tentei a sorte. Ultimamente ela andava sorrindo para mim!

— Sr. Santana? — a voz polida da senhora de óculos de gatinho chamou meu nome, e eu quase

PERIGOSAS ACHERON

caí duro ali mesmo.

Levantei o mais rápido que minhas pernas permitiram. Eu odiava ficar muito tempo na mesma posição; era bem mais difícil andar direito depois, e eu tinha levado uma porra de um chá de cadeira daqueles.

— Sim.

— O Sr. Freishjim irá atendê-lo.

Cada passo que eu dava para dentro da sala do tal homem fazia meu coração bater mais e mais forte. Mãos suando, zonzeira. Um suador daqueles de trabalhar debaixo do sol de Salvador, mas segui o mais firme que pude.

Você consegue, Pedro! Você consegue!, dizia em pensamento.

— Queira sentar-se, Sr. Santana. — Indicou uma cadeira em frente a sua mesa. — Então quer dizer que o senhor trancou a faculdade depois de um acidente que lhe rendeu uma amputação. —

Concordei. — Sinto muito, mas compreendo. Algumas coisas requerem tempo.

Concordei mais uma vez, as mãos sobre os joelhos. Ainda desconfortável pela situação.

— Eu acabei de ter uma conversa muito interessante com o Sr. Barcelos a seu respeito.

Manoel Barcelos, meu antigo orientador e coordenador do meu curso no Brasil. Nós tínhamos uma boa relação. Ele mesmo tinha conseguido meu estágio e tinha mexido todos os pauzinhos possíveis para que eu ficasse com a vaga depois do diploma.

Senti minha esperança murchar como um pé de alface ao sol.

Infelizmente, eu tinha sido covarde demais para falar com ele pessoalmente e dizer que iria trancar. Nunca mais tínhamos nos falado, e ele certamente seria a última pessoa do mundo a falar bem de mim para alguém.

— Verifiquei seus documentos, seu

PERIGOSAS ACHERON

histórico escolar. Fiz uma breve adequação da sua grade curricular e então achei que seria válido falar com alguém que o conhecesse. Nós temos um programa bastante concorrido de intercâmbio, Sr. Santana. Algumas pessoas esperam por anos que seus projetos sejam aceitos por aqui.

Concordei com a cabeça, o coração já queria correr dali o mais rápido que aquela porra de prótese deixasse. Mais uma vez, morrendo na praia.

— O senhor quer saber o que seu antigo professor disse a seu respeito?

Eu não queria, mas não ia dizer isso ao homem. Era tudo culpa minha mesmo. O tonto que sempre achava que podia voar mais alto e acabava se estatelando no chão.

— Ele me disse que o senhor foi seu aluno mais teimoso e menos cooperativo. Disse que o senhor tinha dificuldades em acatar ordens, ainda que diretas, e que sempre, sempre questionava a

PERIGOSAS ACHERON

autoridade de quem quer que fosse. Um idealista, ele disse. — Respirei fundo esperando a parte de covarde e sem caráter chegar. — E disse também que eu seria um tolo se não o recebesse em minha universidade. Porque o senhor sempre foi seu melhor e mais brilhante aluno e que certamente daria a nossa universidade todas as conquistas que faltaram para sua antiga escola. O que me diz disso?

Arregalei os olhos sem saber o que responder.

— Ele tem razão, Sr. Santana? — insistiu.

Levei um tempo para processar.

— Eu... Eu... Só posso dizer que a mecânica é minha grande paixão, senhor. E que eu faria tudo, tudo mesmo, que pudesse para honrar a confiança do professor Barcelos.

O homem grisalho e de olhos azuis ficou calado por alguns segundos, os olhos fazendo uma

PERIGOSAS ACHERON

varredura de mim.

— Então tenho o prazer de dizer que temos uma vaga para o senhor aqui. — Estendeu a mão para me cumprimentar, meu coração quase saindo pela boca.

— Não será fácil, Sr. Santana. Não vou mentir para o senhor. Os custos são altos e, neste momento, não posso lhe oferecer uma bolsa. É claro que o senhor pode pleitear uma junto à sua antiga universidade, mas acho difícil, tanto tempo longe, certamente a universidade irá preferir um aluno regular.

Eu sabia disso. Sabia de todas as dificuldades e de tudo que eu teria que enfrentar, se conseguisse a oportunidade. Estava disposto a tudo. Iria lutar até onde conseguisse.

Nada nunca tinha sido de graça na minha vida mesmo. Tudo que eu precisava era de uma chance à qual me agarrar.

— Seja bem-vindo, Sr. Pedro Santana! —
ele disse enquanto apertava minha mão.

Saí de lá pouco depois do almoço, com uma lista imensa de matérias que eu precisava eliminar antes de seguir com o curso e uma dívida quatro vezes maior do que todo o dinheiro que eu tinha conseguido juntar na vida, mas o coração... Ah, esse estava leve e cheio de esperanças.

Tudo que eu queria era contar para ela que eu tinha voltado a ser alguém, mas não de qualquer jeito. Eu queria que fosse tão especial quanto era para mim.

Peguei o telefone e liguei para um amigo das antigas. Ele era coordenador de segurança no Hilton Hotel de Roterdã. Eu fazia uns bicos de barman lá, sempre que me chamavam, então conhecia a maioria dos funcionários. Não era sempre que eu pedia um favor como aquele, mas realmente queria tornar a nossa noite especial.

PERIGOSAS NACIONAIS

Combinei tudo por telefone e passei pelo centro, para comprar o que faltava para o meu plano.

Voltei para casa. Tomei um banho. Fiz a barba, ajeitei o cabelo. Vesti uma calça escura e uma camisa cinza-chumbo. Calcei os sapatos. Passei um pouco de colônia e coloquei algumas coisas na mochila.

Parei em frente ao prédio da minha menina e liguei para ela.

— Pode descer, moça. Eu estou aqui embaixo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 19

Hanna

Pedro não revelou nosso destino, mas não fazia muita diferença. A companhia valia muito mais do que o lugar.

Paramos em frente ao Hilton.

Não entendi muito bem. Não era o tipo de lugar em que eu esperava ir com ele. Não que fosse um problema para mim pagar uma noite em um hotel qualquer ao lado dele, mas não fazia o estilo de Pedro me deixar pagar por algo.

Fiquei em silêncio, esperando o próximo passo.

— Olhe, minha linda... É muito difícil pensar em algo especial para você. Porque você já tem muito mais do que eu poderia dar a vida toda.

PERIGOSAS NACIONAIS

Pensei muito, muito mesmo, em como fazer algo que fosse realmente diferente de tudo que já fizeram para impressionar você.

— Pedro... não precisa me impressionar! Eu gosto de você exata...

— Shhhhhh... Fica quieta pelo menos uma vez na vida, moça! Me deixa ser romântico, vai?

Acabei rindo, mas fiz o que ele me pedia.

— Quero que feche os olhos — explicou pegando um lenço vermelho na mochila.

— Hum... Você vai me vender! — brinquei.

— Shhhh... Senão eu desisto de tudo e a levo para comer cachorro-quente na carrocinha da esquina!

— Tá bom! Desculpe!

Ele me vendeu. Segurou firme e me levou pela mão. Eu não sabia para onde.

Passamos por algo que me parecia uma cozinha; havia barulho de panelas e pratos. Depois

PERIGOSAS ACHERON

tudo ficou silencioso.

— Vamos subir uma escada — ele explicou —, eu vou ajudar você.

Segurei firme em sua mão e fui subindo, degrau por degrau, na completa escuridão.

Eu tinha ido a muitas festas naquele hotel. Conhecia a suíte executiva e algumas outras mais. Muitas pessoas alugavam as suítes mais caras para realizarem festas particulares, mas nenhum dos lugares que eu conhecia ali se parecia com aquele em que eu estava.

De repente, os degraus acabaram. Era um lugar alto. Muito alto. Eu podia sentir minha pele se arrepiar com a brisa fresca da noite.

Segui caminhando, guiada pelas mãos de Pedro, sem fazer ideia de onde estava.

Ele me levou um pouco mais à frente e então parou. Eu podia ouvir o som de carros bem ao fundo. Algumas sirenes e buzinas de navios bem

ao longe.

— Uma vez você me pediu que eu a levasse para voar... — ele disse abraçando-me por trás. A boca colada em meu ouvido, aumentando a sensação de arrepio. — É exatamente o que eu quero lhe dar de presente, antes do pedido que vou fazer, Hanna Van Galagher...

Sorri como uma boba, mesmo que ele não pudesse ver. Meu coração acelerado no peito.

Tirou minha venda devagar.

— Abra os olhos, moça... — pediu.

Estávamos no telhado do Hilton, encostados no letreiro. O vento balançava meus cabelos, enquanto eu via a cidade toda do alto. Minha cidade aos meus pés.

— Não tenho muito, além da minha vontade de fazer você feliz, para oferecer por enquanto, mas prometo, moça... Eu vou tirar seus pés do chão todos os dias... Me deixa ser seu namorado, minha

PERIGOSAS ACHERON

menina?

Um milhão de borboletas pareciam querer voar de dentro de mim naquele momento. Eu jamais tinha vivido um momento tão lindo como aquele. Nunca, em toda a minha vida, tinha me sentido tão especial como naquele momento.

Virei-me de costas e me pendurei em seu pescoço.

— Sim! — gritei enquanto ele me girava no ar. — Sim! Sim! Sim! Mil vezes sim, para todas as perguntas que você me fizer! Sim! — repeti antes de trazer seu rosto para o meu e beijá-lo cheia de paixão.

Pedro ria contra minha boca, enquanto eu mordiscava seus lábios carnudos. Suas mãos mantendo minha cintura presa à dele, até que uma delas se enfiou em minha nuca, aprofundando o beijo e aumentando nosso desejo.

— Vem... — chamou levando-me pela mão

mais uma vez.

Havia uma pequena cobertura onde antes ficava um gerador, agora desativado. Lá embaixo havia um velho sofá-cama.

Pedro o cobriu com um edredom limpo. Tirou uma garrafa de champanhe da mochila e duas taças. Estourou e nos serviu.

— A nós! E a todos os sonhos que vamos recuperar juntos — disse erguendo a taça para brindar.

Era o brinde mais perfeito que eu já tinha feito. O maior desejo que eu podia querer, realizado. Voltar a sonhar. Recuperar a esperança nos finais felizes. Pedro me trazia tudo isso.

Ele me puxou para perto e desceu as alças do meu vestido creme de seda. Uma, depois a outra, deixando o tecido escorregar pelo meu corpo, até cair aos meus pés.

Abri os botões da sua camisa, um a um, até

PERIGOSAS ACHERON

tirá-la pelos ombros. Sua pele quente tocando a minha.

Eu me sentia tão protegida nos braços dele. Tão mulher. Era tudo que eu queria sentir ao lado de alguém, tudo com que eu havia voltado a sonhar.

Deitei-me de costas no edredom, sentindo o perfume dele no tecido. Pedro tirou a calça, depois a prótese e se deitou sobre mim. Beijou meu corpo desde o pescoço até a renda da calcinha e foi descendo, levando o tecido fino com ele.

— Hum... — gemi apertando o edredom com as mãos. Sua língua me levando ao delírio mais uma vez. — Ah, Pedro...

— Quero sentir você gozar na minha boca, moça. Quero deixá-la sem ar, enquanto sinto o gosto do seu prazer na minha língua.

Não demorou muito para que o desejo dele fosse atendido.

— Vem, Pedro... Quero sentir você dentro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de mim... — pedi.

Ele tirou a cueca e segurou meus quadris com firmeza, afundando sua carne na minha até que não houvesse um espaço sequer entre nós.

— Ah, menina bonita, você não faz ideia de como mexe comigo... — sussurrou pouco depois de se derramar em mim. Eu ainda podia sentir o calor dele dentro do meu corpo. — Eu podia ficar aqui para sempre — confessou aninhando meu corpo ao seu.

— Aí nós dois morreríamos de fome! — fiz piada porque, na verdade, não conseguia parar de sorrir.

— Negativo! Eu trouxe morangos! — entrou na brincadeira.

— Pedro! — comecei a rir. — Nós não podemos viver só de morangos e champanhe.

— Aaaaaah, mas nós podemos tentar! — Virou-me de lado para me beijar novamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Pedro

Fiquei a olhando dormir. Boa parte da noite. Eu estava feliz demais para dormir também.

Tinha a sensação de que, se eu dormisse, poderia acordar e descobrir que tudo não tinha passado de um sonho.

Eu não gostava muito de dormir, desde o acidente que levara minha perna. Eu tinha dormido e tinha acordado em uma cama de hospital, mais de uma vez.

Sentei-me no velho sofá e fiquei encarando o céu estrelado. As luzes da cidade lá embaixo. O movimento da grande e jovem Roterdã.

Tanta coisa tinha mudado em minha vida. Tanta coisa tinha se refeito, ainda que a essência fosse a mesma. Eu era meio parecido com Roterdã. Tinha me refeito das minhas próprias cinzas. Era mais forte e mais seguro do que quando caí a

primeira vez. Eu era um sobrevivente, assim como a cidade.

— Minha fortuna pelos seus pensamentos!
— ela disse me abraçando por trás, rosto na curva do meu pescoço.

— Olha que eu conto e cobro minha recompensa!

— Eu pagaria, Pedro, para compreender o que se passa aqui. — Acariciou meu peito, sobre o coração. — Quando você fica aéreo assim.

— Estou só pensando na vida, moça. Não há nada de tão interessante nisso.

Não era verdade. Eu só não era muito bom em falar de mim mesmo.

Ela me surpreendeu ficando ao meu lado e correndo a mão pela minha coxa, até onde ficava a cicatriz da amputação.

Ninguém nunca me tocava ali. Nem eu mesmo tocava a maldita cicatriz com frequência. E

ela estava ali, acariciando minha perna como se não fosse nada de mais.

— Posso perguntar uma coisa?

Eu tinha certeza de que era sobre o acidente. Estava nítido em suas ações, e eu não era muito bom em falar disso também, mas não queria mentir para ela. Não queria que ela pensasse que eu estava escondendo algo.

— Claro. Pergunte tudo que quiser.

— Como foi quando você acordou da cirurgia? O que sentiu?

— Sinceramente?

— Sempre, Pedro. Toda verdade é valiosa.

— Eu me senti uma porra de um aleijado!
— tentei fazer piada, mas não era engraçado para nenhum de nós.

Respirei fundo. Precisava me abrir com ela. Falar mais do que fatos. Eu precisava dividir sentimentos. Se era ela a mulher que eu queria ao

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meu lado, então eu precisava deixá-la entrar. Ela tinha feito isso comigo, precisava que eu fizesse o mesmo. Que confiasse nela.

— Às vezes eu ainda sinto que ela está aqui.

— Toquei a marca alta dos pontos. — Quando sonho, muitas vezes ainda consigo fazer as coisas como fazia antes.

Ela me escutava atenta. Não tinha aquele olhar de pena que as pessoas geralmente tinham.

— Dói?

— Não mais, mas doeu por um bom tempo. A cicatrização é bem complicada.

— Pedro... Por que você não me contou que era amputado em nossa primeira vez? Por que escondeu?

— Porque uma garota como você nunca daria uma chance a um aleijado pobre e fodido como eu, e eu queria muito, muito mesmo, uma chance de igual para igual com você — confessei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso não teria mudado nada entre nós...
— explicou com aquele sorriso doce nos lábios. Os olhos verdes tão claros e brilhantes às primeiras luzes do dia.

— Agora eu sei disso, moça, mas é complicado no começo. As pessoas olham para alguém como eu como se olhassem para um cachorro sarnento no meio da rua.

— Sinto muito.

— Não sinta! Você não é como eles. Você me faz sentir especial, não diferente. Entende?

Eu nunca tinha sido sincero assim com alguém. Nem mesmo com minha mãe.

— Queria contar uma coisa importante, Hanna. Uma coisa que é realmente importante para mim.

Ela sorriu me encorajando.

— Eu voltei para a faculdade — contei. — Lembra que contei que tranquei no último período?

PERIGOSAS ACHERON

— Ela assentiu. — Vou finalmente me formar. — Sorri. — Essa era a outra parte da surpresa. Eu vou me formar. Depois de você, eu precisava voltar a ser alguém. Por mim, porque eu mereço isso! E por você também. Não quero ser diferente dos seus amigos.

— Você não precisa ser igual a ninguém para eu amar você, Pedro, mas, se o faz feliz, então me faz feliz também. Sei que você vai me encher de orgulho.

Parei de ouvir no momento em que ela mencionou o amor. O coração acelerado, o estômago revirando. A boca seca.

— Então quer dizer que você me ama? — provoquei, mas no fundo queria que fosse mesmo verdade.

Ela sorriu de canto, um pouco avexada. As bochechas assumindo um tom de rosa que deixava clara a vergonha.

PERIGOSAS NACIONAIS

Puxei-a para o meu colo. Alisei seus cabelos com os dedos e os ajeitei atrás da orelha.

— Porque, se for isso o que você disse, moça, preciso confessar que sinto a mesma coisa. Eu amo você, Hanna Van Galagher, ainda que o amor seja o sentimento mais burro que exista! — brinquei para quebrar o clima tenso em que estávamos.

— Somos dois burros então, Sr. Pedro Santana... Porque eu amo você também.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 20

Hanna

Eu estava oficialmente comprometida com Pedro Santana.

Depois de tanto tempo, voltar a ser a namorada de alguém era engraçado. De um jeito bom, mas, ainda assim, engraçado.

Fazia pouco mais de uma semana que eu tinha finalmente aceitado recomeçar minha vida amorosa.

— Eu soube, por fonte completamente segura, que a poderosa herdeira do império Gallagher foi vista de braços dados com um homem desconhecido, ontem à noite — Collin gracejou passando por mim, na cozinha da mansão. Deu uma mordida em um pêssego e se encostou ao balcão. — E eu soube também que não foi a primeira vez,

segundo o Algemeen.

Passou o jornal impresso para as minhas mãos. Na coluna social, havia uma foto minha com Pedro, duas noites atrás, quando saíamos para jantar no Jordaan.

“O novo amor da herdeira”, era a manchete.

A notícia falava sobre a morte de Robert e sobre como eu havia demorado para superar o fato de que tinha sido praticamente deixada no altar. Eles adoravam enfatizar isso porque tragédia sempre vende jornal. Eu já não me importava mais com esse tipo de coisa, o que realmente me incomodava era a maneira como falavam de Pedro e do fato de ele não fazer parte da alta roda da sociedade holandesa.

Não fazia diferença para mim o que um jornaleco qualquer dizia, mas eu não sabia como Pedro reagiria a tudo isso.

Tínhamos combinado de nos ver para o
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

almoço, já que eu tinha algumas reuniões importantes na empresa, no período da manhã. Era bom poder dividir a carga de trabalho com papai novamente.

— Os cães sempre ladram! — Dei de ombros para o meu irmão.

— E nossa caravana sempre passa, irmãzinha. Sorriu de canto, ajeitando o coque desarrumado no cabelo. — Você sabe que eu estou cagando para tudo isso, não sabe?

— Sei, sim, seu bobo! — Beije seu rosto e peguei uma maçã.

— Mas você deveria alertar o seu namorado de que isso vai começar a acontecer. Talvez ele não seja tão despreocupado.

— Eu vou, sim. Obrigada por me mostrar.

Collin prestou continência com os dedos e desceu os óculos escuros até os olhos. Virou em direção à porta.

PERIGOSAS ACHERON

— Espero conhecer o motoqueiro em breve
— disse antes de sair.

— Você vai!

Pedro estava na aula e eu não queria atrapalhá-lo com a bobagem de uma manchete. Decidi esperar até que nos encontrássemos mais tarde.

Coloquei os óculos escuros e peguei minha bolsa. Assim que saí para o jardim, vi que o conversível do meu pai já não estava estacionado.

— Bom dia, senhorita. Como está nesta bela manhã?

— Muito bem, Harold! Obrigada por perguntar. — Sorri. — Ele me deixou novamente, não foi?

Harold deu um leve sorriso.

— Sim, senhorita! Mas me pediu que a acompanhasse e fizesse sua manhã agradável.

— Sei! — brinquei enquanto me sentava no

banco de trás do Audi novo do meu pai.

Harold não precisava de esforço para saber quando eu estava preocupada. Ele me conhecia desde menina. Tinha me levado e me buscado no colégio por tantos anos. Depois nas festas e, finalmente, no trabalho. Era seu último ano de serviço e então ele iria finalmente aproveitar a casa recém-reformada na velha Maastricht.

— Se me permite dizer, senhorita... — começou —, estou feliz em vê-la sorrindo novamente.

— Obrigada, Harold. Você é um grande amigo. Vamos sentir sua falta.

O velho holandês sorriu pelo espelho retrovisor. O mesmo sorriso amistoso que eu tinha visto minha vida toda.

Abri o celular para conferir se tinha alguma mensagem da casa de apoio. Eu estava tentando falar com a irmã Olga havia dias e não conseguia.

PERIGOSAS NACIONAIS

Queria pedir autorização para levar o pequeno Robert para visitar Lilian no hospital. Era aniversário dela e, como já conseguia se comunicar, achei que ver o neto a ajudaria na recuperação. Ajudaria os dois, na verdade.

Tentei ligar mais uma vez, mas só chamou até cair na caixa de mensagens.

— Algum problema, senhorita? — Harold perguntou.

— Nada que eu não possa resolver. — Sorri.

— Se precisar de ajuda... Eu estou velho, mas ainda estou por aqui.

— Eu sei que está, meu amigo. Muito obrigada.

Desci em frente ao prédio e segui direto para o andar da diretoria. Papai tinha separado um lugar para mim ao seu lado. A grande sala da presidência agora tinha duas mesas.

PERIGOSAS ACHERON

— Bom dia, Sr. Gallagher! — Beijei seu rosto.

— É sempre um bom dia quando minha preciosa pupila está em campo, Srta. Gallagher!

Sorri e ocupei meu lugar atrás da mesa.

Thomas tinha voltado ao trabalho havia alguns dias, mas nós dois não nos tínhamos encontrado ainda. Apesar de termos acertado nossas contas na última conversa, eu não sabia ainda como ele reagiria a Pedro.

Fiquei tensa assim que o vi passar pela porta.

— Hanna! Quanto tempo! — Estendeu a mão para mim. — É muito bom vê-la.

— Obrigada! — Aceitei o cumprimento. — É bom vê-lo também.

— Se não estiver ocupada, precisamos discutir um último detalhe do contrato com a Mc’Namara antes da reunião. O Sr. Gallagher ficou

com algumas dúvidas a respeito dos termos. Creio que seja melhor que nós dois continuemos a negociação. O que acha, Sr. Gallagher?

Eu queria sorrir. Tudo estava, finalmente, bem. Thomas estava até mais seguro em relação ao meu pai. Era quase inacreditável.

— Eu acho perfeito, Sr. Edwards. Prefiro que o senhor e minha filha resolvam os assuntos pendentes. Odeio que interfiram em meu trabalho e tenho certeza de que Hanna pensa como eu.

Concordei. Não que eu tivesse problema em passar minhas negociações pendentes para as mãos dele, mas eu não queria sobrecarregá-lo. Papai não tinha mais vinte anos e, se eu podia dividir com ele a carga de trabalho e estresse, então era exatamente o que eu faria. Era um bom negócio para os dois.

Acompanhei Thomas até a sala de reuniões. Ele abriu a porta para mim, cavalheiro como sempre, e nós dois nos sentamos. Faltava pouco

menos de meia hora para a reunião começar.

Assim que abri a pasta do processo, o celular de Thomas tocou.

— Um minuto, Hanna — pediu e eu concordei com a cabeça.

— Não, amor, eu não me importo em ir à fazenda com os seus pais — ele dizia, todo bobo, ao telefone. — É claro que quero conhecê-los. Tenho certeza de que tudo sairá bem, você não deveria ficar tão preocupada.

Eu não deveria prestar atenção à conversa de alguém ao telefone, mas era quase impossível. Primeiro, porque eu era mesmo curiosa e Thomas era meu amigo; segundo, porque, em anos de trabalho lado a lado, eu jamais o tinha visto com aquela voz melosa ao telefone com ninguém.

— Amor, eu passo no seu apartamento assim que sair daqui. você está se preocupando à toa, Justine.

Justine? Justine! Minha amiga Justine? —
Arregalei os olhos para ele sem perceber.

— O que foi? Eu resolvi ouvir o seu conselho, Srta. Sabichona! Você vivia dizendo que eu deveria dar uma chance a ela.

— E você vivia me dizendo que ela era superficial e fútil.

— Eu estava enganado, oras! As pessoas erram! — Deu de ombros.

Acabei caindo na risada e Thomas também.

— É bom vê-lo feliz, Tom. Mesmo. Estou feliz que você tenha encontrado alguém e mais feliz ainda que seja Justine. Eu sei bem o quanto ela o admira.

— Estou feliz que você também tenha encontrado alguém, Hanna. Espero sinceramente que ele a faça feliz.

— Obrigada, meu amigo.

Nós nos abraçamos sem o peso de um
PERIGOSAS ACHERON

sentimento que não era real. Éramos, finalmente, apenas amigos. Bons amigos.

— Agora vamos trabalhar; o Leão lá na sua sala ruge para mim, e não para você! — brincou.

Era mais de meio-dia quando terminamos o trabalho.

Tinha combinado com Pedro que iríamos almoçar, e eu pretendia dar um pulo na casa de apoio para saber por que ninguém me dava uma resposta.

Pedro me mandou uma mensagem de texto avisando que já estava me esperando lá embaixo.

Peguei o telefone e liguei para ele.

— O que acha de subir e conhecer o escritório da sua namorada? — fiz charme.

Eu estava enrolando para apresentar Pedro ao meu pai, tinha medo de como ele iria reagir.

Papai não era o tipo arrogante que pede um extrato bancário dos pretendentes das filhas, mas
PERIGOSAS ACHERON

ele também não era a pessoa mais gentil do universo. Eu não fazia ideia do que ele iria achar do meu namorado universitário, mas estava na hora de descobrir.

Caminhei pelo corredor com Thomas ao meu lado. Ansiosa.

Quando chegamos à recepção do andar, papai estava lá, gritando com a pobre coitada da secretária.

— Era uma ordem bem simples, senhorita...
— procurava o nome no crachá — Ana! Não é algo que exija mais do que dez minutos do tempo que eu pago a você! — reclamou. — E muito bem, por sinal!

— Sr. Gallagher. Tenho certeza de que podemos encontrar um tradutor. Eu vou resolver isso em um minuto!

Pedro saiu de dentro do elevador com três executivos chineses ao seu lado. Caminhou

PERIGOSAS ACHERON

tranquilamente até mim. Jeans claros, desgastados, camiseta preta. Girando os óculos de sol nos dedos.

— Desculpe por isso! — Sorri meio sem jeito. — Ele não é tão mau quanto gosta de parecer!

— O que houve, Sr. Gallagher? — Thomas perguntou. — Talvez eu possa ajudá-lo.

— Você fala mandarim?

— Não, senhor, infelizmente não falo, mas...

— Então você não pode me ajudar, Sr. Edwards! E pelo visto ninguém mais pode, já que eu não tenho um intérprete!

Comecei a questionar se tinha sido um bom momento para trazer Pedro até o escritório.

— Eles provavelmente falam inglês, Sr. Gallagher! Ao menos um deles deve se comunicar em inglês. — Encarou a secretária, que negou com a cabeça. — É uma fusão simples. Tenho certeza de que poderemos resolver. Talvez nem precisemos de

um intérprete.

— Eu não faria isso, se fosse vocês! —
Pedro interrompeu, e eu senti meu sangue gelar.

Papai ergueu uma sobrancelha para ele, certamente questionando sua audácia.

— E você, quem é?

— Pedro Santana, senhor — respondeu seguro.

— E o que você entende dessa negociação, Sr. Santana? — meu pai provocou, aquela veia pulsando em sua têmpora.

— Da negociação entendo bem pouco, Sr. Gallagher, mas eu peguei o elevador com eles e parece que a empresa tem uma ação ambiental milionária que irá incidir sobre ela nos próximos dias.

Papai franziu o cenho e eu também. Todos incrédulos.

— Desde quando você fala mandarim? —

questionei.

— Há algum tempo, moça. — Sorriu de lado para mim. Um leve orgulho pairando no ar.

— Eu ficaria agradecido, Sr. Santana, se o senhor pudesse acompanhar a mim e ao Sr. Edwards em um almoço de negócios. O que acha?

Eu já não sabia mais se devia ficar feliz ou desesperada. Estava lá, parada como um dois de paus.

— Seria um prazer, Sr. Galagher.

— Ana, arrume um paletó para o Sr. Santana! — Esquadrinhou Pedro com o olhar. — Ele deve usar o mesmo tamanho de roupa que eu. — Beijou minha testa. — E você vai ficar sem o seu namorado por algumas horas.



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Pedro

Eu estava me borrando de desespero, mas por nada desse mundo iria deixar o pai dela perceber.

Ele não me respeitaria se eu ficasse ali me mijando todo só porque estava na frente do homem.

Vesti o paletó que a secretária me havia dado, serviu quase perfeitamente. O Sr. Gallagher devia ser uns cinco centímetros mais alto que eu.

— Vamos? — chamou da porta. — O motorista está à nossa espera.

Entrei em um Audi preto executivo. O engomadinho da noite em que conheci Hanna foi no banco da frente, e eu fui atrás, ao lado do “Poderoso Chefão”.

— Preciso que me conte tudo que ouviu, Sr. Santana. Com detalhes. Isso é muito importante. Estamos lidando com a possibilidade de instalação

de uma usina de reciclagem em Copenhagen e as leis ambientais lá são bastante rígidas.

Expliquei tudo que tinha ouvido. Eu não era nenhum idiota. Tinha entendido desde o começo que a intenção dos chineses era passar o pai de Hanna para trás.

Chegamos a um restaurante chique, na Zona Oeste de Roterdã. Eu nunca tinha entrado no lugar, nem mesmo para trabalhar. Certamente não tinha dinheiro nem para comer uma torrada lá. Era um dos mais tradicionais da cidade.

Havia uma mesa reservada para a reunião.

— Esse é Pedro Santana — o Sr. Gallagher me apresentou assim que nos aproximamos. — Ele fará a tradução para nós, já que não falamos mandarim.

A cara do chinesinho caiu no chão no mesmo instante. Ele tinha ignorado minha presença no elevador.

Eu estava acostumado a ser ignorado em alguns lugares. Era sempre o garoto que serve a bebida. O cara que conserta a moto. Poucas pessoas me chamavam de Pedro, e isso era o que me tinha feito aceitar o convite do Sr. Gallagher. Ele tinha me chamado pelo nome desde o primeiro momento. Tinha me respeitado como a um igual, ainda que existisse um abismo entre nós.

Passamos boa parte da tarde naquele lugar, mas eu consegui, para o Sr. Gallagher, uma diminuição considerável no preço final do maquinário, que era o que a empresa tinha de melhor, segundo a pasta de documentos. Eles concordaram também em assumir o pagamento de qualquer ação devida nos anos anteriores à fusão.

Entramos no carro mais uma vez. Enquanto seguíamos pelas ruas de Roterdã, pensei em como eu havia desejado uma pequena chance como aquela que eu tinha tido. Voltar ao mundo dos

PERIGOSAS ACHERON

negócios pela porta da frente.

Tinha sido apenas uma ajuda. Provavelmente não aconteceria novamente, mas eu prometi a mim mesmo que um dia estaria naquela posição. Ocuparia um cargo importante de verdade, ao lado de homens inteligentes como aqueles.

— Se tiver um tempo, Sr. Santana — o Sr. Gallagher interrompeu meus pensamentos. — Eu gostaria de convidá-lo para um drinque.

— É claro, senhor.

Descemos do carro e caminhamos lado a lado. Peito estufado como um pombo. Tudo ali era novidade para mim.

Adrian Van Gallagher tinha nascido naquele mundo. Tudo parecia natural e simples para ele. Eu nunca tinha visto tantos dígitos em um único número, como naquele contrato.

— Sente-se! — Indicou uma cadeira vazia em seu escritório. — Eu vou direto ao ponto, Sr. PERIGOSAS ACHERON

Santana: tinha uma ideia diferente a respeito do senhor.

— Espero que isso seja uma coisa boa.

— Não é uma crítica. — Entregou-me um copo de uísque. — Obtive umas informações a seu respeito e confesso que não esperava alguém que falasse mandarim e entendesse de contratos.

— Eu sou estudante de engenharia, Sr. Gallagher. Tenho alguns períodos pela frente porque precisei trancar, mas pretendo me formar em breve.

— Sei disso também, Sr. Santana. E devo dizer que seu currículo é impecável.

— Obrigado, senhor. Meu pai costuma dizer que um homem é a fama que o precede.

— Seu pai é um homem sábio.

— Ele é, sim.

— Eu não o trouxe até aqui para dizer que vasculhei sua vida em busca de algo que o desabonasse de alguma maneira; obviamente, o

senhor imaginava que essa seria minha atitude.

Concordei com a cabeça, ele tinha razão.

— O que eu queria lhe dizer, meu rapaz, é que não me oponho ao relacionamento de vocês. Imagino que minha fama também me preceda e presumo que você tenha ficado reticente em me conhecer.

Ele caminhava em volta da sala, enquanto eu permanecia sentado em uma posição muito, muito desconfortável.

— Hanna é uma mulher adulta. Inteligente, esperta e absolutamente capaz de cuidar da própria vida. Eu não controlo a vida dos meus filhos, Sr. Santana. Abomino a ideia de tê-los junto a mim subjugando-os, mas ela ainda é a minha menina. Sempre será. E, se algo ou alguém a machucar, Sr. Santana... Eu sei fazer um corpo desaparecer.

Ele estava brincando. Estava implícito na frase de efeito, mas o desejo era real.

Eu não podia culpá-lo, faria o mesmo se alguém magoasse uma filha minha, mas o Sr. Gallagher não tinha com que se preocupar.

— Hanna é uma garota muito especial, Sr. Gallagher. Tudo que eu quero é fazê-la feliz e apoiá-la — expliquei. — Eu a admiro e amo muito.

— Chega de torturar o garoto, Gallagher! Isso é vergonhoso até para você! — Um homem da idade do Sr. Gallagher e de olhos esverdeados entrou. — Eu sou Alexander Persen! — Estendeu a mão para mim. — Se tiver algum problema com o Leão aqui, pode me chamar.

Concordei com a cabeça.

Ele era a primeira pessoa que falava com o Sr. Gallagher de igual para igual. Parecia não se importar com a fama do Leão.

— Agora libere logo o garoto para ir para casa. Ele não é nem maluco de magoar nossa Hanna. Já deve ter percebido o tamanho do

PERIGOSAS ACHERON

problema em que se meteu, não é garoto?

— Ela vale a pena, Sr. Persen. — Sorri de leve, entrando no jogo.

— Isso mesmo! Continue assim e você não terá problema algum! — Deu de ombros. — Agora, se nos der licença, temos um encontro no clube de cavalheiros.

— Que coisa horrorosa, Persen! Parece que nascemos no século passado! Nós vamos a um bar, e não a uma taverna de peregrinos!

Fiquei quieto, observando a conversa dos dois. Era nítido o sentimento de amizade ali.

Despedi-me e saí da sala. Era hora de voltar à vida real.

Peguei minha moto e voltei para Amsterdã. Tirei a roupa, tomei um banho. Precisava estudar. Tantos anos longe da faculdade e eu estava com problemas em cálculo aplicado.

Tinha acabado de me sentar com o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

notebook, quando Hanna passou pela porta chorando.

— Ele está no hospital, Pedro! No hospital!

— Ele quem? Pelo amor de Deus!

— Robert!

PERIGOSAS ACHERON

Hanna

Demorei alguns minutos para assimilar tudo que tinha acontecido.

Papai e Pedro juntos, em uma reunião de negócios — sim, pelo visto, o impossível andava acontecendo muito na minha vida.

Voltei para minha sala e finalizei alguns e-mails que ainda estavam esperando por resposta. Estava aflita. Coração preocupado, mas não sabia por quê. Não temia por Pedro, sabia o quanto ele era capaz de encantar todos ao seu redor. A inquietude vinha de outro lugar.

Peguei o telefone e liguei para Collin, mas, como ele não atendeu, imaginei que estava com o implante desconectado. Resolvi digitar uma mensagem de texto.

“Será que o grande chef tem um tempinho em sua agenda para almoçar com a irmãzinha?”, digitei e enviei.

A resposta não demorou a chegar.

“Minha agenda está lotada, mas sempre posso conseguir uma brecha para uma loira bonita”. Sorri com o celular na mão.

“Venha me buscar na empresa. Podemos conversar um pouco.”

“Ok.”

Não demorou muito para que Collin chegasse.

Meu irmão não era dado a compromissos sociais. As pessoas o viam pouco, embora sua fama fosse conhecida por todo o mundo. Ele colecionava algumas estrelas Michelin e a fama de prepotente e arrogante, mas não para mim.

— Hey! — Sorri assim que ele entrou no escritório.

Usava uma calça marrom de veludo e uma camisa jeans de botão. Barba comprida bem-aparada e penteada, cabelos presos no costumeiro coque solto. Ele sempre tentava esconder o implante. Desde muito cedo.

Collin era vaidoso de um jeito displicente. Os anos viajando o mundo pela profissão tinham conferido a ele uma elegância e o refinamento que poucos homens que eu conhecia tinham. Ele era um *gentleman*, mas apenas de boca fechada. Meu irmão não tinha papas na língua e nem um vocabulário polido.

— Então, Srta. Gallagher, vamos? — Cruzou os braços contra o peito, tomando boa parte da minha porta. — Eu não tenho o dia todo!

— Vamos! Seu rabugento! Vai continuar sozinho se não melhorar esse gênio!

— E esta é uma excelente razão para manter meus modos de estivador, como mamãe costuma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dizer!

— Mamãe está sempre certa! — brinquei e arranquei um sorriso dele.

— Sim, ela está!

Entramos no Volvo preto recém-comprado dele e seguimos em direção ao Centro.

— Belo carro!

— Eu tenho bom gosto para carros! — Sorriu de canto. — E dinheiro para comprá-los.

— Collin!

— Bom gosto não se sustenta com moedas, irmãzinha!

— Bobo! — Acabei rindo e batendo em seu ombro de leve.

— Quero levar você a um lugar — explicou.

— Hum... Adoro nossas experiências gastronômicas.

Paramos em frente a um restaurante

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

badalado de Roterdã. Tinha aberto havia pouco tempo. Era de um chef renomado, mas eu nunca tinha estado nele. As reservas precisavam ser feitas com muita antecedência e eu não tinha muita paciência.

Magicamente, Collin não precisava de reserva.

Nós nos sentamos e eu abri o menu. Não havia muita coisa conhecida nele.

— Aceito sugestões. — Fechei o cardápio.

Collin pediu indicação do *maître* e escolheu dois pratos. Ficamos sozinhos em seguida.

— O que acha de dar um pulo em Haia comigo, depois do almoço? — sugeri.

— O que vamos fazer em Haia?

Respirei fundo, ainda era estranho para mim dizer em voz alta.

— Visitar o filho do seu ex! — Collin adivinhou.

PERIGOSAS ACHERON

— Estou um pouco apreensiva. Faz alguns dias que não consigo falar com as freiras. Queria levar o menino para ver Lilian.

— Se você acha que deve.

— Você acha que eu não devo? — questionei. — Quer dizer... Acha que eu estou errada em querer me aproximar?

Collin fez uma pausa. Bebeu um gole do vinho que já nos tinha sido servido. Correu os dedos pela barba.

— Muito pelo contrário, Hanna. Eu acho muito bonita sua atitude. O menino tem muita sorte. Conheço apenas duas pessoas no mundo capazes de tamanho altruísmo. Você e o Sr. Gallagher! — Ergueu uma sobrancelha e sorriu de leve. — Você é igualzinha a ele. Tenta se fazer de durona, mas, no fundo, sempre deixa o coração falar.

— Ele é um cara incrível, não é? —

perguntei cheia de orgulho.

— Ele é o melhor cara que eu conheci na vida.

Nossos pratos chegaram, e eu encarei o meu sem entender.

Era um prato branco, com algumas bolinhas coloridas e uma coisa meio gosmenta, parecida com espuma do mar depois de uma grande ressaca.

Fiquei ali encarando aquilo e pensando que eu, definitivamente, não entendia de gastronomia.

— Molecular — Collin explicou, enquanto pegava uma bolinha branca com a colher e colocava na boca. — Experimente e me diga o que achou.

Colocou a colher próxima aos meus lábios e eu mordi a bolinha estranha. Ela se desfez em minha boca e tinha gosto de queijo. Um queijo suave que lembrava queijo de cabra.

— Tem gosto de queijo — confessei ainda

PERIGOSAS ACHERON

sem entender —, não sei por que não servem o próprio queijo! — expressei. — Daria menos trabalho.

— Esse é o ponto!

— O quê? Cobrarem três dígitos de euro por uma bolinha de queijo que cabe em uma colherinha de café? Eu devo ser ignorante mesmo!

Collin caiu na gargalhada.

— É por isso que eu trouxe você aqui! Eu precisava de uma opinião sincera! Vou explicar...

— Levou a taça à boca mais uma vez. — Hans Kummel é o dono deste restaurante. O filho da puta está concorrendo comigo por uma estrela.

— Com isso? — Voltei os olhos para o meu prato.

— Ao que parece, eu não sou moderno o suficiente. Nem gosto de encher o meu restaurante de babacas famosos.

— Não me diga que foi por isso que você

PERIGOSAS NACIONAIS

voltou!

— Este é o meu país! A porra da minha cidade! Eu não ia ficar de fora da briga.

— Meu Deus, como você é competitivo! — Comecei a rir. — Até parece filho do Leão!

Terminamos nossa refeição e seguimos direto para a casa de apoio.

— Olá? — chamei assim que cheguei à recepção.

O telefone tocava sem parar e não havia ninguém para atender.

— Belo lugar! — Collin criticou.

— Não é sempre assim. Não sei o que está acontecendo, por isso decidi vir.

Depois de uns cinco minutos chamando, uma das recepcionistas chegou. Afoita e cansada.

— Eu gostaria de falar com a irmã Olga, por gentileza — pedi à recepcionista, mas a pobre moça nem teve tempo de responder.

PERIGOSAS ACHERON

— Irmã Olga foi transferida! — a bruxa vestida de freira me disse. — Como pode ver, estamos com o quadro de funcionários reduzido e eu estou sem tempo. Então vamos logo ao assunto! — rosnou. — Se está procurando pelo menino, ele não está!

— Como “não está”? — elevei o tom de voz. — Ele é uma criança! Não creio que tenha saído sozinho e, até onde sei, a guarda não foi dada ao Estado! Não ainda!

Eu estava tentando ser gentil e educada com os funcionários do lugar, pois eles realizavam um trabalho bonito e honrado, mas Robert não era um órfão qualquer, jogado na sarjeta pela vida. Ele tinha uma família e tinha dinheiro suficiente para estar em um hotel cinco estrelas tranquilamente. Eu não ia permitir que ninguém escorraçasse o menino como se ele fosse um cão sarnento.

— Onde o menino está? — Collin

PERIGOSAS ACHERON

perguntou ao perceber que eu estava alterada.

A velha rabugenta encarou os olhos do meu irmão como se quisesse intimidá-lo, mas ela definitivamente não conhecia Collin Van Gallagher.

— O menino está hospitalizado — disse por fim. — É doente como a mãe! Ah, e, apenas para avisar..., visitas só são autorizadas aos familiares. — Solto um meio sorriso cheio de veneno. — Agora, se me dão licença, tenho mais o que fazer!

Girou nos calcanhares e sumiu para dentro do abrigo. Eu fiquei ali, tentando absorver o que tinha acontecido, o mundo girando ao meu redor.

Hospitalizado — a palavra ecoava em meus ouvidos.

— Você saberia nos dizer em que hospital o menino está? — meu irmão perguntou à recepcionista.

— Sim. As crianças daqui são levadas ao Hagen.

Saímos de lá direto para o hospital.

Entrei apressada, com Collin ao meu lado.
Dei o nome do menino na recepção.

— Desculpe, senhorita. As visitas aos menores em situação de fragilidade são restritas à família.

— Você não entende! O menino tem família! Ele tem família!

— Ótimo! Então a senhorita só precisa de uma autorização por escrito do responsável legal e poderá vê-lo.

— Não! Isso não será possível! A avó do menino está hospitalizada também. Está se recuperando de um problema grave. Ela não consegue me fazer uma autorização.

— Sinto muito, senhorita.

— Você pode ao menos me dizer como ele está?

— Infelizmente é uma informação sigilosa.

Eu andava de um lado para o outro. Queria voar por cima daquele balcão e arrancar os cabelos da recepcionista, mesmo que a culpa não fosse dela.

— Preciso vê-lo, Collin! Preciso saber como ele está.

Collin se aproximou da moça usando todo o potencial do seu charme.

Ele podia não ser dado a compromissos sociais, mas, quando queria, sabia ser persuasivo.

Eu não conseguia ouvir o que conversavam, mas, depois de alguns minutos, a garota era só sorrisos.

— Cinco minutos — ele disse se aproximando de mim novamente. — E você me deve duzentas pratas.

— Não acredito que você subornou a garota!

— Era isso ou foder, e eu já tenho

compromisso para hoje. — Deu de ombros.

— Collin!

— O quê? Eu sou solteiro, lembra? Agora aproveite e vá ver o garoto antes que minha nova amiga mude de ideia.

Entrei na ala infantil sozinha. Collin ficou na recepção. Para todos os efeitos, eu era tia do menino.

Ele estava em uma enfermaria. Passei por várias caminhas dispostas lado a lado, com crianças de várias idades, até que cheguei à cama dele.

Robert estava lá. Olhinhos fechados. Um acesso venoso em sua mãozinha pequena.

Alisei seu cabelinho para trás. Queria chorar, mas me contive.

— Ele está dormindo — uma enfermeira me disse, provavelmente percebendo minha preocupação. — Está medicado e logo estará bem — explicou —, mas vai precisar de um bom

tratamento por algum tempo. Precisamos evitar que a doença se torne crônica. Episódios seguidos de pneumonia nessa idade são preocupantes.

Antes que eu pudesse perguntar mais, a recepcionista apareceu na porta e pediu que eu saísse. Eu mal o tinha visto. Não queria deixá-lo.

Respirei fundo e acariciei seu cabelinho por mais um tempo.

— Hey, amiguinho — falei perto do seu ouvido, ainda que ele não pudesse me ouvir. — Eu vou voltar! Prometo! Não vou deixá-lo sozinho.

Saí de lá com o coração tão apertado que mal conseguia respirar. Sentia como se uma parte de mim tivesse ficado naquele hospital.

— Vamos dar um jeito de tirá-lo de lá! — Collin me disse com a mão sobre meu joelho. — Prometo que vamos.

Eu sabia que daríamos um jeito. Sempre havia uma maneira quando se tinha dinheiro, e eu

PERIGOSAS ACHERON

sabia bem disso, mas pensava no depois. Agora que não tinha mais o apoio da irmã Olga, como seria? Como eu faria para vê-lo mais do que algumas horinhas no meio da multidão de domingo?

— Quer que a deixe em casa? — perguntou enquanto eu divagava encarando a janela.

— Pode me levar para Amsterdã? — pedi.

— Claro!



Pedro

Hanna se atirou em meus braços tão rápido que eu nem consegui assimilar.

— Como? — perguntei sem entender.

— Ele está com pneumonia. Está no Hagen.

— As lágrimas iam descendo mais e mais rápido.

— Ele é tão pequeno, Pedro. Naquele lugar, sozinho. — Coloquei-a sentada no sofá, ainda agarrada a meu peito. — Eu lembro quando operei minhas amígdalas. Eu nem estava doente e não queria ficar sem minha mãe um só minuto.

Deixei que ela falasse tudo que tinha para dizer. Hanna precisava digerir os medos e as inseguranças, eu não podia fazer isso por ela.

— Pensei que ele poderia finalmente ficar perto da avó. Da família. Que poderia começar a ter a vida que merece. Não é justo, Pedro!

— A vida não é lá muito justa o tempo todo,

moça. Cedo ou tarde todo mundo descobre isso.

— Eu queria poder fazer algo. — Os olhos baixos miravam o chão. Como se não quisesse admitir.

— A vida às vezes é como uma daquelas equações gigantes que você vê nos meus cadernos. Nem sempre o caminho até a resposta certa é fácil. Às vezes é longo e cheio de tropeços. Às vezes a gente erra e precisa apagar tudo para então recomeçar, mas, no final, o que importa é ver o problema solucionado — expliquei. — Você precisa encontrar sua resposta certa. Só isso.

Hanna ficou em silêncio. Os olhos fugiam dos meus. Eu fiquei ali, beijando o topo da sua cabeça, sentindo o coração dela desacelerar.

— E como seria? — perguntou de repente.
— Como isso vai funcionar?

— Como seria eu não sei, minha menina, mas vai funcionar como tiver que funcionar, se
PERIGOSAS ACHERON

você quiser.

Ela encarou meus olhos por um tempo. Sondando, observando.

— E você, Pedro, você vai entender? Você vai encarar? Quer dizer... — eu a interrompi.

— Eu estarei ao seu lado porque essa é minha resposta certa.

A menina sorriu. Aquele riso cheio de cor que alegrava tudo ao seu redor. Talvez ela não me conhecesse o suficiente para saber que eu não me importava. Quando olhava para o menino, eu só via uma criança desamparada precisando de amor. Não importava quem tinha sido o pai dele, assim como não importava quem tinha sido meu pai. Eu era Pedro Santana, o filho de um pescador e de uma dona de casa. O passado tinha ficado para trás.

Dormimos juntos em minha casa. Cedo. Eu estava exausto de acordar tão cedo para ir de Amsterdã à Roterdã, e ela porque estava

PERIGOSAS ACHERON

preocupada, e preocupação cansa mais que trabalho pesado. Preocupação cansa na alma. Ela se aninhou em meu peito e fechou os olhos. Estava apavorada com as próprias decisões.

Quando o alerta do celular tocou, ela quase deu um pulo de tão pesado que dormia. Tomamos um banho rápido e eu a deixei no trabalho. Depois segui direto para a faculdade.

Nunca me tinha visto em uma rotina como aquela, mas estava muito satisfeito com ela.

Estacionei a moto e corri para dentro o mais rápido que minha condição permitia. Era meu primeiro período de provas desde a volta, e eu não queria mais “dependências” do já que tinha pela mudança de instituição.

Para quem não tinha estudado praticamente nada, até que eu tinha conseguido resolver mais da metade da prova. Esperava que pelo menos tivesse uma pontuação razoável, para poder recuperar na

PERIGOSAS ACHERON

segunda prova.

Estava juntando minhas apostilas, quando um dos professores me chamou.

— Pedro? — chamou —, será que podemos conversar em minha sala?

Concordei. Não fazia ideia do que se tratava o assunto, mas precisava encarar. Ele provavelmente ia dizer que eu tinha ido mal na prova da matéria dele, mas eu tinha minhas limitações. Precisava trabalhar. Não era como a maioria dos alunos que só se preocupava com as notas e as viagens.

— Professor Egbert, estou aqui. — Bati de leve à sua porta.

— Entre, Pedro. Sente-se aqui. — Indicou uma das cadeiras.

— Professor, eu sei que deveria ter me esforçado mais, mas estou trabalhando muito. Preciso me reorganizar e prometo que vou. Só peço

PERIGOSAS ACHERON

um pouco de paciência.

— Pedro, Pedro... Você precisa confiar mais em si mesmo. Minha matéria não necessita de horas a fio dedicadas a uma apostila. Eu só preciso que pense, e você o faz com maestria.

Fiquei encarando-o sem entender.

— Você foi quem teve a nota mais alta, Pedro meu caro. Eu quero parabenizá-lo!

Agradei.

Ele era professor de ética profissional e a prova falava de sigilo empresa/funcionário. Eu escrevi o que tinha vivido e o que sabia, mas nunca pensei que seria tão bom.

— Obrigado! É um prazer saber que fiz algo certo! Queria que meu professor de cálculo soubesse disso! — brinquei.

— Ele sabe. Eu mesmo dei a notícia, e ao seu coordenador também. O que nos leva à segunda parte do motivo de eu ter lhe chamado até aqui, a PERIGOSAS ACHERON

minha sala. Tenho uma proposta para você.

Continuei ali, sentado naquela cadeira.

— Recebi um pedido, de uma grande empresa que pretende ampliar seu ramo de atuação — explicou. — Eles procuram um jovem com o seu perfil. O salário é bem razoável, Pedro, e a empresa se prontifica a cobrir os custos da faculdade.

— Todo o custo? — eu quis confirmar.

— Todo ele.

— Puxa! Seria perfeito.

— Eu sei que você está com dificuldades em manter as prestações aqui em dia. É a oportunidade perfeita — encorajou-me. — Eu só faço uma ressalva. O dono da empresa não é dos mais amigáveis, mas, acredite, vale a pena, Pedro. Logo você estará livre e poderá trabalhar onde desejar.

Saí de lá com uma entrevista agendada para

PERIGOSAS NACIONAIS

as seis da tarde, no restaurante do Euromast.

Agradei o fato de Hanna ter ido almoçar com a mãe e me concentrei em quaisquer que fossem as perguntas do tal entrevistador e em como respondê-las em neerlandês corretamente. Era gentil da minha parte, ao menos, falar a língua do meu futuro chefe.

Quando o horário se aproximou, eu tomei um banho, aparei a barba, vesti um jeans escuro, bem-cortado, e uma camisa azul de botões. Queria parecer bem-apegoado, mas, naquele momento, eu mal podia comprar uma bala, quanto mais um terno novo.

Fui conduzido para uma das mesas e fiquei esperando — meu entrevistador estava atrasado.

Pedi um copo de suco e fiquei observando a cidade lá embaixo, o jardim coberto de flores coloridas. Pessoas passeando. Cães buscando suas bolinhas e eu ali, esperando.

PERIGOSAS ACHERON

— Sr. Santana? — a voz chamou e eu quase dei um pulo na cadeira. Não estava prestando atenção.

— Desculpe, se...nhor... Gallagher? — perguntei sem entender. — Que coincidência, o senhor por aqui!

Ele se sentou de frente para mim.

— Não é coincidência exatamente. Eu recebi um telefonema de um jovem professor que ressaltava, de forma bastante esclarecedora, que o senhor é o melhor futuro engenheiro daquela escola. — Ergueu uma sobrancelha para mim. Não estava sorrindo, mas havia um divertimento contido na sua fala.

Eu queria sorrir. Queria bater no peito e dizer: “Está vendo só? No fim das contas, eu sou no mínimo promissor!”, mas obviamente não disse.

— Fico satisfeito em ver meu esforço reconhecido, Sr. Gallagher. O Professor Egbert é PERIGOSAS ACHERON

um exemplo para mim.

— Quero que saiba, Sr. Santana, que a oportunidade que vou lhe oferecer nada tem a ver com o fato de o senhor namorar a minha filha. Eu não misturo os negócios com minha vida pessoal.

— Eu agradeço isso, senhor. Odiaria saber que só consegui um emprego porque a empresa é do pai da minha namorada. Sei que tenho capacidade para exercer um excelente trabalho.

— Nisso concordamos, Sr. Santana. Eu também sempre preferi ser reconhecido por meus próprios méritos, mas vamos à proposta. — Ergueu o braço chamando o garçom. Pediu uma garrafa de vinho e uma entrada.

Eu estava lá, coração mais parecendo uma britadeira, o suor aumentando na palma da mão. Precisava muito do emprego, mas não era a coisa mais fácil do mundo pleitear uma vaga com um sogro como o meu.

— Primeira regra, Sr. Santana... — ele disse assim que o vinho nos foi servido. — Se come comigo, bebe comigo.

Peguei minha taça e levei à boca.

— É uma regra bem fácil de seguir, Sr. Gallagher.

— Recentemente, tive a oportunidade de comprar uma empresa de motores automotivos, Sr. Santana. Eu sempre apreciei os velozes, não vou mentir. E sei que o senhor compartilha da mesma paixão que eu.

— Sim. Eu escolhi engenharia mecânica exatamente por isso, Sr. Gallagher. A velocidade me fascina.

— Estou reestruturando a empresa; ela estava à beira da falência quando a comprei e o motivo era desvio de verbas. Sei que eles têm potencial. Acredito no produto que desenvolvem, mas não tenho intenção alguma de manter a

administração como está. Por isso procurei pelo Sr. Egbert. Eu não preciso apenas de um engenheiro brilhante, Sr. Santana. Preciso de um em quem eu possa confiar.

Agora fazia sentido. O grande problema era a roubalheira. Por isso meu professor de ética tinha sido o escolhido para a seleção.

— Quero transformá-la em uma gigante do setor em cinco anos. A Neerlander Motors é minha menina dos olhos, Sr. Santana, e é por isso que preciso de um homem de confiança lá. Preciso que o senhor absorva todo o conteúdo que puder nesses três meses em que sou obrigado a manter os funcionários em seus cargos. Existe uma preocupação do antigo CEO em amparar os funcionários e sei também que essa é a melhor escolha. Não pretendo derrubar a Neerlander e construir uma nova empresa sobre ela. Eu desejo resgatá-la.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É uma bela atitude, Sr. Gallagher. Certamente existem bons funcionários. A descaracterização de uma empresa de tradição raramente gera bons resultados. As pessoas compram coisas nas quais confiam. E ainda existe o valor agregado pela marca. Tenho certeza de que, se o senhor me der a oportunidade, poderemos realizar um bom trabalho juntos.

Eu tinha gastado todo o meu vocabulário polido em uma única frase. Tinha respirado fundo e falado sem parar; se parasse, ele ia me ver gaguejar. Estava nervoso para a porra, mas estava fingindo o melhor que podia.

O homem ficou me encarando, como se esperasse um pequeno deslize para me jogar ladeira abaixo nas minhas convicções. Eu não podia fraquejar. Primeiro porque precisava do emprego e, segundo, porque queria a admiração e o respeito dele.

PERIGOSAS ACHERON

— Esteja no escritório na quarta, às duas da tarde — ele disse, terminando o vinho e levantando-se. — Vamos conhecer a empresa e acertar os detalhes da sua contratação. Ligue para minha secretária e peça a ela a lista de documentos. Tenha uma boa noite, Sr. Santana.

Levantou-se e deixou duas notas de cem euros debaixo da sua taça. Virou as costas e se foi.

Ele era um cara arrogante da porra, mas eu gostava dele!

Hanna

Mamãe, Aurora e eu almoçávamos juntas ao menos uma vez na semana.

Não era a mesma coisa de quando comíamos na mansão. Aquele era o nosso momento, uma tarde de garotas. Comíamos em algum restaurante badalado, íamos ao shopping, experimentávamos uma centena de vestidos, ou íamos ao cinema, mas naquela tarde eu pedi a minha mãe que fôssemos apenas nós duas.

Eu precisava que ela me ajudasse a encontrar a ponta do emaranhado de ideias que se enrolavam mais e mais em minha cabeça, como quando era Natal e mamãe sempre conseguia desenrolar as luzes sem danificar nenhuma delas. Por mais embaraçadas que estivessem. Ou como quando eu corria o dia todo pelo jardim, suando e

PERIGOSAS ACHERON

me enroscando no gramado e, mesmo assim, ela conseguia pentear meus cabelos sem causar dor alguma.

Ela era uma especialista em resolver problemas, principalmente os da família Gallagher.

— Sabe o que eu acho, querida — ela disse enquanto caminhávamos pelo Vondelpark —, que Pedro tem razão e que você já tem todas as respostas. Sei que parece um salto no escuro, mas acredite: os melhores são.

— E se Pedro não aceitar, mamãe?

— Então você saberá que ele nunca foi o homem certo para você e, ainda assim, terá sido a melhor decisão.

Sentei em um dos banquinhos e fiquei observando uma criança brincar com seu cão. Rolando pela grama e sorrindo.

Robert tinha acendido em mim antigas chamas. Eu tinha quase trinta anos e ainda não

PERIGOSAS ACHERON

tinha me dedicado a nada além do trabalho. Meu relógio biológico estava andando rápido.

Perdi as contas de quantas vezes tinha sido madrinha de casamento. De quantos bebês recém-nascidos de amigas eu tinha ido visitar. A vida estava seguindo, e eu estava parada no mesmo dia em que tinha enterrado meu noivo.

Nunca tinha pensado muito nisso. Passei anos crendo que não fazia diferença, mas a verdade é que fazia, sim — eu queria uma família.

— Ele é um garotinho tão especial, mamãe. A senhora iria gostar de conhecê-lo! — Sorri, ainda encarando a beira do lago à nossa frente.

— Tenho certeza disso, querida.

— Tudo bem se eu decidir ser uma mãe solteira? — perguntei apreensiva. — Acha que papai concordaria com isso?

— Mãe não é estado civil, Hanna. Não existe mãe solteira ou mãe casada. O que existe é PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma mulher segura que, apesar de não ter um relacionamento estável, decide tomar para si a responsabilidade de criar outro ser humano. Educar, amar, proteger. Fica mais fácil se você tiver ajuda, mas, acredite, você é inteiramente capaz de fazer isso sozinha, se assim decidir.

— Eu liguei para Andreij hoje pela manhã — confessei. — Ele me disse que o único impedimento seria Lilian ser considerada incapaz. Nesse caso eu teria que entrar com um processo de guarda provisória, já que ele tem um responsável vivo.

— Viu só? A decisão já foi tomada por você, querida, e ousou dizer que foi no momento exato em que conheceu o pequeno Robert.

Sorri voltando os olhos para ela. Uma pequena lágrima insistiu em rolar, mesmo que eu estivesse tentando ser forte.

PERIGOSAS ACHERON

— Sabe por que eu tenho certeza disso? — perguntou deixando que uma lágrima escapasse dos seus olhos também. — Porque foi exatamente nesse momento que eu tive certeza de que faria o mesmo por você, John e Collin.

— Mamãe! — Abracei-a forte, escondendo meu rosto em seu pescoço, sentindo o perfume dos seus cabelos.

Ela era minha mãe. Minha mãe de verdade! Tinha me ensinado tudo que eu sabia, tudo que eu era e, se ela tinha conseguido, eu conseguiria também.

— Vá ao hospital e converse com Lilian — mamãe instruiu segurando meu rosto entre as mãos e secando minhas lágrimas com os polegares. — Leve uma foto do menino, se você tiver. Tenho certeza de que isso será primordial para a recuperação dela, Hanna. Lilian é uma boa mulher. Ela sempre amou você como a uma filha. Deixe

que ela veja a bela atitude que você está pensando em tomar. Sua avó Margarida me ajudou muito; ela sempre esteve ao meu lado. Sei que Lilian fará o mesmo.

Respirei fundo e beijei sua bochecha.

— Se um dia eu puder ser metade da mãe que você é, então serei completamente feliz!

— Ah, querida, se um dia Robert dedicar a você metade do amor que você me dedica, você será ainda mais feliz!

Deixei mamãe na mansão e segui direto para o hospital. Lilian estava em um dos apartamentos.

Tinha melhorado muito nos últimos dias, mas ainda não tínhamos conversado sobre o pequeno Robert. Eu não sabia como entrar no assunto. Tinha medo de que a emoção a prejudicasse ainda mais.

Bati à porta e esperei.

— Pode entrar! — a enfermeira falou.

Lilian estava sentada na cama. Tinham cortado e penteado seu cabelo e estava vestida com uma de suas roupas. Não mais com a camisola do hospital. Soltou um leve sorriso quando me viu.

— Vejam só quem está toda produzida! — eu disse alegre. — É um prazer vê-la assim! — Segurei suas mãos nas minhas.

— Eu estava com saudades — ela falou baixinho, quase sem voz. Ainda se recuperava da traqueostomia que havia feito.

— Sei que você ainda não está completamente recuperada, Lilian, mas há um assunto de que precisamos tratar... — abordei o mais tranquila que pude. — Mesmo quando tudo parece triste, a vida nos presenteia... Sei bem o quanto você sofreu quando perdeu Robert e Philip. Sei que ainda sofre, então eu quero que saiba que esta é uma excelente notícia: Robert teve um filho!

Lilian sorriu um pouco mais, os movimentos ainda limitados. Depois abriu os braços para que eu a abraçasse.

— Eu sei!

— Sabe? — perguntei espantada. — Como sabe?

— Por isso eu passei mal! Encontrei uma foto do menino com Philip. Quando vi, tive certeza.

— Meu Deus, mulher! E eu aqui agoniada, tentando poupá-la! — brinquei.

Abri a bolsa e peguei uma foto que eu tinha tirado em minha última visita a Robert no orfanato. Estávamos sentados em um banco do jardim.

— Ele é a cara do pai, não acha? — perguntei e ela sorriu, acariciando o rostinho do menino na fotografia.

Um olhar de nostalgia perdido em seus olhos. Respirou fundo e então uma, depois outra, e outra lágrima começaram a cair. Não estava

nervosa. Estava saudosa, mas era uma saudade feliz.

— Lilian... Quero cuidar dele — confessei de uma vez. Não queria mais me enganar.

Ela continuou sorrindo, mas não disse nada.

— Vou entender se você não quiser. Eu realmente vou... Mas, pelo menos por agora, enquanto você se recupera... Eu... — Lilian me abraçou.

— Eu sempre soube que você era a garota certa para o meu filho, querida. Sempre soube que o amaria e o honraria, mesmo se ele não merecesse. Nós somos o que somos, Hanna, entregamos aos outros o que temos em nosso coração, e o seu é só bondade.

Foi minha vez de chorar.

— Eu ficarei extremamente feliz, se você cuidar do meu precioso menino para mim mais uma vez. Estou velha, querida. Não sei se conseguiria

começar tudo de novo, mas sei que nosso menino terá a melhor mãe do mundo se ficar com você.

Nós nos abraçamos por um longo tempo. Choramos nossa perda mais uma vez. Robert podia ter me traído, mas eu não era capaz de odiá-lo para sempre. Papai tinha razão, onde o amor predomina não há espaço para odiar.

Eu finalmente tinha escolhido o amor, agora só precisava ter certeza de que meu amor também iria me escolher.

Liguei para Pedro e pedi que me encontrasse perto da Erasmusbrug. Não queria conversar na minha casa nem na dele. Precisava de coragem e de um pouco de ar fresco. Tinha medo de sua reação, apesar de ele ter demonstrado que estaria ao meu lado. Não era nada fácil criar o filho de outro, e eu sabia bem disso.

Sentei-me em um dos bancos, de frente para o canal, encarando a vista da minha cidade. Pedro

PERIGOSAS ACHERON

chegou alguns minutos depois. Sentou-se ao meu lado, mas não disse nada. Meu coração parecia que ia saltar pela boca.

— Pedro... — comecei sem saber como dizer —, eu decidi adotar Robert.

Ele ficou em silêncio, o vento frio do mar batendo forte contra meu rosto. Eu estava prestes a chorar, quando ele finalmente cobriu minha mão com a sua. Entrelaçou nossos dedos. Firme. Seguro.

— Isso só me faz amar você ainda mais. — Beijou minha testa. — E me faz ter certeza de que encontrei a garota perfeita.

Atirei-me em seus braços, puxando-o para mim o mais apertado que conseguia. Pedro me puxou para o seu colo e segurou meu rosto com carinho.

— Eu amo você, Hanna Van Gallagher! — declarou em voz alta, quase gritando.

— Eu amo você, Pedro Santana! — Abri os

PERIGOSAS ACHERON

braços sentindo o vento chicotear meus cabelos.

Era o início de um novo ciclo em minha vida. Uma nova jornada. Novos sonhos e uma vontade imensa de realizá-los todos.



Pedro

Dois dias depois, Hanna e eu fomos até o Hagen, munidos de uma carta, do advogado da família Dresner, que tornava Hanna tutora do menino até que os trâmites de adoção fossem finalizados.

Agora que tinha um lar de verdade para onde voltar, ele não tinha por que permanecer internado. Seguiríamos com o tratamento em casa.

— Oi! — Hanna disse assim que passamos pela porta.

Ele sorriu de volta, meio sem jeito, mas visivelmente feliz.

— E aí, companheiro! Como você está? — cumprimentei também, e o sorriso dele se alargou.

Era bom saber que ele estava praticamente bem.

— Eu tenho uma surpresa para você! — Ela

PERIGOSAS NACIONAIS

sentou-se na cama ao lado dele e entregou o presente.

O menino abriu o pacote e pegou a fantasia de super-herói. Seus olhinhos brilharam quando ele viu a capa vermelha.

— O que acha de ir para casa comigo, Robert? — ela perguntou. — Você gostaria? De morar na minha casa?

Eu podia ver o medo estampado no rosto dela. Tinha medo da rejeição. Tinha medo de não ser capaz. Estava apavorada.

Acaricieei suas costas mostrando que estava ali.

— Acha que pode me dar uma chance? — pediu.

O menino ficou calado por alguns segundos. Aluado. Olhar perdido. Depois de um tempo, sorriu e assentiu com a cabecinha. Era o primeiro sim. O primeiro de muitos que a vida daria a ela.

PERIGOSAS ACHERON

Tínhamos sido instruídos a ir devagar, a não criar expectativas demais. Segundo a psicóloga que estava cuidando do processo, crianças que haviam ficado órfãs recentemente tinham mais dificuldade em demonstrar afeto.

Eu estava tranquilo, aquilo tudo não era novidade para mim. Eu sabia exatamente o que ele estava sentindo. Tinha sentido também, mas Hanna, não. Tudo era novidade para ela.

A enfermeira juntou as roupinhas do menino e as entregou a mim. Hanna estendeu a mão, e o menino a segurou.

— Vamos para casa? — perguntou e ele assentiu.

Chegamos ao apartamento dela e, assim que abrimos a porta, encontramos uma festa.

A família Gallagher tinha um jeito todo especial de aceitar novos membros. Ninguém se sentia de lado. Nem eu, nem Robert.

Eu ainda não tinha tido tempo de contar a ela sobre o novo emprego e estava rezando para que o Sr. Gallagher também não o fizesse.

— Então você é o famoso Pedro Santana!
— a mãe de Hanna constatou postando-se ao meu lado.

— Famoso nem tanto! — brinquei —, mas sou, sim, Pedro Santana, ao seu dispor, senhora.

Ela abriu os braços e me puxou em um abraço apertado.

Fisicamente, não se parecia com Hanna. Eu sabia que ela não era sua mãe biológica, mas podia ver nos olhos dela a mesma doçura que via em minha menina.

— Obrigada por ter dado à minha filha uma segunda chance. Graças a você, ela se permitiu recomeçar.

— Ela também me deu isso, Sra. Gallagher. Deu vida e luz aos meus dias nublados. Hanna é
PERIGOSAS ACHERON

como o Sol, ilumina e aquece tudo ao seu redor.

— Isso é verdade, meu filho! Isso é verdade!

Já era noite quando todos foram embora. Robert tinha dormido no sofá, de tanto se divertir com os novos tios.

Eu o peguei nos braços e levei para o quarto. Coloquei-o na cama e o cobri. Quando me levantei para sair, vi que Hanna estava atrás de mim. O jeito como sorria para mim me fez perceber o quanto ela se importava com o fato de que eu estivesse ao seu lado nesse novo desafio. Ela realmente me queria ali.

Saí do chuveiro e caminhei até a suíte; ela estava sentada na cama, usando uma lingerie azul-marinho que a deixava ainda mais radiante. Tinha uma garrafa de champanhe nas mãos e duas taças.

— Será que agora podemos brindar ao mais novo funcionário da Neerlander Motors? — Sorriu

orgulhosa.

— É claro que podemos, minha linda!

— Por que você não me contou? —
perguntou curiosa.

— Não queria estragar seu momento.
Teríamos tempo.

— Você jamais estragaria meu momento,
Pedro! É um prazer fazer parte das suas conquistas.
Estou muito orgulhosa de você, meu baiano lindo!

— É mesmo? — perguntei me sentando na
cama e pegando a garrafa das mãos dela. — Então
vamos abrir esta belezinha aqui, mas não vamos
precisar de taças, não. Pelo menos eu não vou!

Estourei o champanhe e a coloquei deitada
na cama.

— Vamos fazer uma bagunça aqui, moça —
avisei —, mas garanto que você não vai se
arrepender.

Ela sorriu daquele jeito que me deixava
PERIGOSAS ACHERON

completamente louco.

— Não é comemoração, se não fizer bagunça!

Derramei o líquido gelado em sua barriga e segui lambendo, sentindo o gosto da bebida e o sabor da pele dela. Repeti por todo o corpo.

Tirei sua calcinha, flexionei seus joelhos. Pernas levemente abertas dando acesso ao melhor da nossa festinha particular. Cheguei minha boca bem perto e fui despejando o champanhe, enquanto chupava a bebida para minha boca, arrancando um gemido dela.

Quando senti que ela ia gozar, não resisti, penetrando-a bem fundo, com todo o tesão que eu sentia. Eu era louco por ela. Maluco da porra naquela holandezinha metida.

— Amo você, Pedro! — ela dizia enquanto eu me derramava dentro dela. — Amo você.

— Oxe, menina, e eu então! — retribuiu em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

português. — Amo você mais do que pensei que um dia amaria alguém.

O desejo já existia em mim desde que eu tinha acordado daquele acidente. Desde que ela tinha me aceitado como eu era sem nunca questionar o que faltava, mas demorei mais de uma semana para conseguir pensar no momento perfeito.

Eu corria um sério risco de levar um toco da menina, mas não consegui me controlar.

Tudo que eu pensava era que nada mais estava faltando para que ela finalmente fosse minha. De verdade. Para sempre.

Eu não era mais um menino. O barquinho da minha vida já tinha corrido o mundo e agora era hora de ancorar em um cais. Criar raízes. Ter uma família.

Nada no mundo me faria mais feliz do que ouvi-la dizer sim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pedro Santana sendo romântico! Eu morro e não vejo de tudo nesta vida! — um cliente da mecânica me disse quando expliquei meu plano. — Se é o que você quer, então é o que teremos.

Eu tinha a garota. Tinha o plano e tinha a coragem, esperava que tivesse o sim no final.

Deixei uma mensagem de texto avisando que queria conversar com ela. Conhecendo Hanna Van Galagher como eu conhecia, ela estava uma pilha de nervos e já tinha criado todo tipo de teoria da conspiração possível, mas isso fazia parte do plano.

Marquei de encontrá-la na frente do Nemo, pois sabia que ela teria que passar pela ponte para vir ao meu encontro.

Era fim de tarde. Uma bela tarde de verão.

A brisa que soprava do mar era fresca e suave. O Sol estava baixo, deixando tudo dourado. A água do mar parecia brilhar.

PERIGOSAS ACHERON

Fiquei esperando por ela, com o celular a postos para o grande momento. Tinha que dar certo. Até que ela apareceu lá longe, no começo da ponte. Meu coração pulava no peito, como se quisesse fugir. Correr até ela.

Respirei fundo e dei o “ok” pelo celular.

Hanna

Acordei antes de Robert e aproveitei para preparar o café da manhã.

Mamãe e eu já tínhamos planejado todo o nosso dia; ele incluía uma ida ao shopping e almoçar no nosso restaurante preferido. Depois iríamos buscar Lilian no hospital. Era dia de levá-la para casa, finalmente.

— Bom dia, meu pequeno dorminhoco! — eu disse acariciando seu cabelinho claro, para que ele despertasse devagar. — Hoje é um dia muito especial! Sei que você vai amar!

O menino abriu os límpidos olhos azuis e piscou algumas vezes. Depois esfregou com as mãozinhas e se espreguiçou. Sorriu de um jeito que fazia meu coração se aquecer.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos tomar café? — perguntei estendendo a mão.

Ele aquiesceu e se levantou, pegando a mão que lhe era oferecida.

— Podemos trocar o pijama depois. Não há nada mais gostoso que tomar café da manhã de pijama em um dia de semana normal! Além disso... — servi um prato com panqueca e derramei calda quente por cima —, hoje vamos renovar seu guarda-roupas! É muito divertido, você vai ver!

Mamãe bateu à porta no instante seguinte, acompanhada por uma Aurora sorridente.

— Hey, irmã! Finalmente vamos fazer um programa de garotas! — Deu a volta e cumprimentou Robert com um aceno carinhoso.

Era a primeira vez que minha mesa estava cheia. De pessoas e de comida. Desde que havia decorado o apartamento, a pobre coitada só servia para juntar poeira e aparar minhas bolsas.

PERIGOSAS ACHERON

Seguimos direto para o shopping.

Aurora estava no banco de trás, cantando uma música infantil e ensinando Robert a reproduzir os gestos. Encarei os dois pelo espelho retrovisor. Uma sensação diferente e confortável tomava conta de mim.

— É bom, não é? — mamãe me perguntou sorrindo. — Esses pequenos momentos fazem toda a dificuldade valer a pena, Hanna. A maternidade é um ir e vir de fases difíceis, mas entre elas existem esses pequenos momentos. É quando você olha para dentro e tem certeza de que não seria feliz se fosse diferente.

Concordei mais uma vez, acariciando sua mão. Minha mãe era a mulher mais incrível que eu conhecia.

Tínhamos acabado de sair da loja de artigos infantis, quando meu celular apitou. Eu esperava mesmo que Pedro me mandasse uma mensagem.

Ele não pôde faltar à aula, mas estava ansioso para saber como tinha sido o primeiro passeio com Robert.

Destravei a tela e li a mensagem.

“Precisamos conversar. Encontre-me na Ponte do Nemo.”

Não havia um “Oi, amor”, ou “Bom dia, minha menina”, nada disso. Era seco. Curto e grosso.

— Problemas? — mamãe questionou.

— Ainda não sei. Pedro quer conversar comigo em Amsterdã.

Não posso dizer que não fiquei preocupada. Para ser sincera, eu odiava que me mandassem esse tipo de mensagem, e ele sabia muito bem.

— Se quiser ir, querida, sua irmã e eu podemos administrar daqui. Você sabe como ela está apaixonada por esse menino! Vá cuidar um pouco de Pedro. Você anda muito atarefada com o

escritório e Robert. Tire a tarde de folga. Eu levo Lilian direto para a mansão e você pode passar por lá mais tarde.

Agradei com um beijo e me despedi de todos. Ela tinha razão. Eu realmente estava em falta com Pedro e, além disso, não adiantaria nada fazer diferente; eu ficaria me roendo por dentro de curiosidade.

Entrei no carro e enfiei o pé no acelerador.

Assim que cheguei à entrada da ponte, procurei por ele, mas não o encontrei.

Segui em frente. O Nemo era o lugar preferido dele em Amsterdã. Ele sempre ia lá quando queria pensar. Meu coração começou a ficar aflito quando não o vi esperando por mim.

Eu queria estar calma, mas não conseguia. Respirei fundo e segui em frente. Tantos pensamentos rondando minha mente. Talvez ele tivesse pensado melhor. Talvez viver todos os dias

com a lembrança do passado em casa o tivesse feito desistir. Talvez ele tivesse entendido que eu não valia à pena tanto assim...

A primeira pétala bateu em meu vestido, e depois a segunda, e outra, e outra, e então olhei para cima. Um helicóptero sobrevoava a ponte lançando pétalas de rosa cor-de-rosa em mim. Foi nesse momento que eu o vi.

Pedro estava lá, na cabeceira da ponte. Calça clara e camisa branca de botões. Braços cruzados na frente do corpo. Tudo que eu conseguia pensar era nele me esperando na frente do altar, eu caminhando até ele. Vestida de noiva. Lágrimas de alegria rolando dos meus olhos. Um milhão de sonhos passando pela minha cabeça, enquanto eu seguia para os braços do homem que eu amava, exatamente como tinha sonhado desde menina.

De repente, de um dos arcos da ponte, uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

faixa baixou. Nela estava escrito: *O destino sempre encontra uma maneira de unir as almas que nasceram para estar juntas.*

Segui mais um pouco, as pétalas de rosa enfeitando meu caminho. Até que a segunda faixa baixou em minha frente.

Encontrei você, o melhor esbarrão que levei na vida

Mais um arco e uma frase mais.

E, depois de você, não fazia mais sentido seguir sozinho

E outra.

Você me mostrou que as melhores coisas são vividas aos pares

E eu aprendi que ainda tinha muita vida nos meus dias

Meu barco ancorou no seu cais, e eu quero lhe fazer uma pergunta

Navega comigo nessa jornada?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Parei em frente a ele. Os olhos nublados de lágrimas, o coração calmo de amor.

Ele tirou uma caixinha do bolso e a abriu. Dentro dela, havia uma aliança que eu conhecia muito bem. Tinha sido da minha avó, mãe do meu pai, e papai tinha dado à minha mãe quando finalmente se casaram.

— Hanna Van Galagher, aceita ser minha esposa? — ele me perguntou, a voz embargada de emoção.

Eu não consegui responder. Assenti com a cabeça e sorri feito uma boba apaixonada.

Ele colocou a aliança no meu dedo e me ergueu no ar.

— Sim! — o grito finalmente saiu. — Como eu já lhe disse, a resposta é sim para qualquer pergunta que venha de você... Sempre sim... Um milhão de vezes sim. Amo você! Para sempre.

PERIGOSAS ACHERON

— Amo você também, minha menina, todos os dias, pela eternidade.

Capítulo Final

Pedro

Decidimos esperar o fim do meu último período para nos casarmos.

Estávamos caminhando um passo de cada vez. Queríamos ter certeza de que tudo seria perfeito.

Robert e eu ficávamos a cada dia mais próximos, e eu estava feliz por isso. Tinha me afeiçoado ao menino tão rápido que às vezes precisava me controlar para não esperar demais dele.

Hanna estava mais bonita e radiante a cada dia. E eu era o brôco mais apaixonado de que se tinha notícia pelos Países Baixos. Queria levá-la ao Brasil. Até minha Bahia e apresentá-la à minha família. Eu sabia que mainha e painho iriam se apaixonar por ela como eu.

Tinha acabado de sair da Neerlandier, quando meu telefone tocou.

— Amor, será que você poderia pegar o Robert na escola para mim e levá-lo até a casa dos meus pais? Eu estou atolada em uma reunião com os russos e não faço ideia de quando vou conseguir ir para casa. Aurora vai ficar com ele. Você sabe como os dois se amam!

Thomas estava de licença. Ele e Justine tinham decidido casar em um cruzeiro, e todo o trabalho acabou ficando com Hanna, já que o senhor Gallagher estava em uma viagem de negócios no Brasil. Ela não reclamava. Amava o trabalho e eu a amava, então sempre acabávamos dando um jeito. Apertando daqui e dali, todos estávamos felizes.

Parei o Audi em frente à escola e fiquei esperando por Robert. Ele não demorou a aparecer.

— Oi! — cumprimentou ajeitando a

PERIGOSAS ACHERON

mochila nas costas.

— E aí, campeão? Como foi na escola?

— Foi muito legal. Eu construí um carro com as minhas pecinhas de encaixar. E depois eu construí um motor bem barulhento e ele era muito rápido! — orgulhou-se.

— Você gosta de motores? — perguntei animado.

— Uhum! Como você!

Ele ficou ali encarando-me com seus olhinhos de criança, e eu, orgulhoso da porra daquele menino.

Abracei-o e o acomodei na cadeirinha, no banco de trás. O motoqueiro despreocupado tinha dado lugar ao engenheiro responsável e pai de família. Ainda tinha minha velha Harley e adorava colocar minha menina na garupa, pilotar pelas estradas planas da Holanda, mas isso não era mais tudo que eu era.

Acionei o alarme do portão e entrei com o carro pelo jardim da propriedade dos Galaghers. Eu gostava de lá. Aquele entra e sai de pessoas fazia com que eu me sentisse um pouco perto da minha vida na vila de pescadores.

— Olá? — chamei assim que passamos pela porta.

— Pedro! Que bom vê-lo! — Martina disse saindo da cozinha. — Aurora acabou se atrasando um pouco, mas a Sra. Gallagher está no banho e disse que fica com o menino. Ela me pediu que colocasse um lugar para você à mesa.

— Agradeço, Martina, mas estou com o horário um pouco apertado. Você sabe como é o Sr. Gallagher!

— Ah, eu sei, sim senhor! — Sorriu. — Mas acredite, se alguém consegue fazê-lo obedecer, é a esposa!

Acabamos rindo os dois.

Robert não quis esperar por ela na sala de jantar, então decidimos brincar no jardim dos fundos. Ele tinha uma bola de futebol lá e sempre queria jogar comigo. Dizia que seria o novo craque da Seleção.

— Pedro... — Sentou-se ao meu lado quando precisei ajustar a prótese. — Você vai ser o meu pai? Se você se casar com a Hanna...

Fui pego de surpresa, não sabia o que responder. Respirei fundo ganhando tempo para pensar.

— Sabe, pequeno... — comecei —, pai é uma palavra muito forte. Existe muito significado nela. Muita coisa que talvez você não compreenda ainda. Por enquanto, eu só faço questão de ser seu amigo. Companheiro mesmo! Daqueles melhores amigos que vivem juntos para todas as coisas, quando um sempre conta os segredos para o outro, então, com o tempo, quando você se sentir

PERIGOSAS ACHERON

confortável e quiser, eu posso ser o seu pai... Mas só se você quiser.

— E você quer?

Sorri.

— Nada me faria mais feliz.

O menino me abraçou e foi só então que percebi a presença da mãe de Hanna. Observadora como sempre.

Levantei para me despedir, mas ela não deixou.

— Almoce conosco, Pedro! Esta casa anda grande demais, desde que meus filhos decidiram se mudar! Veja — abriu os braços mostrando o jardim —, esse lugar ficava sempre cheio de crianças e gritaria. Eu preciso encher esta casa de netos, já que não tenho mais idade para enchê-la de filhos — brincou.

Acabei almoçando.

De tanto brincar, o pequeno Robert

adormeceu no sofá, ainda com o uniforme da escola.

Laura me convidou para um café.

— Sabe, Pedro, minha filha é uma mulher incrível. Sempre tive orgulho dela e da forma como ela lida com tudo de ruim pelo que passou, mas finalmente isso tudo ficou para trás. Estou muito feliz em vê-la voltar a sonhar, e o mérito é todo seu.

— Obrigado, Sra. Gallagher. É um prazer imenso ter a oportunidade de conviver com ela. Hanna é mesmo incrível.

— Já faz um tempo que tenho pensado nisso, Pedro. Eu já propus à Hanna, mas queria falar com você.

— Fique à vontade, Sra. Gallagher — encorajei. — A senhora pode me dizer qualquer coisa.

— Você é um homem muito honrado, Pedro. Quero que saiba que estou muito feliz em

PERIGOSAS ACHERON

saber que é ao seu lado que minha filha irá criar a família dela. Obrigada por cuidar dela e por amá-la com tanta devoção. E principalmente por ter aceitado o menino mesmo sabendo de toda a história dele.

— Eu é que agradeço o elogio, senhora. Robert e Hanna são minha família agora. E a família merece o melhor de nós.

Ela sorriu. Cobriu minhas mãos com as suas.

— E é exatamente por isso que quero fazer um pedido.

— Pode dizer.

— Venha morar com Hanna aqui! — pediu animada. — Vocês nem precisam morar na mansão conosco se não quiserem. Adrian está satisfeito em reformar o estúdio para que vocês fiquem confortáveis lá. Aqui somos muitas mãos para ajudar com o menino, e isso daria um pouco mais

de tempo a sós para que vocês dois possam aproveitar o início do relacionamento.

— Preciso conversar com ela, Sra. Gallagher. A senhora sabe como Hanna é!

— Igualzinha ao pai! — Revirou os olhos. — Mas ela vai aceitar, se você aceitar. Você já faz parte da nossa família, Pedro.

Ela abriu os braços e eu a abracei.

— Seja bem-vindo, querido!

Dois meses depois, Hanna, Robert e eu já estávamos instalados no antigo estúdio do Sr. Gallagher, na mansão.

— Hoje é o seu grande dia, amor... — ela sussurrou em meu ouvido. — Você não pode se atrasar!

Era o meu grande dia. O dia em que eu, finalmente, vestiria minha beca, meu capelo e ouviria meu nome ser chamado para a fila dos formandos. Formando... Eu era o mais novo

PERIGOSAS NACIONAIS

engenheiro mecânico da Neerlander Motors, que, comandada pelo Sr. Galagher, tinha se tornado a quarta maior empresa de motores da Europa.

Tomei um banho, vesti um jeans e uma camiseta. Ajeitei o cabelo e aparei a barba. Queria que tudo desse certo à noite.

O coração batia forte. A emoção me fazia sentir um nó na garganta.

Desci as escadas com Hanna logo atrás de mim, em seu vestido florido. Linda, como sempre era.

A mesa estava posta no jardim. Toda a família reunida ali. Desde que tínhamos nos mudado para a mansão, as refeições sempre pareciam dias de festa.

O motorista estacionou junto ao jardim e, assim que abriu a porta, meu coração deu um salto de alegria. Eram minha mãe e meu pai. Minha noiva os tinha convidado em segredo.

PERIGOSAS ACHERON

— Pedro, meu filho! Como você está bonito! Eu nem acredito no que estou vendo, menino! — Minha mãe continha as lágrimas dela, e eu, as minhas.

Puxei-a para o meu abraço, sentindo o perfume dos seus cabelos. Aquele cheiro conhecido de mãe. Sentia tanto a falta dela. Tantas saudades.

Meu pai ficou calado, observando tudo em silêncio. Não era um homem de muitas palavras.

Chegou perto de mim e deu um sorriso de canto.

— Mas que diacho de menino tinioso que você é, hein, Pedro! Chegou lá em casa franzino, cabisbaixo e conseguiu chegar até aqui. Eu tenho muito orgulho de você, meu filho. Parabéns!

Nada valia mais para mim do que a admiração daqueles que eu amava. O orgulho dos meus pais. Eu tinha me esforçado muito para chegar onde estava e devia isso tudo ao exemplo

que sempre havia tido dentro de casa.

Eram seis da tarde quando cheguei ao auditório da universidade. Fazia pouco mais de um ano que eu tinha pisado naquele lugar pela primeira vez.

Minha família procurou um lugar para se sentar, e eu fui para o local combinado para a cerimônia de formatura.

Estava sentado no palco, mãos trêmulas sobre os joelhos, quando chamaram meu nome.

— Sr. Pedro Santana!

Levantei e caminhei pelo piso de madeira elevado. Um pé depois do outro, com a sensação de que meu dever tinha sido cumprido. Eu estava me formando. Era o início da minha felicidade mais plena.

Jogamos os chapéus para o alto e gritamos de alegria. Éramos a turma de formandos de engenharia mecânica da Rotterdam University of PERIGOSAS ACHERON

Applied Sciences.

Voltamos para casa pouco tempo depois da cerimônia. Por causa de Robert, eu tinha optado por não participar do baile, e faríamos uma pequena comemoração em nossa casa mesmo. Não teria sentido comemorar sem ele.

Minha sogra tinha organizado a decoração. Collin tinha cuidado do cardápio e nossos amigos enchiam o jardim.

Nunca pensei que teria uma festa de formatura particular. Nunca pensei que encontraria a mulher da minha vida e, menos ainda, pensava em ter filhos, mas lá estava eu, agradecido pelo que o destino tinha me dado.

Depois que todos foram embora, peguei Robert nos braços e o levei para sua cama. Ele sempre adormecia vendo televisão.

Coloquei-o na cama e o cobri. Fechei a janela e deixei o abajur aceso. Mantive uma fresta

PERIGOSAS ACHERON

pequena na porta.

Entrei em nossa suíte e fechei a porta.
Hanna estava na banheira.

Havia velas acesas e estávamos à meia-luz.
Uma música suave tocava ao fundo.

— Vem aqui, vem? — chamou. — O que acha de começarmos nossa comemoração particular, Sr. Engenheiro?

Tirei o terno e entrei na água morna com ela. Hanna se ajeitou, encostada contra meu peito.

Beijei seu pescoço e acariciei sua pele.

— Obrigado, minha menina, por tudo que você é em minha vida. Por tudo que fez e faz para me ver feliz — sussurrei em seu ouvido. — Eu sempre vou amar você.

Mesmo sem vê-la, podia apostar que ela estava sorrindo.

— Tenho mais uma surpresa para você.

Pegou um envelope e entregou em minhas
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mãos. Eram passagens de uma companhia aérea.

— Hum... Uma viagem de férias? —
especulei.

— Mais que isso, seu bobinho! Bem mais!

Abri o envelope e peguei uma das
passagens, ainda sem entender.

— Quero me casar, Pedro. O mais rápido
possível!

— Oxe, moça, e eu então! — concordei.

— Olhe o destino.

Olhei com cuidado — Bahia.

— Quero me casar com você, meu baiano.
Em uma bela cerimônia, ao entardecer. Na areia da
praia, bem lá, onde você cresceu. Não seria perfeito
se não fosse assim.

Virei-a de frente para mim e puxei sua boca
para a minha. Meu corpo pedindo o dela. Minha
boca com fome dos beijos dela. Tudo era perfeito
com ela, minha menina linda.

PERIGOSAS ACHERON

Naquela noite de verão na Holanda, eu descobri que não precisava de nada mais para ser feliz. Tudo de que necessitava estava ao alcance das minhas mãos.

Fechei os olhos e agradei tudo que tinha vivido, mesmo as coisas ruins. Eu tinha aprendido a ser quem era, e isso era mérito do sofrimento também.

Nenhum ferro é forjado na água fria. Para que se tenha uma boa espada, é necessário o calor do fogo e a pressão dos golpes. Eu era uma boa espada. Tinha sido forjado no calor de muitas decepções. Cheguei a acreditar que não merecia mais do que tinha, mas então ela apareceu e coloriu meu mundo com a sua luz.

Meu raio de sol. Meu pote de ouro no fim do arco íris. A mulher mais incrível que eu podia querer.

— Amo você, futura Sra. Santana.

Ela sorriu e descansou o rosto na curva do meu pescoço.

— Amo você também, meu amor.

Epílogo

Hanna

Era uma bela tarde de verão no Brasil.

Tínhamos terminado de almoçar e eu estava em meu quarto, na pousada que havia sido reservada para o casamento.

Mamãe e Aurora estavam encarregadas de cuidar do pequeno Robert para mim. Pedro estava na vila, cuidando para que os pais e irmãos tivessem tudo de que precisassem para a cerimônia, e eu estava sozinha.

Abri as cortinas finas e deixei que a brisa morna da praia entrasse no quarto. O mar esverdeado brilhava ao fundo e a primavera balançava com o vento, soltando pequenas flores no calçamento de tijolos. Era perfeito. Um presente da natureza.

O envelope estava sobre a cama. Perdido no meio da mala desfeita. Eu tinha olhado para ele um milhão de vezes e ainda não conseguia acreditar.

Eu estava feliz. Estava radiante. Tinha o homem a quem amava e finalmente realizaria o grande sonho da minha vida, mas havia um pequeno pedaço dentro do meu coração em que tudo estava nublado. Eu não conseguia ensolarar aquele pequeno espaço nem mesmo com o sol da Bahia. Era uma mistura de medo e ansiedade. Um nó na garganta que não queria se desfazer.

Pensei em minha mãe. Nos anos em que eu esperei que ela voltasse para casa, sem entender direito como a morte funcionava. Pensei em Laura e em tudo que ela havia feito por mim e meus irmãos. Pela maternidade que havia aceitado. Pensei em mim e em Robert, em como eu o amava mesmo que ele não tivesse nascido de mim.

Eram tantos sentimentos que eu me sentia

flutuando no ar.

Batidas suaves à porta me trouxeram de volta ao presente.

— Trouxe seu vestido, Srta. Gallagher! —
Uma camareira sorridente entrou empurrando uma arara. — E ele veio com uma surpresa!

— Oi! — John surgiu no quarto, arrancando um sorriso meu.

— John! — gritei. — Não acredito que você veio! Isabele me disse que talvez vocês não conseguissem vir. Com a chegada do novo bebê tão próxima...

— Quando Isabele disse isso, eu já estava no aeroporto, irmãzinha! Jamais deixaria de estar com você neste momento tão especial.

Meu irmão abriu os braços e eu me refugiei neles. Aquele pontinho nublado dentro de mim havia diminuído um pouco com a presença dele.

Beijou minha testa e acariciou meu rosto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu prometi uma vez que estaria por perto se você precisasse e sabia que hoje você iria precisar.

— É estranho, não é? Porque eu estou incrivelmente feliz, mas mesmo assim...

— Algumas coisas são importantes demais para serem esquecidas, Hanna... A gente deixa de lado, consegue ser feliz de novo, mas uma machinha sempre fica ali, e é por isso que estou aqui.

Outra batida à porta e então meu pai entrou.

— Hey, Sr. Gallagher, o senhor está com um bocado de cabelos brancos, hein! — John provocou.

— Muito engraçado, garoto! — Pegou um espelho de bancada pequeno e virou para John. — Ao que parece, não sou apenas eu!

— Senti sua falta, pai! — Abraçou papai com carinho.

PERIGOSAS ACHERON

— Também senti, filho!

— Vocês dois não tem jeito! — brinquei. —

O dia é meu, sabiam?

— E é por isso que estamos aqui. Viemos garantir que tudo saia perfeito no grande momento da nossa princesinha — papai disse abrindo a capa do meu vestido.

— Papai! É maravilhoso!

Eu ainda não tinha visto o vestido. Era um presente do meu pai. Ele tinha escolhido sozinho, depois de perceber o quanto entrar em uma loja de noivas mexia comigo.

— Renda renascença — correu os dedos pelo rendado do vestido —, achei que combinaria com o seu casamento.

O vestido era perfeito. Longo. Com corte ajustado e decote profundo no busto e nas costas. A saia se abria suavemente na altura dos joelhos, e a parte de trás tinha uma pequena cauda.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigada, pai. Ele é mesmo perfeito para hoje. Você sempre teve bom gosto para vestidos, não seria diferente com este.

Fui até o banheiro e coloquei o vestido. Voltei para me olhar no espelho. Dei uma volta e sorri.

— Ah, pai... É tão perfeito! O vestido... Você e John aqui comigo... Tudo tão incrível! Exceto por...

— Mim? — Collin apareceu na porta. — Porque é óbvio que a festa não seria festa se não me incluísse!

— Ah, irmãozinho! — Abracei Collin, que me pegou no colo e girou.

— Você é linda todos os dias, mas hoje está especialmente bonita, Hanna. Pedro é um cara de sorte.

— Concordo plenamente! — John emendou.

PERIGOSAS ACHERON

— Idem! — papai completou.

— Vocês são as melhores madrinhas que alguém poderia querer! — Abracei os três.

— Olha, pai — John disse sentando-se na cama, enquanto eu começava a me pentear. — Como nos velhos tempos. Nos tempos em que éramos só nós quatro naquela mansão.

— Sim! Tenho lembranças muito boas daquele tempo, filho. De cuidar de vocês três e tentar suprir o espaço vazio que Patrícia tinha deixado.

— Você fez um excelente trabalho, papai — Collin completou. — Nossa família não seria a mesma sem você ao nosso lado. Não seríamos unidos como somos, se não tivéssemos aprendido com o melhor.

— O Leão e seus filhotes! — brinquei.

— A primeira ninhada de leões! — John corrigiu. — Porque, pelo amor de Deus, hein, pai,

você pretendia povoar o mundo?

— Olha quem fala! Você está em que número mesmo?

— Terceiro, pai! Eu só estou no terceiro, e você já contou cinco!

Caímos todos na risada. Como nos velhos tempos. Eu e meus três príncipes encantados.

— Parem de bagunça senão não vou conseguir me preparar para o casamento! — reclamei de brincadeira, na verdade eu estava adorando.

— Querida? Você está aí? — mamãe chamou na porta.

— Estamos! Entre, mamãe!

— Era uma reunião, e eu não fui convidada? — brincou. — Algum tipo de clube secreto?

— De maneira alguma, amor... — Papai a beijou. — Você sempre faz parte de todos os meus
PERIGOSAS ACHERON

clubes secretos!

— Nossa vida nunca seria a mesma sem você, mamãe! — Collin a abraçou.

— Devemos tudo a você, Sra. Gallagher! — John emendou beijando o topo da cabeça dela.

— Agora vão todos embora! — Ela bateu palmas para que nos deixassem a sós! Eu amo vocês três, mas esse é um papo de garotas! — brincou.

Mamãe era um marco de felicidade em nossa vida. Tinha trazido os sorrisos de volta, transformado papai em um modelo novo e melhorado do que ele costumava ser. Eu sempre sentiria falta da mãe que eu perdi, mas tinha sido recompensada com a melhor mãe do mundo.

Sem dúvida alguma, eu era afortunada.

— Agora é a nossa vez, minha querida! — ela disse sentando-se comigo na beirada da cama.

— Pensei que você estivesse com Robert,

mas estou muito feliz que esteja comigo agora! — confessei.

— Robert precisa menos de mim agora, e sua irmã está feliz em cuidar do sobrinho. Não se preocupe.

Abracei minha mãe, o carinho dela tornava tudo mais bonito. Ela tinha o dom de fazer aquele pedacinho nublado em mim ir diminuindo até sumir.

— Eu sei que a tradição é americana, mas acho que vale para nós também! — Sorriu abrindo a bolsa. — Precisamos de algo antigo, algo novo, algo emprestado e algo azul. Vamos lá... Algo antigo simboliza suas raízes, o lugar de onde veio. E isso você já tem. — Segurou minha mão tocando o anel de noivado que havia sido dela e que agora repousava em meu dedo. — Quero que você fique com ele até que uma garotinha, tão amada por você quanto você é por mim, se case. Vamos passá-lo de

PERIGOSAS ACHERON

geração em geração. Ele será símbolo do amor que temos uns pelos outros e do amor que buscamos em nossos casamentos.

Sorri. Se eu tivesse em meu casamento um terço da felicidade que meus pais tinham no deles, então eu seria incrivelmente feliz.

— Algo novo simboliza o seu futuro... Seu pai fez questão de cuidar do vestido, mas a lingerie ficou por minha conta! — Sorriu de canto, abrindo uma embalagem da La Perla.

— Mamãe! — Acabei rindo com ela.

— O emprestado deve ser de uma amiga querida; ela deve ser casada e feliz também, então tia Lis me pediu que entregasse este par de brincos a você... São muito especiais para ela e ficarão perfeitos no seu rosto delicado.

— São lindos! — exclamei segurando o par de brincos de diamante nas mãos.

— E, por fim, algo azul. O azul simboliza a

PERIGOSAS ACHERON

felicidade e é por isso que é tão especial. — Mexeu no fundo da bolsa e pegou um objeto que eu nunca tinha visto. — Encontrei este grampo em uma caixinha, quando reformamos o sótão. Era da sua mãe. Nesta foto ela o está usando.

Mostrou uma fotografia antiga. Nela, minha mãe estava com um bebê recém-nascido nos braços. Os cabelos estavam presos de lado com o grampo de prata. A florzinha de pedras azuis brilhava no cabelo castanho.

— Sei que ela gostaria de estar presente de alguma forma, querida. Sei também que, lá do Céu, ela está olhando por você. Espero que sempre se lembre dela, Hanna.

Abracei mamãe apertado. Eu jamais esqueceria minha primeira mãe. Patrícia seria sempre uma memória bonita, mas eu tinha a sorte de ter outra mulher maravilhosa cumprindo esse papel em minha vida.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Amo você, mamãe!

— Também amo você, minha filha... Agora vamos, porque aquele pobre baiano já deve estar desesperado!

— Vamos.

O deque na areia estava todo enfeitado com pequenas flores brancas de vários tipos. A gameleira fazia uma sombra perfeita no altar. O arco de flores marcava o local exato em que diríamos sim ao nosso amor, perante todos que amávamos.

Papai estava lá, como o cavaleiro de armadura brilhante que sempre foi. Terno bem-cortado, cabelos penteados para trás. Um olhar de satisfação enchia seu rosto.

— Está pronta, meu anjo? — ele perguntou e beijou minha mão.

— Agora acho que estou! — Sorri de lado e segurei em seu braço.

PERIGOSAS ACHERON

Meus pés tocaram o chão de madeira, passo por passo. Pedro estava lá, esperando por mim no altar. Terno claro. Barba bem-aparada. Pés descalços como os meus. Foi a primeira vez que ele não teve vergonha de mostrar a prótese, e isso me deixava muito feliz. Ele finalmente tinha aceitado quem era e tinha orgulho do que havia se tornado.

Fui entregue no altar pelo meu primeiro amor, para o homem que seria o último. O único. Para sempre.

— Cuide bem da minha princesa! — papai recomendou batendo nas costas de Pedro.

Eu gostava de como os dois tinham ficado próximos. De como dividiam a paixão pelo trabalho e de como tudo isso unia nossa família. Era especial.

— Hanna é a minha vida, Sr. Gallagher. — Beijou minha testa e segurou firme em minha mão.

A cerimônia começou e o juiz nos pediu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que fizéssemos nossos votos. Meu coração batia forte no peito. Eu não conseguia pensar em melhor momento para dividir com ele a novidade.

— Eu nem pretendia sair de casa naquela noite — começou —, mas decidi dar uma chance ao destino, e ele me presenteou com a mulher mais incrível que eu poderia ter. Eu prometo, minha menina, que vou tentar fazer você feliz todos os dias, porque eu serei. E que nunca vou cansar de agradecer a família que você me deu. Nós três somos invencíveis juntos!

— Quatro, Pedro! — eu disse sem conseguir conter o riso.

— Oi? — perguntou confuso.

— Quatro.

— Como assim, “quatro”? — Franziu o cenho e eu acariciei minha barriga plana.

— Meu Senhor do Bonfim! — gritou. — É sério?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Assenti, as primeiras lágrimas descendo devagar e ganhando força. Meus olhos perdidos nos dele.

— Diante disso, senhores, eu não posso nada além de, pelo poder a mim investido, declará-los marido e mulher. Beije sua esposa, rapaz!

Pedro me abraçou e tirou meus pés do chão.

— Ah, minha menina... Como eu amo você!
— sussurrou junto a minha boca.

— Obrigada, meu amor, por ter me ensinado a ser feliz novamente. Amo você mais que tudo!

O sol não era mais que uma faixa avermelhada no horizonte quando, enfim, fizemos o caminho de volta do altar. Mãos entrelaçadas, vidas unidas e uma vontade imensa de viver o melhor conto de fadas que eu poderia desejar... O verdadeiro...

Eu tinha o mundo aos meus pés, mas ele me
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ensinou a voar...

PERIGOSAS ACHERON